



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Monique Araújo de Medeiros Brito

**Retirância-mulher: uma epistemologia nordestina produzida COM as
extra-vagâncias e assentamentos da vida**

Rio de Janeiro

2021

Monique Araújo de Medeiros Brito

Retirância-mulher: uma epistemologia nordestina produzida COM as extra-vagâncias e assentamentos da vida

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Alexandra Cleopatre Tsallis

Coorientadora: Prof.^a Dra. Regina Gloria Nunes Andrade

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

B862 Brito, Monique Araújo de Medeiros Brito.
Retirância-mulher: uma epistemologia nordestina produzida COM as extra-
vagâncias e assentamentos da vida/ Monique Araújo de Medeiros. – 2021.
198 f.

Orientadora: Alexandra Cleopatre Tsallis.
Coorientadora: Regina Gloria Nunes Andrade.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Retirância-mulher – Teses. 2. Epistemologias nordestinas – Teses. 3.
Deslocamentos – Teses. 4. Terra – Teses. I. 5. Produção de vida – Teses. Tsallis,
Alexandra Cleopatre. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Psicologia. III. Título.

bs

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Monique Araújo de Medeiros Brito

Retirância-mulher: uma epistemologia nordestina produzida COM as extra-vagâncias e assentamentos da vida

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 15 de junho de 2021.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Alexandra Cleopatre Tsallis (Orientadora)

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dra. Regina Gloria Nunes Andrade (Coorientadora)

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dra. Marcia Oliveira Moraes

Instituto de Psicologia - UFF

Prof. Dr. Thiago Benedito Livramento Melicio

Instituto de Psicologia - UFRJ

Prof.^a Dra. Maria da Graça Luderitz Hoefel

Departamento de Saúde Coletiva - UNB

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

Dedico esse texto às actantes que fizeram essa pesquisa COMigo: no Assentamento Manjerona, no Vale do Capão, na França. Isso é nosso!

AGRADECIMENTOS

À minha ancestralidade, por construir caminhos que me trouxeram até aqui.

À minha família, por ter tido sempre a minha formação como prioridade, possibilitar meus movimentos em busca disso e ajudar a construir essa paixão pelo aprender. À minha mãe, por me ensinar as primeiras letras e palavras, como ela sempre lembra. Ao meu pai por acreditar e vibrar. Ao meu irmão por existir.

À minha avó Adília, que germinou em mim uma grande paixão pela educação ao me contar “causos” da época em que era professora em uma escola infantil na zona rural do Rio Grande do Norte, ao mesmo tempo que fazia a limpeza e a merenda das crianças, “colocando mais água” para fazer render e compartilhar com outras pessoas que tinham fome. Ela me ensinou como educar pode ser grandioso. Ela não leu Paulo Freire, mas era freireana.

À professora-orientadora-amiga-inspiração Alexandra Tsallis, por ela ser quem é e me fazer ser quem tenho me tornado. Ela tem me formado no e para o mundo e eu não tenho palavras para expressar a alegria que é tê-la em minha vida.

À professora Regina Andrade, toda a minha gratidão por sua confiança, aposta e tantos ensinamentos que me possibilitaram atravessar o oceano e produziram tantos outros deslocamentos.

À professora Graça Hoefel, pela oportunidade no Projeto Vidas Paralelas Migrantes, que trans-**formou** o meu doutorado.

À CAPES por financiar grande parte desta jornada, incluindo a oferta de bolsa durante todo meu primeiro ano de estudo e do doutorado sanduíche. Este último foi realizado junto ao Projeto Vidas Paralelas Migrantes (PVPM) – perspectivas Brasil-França – com financiamento CAPES COFECUB, coordenado no Brasil pela professora doutora Maria da Graça Luderitz Hoefel da Universidade de Brasília (UNB), vice-coordenado pela professora doutora Regina Gloria Nunes Andrade (UERJ) e coordenado na França pela professora doutorada Pascale Molinier. Desejo muito que outras pessoas tenham essa oportunidade.

Ao PPGPS, pela possibilidade formativa.

Às mestras e mestres do PPGPS, que trouxeram novos horizontes para a minha formação, que me acolheram e ensinaram com alegria e generosidade. Que compartilham a ideia de que é possível e desejável ensinar sem amedrontar. Em especial: Amana Mattos, Laura Quadros, Ronald Arendt.

À professora Laura Quadros que, mais que professora, também foi companheira de aventuras e aprendizados durante o doutorado sanduíche em Paris: compartilhando angústias no início de uma pandemia, confinadas em outro país; indo a eventos com as pessoas que conhecíamos dos livros; descobrindo novos caminhos – literalmente; experimentando sabores e temperaturas.

A Márcia Moraes, que abre um portal na vida das pesquisadoras que aprendem COM ela.

A Thiago Melício, pelas palavras atentas e cuidadosas na construção desse trabalho.

Às amigas construídas nessa formação, em especial:

Às primeiras companheiras de orientação, quando ainda éramos poucas e cabíamos em uma sala: Jackeline Aires, Keyth Viana, Tereza Bredariol.

Às companheiras e companheiros do Laboratório AfeTAR, por serem a família acadêmica dos sonhos de qualquer pessoa, a quem reverencio através da querida amiga Loíse Lorena do Nascimento Santos, essa mulher incrível que não há adjetivos no mundo para descrevê-la.

Ao grupo do meio fio, que trouxe poesia e resistência para essa caminhada. Além de formarmos um trio incrível, Débora Lomba sempre tinha as melhores dicas de leituras para qualquer assunto. E de filmes. E de lugares. E de vida. E de qualquer outra coisa. A sensibilidade de Wallace Araújo me abraçou e cuidou em tantas situações que nem consigo mensurar.

Ao grupo *Massachusetts*, nomeado assim em homenagem a Leonardo Perdigão, que sempre trazia uma referência “de lá”. Aliás, maior que sua lista de referências, só sua generosidade, inclusive compartilhando vídeos da sua serelepe filha Catarina que consegue nos alegrar até nos momentos mais tristes.

Às demais companheiras e companheiros do PPGPS, pelo compartilhamento das experiências, dos textos, das discussões, do aprendizado, dos almoços e risadas de nós mesmas, em especial: Iaponira dos Santos (em memória – levada pela COVID-19), Ulisses Cataldo, Ana Carolina Areias, Deborah Souza, Erika Araújo.

Às amigas e amigos brasileiras/os que conheci na França, “as lendas”, que contribuíram enormemente para fazer daquele período um dos mais incríveis da minha vida. O acolhimento e suporte delas/es foi fundamental para minha sobrevivência por lá: Alex Facina, Icaro Silvestre, Michelle Facina, Thais Tunes, Thais Assis, Tiago Gonçalves.

Às malárias, minhas eternas amigas. Mulheres tão diversas quanto a vida. Nos momentos mais alegres e nos mais tristes, vocês são a minha notificação preferida, já que nossa

amizade se sustenta na distância por meio das redes sociais, que permitem que a gente participe da vida uma da outra como se fosse a nossa própria. Vocês são minha história: Brenna, Cintia, Diana, Fatinha, Luana, Lucia, Márcia, Patrícia e Sara.

Às minhas amigas “psi” Adriana Ribeiro e Cynthia Mota, com quem tanto tem sido compartilhado. Sufocos e aventuras. Ideias malucas e ideais de vida. Bandeiras e gritos de protesto. Diversões e aperreios. Agradeço muito à vida pelos reencontros que ela tem nos proporcionado.

Às companheiras e aos companheiros de convento. Sim, durante um período do doutorado morei num antigo convento no Rio, transformado em república estudantil.

À Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que me possibilitou o momento de ser estudante, concedendo o período de um ano de afastamento, durante o qual pude me preparar mais um pouco para contribuir com a instituição e a formação das nossas e nossos discentes.

Ao grupo da Saúde do Campo do CCS/UFRB, que viveu a vida e a pesquisa comigo. Companheiras e companheiros em alguns dos momentos mais fantásticos dessa pesquisa. Somos muitas, mas não posso deixar de nomear aquelas que estiveram mais próximas, lá dentro: Evelyn Siqueira, Camila Góes, Larissa Pinto, Alanna Piton, Yasmin Costa, Victor Aurélio, Nino Assis (Ô, meNino!).

Ao Laboratório de Sensibilidades da UFRB – Sentir – que me acolhe e potencializa em todos os momentos, que faz da experiência da vida acadêmica um cantinho aconchegante, um respiro calmo e profundo, que me faz sent-IR.

Às retirantes, minhas queridas amigas Lidiane Guedes e Ana Maria Freire, mulheres-força que me conduzem e fincam no mundo.

Às demais colegas da UFRB com quem compartilho a dor e a delícia da docência: Diego, Flávia, Hania, Joana, Juliana, Fernando(s), Luciana, Mara, Paulo, Rafael, Renato.

Às alunas e alunos que têm me formado nesses últimos anos e que se transformaram em grandes amigas e amigos: Fabíola, Francine, Kelline, Lívia e outras que vou cometer a injustiça de não nomear. Perdão.

Letícia Leão e Vinícius Miranda também são herança da UFRB e são os filhos de Moinha. A família que o coração escolheu para a alegria e a tristeza, a saúde e a doença, a farra e a quarentena. Sou muito grata por tanto amor.

Ao meu BI, Luiz Argolo, meu amigo, confidente, companheiro e grande incentivador. Você foi o primeiro a (re)conhecer meu devir-retirante!

Às paredes e papéis coloridos que escreveram comigo esse texto.

Às extra-vagâncias e assentamentos pelo mundo. Às terras, gramados e outros chãos onde aterrei-me para sobre-viver e sobre-escrever.

A todas as mulheres que me antecederam e abriram caminho para que outras de nós pudéssemos ocupar o mundo.

A todas as pessoas que participaram direta e indiretamente desta pesquisa. Este trabalho é inteiramente dedicado a vocês!

[...] eu nasci num canto qualquer duma cidade pequena [...] fui pequeno qualquer de uma cidade pequena [...] depois nasci numa cidade maior [...] e fui virando uma pessoa que vai variando seu local de nascimento [...] e vai variando vária [...] não me conheço como tendo nascido só num único canto [...] e fui virando uma pessoa que vai variando seu local de nascimento [...] uma pessoa variando se variando [...] de vários [...].

RESUMO

BRITO, Monique Araújo de Medeiros. *Retirância-mulher: uma epistemologia nordestina produzidaCOM as extra-vagâncias e assentamentos da vida*. 2021. 199 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

A história da vida humana e não-humana tem sido performada a partir dos deslocamentos em suas diversas nuances e modos de existir. Desde as placas tectônicas até as micropartículas de areia, passando por nós mesmas e nossos desejos. Levadas por isso, decidimos pesquisarCOM os percursos-deslocamentos, acompanhar os trajetos de pessoas, em sua grande maioria mulheres, movendo-se pelo mundo, ocupando espaços, traçando rotas e produzindo novas versões-histórias de suas relações consigo e com o mundo. Estivemos no assentamento Manjerona, na região do baixo-sul da Bahia, no Vale do Capão, na Chapada Diamantina também na Bahia e na França, em Paris e seus arredores. Fizemos imersões de dias, semanas e meses. Conversamos, entrevistamos, cozinhamos, cantamos, dançamos, escutamos, cuidamos, aprendemos a cuidar. Essa foi nossa metodologia de pesquisarCOM. Nos trajetos percorridos, encontramos-nos com pessoas em situação de migração, pessoas deslocando-se para lutar por terra, pessoas vivendo e cuidando de si e de outras a partir da relação com a terra. Nesses encontros, pudemos pensarCOM os deslocamentos e as relações que se estabelecem com eles, refletindoCOM as formas de viver e cuidar. Vivenciando tudo isso, produzimos e carregamos em nosso corpo a retirância-mulher, que foi sendo performada a cada encontro e nos performando enquanto mulher-pesquisadora-em-retirância. Encontramos-nos com as epistemologias do sul para produzir epistemologias nordestinas, em aliança com todas essas actantes que habitaram essa jornada. Aqui estamos e daqui seguiremos.

Palavras-chave: Retirância-mulher. Epistemologias nordestinas. Deslocamentos. Produção de vida. Terra.

ABSTRACT

BRITO, Monique Araújo de Medeiros. *Retirância-mulher*: a northeastern epistemology produced with the extra-vagrances and settlements of life. 2021. 199 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

The history of human and non-human life has been performed from the shifts in its various nuances and ways of existing. From the tectonic plates to the microparticles of sand, passing through ourselves and our desires. In this way, we decided to research WITH the travel-displacements, follow the paths of people, mostly women, moving around the world, occupying spaces, tracing routes and producing new story-versions of their relationships with themselves and the world. We were in Manjerona Settlement, in the lower-south region of Bahia and Vale do Capão, in Chapada Diamantina also in Bahia, and France, in Paris and its surroundings. We immersed days, weeks and months. We talked, interviewed, cooked, sang, danced, we listened, we cared, we learned to care. That was our methodology of researching WITH. On the routes we traveled, we met people in a situation of migration, people moving to fight for land, people living and taking care of themselves and others from the relationship with the land. In these meetings, we were able to think WITH the displacements and the relationships established with them, reflecting WITH the ways of living and caring. Experiencing all that, we produced and carried the *retirância-mulher* in our body, which was performed each meeting and performing us as a woman-researcher-in-retreat. We met with epistemologies of the south to produce northeastern epistemologies, in alliance with all those actors who inhabited that journey. Here we are and from here we will follow.

Keywords: *Retirância-mulher*. Northeastern epistemologies. Displacements. Production of life. Land.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Sumário-rizoma	19
Figura 2 –	Epistemologias Nordestinas	35
Figura 3 –	É preciso ser arrojado	38
Figura 4 –	Mapa da Bahia	49
Figura 5 –	Mapa do Parque Nacional da Chapada Diamantina	50
Figura 6 –	Terceira roda de conversa entre mulheres	93
Figura 7 –	Terra-mãe-mulher	95
Figura 8 –	Eu nunca estive à procura de um território	103
Figura 9 –	Praia	109
Figura 10 –	Três pessoas em uma selfie	110
Figura 11 –	Mulher na calçada	111
Figura 12 –	Livro aberto	112
Figura 13 –	Mulheres, livros e objetos	112
Figura 14 –	Mulher, portão e faixa	113
Figura 15 –	Desobedecer a imposição	116
Figura 16 –	A Terra não para de se movimentar	154
Figura 17 –	Eu sou aquela que sai e também aquela que chega	156
Figura 18 –	Nuvem de palavras	160
Figura 19 –	Parede colorida - França	164
Figura 20 –	Parede colorida - Brasil	165
Figura 21 –	Sempre gostei de escrever	167
Figura 22 –	A escrita-terra me salvou	170
Figura 23 –	Estranhamento inicial	173
Figura 24 –	Sentada no chão	175
Figura 25 –	Escrevendo na escada	176
Figura 26 –	Recorte Instagram	176
Figura 27 –	Fazer o corpo falar	177

SUMÁRIO

	NOTAS-PISTAS PARA O ENCONTRO-LEITURA	13
	INICIANDO A JORNADA – EM QUE TERRAS TEMOS PISADO?	20
1	MIGRANDO	24
1.1	Retirâncias: o que nos move pelo mundo?.....	27
2	PISTAS METODOLÓGICAS	38
2.1	COMpondo campos de pesquisa	40
2.2	Desbravando o campo	43
3	O QUE A TERRA-TÓRIO TEM NOS ENSINADO	48
4	PENSANDO A COMFORMAÇÃO	57
5	APROXIMANDO-NOS DAS RURALIDADES	61
5.1	COM-nhe-sendo o MST	64
6	ASSENTANDO: A TERRA COMO ENRAIZAMENTO	67
7	SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO	71
8	MULHERES – QUE PARTE LHE CABE NESSE LATIFÚNDIO?	78
9	SEGUINDO COM O PENSAMENTO DECOLONIAL	95
10	PESQUISANDO COM MULHERES MIGRANTES.....	103
10.1	Mulheres-brasileiras-em-retirância vivendo na França.....	116
	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES-EM-RETIRÂNCIA.....	154
	A ESCRITA-LABORATÓRIO ENQUANTO ESCRITA QUE SE	
	MOVE. ME MOVE (UM POSFÁCIO)	162
	REFERÊNCIAS	179
	APÊNDICE A – Carta para a Banca de Qualificação.....	192
	APÊNDICE B – Mulheres que precisamos conhecer	194

NOTAS-PISTAS PARA O ENCONTRO-LEITURA

A escrita desse texto aconteceu de forma muito livre, em espaços-tempos diferentes, construindo conexões entre experiências, reflexões, escritos e as mais diversas actantes, termo utilizado pelo francês Bruno Latour para se referir a tudo aquilo que tem agência sobre algo ou alguém, que age e produz efeito no mundo, que faz-fazer, podendo ser coisa, animal, objeto, instituição, relação, lugar e, inclusive, associações de tudo isso. Bruno Latour (2012) utiliza o princípio de simetria para implodir hierarquias na relevância entre humanas e não-humanas no campo de pesquisa, escapando das grandes divisões binárias e hierarquizadas entre natureza e cultura, mundo interno e externo, entre outras. Para ele, trata-se de coletivos compostos por actantes fazendo-fazer relações a partir das vinculações produzidas em ato. Dessa forma, a ação não é de apenas uma, não está concentrada, mas distribuída, por isso a utilização do termo ator-rede, que tenta trazer a ideia de estar e ser em rede. Decidimos, então, seguir com o termo actante porque, além de já se referir a humanas e não-humanas, não sendo necessário esse complemento, possibilita-nos ultrapassar a questão binária do masculino e feminino.

A seguir, apresentamos a nossas leitoras algumas notas-pistas que vão demarcar nosso posicionamento ético, estético e político ao longo do texto. Poderíamos definir essa posição de múltiplas formas, mas uma lembrança foi acessada e nos levou direto à brasileira Suely Rolnik (1993), que define a ética como sendo o rigor com que escutamos as diferenças com as quais nos deparamos e aquelas que se fazem em nós, bem como as verdades criadas a partir desse encontro e as regras adotadas para criá-las. Continuamos com ela ao pensar a estética como força e potência de criação, como numa obra de arte. Da mesma forma na política, que traz em si o rigor de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir e nos impedem de seguir novos fluxos.

Afirmamos, então, que a nossa política de escrita e de produção de saberes é est-ética e poi-ética, de *poesis*, palavra grega que remete à criação. Uma criação atravessada pela ética dos encontros e por tudo aquilo que eles produzem em-com nós.

1) Usaremos o feminino

Utilizarei o feminino aqui como escolha ética e política que faço como mulher, pesquisadora, orientada por uma mulher fantástica e acolhida no Laboratório afeTAR por tantas outras mulheres inspiradoras (também há homens maravilhosos por lá!). Também o faço em nome de todas as outras mulheres que fazem parte dessa construção. São muitas. Durante muito

tempo fomos nomeadas pelo masculino, com a responsabilização da língua portuguesa por isso. Aqui queremos emprestar o feminino a todas as pessoas, sem que queiramos esmagar sua individualidade, sua subjetividade. Também não é revanchismo. É, antes de tudo, a maneira como me sinto à vontade neste espaço para me expressar. Poderia usar a neolinguagem¹, que busca quebrar esse binarismo da linguagem, mas o feminino se fez mais forte aqui e vocês entenderão isso lendo o texto. Utilizarei o feminino para me referir às leitoras, às autoras e grupos de autoras quando pelo menos uma dela for mulher. Quando forem apenas homens, mantereí o masculino.

Estamos buscando fazer ciência no feminino, que não é o mesmo que ciência feita apenas por mulheres. Mas isso nós discutiremos ao longo do texto, com estudiosas como Laura Quadros, Márcia Moraes, Vinciane Despret, Isabelle Stengers, Maria de Fátima Melo, Marília Machado e Sheila Miranda, Marília Silveira e Jo Conti, certo?

Ler um texto todo no feminino causa estranhamento? Sim! Queremos as consequências estéticas e políticas desse estranhamento.

2) Primeiro nome

Na maioria das vezes que vemos uma citação usando apenas o sobrenome, ele nos remete a uma figura masculina. Por que será que os sobrenomes são sempre tão masculinos? Araújo, Medeiros e Brito são meus sobrenomes e nenhum deles me remete a uma figura feminina. Mas não é apenas isso. Historicamente, foram os homens, principalmente brancos, das classes mais altas, em sua maioria europeus e/ou estadunidenses, os autorizados a produzir conhecimento considerado válido, científico. Sim, mesmo se o conhecimento era sobre coisas que eles nunca haviam experimentado, como a maternidade, por exemplo. Por esse motivo, usaremos nome e sobrenome quando citarmos alguém. Quem sabe vocês até consigam imaginar um rosto pra essas pessoas... Ao final, reflitam de que cor era a pele, como era o cabelo e a aparência em geral dessas pessoas que vocês imaginaram!

3) Política de nomes

Ao longo do texto, utilizamos pseudônimos para todas as pessoas que participaram da pesquisa, a fim de manter suas identidades em sigilo. Para as mulheres que vivem no

¹ “A neolinguagem é uma proposta de criar e implementar uma alternativa linguística de natureza neutra ou sem associação com gêneros para assim incluir mulheres e pessoas não-binárias/cisdissidentes, assim como também incluir mais possibilidades e opções de linguagens pessoais e de palavras e denominações próprias” (RUBIÃO, 2021, não paginado).

Assentamento Manjerona, todas negras, utilizamos nomes de mulheres também negras com grande importância na nossa história. Para as mulheres brasileiras entrevistadas na França, foram utilizados nomes e-ou letras escolhidas por elas mesmas durante o processo de entrevista. Para todas as outras pessoas, nós mesmas escolhemos os pseudônimos.

4) Eu e nós

A variação no texto entre as primeiras pessoas do singular e do plural é intencional, mostrando o comum e o particular das experiências. Acreditamos que as construções são por excelência coletivas, por todas as actantes que estão envolvidas no processo, de forma direta e indireta, pelos afetos que circulam, pelas inspirações despertadas por falas e gestos despreziosos (ou com bastante pretensão!), por leituras cuidadosas da escrita pelas companheiras de vida e por tudo mais que nos caracteriza enquanto seres em relação. Ao mesmo tempo, há momentos e falas em que sinto que preciso me expor enquanto eu, assumindo o compromisso com uma determinada experiência ou pensamento que está sendo compartilhado. Por mais que a escrita acadêmico-científica mais tradicional nos convoque ao “nós”, terceira pessoa do singular, deparo-me com outras convocações que a própria psicologia me faz, ao ressaltar que quando me expresso pelo “eu”, responsabilizo-me pelas minhas falas e gestos mais do que quando diluo certos posicionamentos em um “nós”.

5) Uso do hífen

Em vários momentos do texto vocês avistarão palavras-*assim*, conectadas por um hífen. São palavras-expressões *COM*postas, como escolhas-apostas, que não têm a intenção apenas de ficar gastando vocabulário com sinônimos. Vai além disso. Todas as vezes que utilizarmos esse recurso, será para tentar ampliar sentidos e caminhos. Serão palavras-companheiras atuando dessa forma: *COM*.

6) Uso do *COM*

Desde a época da graduação em Psicologia, fui me deparando com – e gostando dos – usos incomuns que fazemos dos prefixos, parênteses e outras ferramentas para trazer outros sentidos às palavras. Usamos muito *DES*, *RE*, *COM*, (), e outras como formas de (*DES*)aprender, (*RE*)aprender e (*COM*)formar significados. Sempre gostei muito do *COM* e das possibilidades que ele nos traz. Ao iniciar os estudos com a Teoria Ator-Rede, logo fui apresentada ao conceito de *pesquisarCOM* desenvolvido pela Márcia Moraes (2010), referindo-se a um modo de pesquisar **com** e não **sobre** actantes; pesquisar de forma engajada, situada e

que se questiona acerca de que mundos tem produzido. Essa passagem que Márcia Moraes faz, deslocando o COM do lugar de partícula, de termo, para o de conceito, traz uma densidade reflexiva, um rigor metodológico que convoca a nós, pesquisadoras, a também repensarmos nosso lugar. Pode parecer simples, mas não é. Adentrar o pesquisarCOM vai muito além de uma mudança teórico-conceitual. É uma convocação para questionarmos nosso posicionamento ético, estético, político, relacional, de disputas de poder e narrativas. É nesse movimento de buscar ocupar outros lugares que vamos carregando esse COM para outros verbos, fazendo-os delirar, como diria Manoel de Barros:

No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: eu escuto a cor dos passarinhos.
 A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
 Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos
 O verbo tem que pegar delírio.
 (BARROS, 2011, p. 301).

É assim que nos relacionamos com a pesquisa, a escrita e os saberes de forma geral.
 Pegando delírio.

7) Papeizinhos coloridos

Esse texto foi sendo criado em vários pedaços e camadas ao mesmo tempo, com temporalidades que se misturaram e subverteram qualquer cronologia. Ele também foi escrito em pedaços de papel. Na parede. Em guardanapos. Em áudios e mensagens de *whatsapp* enviadas para mim mesma.

Essa é uma marca muito importante do meu processo de produção de ideias e da minha relação com a escrita, que é feita indo e vindo, cortando e colando pedaços de forma bem artesanal, grudando na parede, fazendo desenhos etc. Por isso achamos importante que pelo menos uma pequena amostra disso saísse das paredes e viesse diretamente para cá. Seja no meio do texto, em suas laterais, mas sempre COMpondo. Como resultado, temos um texto entrecortado por imagens-texto. Fotos de papeis de diversos tamanhos, geralmente coloridos, com pequenos ou maiores escritos, produzidos em diferentes momentos e lugares, geralmente escritos à mão e fotografados para virem pra cá. Alguns já nasceram aqui e estão digitados em caixas coloridas. São meus “papeizinhos virtuais”.

Ao longo do caminho, porém, foram surgindo outros pedaços importantes. Rastros deixados por companheiras que foram conversando com o texto ao longo desse tempo. Dessa forma, alguns comentários deixados nas bordas do texto foram trazidos para seu meio. Atravessaram a fronteira e se instalaram no meio da estrada. Deixaram a invisibilidade dos bastidores para se tornarem leitoras-comentadoras-COMpositoras deste texto, como a querida companheira de doutorado Tereza Bredariol.

Fiquei pensando o quanto o seu processo de escrita e o percurso da pesquisa se relacionam, transitando por diferentes territórios.. Assim como os registros em diferentes superfícies e linguagens, os deslocamentos que essas inserções provocam também participam desse modo de pesquisar.

Tereza Bredariol (28/02/21)

Fonte: BREDARIOL, 2021.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor rosa.

8) Fronteiras gráficas

Ao longo do texto vocês encontrarão algumas fronteiras gráficas. São marcações, traços, pontilhados e outras formas. Elas foram feitas primeiramente em um capítulo específico e depois foram se espalhando pelo texto. A depender do contexto, elas vão ganhando significados diferentes. Barreira. Passagem. Conexão. Parada. Ponte. Travessia. Vocês também podem atribuir sentidos outros a elas. A partir do momento em que vocês interagem com o texto, passam a produzi-lo também. Fiquem à vontade para fazerCOM.

9) Perguntas

Uma das primeiras coisas que aprendi com Alexandra Tsallis, minha orientadora, foi me perguntar. A prestar atenção ao que o campo me pergunta e me faz perguntar. Que questões são produzidas a cada encontro? Como elas reverberam em mim e me conduzem? Foi isso: aprendi a me deixar ser conduzida por elas.

Eu não poderia deixar isso só pra mim e, por isso, vou compartilhar com vocês, leitoras, algumas questões que foram brotando nesse caminhar. Convido vocês a se perguntarem também. A perceberem as perguntas que esse encontro textual proporcionará. Escreva essas perguntas. Se quiser, compartilhe com alguém. Coloco-me à disposição com toda minha curiosidade e desejo de partilha para essa conversa. Inclusive deixo aqui meu endereço eletrônico: moniqueambrito@gmail.com.

10) Índice-rizoma

“A ideia de fragmento arrasta consigo o incômodo da incompletude. Além dessa sensação de incômodo, pode também gerar um grande desconforto: pensamentos fragmentários não asseguram àquele que lê a exposição clara de um percurso teórico, de um sítio de onde se parte. Que segurança pode oferecer um texto fracionado, aos pedaços, que insiste em ir ao encontro do que é episódico, descontínuo, dissipatório, efervescente, quase informe?” (Rosane Preciosa).

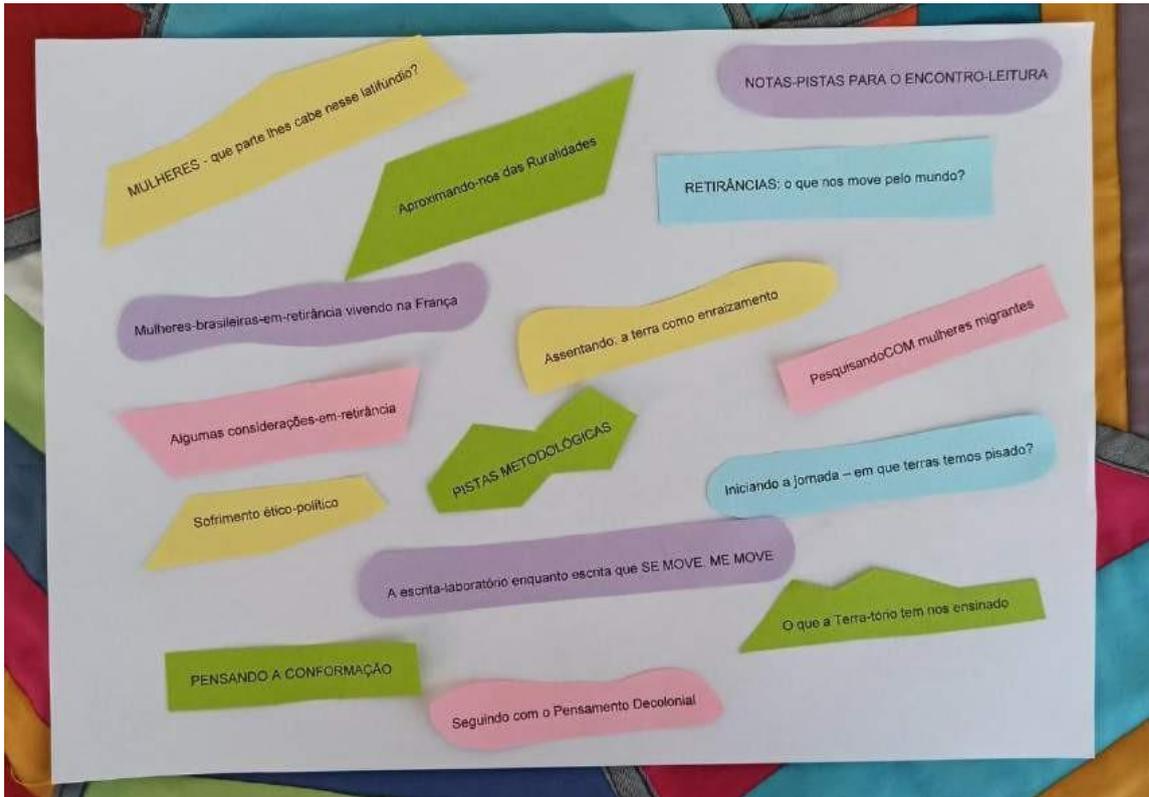
Fonte: PRECIOSA, 2010, p. 23.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor lilás.

Estamos cientes desse risco para o qual nos alerta a cientista social Rosane Preciosa. Vamos arriscar assim mesmo. Aqui, ao invés de apresentarmos uma sequência lógica e concatenada dos capítulos de uma tese linearmente desenvolvida, vamos trazer algumas pistas do que vocês encontrarão em cada parte-fragmento desse texto.

Existe um sumário, sim. Oficialmente ele precisa estar presente e tem sua função-linear. No entanto, apresentamo-lhes também, para COMpor com ele, um índice-rizoma, com os títulos e-ou palavras-chave dos capítulos desta tese. Queremos que eles sejam fragmentos-sementes para serem plantadas em seus corpos-terra, transformados em abrigo e solo fértil. Vocês podem plantar essas sementes como quiserem, na ordem que desejarem, regando e adubando como bem entenderem. Depois a gente vê o que brota e nasce. Que fruto dá.

Figura 1 – Sumário-rizoma



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: Os itens do sumário (NOTAS-PISTAS PARA O ENCONTRO-LEITURA; Iniciando a jornada – em que terras temos pisado?; MIGRANDO; RETIRÂNCIAS: o que nos move pelo mundo?; PISTAS METODOLÓGICAS; O que a Terra-tório tem nos ensinado; Aproximando-nos das Ruralidades; Assentando: a terra como enraizamento; Sofrimento ético-político; MULHERES - que parte lhes cabe nesse latifúndio?; Seguindo com o Pensamento Decolonial; PesquisandoCOM mulheres migrantes; Algumas considerações-em-retirância; Mulheres-brasileiras-em-retirância vivendo na França; PENSANDO A CONFORMAÇÃO; A escrita-laboratório enquanto escrita que SE MOVE. ME MOVE) estão impressos individualmente em pedaços de papéis coloridos (lilás, rosa, verde, azul e amarelo) colocados aleatoriamente em um fundo branco com bordas coloridas, passando a ideia de que as leitoras podem movimentar os pequenos papéis, modificando a ordem do sumário e organizando sua leitura conforme seu próprio desejo.

“Entretanto, se acolhido, o fragmento pode nos surpreender. De um jeito anfíbio, ele é capaz de operar simultaneamente uma inteireza de articulações, combinada a uma resistência de sistematizações. Nele, prevalece o entusiasmo pelos agregados de sentido que vão despontando pela urgência mesmo de existirem [...] O fragmento recolhe com simpatia nossas ninharias, falhas, contradições, disparates. Enfim, tudo que de residual a vida emana”. (Rosane Preciosa).

Fonte: PRECIOSA, 2010, p. 23-24.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor lilás.

INICIANDO A JORNADA – EM QUE TERRAS TEMOS PISADO?

A cabeça pensa onde os pés pisam...

Frei Betto

Por onde começar? Esse é um questionamento que pulsa em muitas pessoas com a tarefa de escrever. Às vezes até sabem o que querem dizer, mas não como fazer. Ou acham que não sabem. Há o medo de não ser compreendida, de não conseguir explicitar suas opiniões e argumentos. Não sou diferente... Mas aprendi com minha orientadora Alexandra Tsallis que nós não temos que pensar muito antes de escrever. Escrevemos e isso nos faz pensar...

De repente, percebo que já comecei e então surgem novos questionamentos: o que nos move em direção a um problema e o que nos distancia de outros? E os conceitos? As autoras? Por que umas nos afetam muito mais que outras? Poderia procurar várias explicações e tentativas de respostas, mas isso apenas me distanciaria do percurso. Ao invés disso, apenas trarei brevemente as afetações que operaram em mim e me encaminharam para algumas das escolhas-apostas presentes neste trabalho: o que me *fez fazer!* Esse questionamento vem da influência de Bruno Latour (2000), que faz com que nos perguntemos o que nos faz fazer, convocando-nos a pensar o mundo e nossa relação com ele, não como causa e efeito, mas no sentido de buscar compreender a movimentação dos sujeitos, suas emoções, suas paixões, interessando-nos sobre aquilo que os vincula e os movimenta.

Bom, muitos e diversos foram os caminhos percorridos até aqui... Cheios de desvios, passando por pontes ora estreitas, ora bem largas; por túneis escuros que às vezes pareciam intermináveis; escalando montanhas, encarando abismos e descendo canyons... Afinal, propusemos-nos a pensar *COM* os deslocamentos!

Em um primeiro momento, para ser mais específica, na preparação para a seleção do doutorado, a ideia era pesquisar a produção de vida a partir e com o humor nordestino. Essa rota foi sendo alterada conforme a vida foi acontecendo. Fui convocada em um concurso para docente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e a vida me levou para um lugar que não era mais o sertão, onde pretendia pesquisar. Desloquei-me. *COMigo*, minha pesquisa. O que permaneceria? O campo. O rural. Ele sim nunca deixou de me acompanhar durante a vida toda.

A belga Vinciane Despret (1999) nos lembra que nossas heranças nos acompanham. A relação com o campo vem da minha ancestralidade e a transformei em problemática.

Problemática de pesquisa, de vida, de atuação profissional. Ela me faz questionar, sair do romantismo e do fatalismo, do conformismo² que nos deixa quietas e saciadas e, como Despret propõe, transformar-me em vetor dessa herança. Neste caso, saindo do conformismo e entrando no caminho da COMformação. Não sendo apenas produto da minha herança, nem receptora passiva do que ela me traz. Ela existe em mim e eu a transformo.

Que heranças têm lhe acompanhado? Como você as carrega? O que elas lhe fazem-fazer?

Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor salmão.

Apesar³ desta relação muito forte com o rural, durante muitos anos dediquei-me ao estudo do espaço urbano, sempre em consonância com o campo da saúde mental, que é minha grande paixão. No mestrado, estudei as relações entre corpos urbanos e corpos subjetivos⁴. Após isso, tive a oportunidade de atuar na gestão (Coordenação Municipal de Saúde Mental, álcool e outras drogas), na assistência direta em saúde mental em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e na docência, além de diversos espaços de militância. Essas atividades foram desenvolvidas majoritariamente no interior da Bahia, em diferentes territórios.

Nesse contexto, havia muitas demandas de cuidado em saúde mental vindas da zona rural e as discussões quase sempre pairavam pela questão do acesso, considerado de forma limitada e limitante como sendo apenas a forma de chegar à cidade para ser atendida. Era muito óbvio que a dificuldade não era apenas de conseguir transporte para se deslocar até o CAPS que ficava na cidade. No entanto, tantas outras questões relacionadas a isso eram abafadas, como, por exemplo, quais os sentidos da loucura ou do sofrimento psíquico para aquelas pessoas, ou o que significava para elas usar medicamentos “controlados”, que lhes tiravam a força para trabalhar na roça, dentre várias outras situações que não tínhamos acesso porque simplesmente não nos perguntávamos sobre elas.

Decidida a lidar com essas inquietações, iniciei uma espécie de migração da cidade para o campo, levando meu desejo e meu interesse de pesquisa comigo (e-ou teriam sido eles a me levar?) a fim de traçar caminhos para conhecer de forma mais aprofundada as ruralidades. Para isso, foram traçados alguns objetivos. Inicialmente, narrar práticas inventivas de produção de

² No Nordeste é comum utilizar a expressão “conformada” para qualificar uma pessoa que aceita as situações sem tentar mudá-las, de forma passiva.

³ Talvez não tenha sido apesar, mas justamente por isso.

⁴ Ver: BRITO, 2012.

vida e de cuidado em saúde mental em contextos de ruralidades, cartografando modos de existir performados nesses territórios, além de tantos outros objetivos específicos que foram sendo transformados ao longo do campo de pesquisa.

Para alcançá-los, fomos em busca dos encontros com as ruralidades e as vidas que pulsam nesses territórios, os quais têm acontecido esparramados pelo interior da Bahia: na Chapada Diamantina, na região do Recôncavo e no Baixo Sul. Eles têm sido disparados a partir das minhas atividades enquanto docente na UFRB, em parceria com várias pessoas com quem compartilho o interesse pela saúde do campo e com quem tenho aprendido inúmeras coisas que serão contadas por aqui.

Acreditamos fortemente que a imersão nesse campo pode produzir novos possíveis no tocante à compreensão de como essas pessoas se percebem e como são percebidas, compreender os modos e os processos de subjetivação que atravessam essas vivências, conhecer modos de vida nas ruralidades em sua própria forma e não como mera oposição ao urbano.

Sabemos que são vários os modos e/ou estilos de vida e não buscaremos construir generalizações homogeneizantes. Aprendemos com a brasileira Rosane Preciosa que

[...] inumeráveis serão sempre os estilos de existir e registrá-los em suas múltiplas manifestações é quase uma impossibilidade. Não passam de matéria fluida, híbrida, inflamável. Talvez o que se possa deles captar seja apenas os nós mais visíveis dessa escorregadia trama, suas linhas de força, seus pequenos coágulos. Pensar em estilos de viver é pensar em topologias que se formam e desformam o tempo todo (PRECIOSA, 2010, p. 39).

Carregamos conosco a noção de fluidez e singularidade dos estilos de vida sobre os quais nos fala Preciosa e queremos agregá-la à discussão sobre modos de existir, trazida pelo húngaro residente no Brasil Peter Pelbart (2013) a partir dos estudos de Bruno Latour e do francês Étienne Souriau. Ele nos convoca a pensar a existência singular e a dor de cada actante, humana e não-humana, questionando-nos: “em que medidas existem por si mesmas? Quanto dependem de nós? Quanto estão em nós? Que efeitos têm sobre nossa existência e imaginação?” (p. 392).

[...] eles traçam, através do multiverso (para falar como James), caminhos de alteração ao mesmo tempo terroríficos (pois nos transformam), hesitantes (pois podemos enganá-los) e inventivos (pois podemos deixar-nos transformar por eles) (PELBART, 2013, p. 392).

Ainda dialogando com Étienne Souriau, Peter Pelbart (2013) nos conta que, para qualquer actante existir, precisa ser instaurada, o que não se refere a nenhum tipo de formalidade e/ou solenidade que nos faça emergir “do nada”, em uma perspectiva criacionista.

O ser reclama sua própria existência a partir dos seus encontros e de como se coloca neles, o que acumula e o que rejeita.

Dessa forma, pensar modos de existir não se refere a pensar actantes estanques e separadas, mas pensar a nós mesmas em relação e a nossa relação. **Nós em relação** me remete a como nossos corpos se colocam no encontro e como este encontro reverbera em nossos corpos, em nossas existências, em cada uma delas. **Nossa relação** me leva ao plano comum que se estabelece nesse encontro; é o comum da experiência, embora ela não seja igual para todas as actantes envolvidas. O comum não é, portanto, o igual, mas o compartilhado.

Assim como os ventos mudam a configuração das areias dos desertos. Assim como se deslocam as placas tectônicas, criando novos continentes. Assim como chove e ao mesmo tempo brilha o sol, fazendo aparecer o arco-íris, seguiremos nos movimentando e seguindo os movimentos do campo, sabendo-o mutante, nômade, retirante.

Sigamos, então.

1 MIGRANDO

Assim como os ventos mudam a configuração das areias dos desertos. Assim como se deslocam as placas tectônicas, criando novos continentes. Assim como chove e ao mesmo tempo brilha o sol, fazendo aparecer o arco-íris, seguiremos nos movimentando e seguindo os movimentos do campo, sabendo-o mutante, nômade, retirante.

Sigamos, então.

Não, isso não é um *déjàvu*. Também não é um erro de digitação, muito menos de CTRL+C e CTRL+V. Esse parágrafo está no fim e também no começo. Vou explicar. A introdução acima foi escrita por ocasião da minha qualificação, em maio de 2019. Depois dela, MUITAS coisas aconteceram. Muitos deslocamentos. Como o colega de doutorado – e grande amigo –, o brasileiro Wallace Araújo de Oliveira (2019) nos confidenciou em sua dissertação, às vezes nossas pesquisas nos fazem migrar.

Foi isso que aconteceu. Na véspera da minha qualificação, com o texto pronto para ser enviado para a banca, já com pesquisa aprovada pelo comitê de ética e grande parte dela desenvolvida, surgiu a oportunidade de participar de uma pesquisa sobre migração junto ao Projeto Vidas Paralelas Migrantes (PVP - Migrantes) Brasil-França, uma cooperação internacional de pesquisa entre a Universidade de Brasília (UnB), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Université Paris XIII e Université Paul Valéry, com financiamento CAPES-COFECUB. A oportunidade veio através da professora Regina Andrade, vice-coordenadora do referido projeto, minha coorientadora, orientadora do amigo Wallace Araújo, coorientado por Alexandra Tsallis, minha orientadora. Esses detalhes são importantes e faço questão de trazê-los porque os processos de deslocamento geralmente se fazem em torno de vínculos, das mais variadas formas e arranjos. Atualmente Wallace e eu compartilhamos nossas orientadoras, interesses de pesquisa e uma grande amizade anterior a tudo isso⁵.

Bom, mas com essa possibilidade, vieram várias questões: o que fazer? Migrar para esse novo tema, que me traria a oportunidade de fazer um doutorado sanduíche e ter uma experiência formativa diferente de tudo que tinha vivenciado até então? Mas e tudo que estava sendo

⁵ Inclusive temos uma experiência que transborda poesia e resistência, colocada no mundo por meio da fotografia e produzida em uma triparceria (Débora Lomba, Wallace Araújo e Monique Brito). “Três estudantes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ - Universidade do Estado de Rio de Janeiro diante da proposta de pensar uma aula pública do movimento #UERJRESISTE, surgida na disciplina ‘Teoria Ator-Rede e Trabalho de Campo’, com a docente Alexandra Tsallis, foram à rua no dia 11 de abril de 2017” (Lomba; BRITO; OLIVEIRA, 2017, não paginado). Vocês podem ter acesso a toda a produção no endereço: <https://poeticadaresistencia.46graus.com/>.

construído por aqui? Como deixar? Essa nunca foi uma opção. Será que daria conta de seguir com duas grandes pesquisas, que poderiam, cada uma, alimentar uma tese? Essa oportunidade veio em um momento da minha vida pessoal em que eu estava realmente precisando me deslocar. Não apenas figurativamente. E foi isso que fiz.

Neste exato momento estou em Paris, quase no fim do meu período de doutorado sanduíche. Eu vim! Óbvio que pulei aqui vários meses de preparação para esse deslocamento, mas o que quero ressaltar é que a decisão foi solidificada pensando justamente nas pessoas que se deslocam. Elas não necessariamente precisam abandonar o que veio antes, especialmente se aquilo continua acontecendo em suas vidas e sua permanência continua fazendo sentido.

Estou escrevendo essa introdução como segunda porque não quis simplesmente reescrever a outra e apagar uma história que existiu. Ela existiu e estava ali. Se houve algo depois dela, não foi para apagá-la, mas para compor. E assim foi se compondo a história deste grande e múltiplo encontro que será narrado aqui e que trará como fio condutor a **retirância**. **Ela**, nós iremos conhecendo aos poucos, enquanto caminhamos...

Uma pesquisa migratória que mostra os rastros desses trajetos. O que a retirância faz-fazer na pesquisa?

Tereza Bredariol (06/05/20)

Fonte: BREDARIOL, 2020.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor rosa.

Campo...
 ...Ruralidades....
 ...Assentamentos...
 ...Territórios...
 ...Deslocamentos...
 ...Relações com a terra...
 ...Viagens...
 ...Migrações..
 ...Retirâncias!

Nesse momento, talvez vocês estejam um pouco confusas com tantas mudanças, tantos campos de pesquisa envolvidos. Talvez estejam se perguntando: “O que esses campos têm a ver um com o outro? Por que estão juntos nessa pesquisa? Eles dialogam entre si? Como?”.

Temos algumas pistas de como esses campos se relacionam: deslocamentos, relações com a terra e os territórios. Nessa direção, um novo objetivo foi nascendo a partir da convocação de um campo tão diverso: acompanhar os percursos de pessoas, em sua grande maioria mulheres, movendo-se pelo mundo, ocupando espaços, traçando rotas e produzindo novas versões-histórias de suas relações consigo e com o mundo.

Elas foram nos fazendo COMpor uma ideia, uma noção, um conceito-movimento que tem nos deslocado pelo e com o mundo e que vamos compartilhar logo agora com vocês, mesmo ele tendo germinado ao longo de toda a pesquisa e não logo de início. Essa decisão foi tomada em uma das supervisões coletivas do Laboratório Afetar, quando Alexandra nos fez pensar que o tempo da escrita não necessariamente precisa ser linear e fiel ao tempo da pesquisa em si. Não temos porque guardar em segredo até o fim aquilo que já podemos compartilhar de início para que nossas interlocutoras já comecem a se relacionar. Essa multiplicidade de COMposições com espaços-tempo diferentes estará bem presente por aqui...

Monique, a retirância sempre esteve em você.
Desde o início. Não, desde antes. Você traz a
retirância no seu corpo.
Alexandra Tsallis (12/03/21)

Fonte: TSALLIS, 2021.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor verde.

Havia o terreno baldio da existência que precisava ser acordado, não pelo troar épico de um bandeirante afoito, rasgando espaços, indo se estabelecer sólido em alguma casa pré-moldada. Mas de forma diversa, interrogando os espaços, fuçando como um bicho o faz. Apalpando aquela geologia de formas estratificadas que em surdina vão cedendo. E enormes placas se desprendem, redesenhando o solo. Um jeito de se mover sutil e tumultuoso, apenas percebido pelo ligeiro tremor que vai se comunicando aos corpos que nele pisam empenhados nesses vitais deslizamentos.

Era preciso dar atenção a este chão que em sua inumana hospitalidade acolhe essa subjetividade em devir. Um alguém constelado de sensações quase lâmina, que lhe fustigam a alma e o forçam a ir anotando em páginas dispersas relevos existenciais se produzindo.

[...]

Sentia como se fosse quase possível materializar o imponderável, o inquieto, o inabordável, toda a intensidade desse cotidiano em que transitava. Era um irreconhecível outro, que trazia consigo uma maneira experimental de pensar, de viver, de ousar.

Portando apenas uma leve bagagem de mão, deixou para trás um rosto, uma biografia, uma rede de relações familiares. Se procura um território para repousar, são os espaços desacostumados que mais lhe atraem, os que não negam acolhida aos seus desejos, afetos e sobretudo a possibilidade de delirar caminhos.
(Rosane Preciosa)

Fonte: PRECIOSA, 2010, p. 19-20, grifo nosso.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor lilás.

Esse é o nosso sentimento, traduzido antecipadamente no tempo por Rosane Preciosa. Com esse chamamento, partimos por essas estradas a conhecer...

1.1 Retirâncias: o que nos move pelo mundo?

Os movimentos de pessoas (e coisas) por todo o mundo e em todas as escalas, no fim das contas, estão carregados de sentido. São produtos e produtores de poder.⁶

Tim Cresswell

DESLOCA-mentos.....
.....desloca-MUNDOS

Aruana (sentinela - origem indígena) desloca-se para seu trabalho. Jaciara (nascida da lua - origem tupi) acorda cedo para ir à escola. Ayane (som colorido - origem japonesa) caminha pelas ruas da cidade vendendo doces. Maitê (senhora do verão - origem basca) se prepara para fazer sua primeira viagem de avião. Aurora (o raiar do dia - origem latina) agora pedala pela cidade para fazer sua parte na despoluição do ar. Zoe (cheia de vida - origem grega) acorda cedo para fazer a primeira grande caminhada do dia até o açude para buscar água para as atividades diárias da casa. Sofia (sabedoria - origem grega) entra no ônibus para 27 horas de estrada. Luíza (guerreira gloriosa - origem latina), Ayo (alegria - origem iorubá), Kieza (a que chega - origem a partir do quimbudo) e Shaira (cheia de poesia - origem na cultura rastafári) entram naquele barco buscando uma nova vida em terras distantes. Maya (deusa da terra -

⁶ Tradução livre.

origem grega) organiza as coisas em casa e as deixa sob os cuidados de sua filha mais velha, Antonella (de valor inestimável - origem italiana), porque hoje começa mais uma marcha pela terra e ela é uma das lideranças do movimento. Uma estrela cadente viaja a 250.000 km por hora. A Terra demora 365 dias e 6 horas para dar uma volta em torno do sol. Bárbara (estrangeira - origem grega) acaba de deslocar-se do útero da sua mãe para esse mundo frio e assustador e alegre e pulsante.

Deslocamento. Movimento. Não apenas físicos, geográficos. Deslocamentos subjetivos. Deslocamentos imaginários. Deslocamentos do desejo. Quando des-loco de onde estou, saio de um *locus*⁷ e passo a outro. Des-colo. Já não estou tão colada ao conhecido e com isso vem o risco. Entrego-me a ele. Não em totalidade. Não em eternidade. Apenas em caminho.

A vida humana é marcada pelos deslocamentos. Eu arriscaria dizer a vida mais que humana. A história da vida. Penso agora nas placas tectônicas. Até 200, 250 milhões de anos atrás, existia apenas um continente no globo terrestre, que foi denominado Pangeia (etimologicamente, *pan* - todo, *geo* - terra). Esse corpo, até então uno, começou a separar-se em decorrência de um movimento subterrâneo, não perceptível a olho nu, que foi denominado deriva continental. Uma força maior que a inércia, capaz de descolar e deslocar corpos gigantescos pelos oceanos afora⁸.

Tudo está se deslocando. Até as rochas, aparentemente paradinhas ali, são deslocadas e refeitas pelo movimento dos ventos que trazem e levam matéria, alterando formatos e composições. Assim o mundo vai se produzindo. Recompondo-se. Até as guerras se deslocam. Vírus se deslocam com uma rapidez quase inimaginável. Desejos, além de des-locar, também des-colam (ou não).

Os deslocamentos são motivados e produzidos pelas mais diversas situações e contextos, assim como também são impedidos. Pessoas mudam de casa, bairro, cidade, estado, país, continente. Quem sabe no futuro também possam mudar de planeta. Às vezes esses deslocamentos são desejados e planejados. Sonhos e desejos mais individuais ou mais coletivos. Algumas vezes seguem lentamente pelo tempo. Em outras acontecem de supetão – por oportunidade e/ou necessidade. Pessoas não se deslocam só porque querem. Às vezes são obrigadas. Expulsas. Fogem. Às vezes o deslocamento é uma questão (de) sobre-viver. Fome. Sede. Guerras. Perseguições. Intolerância. Discriminação. Exploração. ViolênciaS.

⁷ Palavra do latim, que significa “lugar, posição ou local”.

⁸ A Teoria da Deriva Continental foi criada pelo meteorologista alemão Alfred Wegener, em 1912. A partir dela, diversos outros estudos culminaram com a teoria das placas tectônicas, desenvolvida no final dos anos 60, por Robert Palmer e Donald Mackenzie. (SUPORTE GEOGRÁFICO, [20--]).

Ao mesmo tempo, há forças de diversas ordens que tentam limitar esses deslocamentos. Há uma multiplicação de barreiras e intensificação de conflitos. Bela Feldman-Bianco (2011), brasileira, filha de pai ucraniano e mãe polonesa, ambos judeus que se deslocaram para o Brasil escapando da Segunda Guerra Mundial, estudiosa dos deslocamentos e migrações, nos alerta que as movimentações de capital, signos, informações e a comunicação virtual aparentam dissolver fronteiras, ao mesmo tempo que certos fluxos de pessoas, produtos e lugares tornam-se focos de políticas restritivas e de controle seletivo. Muitas pessoas vivem os dois movimentos ao mesmo tempo. Um lado da fronteira expulsa – de diversas formas. O outro lado da fronteira não permite ou dificulta sua entrada – também de diversas formas.

.....fronteira.....

Os campos de pesquisa aqui trabalhados estão juntos por um motivo: o deslocamento. Terras e pessoas que se movimentam e, ao se movimentarem, contam histórias. Deixam rastros. Marcam as relações com os territórios percorridos, habitados, vividos. Ainda não entraremos em pormenores de cada campo. Por enquanto, mais do que contar sobre cada grãozinho de areia em deslocamento, nossa política de escrita priorizará o *entre*, aquilo que está margeando, mas ao mesmo tempo atravessando esses campos.

As pessoas hoje assentadas, em algum momento de suas vidas retiraram-se dos lugares onde estavam para lutar por uma terra própria, para produzir seu sustento, sua vida. Marcharam, acamparam, resistiram. Assentaram-se e foram assentadas. “Porque ter saúde e viver bem é ter um pedaço de terra pra plantar”. Entre aquelas pessoas que vivem hoje no Vale do Capão, poucas nasceram lá, e muitas foram em busca de algo e-ou alguém: “...trabalhar, plantar, amar, *mudar de vida...*”. Já as mulheres brasileiras que estão na França, em Paris e seus arredores, deslocaram-se para lá “sozinhas, acompanhadas, para sempre ou temporariamente. Em busca de formação, emancipação, oportunidades, crescimento, expansão”. Essas são palavras utilizadas por algumas das pessoas que encontramos nesses territórios para definir suas jornadas. Elas aparecerão com mais força e intensidade no decorrer da escrita-texto.

Por enquanto, seguimos nos perguntando: O que produz os deslocamentos? O que faz-fazer os deslocamentos e o que eles fazem-fazer? O *desejo* de mover-se... De onde será que ele vem? Como ele é performado?

Os franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (1972/1976) nos trouxeram uma perspectiva sobre o desejo diferente daquela atrelada à falta. Para eles, desejo é *produção*. Eles escreveram sobre o desejo desde sua primeira obra conjunta, *O Anti-Édipo*, datado de 1972,

ainda reverberando toda a energia dos acontecimentos político-revolucionários de 1968. É do Abecedário, porém, que traremos algumas de suas ideias sobre o desejo. Na letra “D” de desejo, Deleuze explicita algumas questões:

Não há desejo que não corra para um agenciamento. Nunca desejo algo sozinho, desejo bem mais. Também não desejo um conjunto, desejo *em* um conjunto. Desejar, pois, é construir um agenciamento, construir uma região, é realmente agenciar. Cada vez que alguém diz: desejo isso, quer dizer que ele está construindo um agenciamento. (DELEUZE, 1996).

Consideramos simplório demais fazer uma nota de rodapé para explicar esse momento histórico. Recomendamos fortemente uma leitura aprofundada sobre os acontecimentos de maio de 1968.

Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor salmão.

O desejo é produção de agenciamentos. Portanto, ele tem agência *sobre*, assim como é afetado pela agência de outras. Fazendo uma conexão com Bruno Latour (2001) e seu conceito de actante, poderíamos ousar dizer que o desejo é um actante. Outras humanas e não-humanas *podem ser* actantes em determinados contextos, a depender de sua capacidade de produzir agência ali. O desejo sempre é... Hesitação, dúvida... O desejo *sempre* é actante? Preferimos seguir com a pergunta a ficar com a resposta. Questões produzem mais movimento que afirmações.

Até pensamos, num primeiro momento, o desejo como actante principal, mas preferimos pensá-lo compondo um rizoma, onde não existem hierarquias. Lá, o desejo seria uma actante importante. MAS não é ele o início de tudo. Também não vamos falar em hierarquias temporais. Até porque, como vimos acima, Gilles Deleuze, em seu diálogo com a francesa Claire Parnet (DELEUZE, 1996), na entrevista “Abecedário”, afirma que desejamos *em* um conjunto. Eu não desejo comer carne do sol. Eu desejo comer uma carne do sol de tal forma, que tem aquele tal sabor, que me remete a tais lembranças, contextualizadas no tempo, no espaço, e outras variáveis mais. Repetindo: Eu não desejo um conjunto. Eu desejo *em* um conjunto. Vou ousar outro acréscimo: DesejoCOM. E não estou falando de desejar o desejo do outro. Estou querendo afirmar que o desejo não apenas produz agenciamentos. Ele é, em si, um agenciamento. Mas isso não é nenhuma novidade.

O desejo não está no vácuo. O desejo não está no vazio e nem vem para preencher um vazio. Nosso desejo não nos conduz à busca de preenchimento de um vazio, de algo que nos falta. O desejo é aquilo que nos leva ao transbordamento. Eu desejo porque tenho em mim, em

meu corpo, essa energia de produção de vida. Eu a produzo porque desejo. Não porque tenho precisão, necessidade. Não é para tapar um buraco. Buracos, aliás, quando existirem, podem continuar sendo buracos em sua essência. Não há necessariamente um vazio a ser preenchido neles. É o seu modo de estar no mundo – que pode nem ser recôncavo nem reconvexo⁹. Nem por isso deixa de existir enquanto tal. Sem precisar habitar ou ser colocado em categoria outra para legitimar sua existência.

Para Gilles Deleuze, ao mesmo tempo que é um agenciamento, o desejo também é delirar. Para ele, delira-se sobre o mundo inteiro. Delira-se sobre a história, a geografia, as tribos, os desertos, os povos. Delira-se o mundo, e não sua pequena família. E é aí que o desejo se produz... *desejar é delirar e o delírio é geográfico-político*, é situado, localizado. O desejo-delírio caminha por terras, ainda que nunca as tenha pisado. Ao mesmo tempo, essa terra vai se constituindo enquanto território habitado, usado, como diria o brasileiro Milton Santos (1997). Habitar um território torna-se um ato político na medida em que sua presença – ou a presença da sua ausência – passa a ter agência sobre ele. Presença da ausência porque, quando a ausência de actantes, sejam elas humanas ou não humanas, é percebida, trazida ao foco, ela pode passar a ter agência sobre aquele campo. Perceber e discutir ausências é torná-las presentes.

O desejo está, portanto, territorializado. E, com isso, não queremos afirmar que está cristalizado, pois desejo também é movimento. Ele se desterritorializa e, imediatamente, inicia outro processo que irá reterritorializá-lo. Ele é movimento. Deslocamento. A produção desejante é contínua. Caótica. Múltipla. Rizomática. O desejo é produtor de devir.

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. É nesse sentido que o devir é processo do desejo. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 67).

Ainda sobre o desejo, Félix Guattari e Suely Rolnik (1986) vão problematizar a “dimensão bestial” usada para classificá-lo enquanto desejo-pulsão, desejo-desordem, desejo-morte, desejo-agressão, colocando-o como oposição a qualquer possibilidade de interação simbólica, organização de uma sociedade e poder centralizado em funções de um Estado. Para elas, essa é uma postura totalmente reacionária de oposição ao desejo e sua potência criadora, enfatizada por elas em “Cartografias do Desejo”:

⁹ Referência à música “Reconvexo”, do músico e compositor baiano Caetano Veloso, que a fez para sua irmã, a maravilhosa intérprete baiana Maria Bethânia. “Caetano Veloso estava em Roma quando escreveu a letra de *Reconvexo* e observou um fenômeno climático que ocorre quando a areia do Saara atravessa fronteiras e chega a outros continentes, como é o caso de Roma, na Itália.” (FREIRE, 2020, não paginado).

Por não querer me atrapalhar com definições complicadas, eu proposita denominar desejo a todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 216).

Então estamos combinadas.

Por aqui, o desejo é isso. Produção. Delírio. Agenciamento. Fazedor de Devir.

..... F R O N T E I R A

Trazemos para essa conversa textual a retirância e o devir-retirante. O retirar-se não como abandono. O retirar-se como expansão. Ocupação de novos lugares. Novos territórios existenciais. O retirar-se que expande as conexões do rizoma. Que explode os nós dos rizomas não para cortar conexões, mas como uma estrela do mar que, sendo separada de uma parte sua, torna-se duas. Ou mais. O retirar-se que carrega em si muito de si e muito de outras. Não vou dizer tudo porque não carregamos tudo, também deixamos pelo caminho. A retirante que está em um movimento constante de *des* e reterritorialização, construindo novos possíveis e retirando-se novamente. Um devir-retirante e todo o movimento que lhe é característico. Devires são sempre minoritários (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Não são criados para ficarem intactos. É sempre aquilo que está por vir. É o que nos move pelo mundo. Um mundo sem fronteiras entre dentro e fora. Embora tantas fronteiras existam no dentro e no fora. E entre o dentro e o fora. Fronteiras criadas. Inventadas. Política. Religião. Cultura. Dinheiro. Posse.

O devir-retirante recalitra, resiste, ao recusar territorializar-se na estabilidade da permanência. Desobedecer à imposição da estabilidade que lhe chega na forma de paredes intransponíveis, sem janelas e sem portas. Em último caso, o devir-retirante nos impele a cavar túneis. *Abrir buracos*. Explodir barreiras que tentam implodir o desejo de delirar movimentos.

Eu me retiro. Você se retira. Retiramo-nos porque deixamos de caber? Falta-nos espaço? Não! A retirante é como uma esponja, que pode adquirir maior densidade ocupando o mesmo espaço. Ela se move porque está em eterna produção. Porque tem ânsia de retirar-se deixando muito de si. Retirar-se para uma espécie de retiro de si. No movimento, no deslocar-se é que ela se faz. Ela existe no movimento porque quando paralisa perde sua potência.

Historicamente, foram várias as expressões utilizadas para denominar aquelas pessoas em retirância: famintos, esqueletos animados, flagelados, endemias andantes, dentre outros, ora sendo tomadas como vítimas apáticas, comparadas a animais que se movem pelos seus instintos de sobrevivência, “caracterizados em memórias e até na historiografia como animais que

seguem um estímulo natural de arribar quando a natureza não permite a opção de permanecer e se adaptar”, como nos traz a brasileira Lara de Castro (2014, p. 1); ora como trabalhadores heróicos e, conseqüentemente, tendo sua força de trabalho explorada ao máximo por onde passavam em busca de sobrevivência. Nesse último papel, o brasileiro Alexandre Cardoso (2011) lembra da representação dos retirantes como amansadores de desertos, em várias obras de Euclides da Cunha, por sua voracidade no enfrentamento das duras rotinas de trabalho na Amazônia, desbravando aquele espaço ainda pouco conhecido.

Essas representações abordam as pessoas “nortistas” e “nordestinas” de forma parcial, muitas vezes caricatural. Embora a abordagem do tema retirantes em algumas obras da literatura brasileira tenha assumido, no momento em que foram escritas, ou mesmo apenas muitos anos depois, um caráter de denúncia, elas também serviram à construção de uma imagem parcial da figura nordestina, que tem a sua humanidade diminuída ou despotencializada ao ser colocada no lugar de “pobre coitado” ou de “trabalhador voraz”, quase que uma máquina.

É importante trazer esse aspecto e não poderíamos nos furtar a fazer essa reflexão aqui e acabarmos sendo negligentes com isso. No entanto, seguiremos por outros caminhos. Buscando não cair na armadilha da romantização, abordaremos a retirância em sua potência e capacidade produtora de vida. Isso não significa que travaremos aqui uma luta entre bom e ruim, bem e mal. Somos afeitas às multiplicidades, não às dualidades.

Partimos das histórias das pessoas retirantes nordestinas para pensar outros deslocamentos pelo mundo. Não queremos, com isso, produzir pensamentos genéricos ou generalizantes e que homogeneizem experiências e histórias de vida, deslocamentos e relações com os mais diversos territórios. Queremos aqui propor a retirância como conceito-movimento. E esse conceito-movimento não surgiu do nada. Não vem de uma palavra nova, inventada para denominar um conjunto de outras palavras que almejam designar algo novo. Não. Tem uma história. E essa história vem do sertão nordestino. E do sertão nordestino vai ganhando corpo e mundo.

Por isso que partimos das descrições acima sobre retirantes. Foi ao começar minha retirada do sertão, em busca de outras oportunidades de estudo, que um rizoma começou a se fazer. Esticando alguns caminhos, criando outros, alguns NÓS foram produzidos. Ao retirar-me, levei comigo. A retirante sempre leva. Sempre deixa. As lembranças do sertão. O sol alaranjado fazendo tremer o horizonte. O barulho do chocalho das vacas no iniciar e no findar dos dias. As árvores secas, porém não mortas: guardando energia para o próximo inverno. Inverno que no sertão não tem a ver com frio, mas com chuva. Aquele tanto de pedra, pedregulho, lajedo, onde brincava quando criança. As histórias de meus avós. Das secas que

eles viveram. Das precisões¹⁰ que passaram. A partilha da comida. A lida com o gado. A seca. A alegria da chegada das chuvas. O raro e precioso cheiro de terra molhada.

É com história, com muitas histórias, que se cria um conceito. Um conceito que traz consigo sua ancestralidade. Suas heranças. Vinciane Despret (1999) nos lembra que nossas heranças nos acompanham. E aqui as estamos olhando nos olhos. Não a engolimos ou implodimos. Não as deixamos nos engolir ou implodir. Adentramos essa terra ancestral fazendo rizoma com elas. Criamos novos NÓS, que vão se ramificando por dentro da terra, mas também em sua superfície. Às vezes a terra é fofa e nos espalhamos mais rapidamente. Às vezes está bem densa e encaçada e o tempo de enraizamento é outro.

A figura da retirante, apesar de muito estudada por nordestinas, foi performada, forjada em relação ao cidadão – sim, no masculino generalizante – sulista e sudista. Assim como o rural em relação ao urbano. O menos em relação, comparação, posição de falta diante do mais, do maior, do hegemônico, do dominante, do mais rico. São muitos e diversos os processos de colonizações internas vivenciadas no nosso tão grande Brasil. Nossas diferenças de recursos naturais, explorados pelos colonizadores europeus, associados a uma imensa variedade de outras diferenças climáticas, geográficas, culturais, dentre tantas outras, foram utilizadas perversamente para nos distinguir e hierarquizar nossas histórias. Distinguir e hierarquizar nossos costumes. Distinguir e hierarquizar nossas vidas. Sem esquecermos, obviamente, dos marcadores de raça, classe e gênero, utilizados historicamente para nos diferenciar, separar, rivalizar e subjugar. Mas, aprendendo uma lição com alguns movimentos feministas, sorte dos homens que não queremos vingança, apenas garantir nossos direitos. Não estamos aqui buscando sair da posição de oprimidas para opressoras.

Pensando na perspectiva da construção de saberes descolonizadores, as epistemologias do Sul, no caso do Brasil, teriam que ser chamadas de epistemologias nortistas e nordestinas. Porque aqui a colonização do ser, do saber e do poder aconteceu de forma invertida ao modelo do norte e sul globais¹¹.

Apesar de sua divisão geopolítica em cinco regiões, o Brasil historicamente tem sido pensado – caricaturizado – em Norte e Sul. O Nordeste virou norte: “vocês do norte”, “vocês nortistas” e o Sul era basicamente formado pelos estados do Rio de Janeiro e São Paulo (que geograficamente estão no Sudeste) nas representações dessa migração interna tão tipicamente brasileira nomeada como retirância. Aliás, não! Seja na literatura, seja na história, pouco fala-

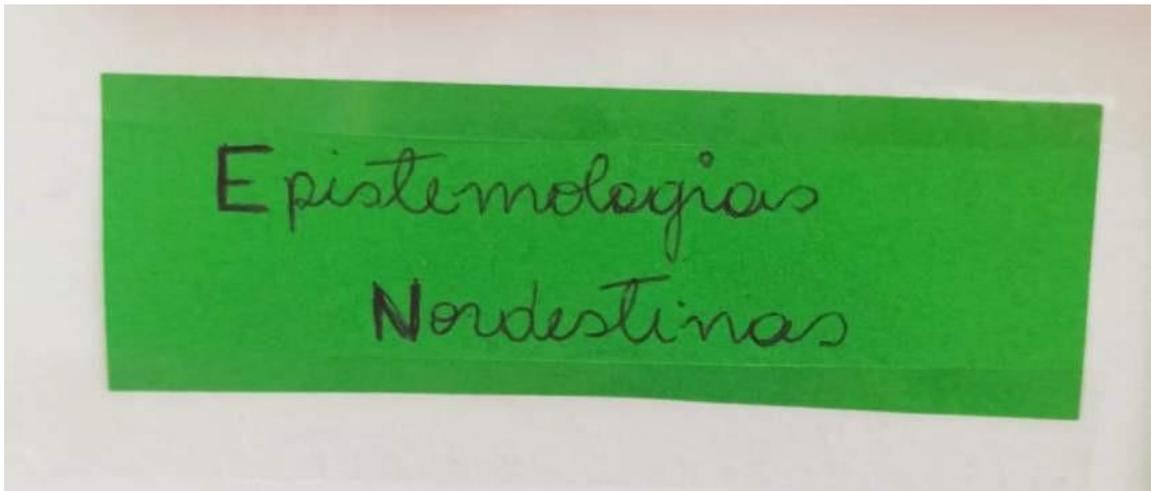
¹⁰ Palavra muito utilizada no sertão nordestino, geralmente relacionada às necessidades básicas de sobrevivência. Geralmente “passar precisão” é utilizada como sinônimo de “passar fome”.

¹¹ Esses conceitos serão discutidos mais profundamente ao longo do trabalho.

se no substantivo-movimento retirância. Muito se fala no adjetivo-substantivado-pejorativo *retirante*.

Atravessada e movida pelas inquietações produzidas no COMtato com o pensamento decolonial, seguimos com a intenção de produzir novos significados com a retirância, fazendo-a mover-se até uma *função-conceito*. *Conceito do Nordeste brasileiro e do Sul Epistemológico*.

Figura 2 – Epistemologias Nordestinas



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: papel verde colado em uma parede branca, com o texto “Epistemologias Nordestinas”.

Não estamos querendo apenas propor um novo termo por uma questão de originalidade no sentido de ineditismo, mas por uma questão de *origem*. Como é discutido na decolonialidade, nomear não é uma questão de preciosismo. Assim como o português Boaventura de Sousa Santos e a moçambicana Maria Paula Meneses (2010) explicaram que só existe o termo epistemologias do Sul porque antes existiram epistemologias do norte, ainda que não se denominassem assim, justamente por uma questão de colonização do saber, porque se consideravam universais, que no Brasil, um país de dimensões continentais, com grandes diferenças e desigualdades geopolíticas – e muitas outras –, seja importante falarmos em epistemologias nordestinas, que também poderiam ser norte-nordestinas. Como estamos partindo do Nordeste e tomando de empréstimo a retirância, prática que faz parte da história dessa região, desenvolvemos uma argumentação em torno, a partir e com as Epistemologias Nordestinas.

O brasileiro Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e o porto-riquenho Ramón Grosfoguel (2018) discutem essa forma de colonização do ser e do saber trazendo o

escritor queniano Ngugi wa Thiong’o, que vem nos falar sobre a “bomba cultural”, que tem como efeito

[...] aniquilar a crença das pessoas nos seus nomes, nos seus idiomas, nos seus ambientes, nas suas tradições de luta, em sua unidade, em suas capacidades e, em última instância, nelas mesmas. Isso faz com que as pessoas vejam seus passados como uma terra devastada sem nenhuma realização, e faz com que elas queiram se distanciar dessa terra devastada (WA THIONG’O, 2005, p. 3 *apud* BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFUGUEL, 2018, p. 13).

Esses autores defendem, então, a necessidade de uma localização corpo-geopolítica na produção de conhecimento de modo a afirmar a existência com um ato de qualificação epistêmica, assim como fazem as intelectuais negras, situando suas localizações nas estruturas de poder, a exemplo da estadunidense bell Hooks¹² em sua obra *Intelectuais negras* (1995).

A retirância é atravessada e ativada pelo devir-retirante, esse desejo de mundo, de deslocamento, que carrega em si a potência de ultrapassar qualquer tipo de fronteira. Esse desejo que faz com que nos movamos pelo mundo – ainda que na mesma cidade ou território. O desejo que nos impulsiona a buscar o estranhamento. É esse estranhamento que nos dá condições para não banalizarmos a vida e o cotidiano.

A retirância diz muito mais sobre nossos deslocamentos na relação com o mundo e as pessoas do que sobre deslocamentos geográficos, embora estes também a componham. Uma retirância sem necessidade de passaporte, visto ou documento de cidadania de qualquer lugar no mundo que a fixe. Que busca e produz um deslocamento subjetivo antes de qualquer coisa. Aquilo que nos move pelo mundo. Pelos mundos geográficos, políticos, culturais, temporais, subjetivos e, por excelência, *transfronteiriços*.

Propomos, então, a performance – e não apenas a imagem, posto que ela é mais que isso –, da retirância como uma mulher. Uma mulher livre e que se faz a cada movimento e instante. Livre não significa sem vínculos. Quanto mais vinculadas, mais livres somos, como ressaltam as brasileiras Virgínia Kastrup e Alexandra Tsallis (2009), lembrando-nos que são os vínculos que possibilitam nossos deslocamentos nas redes das quais fazemos parte, bem como nossa potência para produzir novos cenários-proposições.

¹² Escritora, professora, teórica e ativista feminista estadunidense. “Para ela, nada tem mais importância do que as ideias e o conhecimento: ‘o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu’. Por isso, bell hooks escreve seu nome desta forma: somente com letras minúsculas”. (FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO, 2019, não paginado).

Uma retirância-mulher no sentido mais amplo possível, não submetida a qualquer tipo de marcador biológico. Aquela que se tornou mulher por meio de sua performance no mundo... A retirância é uma mulher-ideia que se desloca. Ora lentamente... ora rapidamente!

A retirância nos interroga: o que nos move pelo mundo? O que nos move pela vida?

A retirância é o movimento. O devir-retirante é o que a faz-fazer.

Pausa.

Percebo que, ao afirmar que o devir-retirante é o que faz-fazer a retirância, coloco um masculino conduzindo o feminino. Ah, língua traiçoeira! Vamos chamá-la, então, de A devir-retirante, prima-irmã da devir-mulher.

Ora, se todos os devires já são moleculares, inclusive o devir-mulher, é preciso dizer também que todos os devires começam e passam pelo devir-mulher. É a chave dos outros devires [...] Ora, devir-mulher não é imitar essa entidade, nem mesmo transformar-se nela [...] nem imitar, nem tomar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na relação de movimento e repouso [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 70).

Enfim, devir não é uma evolução, ao menos uma evolução por dependência e filiação. O devir nada produz por filiação; toda filiação seria imaginária. O devir é sempre de uma ordem outra que a da filiação. Ele é da ordem da aliança. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 19).

Sim, é importante registrar aqui esse pensamento-movimento. Explicitar as condições de feitura faz parte da nossa política de escrita.

As brasileiras Marília Silveira e Josselem Conti (2016) nos ensinaram isso ao escreverem sobre a ciência no feminino e se perguntarem “do que é feita a nossa escrita?”. “A escrita é uma maneira de experimentar uma prática desse feminino na ciência. [...] Fazer aparecer as hesitações, as controvérsias, os momentos que poderíamos ter deixado de fora da escrita, mas decidimos incluir” (p. 58). Elas se propõem a abrir frestas para pensar que mundos estão compondo e o que querem produzir com suas pesquisas.

Vamos seguindo esses rastros e nos perguntando: o que queremos produzir a partir e com a retirância?

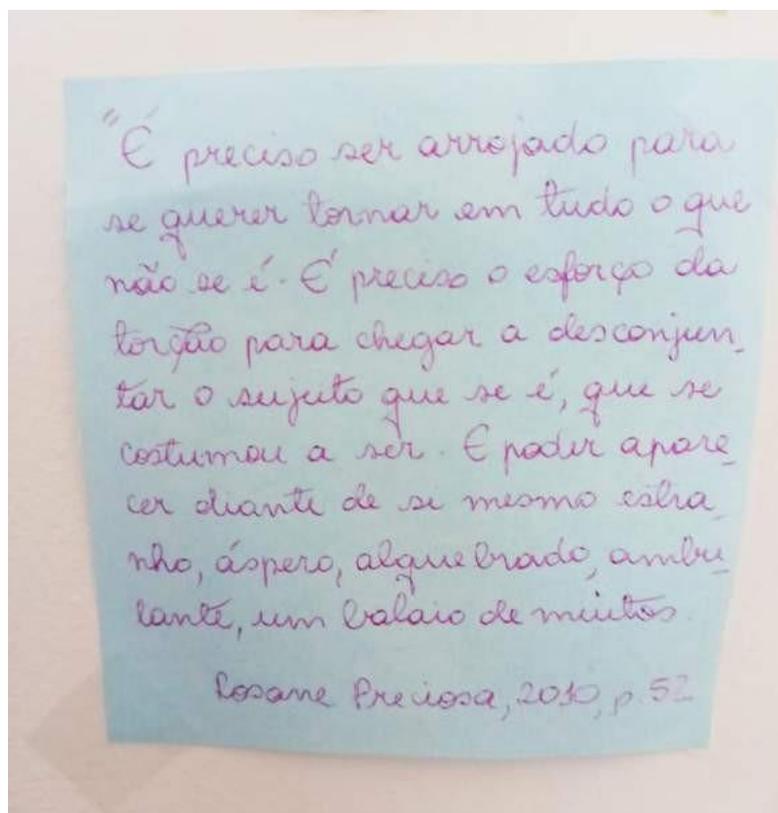
Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor salmão.

Então é isso. Essas são as primeiras reflexões com a retirância. Seguiremos com ela... Agora vamos conhecer as pistas metodológicas que têm guiado nossos passos.

2 PISTAS METODOLÓGICAS

Figura 3 – É preciso ser arrojado



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: papel azul claro colado em uma parede branca, com o seguinte texto: “É preciso ser arrojado para se querer tornar em tudo o que se é. É preciso o esforço da torção para chegar a desconjuntar o sujeito que se é, que se costuma ser. E poder aparecer diante de si mesmo estranho, áspero, alquebrado, ambulante, um balaio de muitos” (PRECIOSA, 2010, p. 52).

Consideramos que, tão importante quanto decidir *o que* pesquisar, é escolher a forma *como* pesquisar. Nesse caso, pesquisarCOM. Foi esse o modo de fazer pesquisa que nos escolheu. Márcia Moraes (2010) nos traz essa expressão que, para ela, é mais verbo que substantivo, posto que não é “O” pesquisarCOM. São vários. É um modo de fazer pesquisa engajado, situado, que se faz no encontro entre campo e suas actantes, incluindo quem se dispõe a pesquisar.

Apostamos em uma metodologia que nos possibilite conhecer as relações em sua forma rizomática, conectiva e fugitiva das hierarquizações, sem qualquer pretensão de linearidade causal que tudo procure explicar. A escrita-laboratório proposta pela Teoria Ator-Rede não promete às suas interlocutoras retratar fidedignamente aquilo que foi vivido e sentido pelas pessoas com quem se pesquisou. Mesmo que todas as falas sejam transcritas literalmente,

mesmo que os escritos sejam copiados, eles próprios são apenas canais, são vias de tradução do que foi experimentado pela pesquisadora em cada encontro.

Para Bruno Latour (2012), tradução remete a deslocamento, “uma conexão que transporta, por assim dizer, transformações [...] uma relação que não transporta causalidade, mas induz dois mediadores à coexistência” (p. 159-160). Uma espécie de substância catalisadora. Assim, performa realidades, cria versões daquilo que foi vivenciado, como nos ensinou Vinciane Despret (1999).

Ao explicar o uso do termo versão, ela diz que o escolheu porque lhe pareceu “dar conta desta coexistência múltipla de saberes, de definições contraditórias e de controvérsias” (p. 16). Com isso, ela enfatiza que uma versão remete sempre à multiplicidade. Acrescenta, ainda, que, diferente da visão, “que se impõe ou se recusa, uma versão se propõe e se narra” (p. 19), podendo integrar outras versões e se articular:

[...] uma versão bem articulada não representa a realidade de maneira mais científica [...] Os sujeitos recebem a ocasião de produzir as versões deles mesmos, daquilo que eles pensam, daquilo que eles sentem e daquilo que fazem deles mais interessantes, mais complexos, mais prolixos, mais articulados àquilo que eles cultivam nas suas relações com eles mesmos e com o mundo (DESPRET, 1999, p. 18).

Sobre essa articulação, voltamos a Bruno Latour (2007), que pensa o sujeito articulado como

[...] alguém que aprende a ser afectado pelos outros - não por si próprio. Um sujeito «por si próprio» não tem nada de particularmente interessante, profundo ou válido. Este é o limite de uma definição comum - um sujeito só se torna interessante, profundo ou válido quando ressoa com os outros, quando é efectuado, influenciado, posto em movimento por novas entidades cujas diferenças são registadas de formas novas e inesperadas. Articulação, portanto, não significa capacidade para falar com autoridade, [...] mas ser afectado por diferenças. (p. 43).

Procuramos, então, fazer traduções e produzir versões de forma articulada. Como dizem e fazem Márcia Moraes e Alexandra Tsallis (2016), que saem por aí contando histórias para povoar o mundo com outras versões. **Múltiplas versões. COM-vers-ações.**

Na feitura desse pesquisarCOM-vers-ações, temos como linha ética, poi-ética e est-ética uma versão de ciência no feminino. Para as brasileiras Laura Quadros, Márcia Moraes, Maria de Fátima Melo, Marília Machado e Sheila Miranda,

Dizer que fazemos ciência no feminino tem o sentido de afirmar as marcas que nos constituem, marcas que tatuam nossas peles, se inscrevem em nossos corpos, fabricam nossos olhos, afinam nossos ouvidos. Dessas marcas não nos furtamos, conhecemos a partir e com elas (QUADROS *et al.*, 2016, p. 6).

Poderia haver uma tendência, talvez, a pensar que a ciência no feminino tal como estamos compartilhando aqui seria coisa apenas de ciências humanas, uma vez que essa polarização entre ciências exatas e humanas tem sido historicamente presente no meio acadêmico. No entanto, Barbara McClintock, que tem inspirado essas discussões, foi uma citogeneticista estadunidense doutora em botânica e vencedora do prêmio Nobel de Fisiologia / Medicina de 1983 pela descoberta dos *elementos genéticos móveis* nas células do milho, que causam o fenômeno conhecido como transposição genética. Deslocamento genético.

A belga Isabelle Stengers (1989), refletindo acerca do trabalho desenvolvido por Barbara McClintock, pensou a ciência no feminino, a qual seria uma “possibilidade de ciência não dominadora, holista, suscetível de constituir uma alternativa à violência redutora que certos discursos feministas identificam à ‘ciência do macho’” (p. 2). Isabelle Stengers traz, então, para discussão a experiência desta mulher pesquisadora, apontando que o modo de fazer pesquisa desta mulher pesquisadora é *com* o milho e não *sobre* o milho. Dessa forma, ela coloca-se disponível para escutar a convocação do campo de pesquisa, permitindo que os problemas de pesquisa partam do próprio campo e não de seus *aprioris*.

Nessa mesma direção, a brasileira Amanda Caitité (2016) descreve a ciência no feminino como aquela que não ambiciona se tornar hegemônica, uma vez que é em si mesma aberta a invenções. Para ela,

O feminino diz mais sobre a conexão, a parceria e a disposição para deixar o mundo agir e surpreender. É não partir de problemas formulados de antemão e aprender com o outro que questões importam. Em uma ciência no feminino, os diferentes saberes, as diferentes expertises em campo são materiais tomados em sua singularidade. (CAITITÉ, 2016, p. 46).

2.1 COMpondo campos de pesquisa

Ao nos referirmos a campo, trazemos aqui uma multiplicidade de sentidos. Considerando que uma parte do meu campo foi feita no campo, temos uma duplicidade aqui. **Campo ligado ao campesino**, às ruralidades, que tem sido nosso território de vivências nessa pesquisa e que envolve todos os encontros com as mais diversas actantes: terra, relações, território, pessoas, sensações, plantas, alimentos etc. **Campo de pesquisa**, como sendo nosso território de investigação e aprendizado, lugar de fazerCOM, como descreve Márcia Moraes (2008, p. 46): “campo é um coletivo que articula humanos e não humanos, coletivo híbrido,

mestiço, múltiplo no qual o que está em questão são as conexões e os efeitos que elas produzem”. Propositamente o termo campo não será explicado cada vez que aparecer nesse texto, pois consideramos que *nosso campo é o campo* e qualquer tentativa de separá-los e distingui-los seria injusta e artificial

Sobre a relação com o campo, Agostinho Oliveira e Samira Araújo (2015) analisam criticamente o ideal comum de ciência composto por uma cientista desinteressada que deixa entidades completamente mudas e não-interferidas desenvolverem automaticamente sequências de comportamentos que, por sua vez, são hermeticamente dissecados e analisados. Essa seria a receita certa para o desastre: uma cientista desinteressada que se abstém de interferir em entidades desinteressadas produzirá articulações totalmente desinteressantes.

Bruno Latour (2016) nos encaminha para outra direção: a do interesse, ou **inter-esse**, algo que está entre duas “coisas”, que podem ser humanas ou não-humanas e que desperta nosso interessamento conforme os encontros vão acontecendo e produzindo afetos que insistem em atravessar e afetar nossos corpos. Márcia Moraes (2008) segue adiante, afirmando que “pesquisar é engajar-se num coletivo, é interessar-se pelo que interessa ao outro, deixar-se afetar pelo que afeta ao outro” (p. 47).

É nesse interessamento que apostamos e o qual seguimos nesse percurso metodológico. Imersas no campo, nossos corpos têm entrado em COMposição com vários outros corpos actantes: pessoas, lugares, relações, sensações, etc., as quais não necessariamente se conhecerão, mas poderão atuar umas sobre as outras mediadas pelo corpo em movimento de uma pesquisadora que se move o tempo todo entre essas actantes. Elas entrarão em COMposição a partir das mãos da pesquisadora que assumirá a função de artesã, como descreve o brasileiro Ronald Arendt (2016), transformando matéria-prima em outras. Nesse caso, como uma função agricultora, que prepara a terra e nela lança variadas sementes e segue regando, cuidando e sabendo que cada uma germinará no seu tempo e da sua forma.

Seguiremos essa direção política, pensando a COMposição das actantes do nosso campo como um sistema em que elas existem de forma colaborativa e sustentável, simétrica, sem hierarquias de poder e onde cada presença é essencial para a feitura de um todo que é único e ao mesmo tempo mutável a cada encontro. Uma espécie de bricolagem na qual as peças não estão coladas, fixadas permanentemente. Elas se deslocam como os grãos de areia do deserto, criando formas e cenários os mais diversos.

O estadunidense Joe Kincheloe e a também estadunidense Kathleen Berry (2007) formularam uma conceituação sobre a bricolagem que tem implicações filosóficas, políticas,

pedagógicas. Para elas, a relação entre a pesquisadora enquanto *bricoleur* e seu campo de pesquisa é imprevisível e complexa, portanto,

[...] essas condições descartam a prática de planejar antecipadamente as estratégias de pesquisa. Em lugar desse tipo de racionalização do processo, os bricoleurs ingressam no ato de pesquisa como negociadores metodológicos (KINCHELOE; BERRY, 2007, p. 17).

Nesse sentido, o conhecimento produzido com a bricolagem é experimental e não nega a subjetividade da pesquisadora, bem como seu papel ativo na construção das conexões entre as actantes envolvidas. Serão diversas actantes dialogando. Não é ficção, não é inventado. É criação a partir de uma política de escrita performada nas relações com o campo enquanto testemunha, no sentido atribuído pela belga Isabelle Stengers (1990, p. 84):

[...] empregarei o termo 'testemunha', pois contrariamente ao termo objeto, não há diferença entre as ciências que tratam de seres falantes, ou as que tratam de seres que não falam. A ciência faz falar sujeitos. O essencial aqui será o 'fazer falar': os objetos e sujeitos devem dar testemunho da legitimidade da maneira pela qual os fazem falar. As controvérsias científicas têm como problema a legitimidade desses testemunhos (controvérsias experimentais) e o seu alcance (controvérsias teóricas ou conceituais).

Essas actantes nos farão falar e escrever versões performadas no-pelo nosso encontro. Serão criadas, a partir daí, narrativas tridimensionais, em alto e baixo relevo, com muitas formas e nuances, fertilizadas especialmente pelas histórias e repertórios de vida. Como nos ensina Márcia Moraes (2010), a pesquisa pode ser uma prática performativa se nos propusermos a “acompanhar este processo em ação, se fazendo na prática cotidiana daquelas pessoas que o vivenciam” (p. 42).

Nesse sentido, não buscamos modelos, não ambicionamos generalizações. Aproximar-nos da história de uma pessoa, de várias pessoas, faz despertar uma nuvem de poeira gigante de sensações ou uma micro e fugaz sensação, que pulsa rapidamente em nosso corpo e se desfaz, ou melhor, vai pro mundo e ficamos tentando revivê-la, em vão. A vida vale, uma vida vale e ela pode sim nos ajudar a aproximar-nos (não necessariamente compreender) de outras vidas. Se algo nos aproxima de outras vidas, isso tem potência. A holandesa Annemarie Mol já nos disse que “bons estudos de caso inspiram teorias, dão forma a ideias e alteram concepções. [...] estudos de caso aumentam nossa sensibilidade” (MOL, 2008, p. 10-11, tradução nossa).

Seguindo a intencionalidade da bricolagem, é importante salientar que não buscamos traduzir todos os efeitos dos encontros com essas actantes em palavras. Os efeitos estão vindo nas suas mais variadas formas. Bruno Latour (2001), em seu texto *A Esperança de Pandora*, questionou: “como condicionamos o mundo em palavras?” (p. 39). Seria possível isso?

Utilizando sua ideia de referência circulante, estamos fazendo bricolagem com todo elemento que se faz presente e atuante no campo, ou seja, que exerce sua agência, transformando-se em actante. Para ele, no nosso percurso de criação, estamos o tempo todo escolhendo referências do que temos acompanhado nas nossas errâncias. Fragmentos que têm servido como referência – do latim *referre*, trazer de volta – de momentos, situações, histórias, trazendo de volta perceptos e afectos que foram produzidos no momento do encontro e que se refazem quando catalisam outros encontros, a cada vez que são vistos e/ou lidos. Sobre isso, Bruno Latour (2001) escreve:

Estamos longe ou perto da floresta? Perto, pois ela pode ser encontrada aqui, na coleção.. A floresta inteira? Não. Nem formigas, nem aranhas, nem árvores, nem solo, nem vermes, nem os bugios cujos guinchos podem ser ouvidos a quilômetros de distância estão presentes. **Apenas aqueles poucos espécimes representantes que interessam à botânica entraram para a coleção.** (p. 50, grifo nosso).

Temos, portanto, a consciência de que escolhemos o que mostramos. Essa escolha não é neutra, mas deve ser ética, no sentido de mostrarmos aquilo que o campo afetiva e efetivamente produz e questiona em nós, e não aquilo que queremos *a priori* que ele nos afirme. Bruno Latour (2001) continua nos conduzindo nessa ética e política de escrita ao alertar que não se trafega diretamente do referente para o signo, dos objetos e situações para sua representação, mas sempre ao longo de um arriscado caminho intermediário, construído a partir de várias camadas.

Camadas. Trabalhamos com elas. No campo, nos diários, na escrita do texto em suas várias fases. O convite, agora, é para começarmos uma excursão / incursão de forma rizomática, com múltiplas conexões, espalhada nos nossos diversos campos de pesquisa, passando de um a outro conforme a escrita for pedindo, chamando, convocando.

2. 2 Desbravando o campo

Nosso campo vem acontecendo em vários espaços-tempo. Não digo que eles aconteceram porque não terminamos com eles, especialmente os que fazem parte do cotidiano de trabalho na universidade. Pesquisamos de dentro. Pesquisamos aquilo que fazemos e nos faz-fazer. Só consideramos o texto acabado tomando como limite o tempo do doutorado, mas ele segue em feitura. Bruno Latour já havia nos ensinado isso no diálogo com um doutorando

que lhe procurou para saber como terminar sua tese, dentre outras questões sobre a TAR. Para ele, um texto acaba quando tem que acabar, seja pelo tempo que se tem, pelo tamanho que se precisa ter ou outras questões objetivas: o texto “é o equivalente funcional de um laboratório. É lugar para testes, experimentos e simulações” (LATOURE, 2012, p. 216) e esse processo não tem um fim, ele é finalizado quando precisa ser.

Pois bem, do sertão, que seria nosso primeiro campo de pesquisa, migramos para o Recôncavo da Bahia, território de transição entre o clima semiárido e tropical úmido, que vai se acercando da belíssima e conhecida Baía de Todos os Santos. No encontro com o mar, de repente cruzamos o oceano Atlântico e fomos parar no inverno francês, indo ao encontro de pessoas em situação de migração e refúgio. Mas vamos aos poucos, sem correria...

Para quem não conhece a Baía de Todos os Santos, sugiro um passeio por lá, nem que seja virtualmente (por enquanto).

Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor salmão.

Como mencionado anteriormente, no meio do doutorado fui convocada a ocupar, também, outro lugar no mundo, especificamente no Recôncavo baiano, no papel de docente no Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFRB. Essa instituição tem uma história de proximidade com as questões rurais e de comunidades tradicionais. Atualmente várias ações vêm sendo desenvolvidas no sentido de aproximar essa universidade dos contextos de ruralidades: projetos de extensão, residência médica, construção de proposta de residência multiprofissional, internato em saúde mental e saúde coletiva e da família com vivências em áreas rurais, além de várias outras iniciativas menos ou mais institucionalizadas.

Nesse sentido, nosso campo de pesquisa com as ruralidades tem sido performado junto às atividades que estou inserida mais de perto, que são:

- 1) Projeto de Extensão “Saúde do Campo em áreas de Reforma Agrária”, no qual atuo acompanhando atividades de assentamentos rurais nas regiões baianas do Recôncavo e Baixo Sul, participando periodicamente de atividades que fazem parte da rotina dos assentamentos, além do desenvolvimento de atividades de cuidado e promoção da saúde, juntamente com estudantes dos cursos de Psicologia, Enfermagem, Nutrição e Medicina;
- 2) Internato Saúde Mental em Redes, fazendo parte do quadro permanente de docentes, realizando práticas de cuidado em saúde mental juntamente com estudantes internas de medicina. Parte do público atendido vive em contexto rural.

- 3) Internato em Saúde da Família e Coletiva, que tem vivência em áreas de assentamentos rurais, do qual participo acompanhando e realizando algumas práticas de cuidado em saúde mental e aprendendo tantas outras.

Como contei antes, um grande deslocamento que aconteceu durante o doutorado foi a inclusão de mais um campo. Fui para a França, realizar meu doutorado-sanduíche, com o objetivo de pesquisar práticas inventivas de produção de vida e de saúde mental em contextos de migração, buscando conhecer modos de existir performados por pessoas em situação de migração na França. A metodologia proposta era a realização de oficinas com essas pessoas, seguindo a proposta que já vinha sendo realizada em algumas edições do Projeto Vidas Paralelas Migrantes (PVP - Migrantes).

Este é um projeto muito grande, que abarca muitas pesquisadoras, com objetivos de pesquisa diferentes, metodologias que vão do quantitativo ao qualitativo, da revisões sistemáticas ao trabalho de campo empírico (SEVERO *et al.*, 2020; HOEFEL; OLIVEIRA; BRUM; ANDRADE, 2020; SEVERO; WASHINGTON, 2019; AYRES *et al.*, 2018; HOEFEL, 2016). Aqui falaremos mais diretamente das vertentes que compusemos nesse período. Na França, pude trabalhar inicialmente com outras duas pesquisadoras brasileiras, da Universidade de Brasília (UnB): Janaína Salles, que estava no doutorado sanduíche, assim como eu, e Denise Severo, que estava em seu pós-doutorado. Posteriormente, tivemos também a presença da coordenadora do projeto, a professora Graça Hoeffel, que esteve em missão de trabalho ainda no período em que eu estava lá.

Quando cheguei à França, Denise e Janaína já haviam pactuado a realização de oficinas com estudantes migrantes da Universidade Paris XIII, instituição a qual também estávamos ligadas enquanto estudantes-pesquisadoras. Realizamos a primeira oficina e, logo em seguida, a França entrou em uma grande greve nacional iniciada em cinco de dezembro de 2019, lutando contra as propostas de reforma da previdência, o que mobilizou todos os setores da sociedade, e de forma muito marcante a educação e o transporte (AYUSO, 2019). Após esse período, o calendário universitário ficou bastante conturbado, juntando com o recesso do fim de ano. Com a volta às aulas, não mais conseguimos articular a continuação das oficinas com estudantes migrantes. Enquanto isso, estávamos circulando pelos eventos na área, fazendo contato com coletivos, associações, conhecendo outras migrantes, estudantes, pesquisadoras, etc.

Foi nesse movimento que conheci, pela indicação de uma amiga brasileira, que também estava estudando em Paris, o grupo Papo de Mulher, formado por mulheres brasileiras vivendo na França, que começaram a se encontrar mensalmente para uma roda de conversa que costuma

acontecer em algum bar, seguida de um show com música brasileira, pois uma das fundadoras desse grupo é artista e compõe o grupo Parioká¹³.

Comecei a participar dos encontros do Papo de Mulher e, a partir disso, conheci outro grupo formado por mulheres brasileiras, o Matriarcado, que se reúne de forma mais intimista e com o objetivo de discutir questões relacionadas ao feminismo. Quero salientar que minha aproximação desses dois grupos se deu em um contexto mais pessoal, pois me sentia sozinha, estava passando por aquele inverno solitário pela primeira vez e encontrar e conversar com mulheres brasileiras era uma grande alegria e acolhimento naquele momento.

No entanto, como o corpo-pesquisadora não se separa do corpo-mulher, logo me veio a ideia de que elas poderiam compor a pesquisa, pois eram migrantes. Essa ideia foi sendo adubada em mim com muita empolgação, até que compartilhei com as outras pesquisadoras do grupo e elas acolheram a ideia. Apresentei a proposta para algumas das participantes dos dois grupos e estávamos com uma primeira oficina agendada para a segunda quinzena de março de 2020, quando veio a pandemia de COVID-19 e, em 17 de março, todas estávamos cumprindo medidas de segurança, isoladas em casa. Segunda grande frustração na pesquisa, desta vez associada a vários outros sentimentos que foram sendo produzidos junto com a pandemia, como fui registrando nos meus diários de campo.

A retirância se faz no abrir-se para o novo
e ativar no corpo o caminho a seguir.
Tereza Bredariol (03/12/20)

Fonte: BREDARIOL, 2020.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor rosa.

Paris, 17 de março de 2020.

A luz do sol de quase primavera entra pela grande janela à frente da minha cama e me desperta. Começa o primeiro dia de confinamento compulsório na França. Para ser mais exata, o confinamento começa ao meio-dia, mas isso é apenas tecnicamente, pois a sensação já está em mim. Desde ontem, ao saber da probabilidade disso acontecer e, depois, com a confirmação da notícia, tenho pensado em como viver esses dias. Amigas do Brasil e de outros lugares do mundo compartilhando memes e vídeos engraçados com ideias para passar o tempo, incluindo vídeos com meditação, exercícios físicos, brincadeiras e outras coisas engraçadas. Escrevi isso ainda na cama, pegando o computador que tava aqui do lado. Pausa. Vou levantar agora e dar início a este dia.

[...]

Voltando agora, depois de alguns experimentos neste dia, que parece que tem muitas horas pra passar, mas, ao mesmo tempo, poucas horas pra escrever (a tese, no caso...rs).

[...]

¹³ Para saber mais sobre o grupo, acesse: <https://www.facebook.com/pariokasamba>.

Hoje pela manhã eu escrevi nos azulejos do meu banheiro, que já são acostumados com minhas escritas-expressões, o seguinte: “Confinamento”, acompanhado de um tracinho. Parece ficção. Filme. “Viver esse momento histórico”. O que significará isso em alguns dias?
(BRITO, 2021).

E aí, como seguir? Muitas incertezas na vida, além daquelas com as quais já lidamos no âmbito da pesquisa. Fiquei um momento quieta, como uma semente guardada na terra, sendo regada e adubada, lidando com questões como: ficar ou não na França, adiantar a volta ou pedir prorrogação do período sanduíche?

Nesse período, em meio à impossibilidade do encontro presencial com elas e a emergência com uma intensidade ainda maior do que já estávamos acostumadas do uso das mais variadas plataformas digitais e aplicativos que possibilitam encontros virtuais, realizamos entrevistas individuais com as brasileiras que participariam das oficinas. Os encontros coletivos e presenciais se transformaram em conversas uma-a-uma mediadas pelo *WhatsApp*, um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*.

Decidimos utilizar esse recurso apenas com a troca de áudios para tornar mais acessível, uma vez que a chamada de vídeo requer uma conexão de maior qualidade e estabilidade. Também era uma forma delas ficarem mais à vontade, sem a tensão de estar diante de uma câmera.

A solidão e isolamento social da pandemia foram, assim, povoados pelos encontros com essas mulheres. Onze encontros para ser mais exata. Onze mulheres que se multiplicaram em muitas histórias, como acompanharemos mais à frente.

Após o período das entrevistas, novamente o silêncio...

Durante alguns dias de quietude, apenas recebendo os nutrientes da terra até ter forças para fazer brotar um raminho verde rasgando lentamente o solo, revisitei alguns escritos do campo feito no Brasil. De repente, eu estava de volta à Bahia, mais especificamente na Chapada Diamantina, convocada pela memória-força da terra.

3 O QUE A TERRA-TÓRIO TEM NOS ENSINADO

Desde o início, acreditava que em meu objetivo de pesquisa precisava focar na produção de vida. Esse desejo-intenção estava relacionado à ideia de não me restringir a práticas de cuidado em saúde mental, pois essa expressão poderia ser rapidamente associada a práticas de profissionais. O que eu sempre quis foi conhecer as práticas de vida, os modos de viver de cada pessoa “especializada” em sua própria vida e não na de outras pessoas.

Estando duplamente no campo, compreendi que a expressão produzir vida tem um sentido muito mais ampliado. Grande parte das pessoas que tenho acompanhado produzem vida com seus próprios corpos: a vida dos alimentos, dos animais, suas próprias vidas, direta e indiretamente.

Uma das primeiras experiências que vem compor esse campo aconteceu em um contexto rural na Chapada Diamantina, por ocasião da realização de uma atividade do Internato Saúde Mental em Redes, que também foi oficializada através do Projeto de Extensão “Trilhas e Rumos: saúde mental no caminho das medicinas tradicionais, complementares e integrativas (MTCI)”.

A terceira turma do rodízio¹⁴ do Internato Saúde Mental em Redes demonstrou bastante interesse pelas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) e sua utilização no cuidado em saúde mental. Desse envolvimento, surgiu a ideia de nos aproximarmos ainda mais dessas práticas, fazendo uma imersão nelas, o que aconteceu no território da Chapada Diamantina, mais especificamente em uma Unidade de Saúde da Família (USF) no Vale do Capão, zona rural do distrito de Caeté-Açu, município de Palmeiras/BA. Para nos localizarmos, vamos acompanhar os mapas abaixo:

¹⁴ Durante os dois últimos anos da graduação em medicina, as estudantes fazem seu estágio curricular, denominado de internato. Cada turma permanece por 16 semanas em cada um dos seis rodízios que compõem esse período (saúde mental, clínica médica, cirurgia, ginecologia e obstetrícia, pediatria, saúde da família e coletiva).

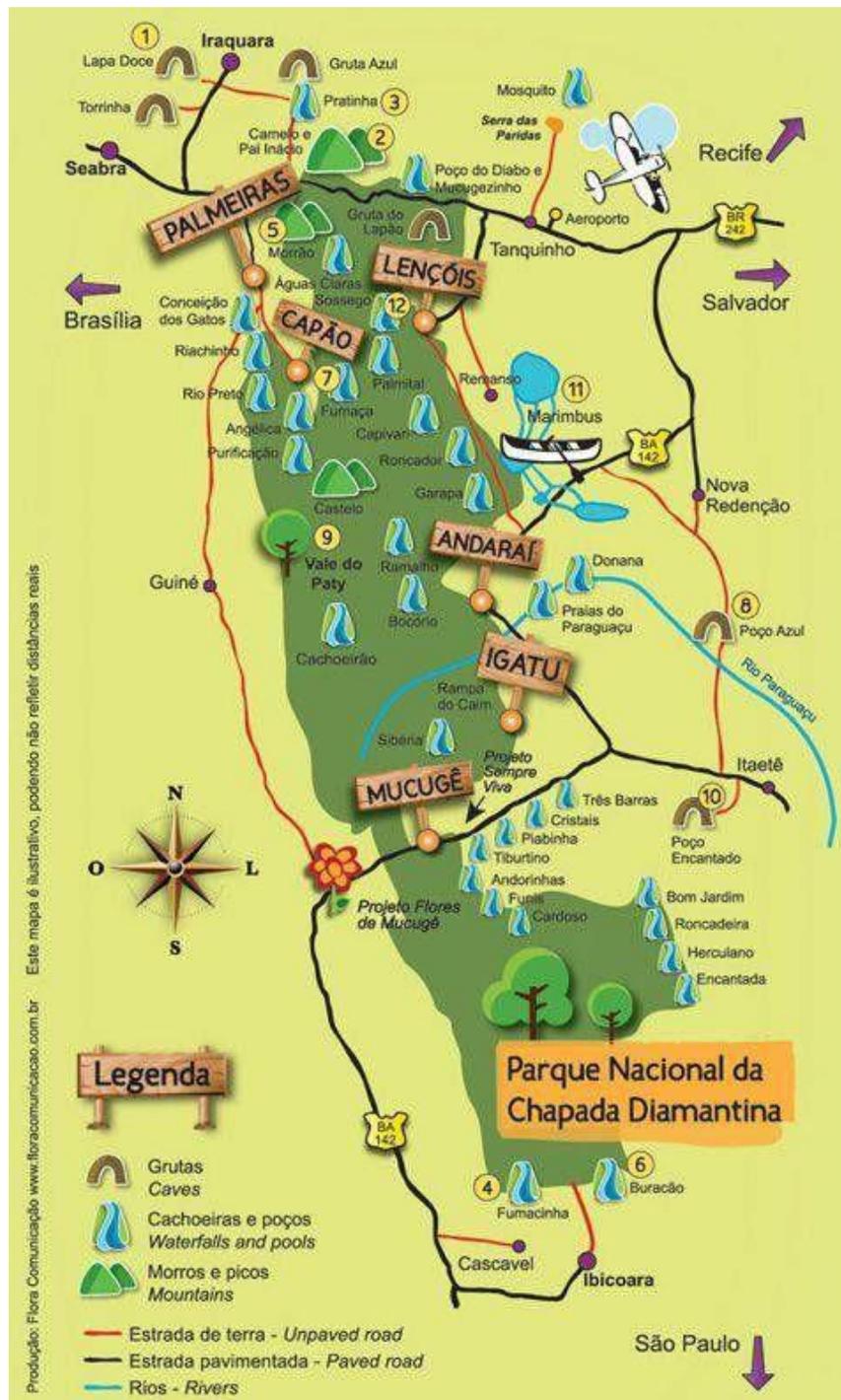
Figura 4 – Mapa da Bahia



Fonte: GUIA, 2021.

Descrição da imagem: mapa da Bahia em cor creme sobre fundo cinza claro, dividido em suas regiões, com destaque para a Chapada Diamantina, em azul claro e, dentro dela, em verde, o Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Figura 5 – Mapa do Parque Nacional da Chapada Diamantina



Fonte: CHAPADA DIAMANTINA, 2021.

Descrição da imagem: mapa em verde escuro do Parque Nacional da Chapada Diamantina, sobre fundo de cor verde claro, destacando os municípios de Palmeiras, Lençóis, Capão, Andaraí, Igatu e Mucugê. O mapa é estilizado e apresenta figuras de cachoeiras, canoas e árvores nos locais onde há predominância desses elementos.

Caetê-açu é um termo de origem tupi que significa "mata verdadeira grande", pela junção dos termos *ka'a* ("mata"), *eté* ("verdadeiro") e *gûasu* ("grande") (CONHEÇO UM LUGAR, 2015). O Vale do Capão é um destino turístico muito conhecido na Chapada

Diamantina, mas não apenas isso. É uma espécie de retiro e reduto das mais diversas práticas relacionadas à natureza e aos saberes tradicionais. Existe uma vila que concentra o comércio local. No centro dela há uma área de convivência, com um quiosque onde acontecem shows, apresentações diversas, aulas de capoeira e a feira local, em dois dias da semana. As lojas e restaurantes ficam no entorno. Tudo é muito colorido, chamativo. Cores, cheiros, sons, tudo isso circulando o dia todo e boa parte da noite pelas ruas de paralelepípedo da Vila. Saindo do centro, estradas de terra e muita poeira que levam a pousadas e *campings*, por onde circulam pessoas durante dia e noite, em número enormemente maior durante feriados e fins de semana. Foi nesse cenário que vivemos durante umsemana oficinas de Quiropraxia, PICS na gestação e puerpério, Chi Kung e *Thetahealing*¹⁵. Além disso, realizamos uma oficina sobre Atenção à Crise com a equipe da USF Caeté-Açu.

Ao iniciar o processo de negociação e construção da programação daquela semana de imersão, nos foi solicitado pela enfermeira e gerente da USF um momento formativo para a equipe, cujo tema seria “intervenções medicamentosas na crise”, algo bem específico e que nos fez refletir bastante.

Em um dos momentos de compartilhamento dessa demanda com as estudantes, quando já planejávamos como realizar essa atividade, foi ponderado que talvez aquela “encomenda” tão específica e restritiva tivesse vindo naquele formato pelo fato delas serem estudantes de medicina, mas que não precisaríamos nos limitar àquilo. A formação em saúde mental que estávamos construindo naquele internato buscava seguir por caminhos não hegemônicos, ampliando a perspectiva de atuação médica diante das demandas de saúde mental.

Inicialmente foram escolhidos alguns materiais para estudo e fomos compondo a oficina “Atenção à Crise”. Perguntávamo-nos sempre se conseguiríamos alcançar a expectativa da equipe, uma vez que estávamos planejando algo bem diferente do que nos haviam encomendado. Preparamos fluxogramas com abordagem no momento de crise, narrativa de um caso real (a história de Luiza – nome fictício – de uma mulher atendida por duas estudantes durante o internato), encenação da narrativa, diálogo com músicas, momentos de trabalho em minigrupos para construção do Projeto Terapêutico Singular (PTS)¹⁶, etc. Estávamos bem

¹⁵ Colocamos uma nota de rodapé explicando essas práticas de cuidado da Medicina Tradicional Chinesa, mas ela ficou enorme e, ainda assim, incompleta. Reconhecendo a limitação do nosso alcance, sugerimos que vocês pesquisem sobre as práticas que lhe chamem atenção, pois elas são incrivelmente potentes!

¹⁶ Existem várias definições para PTS, as quais giram em torno de algumas premissas: ele é um instrumento que serve como guia para o cuidado, devendo ser construído com a participação da equipe de profissionais, família e da própria usuária. Nele aparecem as demandas e estratégias de cuidado, pessoas envolvidas, desenho da rede de apoio, além de planos para possíveis situações de crise, por exemplo (MERHY, 1998; OLIVEIRA, 2008; MORORÓ, 2010; BARROS, 2010; BOCCARDO; ZANE; RODRIGUES; MÂNGIA, 2011; CARVALHO; MOREIRA; RÉZIO; TEIXEIRA, 2012).

afinadas e desejosas de cumprir nossa missão. Ensaíamos pelas ruas do Capão, fizemos reunião na praça, e fomos ocupando as estradas de terra com nossas encenações, conversas e partilhas sempre muito animadas.

Enfim havia chegado o dia. Todas nós estávamos preparadas, algumas mais ansiosas que outras, mas começou! A narrativa foi encenada e a emoção tomou conta de toda a equipe. A emoção da equipe tomou conta de nós... E estava apenas começando!

A cena começou com os dois estudantes homens do grupo caminhando um em direção ao outro, ao som da música “sweet dreams” (doces sonhos) (LENNOX; STEWART, 1983). Ao ficarem próximos, um de frente para o outro, começaram a fazer gestos espelhados, em uma tentativa de reconhecimento de seu reflexo, primeiramente de forma lenta e aumentando a intensidade conforme a música também mudava, ficando mais agitada e com tons mais altos. Esse primeiro ato termina com os dois tocando suas mãos, em uma espécie de descoberta que não são apenas reflexo um do outro, mas duas pessoas diferentes, existentes, reais.

No segundo ato, um dos estudantes permanece no centro, interpretando corporalmente a música “O que será que será”, de Chico Buarque de Holanda, interpretada por Zélia Duncan, enquanto o outro estudante caminha pelo espaço olhando nos olhos das pessoas que estão ao redor e repetindo a voz cantada de Zélia. Vinha a voz dela, e ele, como em eco, repetia suas palavras...

O Que Será (À Flor da Pele)
Chico Buarque

O que será que me dá
Que me bole por dentro, será que me dá
Que brota à flor da pele, será que me dá
E que me sobe às faces e me faz corar
E que me salta aos olhos a me atraíçoar
E que me aperta o peito e me faz confessar
O que não tem mais jeito de dissimular
E que nem é direito ninguém recusar
E que me faz mendigo, me faz suplicar
O que não tem medida, nem nunca terá
O que não tem remédio, nem nunca terá
O que não tem receita

O que será que será
Que dá dentro da gente e que não devia
Que desacata a gente, que é revelia
Que é feito uma aguardente que não sacia
Que é feito estar doente de uma folia
Que nem dez mandamentos vão conciliar
Nem todos os unguentos vão aliviar
Nem todos os quebrantos, toda alquimia
E nem todos os santos, será que será
O que não tem descanso, nem nunca terá

O que não tem cansaço, nem nunca terá
O que não tem limite

O que será que me dá
Que me queima por dentro, será que me dá
Que me perturba o sono, será que me dá
Que todos os tremores me vêm agitar
Que todos os ardores me vêm atiçar
Que todos os suores me vêm encharcar
Que todos os meus nervos estão a rogar
Que todos os meus órgãos estão a clamar
E uma aflição medonha me faz implorar
O que não tem vergonha, nem nunca terá
O que não tem governo, nem nunca terá
O que não tem juízo
(BUARQUE, 1976).

Pausa. Aplausos. Silêncio. Terceiro ato.

O terceiro ato é composto pelas seis estudantes e duas professoras do grupo, que encarnam simbolicamente o papel de Luiza e, uma a uma, vão trazendo trechos da narrativa abaixo, produzida pelas duas estudantes que acompanharam Luiza durante o internato de Saúde Mental, a partir dos próprios relatos dela:

O Retrato da Loucura?

Do que falam? Ah, falam de tudo!
Ouço diariamente conselhos sobre a vida, a família, avisos de morte, conselhos sobre mim e o que devo fazer.
A verdade é que ao mesmo tempo que eu ando acompanhada, eu ando muito só.
A vizinhança tem medo de mim, ninguém encosta.
Será possível que ninguém mais ouve?
Será que me chamam de louca?
Eu sou louca, meninas?
E nesse turbilhão de conversas e sentimentos, eu me desmancho, me perco de mim, grito para o mundo o que eu nem sei dizer, tiro a roupa, me mordo, me belisco, me bato, me arranho, eu me desfaço por inteiro, na tentativa de encontrar quem eu realmente sou!
Eu olho para cima e vejo tudo desabando.
E não é só a vida que cai duramente em cima de mim.
Tudo agora está desmoronando! Não tenho mais para onde ir, já não há onde me esconder!
O telhado desmorona lentamente, eu grito de desespero, quero proteger minha família, não quero ver ninguém mais morrendo.
Mas eles não acreditam! Até minha família?
Eles não me ouvem...
Será possível que ninguém mais vê?
Será que acham que eu sou louca?
E se eu for mesmo louca?
Eu sou louca, meninas?
Me sinto inútil, triste, nervosa, me sinto morta! Morta, indigente, miserável!
Eu já não sou mais eu!
Já não sou mulher, meu marido já não me procura mais!
Já não sou mais mãe, agora são meus filhos que cuidam de mim!
Não me deixam sair na rua, já não posso ir à igreja, mas apesar disso, a voz da pastora doce e gentil me acompanha por todo canto da casa, me dando bons conselhos.

Quem me dera se fosse só nós duas conversando. Mas eu não ando só, nem ando em dupla, eu ando acompanhada, eu ando carregada, eu ando com uma multidão em mim. Será possível que ninguém mais ouve?
 Será que acham que eu sou louca?
 E se eu for mesmo louca?
 Eu sou louca, meninas?
 Quem eu sou?
 Eu sou a mulher que tem um rabo entre as pernas, eu sou a mulher que ninguém quer ver, ninguém quer ter, ninguém quer entender!
 Eu preciso falar ainda da dor, da dor de não me reconhecer, de não saber quem sou, da dor de ser acorrentada, amordaçada, internada, jogada aos loucos... Ou seria aos outros loucos?
 Hoje não ouço mais vozes, retomei as pazes com a minha família, mas as marcas ficaram e sempre me pego triste lembrando do meu suposto retrato de loucura.
 Será que sou mesmo louca?
 Eu sou louca, meninas?
 (BRITO, 2021).

Fim.

Após a encenação-vivência da narrativa, lágrimas, aplausos. Aquela história aquela vida estava ali, encarnada em todas nós!

Quando nos organizamos em dois grupos para construir o PTS, havia entre nós duas Luizas. Cada uma das estudantes que havia atendido Luiza, encarnou-a e Luiza, simbolicamente, participou da construção de seu PTS, juntamente com a equipe. No grupo que participei, havia, além do nosso grupo da UFRB, internas de Saúde da Família da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), uma Técnica de Enfermagem e uma Auxiliar de Serviços Gerais. As indicações delas vieram confirmar a importância das peculiaridades daquele território no cuidado com seus habitantes. A ACS relatou que indicaria logo um banho de cachoeira, pois já havia visto mulheres com depressão se beneficiarem desse recurso, bem como andar pelo mato, fazer trilha, etc. E essas sugestões não eram expressão de um não saber, de um desconhecer outras estratégias, como alguém “da academia” poderia rapidamente supor, mas de um saber implicado, territorializado, o saber da experiência.

Essas recomendações nos fazem refletir sobre como o cuidado é pensado em sintonia com os recursos naturais disponíveis ali. Não apenas nesta, mas em várias falas, ficava explícita a importância da conexão com as actantes que estão ali, naquela territorialidade e que são elementos fundamentais na produção de vida. A ACS complementou em sua fala que ela própria usa esses recursos para cuidar de si e que isso faz parte da vida das pessoas que vivem ali.

Lembrando e pensando sobre e com a fala dela, fui me dando conta que, ao recomendar o contato com a natureza como cuidado em uma situação de crise e também citá-lo como

cuidado próprio cotidiano, ela enfatiza o comum e não a diferença entre ela e a mulher em crise, entre o cotidiano e a crise. Em outros contextos, percebo essas diferenças sendo ressaltadas quase que de forma abissal, como se a loucura, o sofrimento psíquico grave fosse uma experiência que está ou que deveria estar distante do nosso cotidiano normalizado.

Uma peculiaridade dessa equipe é que ela utiliza bastante as PICS. O médico que compõe essa equipe, que já vive há 35 anos naquela região, é um naturopata que, juntamente com toda a equipe, aposta e utiliza o conhecimento da Medicina Tradicional Chinesa para o cuidado daquela comunidade, bem como os saberes tradicionais locais, especialmente a fitoterapia. Pudemos vê-lo sair de seu consultório, durante um atendimento, e ir até o horto medicinal, que fica na própria USF para colher ervas e entregar à mulher atendida por ele naquele momento.

Uma das ACS produziu, com o apoio da equipe, um livro-catálogo com as principais ervas utilizadas na região para o cuidado da saúde. No momento dos dois grupos compartilharem os PTS's construídos, a auxiliar administrativa, que atua na recepção da Unidade de Saúde, relatou vários casos de pessoas em sofrimento psíquico que foram acolhidas no próprio serviço ou em outros espaços da comunidade e que a fala e a escuta foram os principais recursos utilizados, além de estratégias como o uso de faixa úmida, banhos de assento e banhos com ervas, uso de fitoterápicos, etc.

Na fala dela e de outras pessoas, esses recursos aparecem de forma bastante natural como práticas de cuidado em saúde mental, mas não só mental. As falas estavam atravessadas pela ideia da integralidade do cuidado, da pessoa em sua complexidade e integralidade.

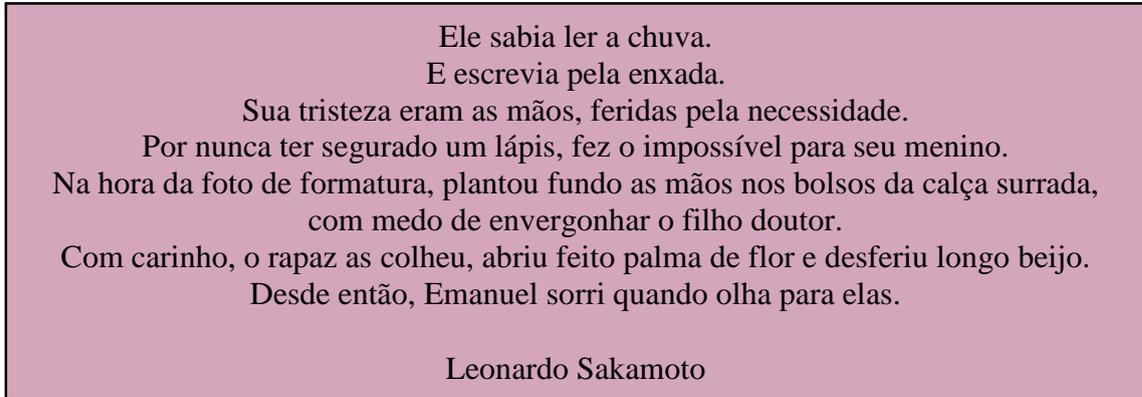
Em outra oportunidade, conversando com Jacira, uma das ACS, sobre aquele momento de discussão de caso, ela afirmou que “quando cuidamos do corpo, quando a pessoa sente bem, sem dores, ela também tá cuidando da saúde mental, não tem como separar uma coisa da outra não. Se eu tô com dor na coluna, como que vou ficar feliz? Se eu tô triste, com raiva, e vou fazer uma caminhada, escutar a natureza, conversar com ela, isso ajuda e muito!”

Aquela manhã de sexta-feira veio para nos mostrar e nos fazer acreditar que todos aqueles recursos sobre os quais falamos em sala de aula não são meras utopias. Aquela equipe nos mostrou que, por si própria, desenvolveu sua forma de cuidar não medicalizada. Buscando nos saberes tradicionais, nas práticas de curandeiras da região, nos ensinamentos de várias pessoas que passam por aquele lugar, aquela equipe nos mostrou que sabe lidar com a crise em articulação com os recursos do território. Com isso, nos ensinou muito. As estudantes (não só elas) ficaram encantadas com a possibilidade de conhecer, segundo suas palavras, “um SUS

real e concreto”, cheio de dificuldades, mas que consegue lidar com elas no dia a dia, utilizando os recursos que estão ali, à disposição.

Mas não acabou aqui. Tivemos outra experiência extremamente marcante, que reverbera em meu corpo até os dias atuais, especialmente nos momentos em que a educação-formação é posta em pauta.

4 PENSANDO A COMFORMAÇÃO



Fonte: SAKAMOTO, 2011, não paginado.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor lilás.

Em um dos nossos momentos com Bento, fomos até sua casa, na carroceria de madeira de uma C10 utilizada para coletar materiais recicláveis e que nós fretamos para nos levar até lá. Passávamos pela estrada e a poeira subia. As pessoas que caminhavam viravam-se de costas e cobriam o rosto para se proteger. Era um pó fino que subia e deixava-nos empanados com aquela leve cobertura.

Chegamos com 30 minutos de antecedência, pois já tínhamos sido alertados sobre seu compromisso com o horário. Ao chegarmos lá, fomos recebidas pela mulher responsável por cuidar da casa, que nos informou que ele ainda estava descansando. Aguardamos no local que alguém poderia chamar de jardim, mas era uma espécie de floresta, pois havia muitas árvores, de todos os tamanhos, além das flores...

Bento logo veio nos receber e nos convidou para entrar na casa principal, onde ele vive. Isso porque existe outra casa para receber visitas, geralmente estudantes que vão até lá conhecer seu trabalho.

Tiramos os calçados **empoeirados** e entramos com os também **empoeirados** pés e pernas. Ele nos convidou para conhecer sua casa, que mais parecia um ateliê de arte. Ele pinta e tem várias obras espalhadas pelas paredes, além das próprias paredes e portas pintadas. A primeira parada foi uma biblioteca semipública, segundo ele, que está aberta para estudantes durante o período em que estão no Capão. Ele foi nos apresentando as prateleiras e a primeira estava com as obras de Shakespeare:

[...] essa é a primeira prateleira que indico aos estudantes que vêm aqui; tem livros de Shakespeare e outros, porque pra mim não se pode aprender a cuidar sem pelo menos

começar a buscar compreender a existência humana, o que se faz pela via da arte.
(FALA DE BENTO - DIÁRIO DE CAMPO).

Mostrou outras obras literárias e livros de poesia-humor, todos fazendo parte da leitura básica de formação médica segundo seu entendimento. Também havia livros de naturopatia, obstetrícia e outros em meio às prateleiras artesanais, algumas fabricadas por ele próprio, bem como outras obras de arte que preenchiam o local com vida pulsante: cores, texturas as mais variadas, tudo muito interessante.

Após conhecermos sua casa, acomodamo-nos em almofadas em sua sala e começamos a aula, como havia sido intitulado esse momento. Sua primeira fala veio para nos dizer que não valeria a pena perder aquele precioso tempo falando sobre naturopatia, dando uma aula formal, e por isso ele iria falar sobre algumas experiências que, na opinião dele, faziam mais sentido para aquele momento.

Ele começou a falar sobre sua vida, seu trabalho, suas relações com pessoas, com o mundo, com a vida de forma geral... E tudo estava tão conectado e fazia tanto sentido... Esse foi um dos momentos que pessoalmente fui afetada de forma mais intensa. Por vezes seus relatos pareciam ser sobre mim... Sobre minhas escolhas, meu modo de estar no mundo. Lágrimas rolavam como as águas correntes. Estava sendo atravessada por suas palavras e vivências...

Dentre todas as histórias, ele nos contou sobre sua relação com as pessoas, especialmente com as mulheres. Contou-nos que sempre estava casado, sempre com alguma companheira ao seu lado, por perto. Contou-nos o quanto sofreu com as separações, mesmo aquelas mais desejadas por ele. Contou-nos, então, sobre como sua relação com a natureza o fez compreender e ressignificar essas outras relações. A conexão com a natureza, a terra, a água, o mato começaram a produzir sensações indescritíveis, que em um momento ele descreveu:

[...] é como se eu trepasse com a natureza, como trepar com a natureza, no sentido mais pleno da conexão e do prazer. ((FALA DE BENTO - DIÁRIO DE CAMPO)).

Aquele contato começou a fazer muito sentido e a preencher vários vazios. A ideia não era substituir os amores, as mulheres de sua vida, mas experimentar outras sensações e encantamentos. Era, talvez, a construção de um desejar sem depender do desejo do outro e do seu próprio desejo pelo outro.

Após a conversa, ele nos perguntou se gostaríamos de conhecer o rio que passa atrás de sua casa... Desça, seguindo seus passos, fui seguindo a trilha com os demais. Ouvia suas palavras e sentia muitas coisas. Era como se todos os meus sentidos estivessem sendo ativados.

Sentia o vento fazer dançar meus cabelos desgrenhados, ao mesmo tempo que aquele sol ameno do fim de tarde tocava minha pele. Olhava seu pé de limão que pareciam tangerinas e podia sentir o sabor delas (não deles), como se estivessem em minha boca. O cheiro do mato e daquelas diversas plantas também me preenchia... Chegamos ao rio onde ele se banha todas as manhãs, antes de ir à vila iniciar seus atendimentos. Não toquei, mas podia sentir água correndo por minha pele. Era uma sensação inexplicável, porém muito “sentível”... E as lágrimas, que pareciam não querer ficar de fora dessa experiência, continuavam correndo...

Estando ali, à beira do rio, ele relatou que às vezes traz os estagiários “do posto” pra plantarem, pois, para ele, todo médico precisa conhecer o trabalho de um agricultor, precisa saber como mexer na terra e produzir vida a partir dela, com ela. Confesso que já não sei se elas palavras finais são dele ou são minhas... talvez sejam nossas.

Outra “curiosidade” que ele nos relatou que inclui na formação dos estagiários é fazer uma trilha com eles. Uma trilha bem difícil. Ele “estuda” a personalidade dos estudantes e vai identificando como eles se beneficiariam da trilha. Contou dois casos: o de uma estudante bem “avoada”, bem distraída, que precisou estar atenta a todos os detalhes daquela trilha difícil para que não se colocasse em situação de risco. A outra situação é de um aluno super falante, que ia pela trilha tagarelando sem parar, mesmo quando os outros indicavam e escolhiam o silêncio. Ele “acordou” um grupo de vespas, que o atacaram porque fora perturbadas.

Ele usa a terra, a relação com a mata, o chão, as plantas, os animais para ensinar medicina. Uma ressalva que ele fez é que quando ele se refere à medicina, ele deseja englobar as outras profissões da saúde, mas acaba usando esse termo por ser médico e por lidar principalmente com estudantes de medicina.

Quando nos despedíamos dele em sua casa, que seria também a despedida final, uma vez que no dia seguinte deixaríamos o Vale do Capão, ele me abraçou e me falou ao pé do ouvido:

Isso que vocês fazendo com esses estudantes vai mudar a vida deles; vai torná-los médicos diferentes para eles e para os outros; não parem com isso. (FALA DE BENTO - DIÁRIO DE CAMPO).

Olhou-me nos olhos e me deu um longo e apertado abraço... Já na carroceria do carro, junto com todo o grupo, acenei pela última vez para aquele homem de cabelos brancos e pés no chão que abriu sua casa e uma parte de sua vida para esse pequeno grupo de sonhadoras.

O silêncio acompanhou-me durante boa parte do caminho de volta. A impressão que eu tinha era que se eu falasse, me desconectaria daquela sensação que tomava conta de mim

naquela tarde. O silêncio era exterior, pois por dentro havia um frenesi. Dentre tantas coisas que pululavam em minha mente, uma lembrança me tomou. Um lembrança de vários questionamentos que nos foram apresentados, direta e indiretamente, no momento de nossa preparação para a ida ao Vale do Capão:

Porque levar os estudantes para a vivência com as PICS lá no Capão? Por que não em outro lugar? Por que não trazer alguém até a universidade para dar um curso e **falar sobre** sua experiência? (BRITO, 2021).

Algumas dessas perguntas vinham com tom de curiosidade, outras com tom de julgamento ou certa malícia. Apesar disso, sabíamos a importância daquela imersão, acreditávamos na potência do encontro com a experiência.

Jorge Larrosa Bondía (2002) nos convida a pensar a educação a partir do par experiência/sentido, explorando uma possibilidade mais existencial e estética, e continua: “A experiência é o que *nos* passa, o que *nos* acontece, o que *nos* toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Poderíamos apresentar teorias, relatos de experiência, levar especialistas para falarem sobre PICS para aquelas estudantes interessadas no tema. No entanto, nossa escolha ética e política foi ir em busca do COM, uma vez que o SOBRE não alcançaria o potencial formador da experiência.

Além disso, acompanhar de perto a prática das pessoas que trabalham com os saberes tradicionais e populares, com as plantas, com a terra, foi aprender com o real.

A educação nasce da prática social de mulheres e homens, que se fazem e refazem ao refazerem o mundo, deixando nela as marcas de sua presença criadora. A educação é compreendida, portanto, como formação humana, como construtora de sujeitos. (SCHWENDLER; JUNGBLUTH, 2006, p. 74).

5 APROXIMANDO-NOS DAS RURALIDADES

Ainda respirando e caminhando com essa experiência em que o território participa ativamente dos processos de cuidado e produção de vida, vamos seguindo os deslocamentos propostos pelo campo e entender o que estamos chamando de ruralidades.

No meio acadêmico, os investimentos em estudos sobre os contextos rurais do Brasil historicamente se centraram na questão da terra e nos conflitos agrários, na produtividade e, de forma geral, nos âmbitos territoriais, econômicos, políticos e sociais, como nos contam as brasileiras Magda Dimenstein, Jader Leite, João Paulo Macedo e Candida Dantas (2016). Mais recentemente e ainda de forma bastante localizada, tem se focado também nos saberes tradicionais e identitários, especialmente a partir das ciências sociais.

Nesse percurso, os estudos sobre as populações do campo vêm fazendo uma virada conceitual no que tange ao conceito de rural. Enfatizamos a grande relevância sociopolítica e cultural de estudar o rural para além da oposição ao urbano.

A brasileira Ângela Maria Endlich (2010) sistematizou os critérios que ainda, embora com menor frequência, costumam ser utilizados para compreender as categorias urbano e rural. Um dos critérios refere-se ao “desenvolvimento”, caracterizando o urbano como civilizado e evoluído e o rural como atrasado e rústico. Seguindo essa lógica binária, temos o critério de povoamento, sendo o urbano caracterizado pela aglomeração populacional e o rural pela dispersão. Não menos limitado, o terceiro critério se remete às práticas econômicas, destinando ao rural apenas as atividades primárias e as demais ao espaço urbano. A autora enfatiza o caráter simplista e descontextualizado dessas definições, que deixam de englobar a complexidade dos modos de existir e produzir nesses diferentes contextos, desconsiderando as diversas ruralidades.

Inspiradas pelas brasileiras Regina Aparecida Leite de Camargo e Julieta Teresa Aier de Oliveira (2012), para os quais o fim do isolamento entre esses dois espaços nos leva a pensar em um *continuum* rural-urbano, as também brasileiras Victor Hugo Belarmino, Magda Dimenstein, Jader Leite, João Paulo Macedo, Candida Dantas, Jaqueline Torquato, Eliane Silva, Monique Silva e Maurício Cirilo Neto (2016) pensam o rural como

[...] espaço em movimento, marcado por imensa diversidade, caracterizado por formas muito variadas de ocupação e de uso da terra pela população, por condições e modos de vida também distintos, enquanto espaço heterogêneo e singular (BELARMINO *et al.*, 2016, p. 98).

Essas novas formas de considerar o rural nos levam ao conceito de ruralidade, que tem sido trabalhado, segundo as brasileiras Luciano Zanetti Pessôa Candiotto e Walquíria Kruger Corrêa (2008), como referência a territorialidades de indivíduos e grupos em seus aspectos socioculturais, econômicos e políticos. Elas destacam duas formas de se pensar a ruralidade.

A primeira como sendo um processo de valorização do rural, especialmente a partir da atuação de instituições globais, através de financiamentos e outros incentivos. Para esses autores, apesar dessas instituições defenderem a redução da pobreza e desigualdades sociais, carregam em seu discurso a ampliação das relações capitalistas, através de novas atividades agrícolas e não agrícolas no espaço rural.

A segunda coloca as ruralidades como realidade empírica, construída, sobretudo de forma endógena. “As ruralidades seriam compostas por objetos, ações e representações peculiares do rural, com destaque para as representações e identidades rurais dos indivíduos e grupos sociais” (CANDIOTTO; CORRÊA, 2008, p. 233).

Apesar de duas formas distintas de se pensar a produção dessas novas ruralidades, seja como um processo que parte de dentro ou provocado de fora, ela pode ser entendida como um modo de vida, como uma sociabilidade que é pertinente ao mundo rural, com relações internas específicas e diversas do modo de viver urbano. Para a brasileira Rosa Maria Vieira Medeiros (2017), ao assumir a ruralidade como uma construção social, devemos encará-la como um modo de ser, um modo de viver mediado pelo território e pela cultura, com referência em si mesma e não a partir da cidade.

Discutir as ruralidades possibilita-nos compreender que elas existem para além do meio rural enquanto espaço físico em oposição ao urbano. São realidades que, muitas vezes, se superpõem, especialmente nas cidades de pequeno e médio porte.

Ampliar e complexificar a discussão sobre o rural e as ruralidades também possibilita ultrapassar a equivocada visão de que as pessoas que vivem no campo constituem um grupo homogêneo, com as mesmas características e necessidades. A população rural brasileira¹⁷ caracteriza-se por uma diversidade de raças, etnias, povos, religiões, culturas, sistemas de

¹⁷ “Pesquisa apoiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário calcula que 36% da população brasileira é rural, diferentemente dos cerca de 16% apontados pelo último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O percentual maior considera a aplicação de um conceito de rural defendido pelos pesquisadores. De acordo com o levantamento, como só existe o conceito de urbano na legislação, a ruralidade acaba sendo definida por exclusão. A pesquisa é uma parceria entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário, o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, o Ministério do Planejamento e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) [...] A pesquisadora [Tânia Bacelar] ressaltou que 90% dos municípios brasileiros têm menos de 5 mil habitantes, e que, sociologicamente, deveriam ser considerados zonas rurais, e não urbanas. ‘O estilo de vida dessas pessoas é mais ligado à natureza, as relações sociais são diferentes. Com um conceito mais sociológico, a gente vê que as pessoas não querem sair daquela vida e, portanto, o Estado tem que chegar a estas pessoas de forma eficiente.’” (LEAL, 2015, não paginado).

produção e padrões tecnológicos, segmentos sociais e econômicos, de ecossistemas e de uma rica biodiversidade (BRASIL, 2011).

A Portaria nº 2.866, de 02 de dezembro de 2011, instituiu, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta (PNSIPCF), as quais são definidas como “povos e comunidades que têm seus modos de vida, produção e reprodução social relacionados predominantemente com a terra” (BRASIL, 2011, não paginado). Incluem-se aí todos os camponeses, sejam eles agricultores familiares, trabalhadores rurais assentados ou acampados, assalariados e temporários que residam ou não no campo. Também as populações tradicionais quilombolas, povos indígenas, povos das florestas (agroextrativistas, seringueiros), povos do cerrado, do semiárido, da caatinga, dos campos, das montanhas, dos pampas e do pantanal, comunidades ribeirinhas, vilas litorâneas de pescadores artesanais e dos manguezais e mulheres quebradeiras de coco babaçu das florestas de palmares (BRASIL, 2011). São povos que não podem ser homogeneizados, mas que trazem em comum nas suas histórias de vida o protagonismo da relação com os recursos naturais, não apenas como meios de produção, mas, antes de tudo, como modos de vida.

Outro importante conjunto de aspectos a ser considerado é todo o processo de constituição da realidade rural brasileira como produto de sua história econômica, política e cultural fundada na concentração de terra, de riqueza, uso dos recursos naturais, escravização de diferentes povos, extermínio de povos indígenas e marginalização das famílias camponesas. Mas não só isso. Também as marcas da resistência à dominação e exploração, através das lutas populares como Canudos, Quilombos, Ligas Camponesas e, hoje, os diversos movimentos sociais do campo, das águas e da floresta (BRASIL, 2011).

Esses modos de viver são particulares e carregam intrínseca relação com seu território de vida, uma vez que são não apenas o local onde habitam, mas seu território existencial, no sentido trazido por Félix Guattari e Suely Rolnik, na obra *Micropolítica: cartografias do desejo*:

a noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo [...] Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes [...] O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa” [...] Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

Boa parte do nosso percurso pelas ruralidades tem acontecido no contexto de assentamentos rurais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), como já mencionado. Por isso, vamos conhecer um pouco deste importante movimento social brasileiro

antes de pisarmos os pés no chão de terra dos assentamentos, para que não cheguemos lá apenas com aquilo que a mídia hegemônica tenta nos fazer acreditar. Obviamente que estando lá é que o real aprendizado se fará. Essas são apenas pistas iniciais dos caminhos que adentraremos logo mais.

5.1 COM-nhe-sendo o MST

Somos milhões de companheiros e companheiras buscando a libertação da terra, de homens e mulheres em um país onde a terra vale ouro e os seres humanos, alguns gramas de chumbo moldados em balas que fazem sangrar o destino do nosso povo sofredor!

A terra no seu suspiro nos abençoa e agradece através das nuvens de poeira provocadas pelos rígidos pés descalços que seguem destemidos, construindo esta grande irmandade de companheiros em busca da dignidade perdida. Seguimos cantando.

As cordas movem paixões. O sentimento, as pulsações, o sonho de vencer, os corações. Cantar pois é mais que um prazer quando as vozes brotam de forças em movimento que ao som suave de belas melodias elevam foices e facões rompendo cercas, retirando morões para ver nascer o novo dia.

Assim a terra se converte em causa, a liberdade se converte em sonho, o grito forte se converte em guerra e o povo todo segue um só caminho na trilha estreita plantando futuro.

Que a noite escura da dor e da morte passe ligeira, que o som dos nossos hinos anime nossas consciências e que a luta redima nossa pobreza, que o amanhecer nos encontre sorridentes festejando a nossa liberdade.

Ademar Bogo

Fonte: BOGO, 1998.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor lilás.

O tempo-espaço dos afetos é imensurável. O tempo-espaço de uma tese tem precisão de ser mensurado. Por esse motivo, escolhas difíceis precisam ser feitas e essa foi uma delas: descrever de forma simples e rápida o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST.

Nossa relação começou lá atrás, há cerca de 15 anos, quando estava na graduação e, juntamente com colegas dos cursos de Direito e Pedagogia, idealizamos o projeto

“Alfabetização Jurídica”. Foram meses de muito aprendizado afetivo e efetivo em três assentamentos no Rio Grande do Norte, desenvolvendo oficinas de direitos humanos e sociais. Uma relação que gerou um fio de admiração e respeito pelo movimento e que foi retomada recentemente, agora no estado da Bahia. Não há espaço-tempo suficiente para descrever a complexidade deste movimento e, reconhecendo nossa pequenez, vamos tentar apenas contextualizar nossas leitoras.

O MST ocupa um lugar de grande expressão política na luta pela terra e pela reforma agrária no Brasil. Foi criado oficialmente em 1984, quando trabalhadoras e trabalhadores rurais que protagonizavam as lutas pela democratização do acesso à terra se reuniram no 1º Encontro Nacional, em Cascavel, no Paraná. Naquela ocasião, decidiram fundar um movimento camponês nacional com base em três objetivos principais: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país (MST, 2021a).

Dois importantes actantes dentro do movimento são os acampamentos e os assentamentos e, de forma geral, ainda há dúvidas sobre a função social de cada um desses espaços, por isso vamos explicá-los.

Os acampamentos são marcados como o espaço-tempo da lona preta, pois é com esse material que se costuma cobrir os barracos construídos para abrigar as famílias durante o período de acampamento, que pode se estender por muitos meses e até anos. De acordo com a brasileira Roseli Caldart (2004), os acampamentos geralmente são construídos na área que se pretende transformar em assentamento ou no seu entorno, à margem de rodovias, do lado de fora das fazendas e terras improdutivas de forma geral. Todos esses formatos demandam estratégias de sobrevivência diferentes, mas todos visam explicitar a luta, pressionar governos e mobilizar a opinião pública sobre a questão da terra.

Para ela, esse é simbolicamente um momento de ruptura e passagem na vida das pessoas que dele participam, marcando não apenas o ingresso em uma luta, mas o rompimento com uma posição passiva frente à situação de pauperização e marginalização vivida; essa posição, entretanto, também traz uma série de dificuldades e riscos, como a fome, a exposição a intempéries, devido à fragilidade dos barracos, além do risco de violência dos jagunços e das forças policiais, que, por vezes, resultam em violências as mais diversas, incluindo mortes. Portanto, um momento que gera profundas e enraizadas marcas.

Os assentamentos, por sua vez, são

[...] territórios conquistados pelas famílias trabalhadoras Sem Terra. Eram latifúndios improdutivos, grilados, com crimes ambientais e/ou trabalhistas que, pela luta, foram transformados em território de reprodução social das famílias camponesas. As

famílias assentadas vivem, trabalham e produzem principalmente alimentos, tendo como objetivo principal a soberania alimentar, ou seja, garantir a produção de alimentos saudáveis, acessíveis ao povo brasileiro, seja em nível municipal, estadual ou mesmo nacional. Os assentados também recriam socialmente esse território através das Escolas do Campo, das práticas populares de saúde, rádios comunitárias e da cultura popular, nos municípios, regiões e estados onde estamos inseridos. (MST, 2021b, não paginado).

O assentamento seria, então, um local de novas relações sociais, construídas sobre valores de igualdade, justiça social, no qual esse novo sujeito coletivo, constituído na luta pela terra, no período do acampamento, vai se desenvolver na direção de uma consciência plena, sendo que o assentamento seria um vislumbre do novo mundo que se pretende construir (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS COOPERATIVAS DE REFORMA AGRÁRIA DO BRASIL, 2004).

Outra informação muito importante diz respeito à forma de organização do MST. O movimento se organiza em setores, que geralmente são conduzidos por uma mulher e um homem: Frente de Massas; Formação; Educação; Produção; Comunicação; Projetos; Gênero; Direitos Humanos; Saúde; Finanças; Relações Internacionais; Cultura; Juventude; LGBT Sem Terra (MST, 2021c).

6 ASSENTANDO: A TERRA COMO ENRAIZAMENTO

Chegamos agora ao assentamento Manjerona, na região do Baixo-Sul da Bahia, que foi se configurando como um dos principais espaços de articulações e práticas da Saúde do Campo do CCS/UFRB. Lá vivem 20 famílias, desde 2005. Além do Manjerona, aparecerão em nossos relatos os assentamentos Limoeira e Laranjeira, que ficam na mesma região e estão no município de Igrapiúna/BA.

No Manjerona existe uma escola com Ensino Fundamental I. A partir do Fundamental II, as pessoas precisam se deslocar até o assentamento Limoeiro, que fica a 5 quilômetros de distância. O Ensino Médio só é oferecido na zona urbana, em Igrapiúna, que fica a 20 quilômetros. Muitas pessoas desistem de cursar o Ensino Médio por causa da dificuldade de acesso: acordar antes do sol raiar, pegar um transporte (nem sempre disponível) até o Limoeiro e, de lá, outro transporte até a cidade. Chegar em casa no meio da tarde, com fome, cansaço e tarefas domésticas, escolares e na terra por fazer. Ainda assim, algumas jovens fazem esse percurso diariamente. Algumas estão cursando ou já cursaram cursos técnicos e superiores, geralmente na modalidade Educação do Campo e Pedagogia da Alternância.

A Unidade de Saúde da Família (USF) descentralizada fica no povoado quilombola Laranjeira, a cerca de 20 quilômetros de distância. Por ser uma USF descentralizada, ou seja, uma espécie de “filial” da matriz que fica na cidade, os atendimentos médicos não acontecem todos os dias. Para ir até lá, as pessoas costumam usar o único transporte (além do escolar) disponível, que sai da Manjerona às 6 horas da manhã e sai da cidade de volta ao assentamento às 14 horas. Quem vai a um atendimento na Unidade de Saúde, precisa esperar esse horário para retornar, ou ficar na estrada esperando alguma carona, mesmo não sendo tão comum o tráfego de veículos naquela rota. A espera muitas vezes é feita com fome. Na área, há uma Agente Comunitária de Saúde (ACS) responsável, mas ela raramente consegue fazer visitas domiciliares ali, segundo as moradoras.

No assentamento existe um campo de futebol, onde jogam garotas e garotos, às vezes juntas, às vezes separadas. Quando perguntadas sobre as opções de lazer, citam o futebol e o álcool como principais recursos. Ouvimos alguns relatos de violência doméstica, especialmente contra as mulheres, de todas as idades.

Todas essas dificuldades, que são determinantes sociais da saúde (DSS), fazem parte da vida das famílias que vivem no Assentamento Manjerona, mas não exclusivas delas. No campo, a determinação social da saúde está relacionada muito fortemente às relações sociais e de

trabalho, à relação com a terra de forma geral e em seu aspecto produtivo (HELFAND; PEREIRA, 2012). Muitas vezes caracterizada por uma intensa desigualdade social e econômica, a vida no campo requer uma atenção especial para as questões da saúde da sua população, geralmente permeada pela dificuldade em relação à garantia de acesso à assistência de qualidade.

As brasileiras Cláudia Travassos e Mônica Silva Monterio Castro (2012) nos falam sobre diversas barreiras para esse acesso: geográficas (distância entre os domicílios e o serviço de saúde e dificuldade com o transporte), financeiras (logística para ir ao serviço e custear insumos), organizacionais (modos de funcionamento dos serviços de saúde que podem funcionar como barreiras, como horário, localização, etc.), informacionais (sobre cuidados em saúde e sua importância, existência de serviços e práticas de cuidado) e culturais (não valorização de aspectos culturais no fazer saúde, como o uso de ervas, rezadeiras, entre outros).

No tocante à saúde mental, pesquisa realizada em assentamentos rurais no Rio Grande do Norte e no Piauí, identificou que os maiores índices de transtornos mentais comuns (TMC) e uso problemático de álcool estão em assentamentos que apresentam mais fortemente as seguintes características:

[...] pouca oferta de transporte público, dificuldade de acesso à rede pública de saúde, educação e assistência social, bem como ao crédito rural, irregularidade climática dificultando as atividades agropecuárias, realização de atividades complementares à renda, além da ausência de áreas de convivência e lazer, baixa escolaridade, fragilidade nas relações comunitárias, na organização coletiva e participação política, carência de bases de apoio social, violência, enfim, condições que fazem parte de um fenômeno de pobreza e de vulnerabilidade psicossocial e ambiental, que atinge mais fortemente as mulheres, pois a esse conjunto de vulnerabilidades somam-se as desigualdades específicas de gênero. (DIMENSTEIN; LEITE; MACEDO; DANTAS, 2016, p. 155).

Os determinantes sociais de saúde apontam tanto para características específicas do contexto social que afetam a saúde, como para a maneira com que as condições sociais traduzem esse impacto sobre a saúde. Os determinantes sociais de saúde que merecem a atenção são aqueles que podem ser potencialmente alterados pela ação baseada em informações (COMISSÃO NACIONAL DE DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE, 2008, p. 4).

A pesquisa citada acima traz dados que confirmam a dificuldade de acesso a serviços de saúde e outros recursos de suporte e proteção social dessa população, o que nos fornece elementos para elaborar muitas questões sobre as condições e os modos de vida nesse território.

Uma dessas questões é: será que o acesso a esses serviços seria suficiente para considerar essa população efetivamente assistida? Oferecer acesso a serviços pensados para modos de viver na cidade contemplam as necessidades de quem vive no campo?

O entendimento sobre a determinação social da saúde também está relacionado com a questão agrária, em sua interface com as relações sociais, com a realidade produtiva e com todo o conjunto de elementos – o ambiente, o sujeito, o coletivo, isto é, o modo de vida, de produção, o território onde esse coletivo se encontra.

Acrescentamos, ainda, a proposição dos brasileiros Paulo Marchiori Buss e Alberto Pellegrini Filho (2007), ao assinalar que os DSS se referem aos fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população. Da mesma forma, o equatoriano Jaime Breih (2007) enfatiza que

[...] se desenvolveu a compreensão de que a saúde e a doença das populações tinham que incluir o papel dos significados e da subjetividade, e que os aspectos simbólicos da saúde também podem ser entendidos a partir de uma perspectiva de poder, de resistência e de conflito. Assim, os sentidos e significados que as sociedades outorgam a diferentes aspectos da vida e da saúde podem interferir nas instituições, nas práticas e subjetividades, e deste modo afetar negativa ou positivamente a saúde (BREIH, 2007, p. 4).

Considerando a imensa amplitude e complexidade dos DSS, optamos por caminhar pela trilha que nos leva aos modos de existir – mais do que modos de habitar ou condições de vida – e seguir nosso desejo de conhecer como são produzidos nas relações entre essas actantes e seus agenciamentos coletivos.

É comum estudarmos as condições concretas de subsistência (saneamento, epidemiologia, etc.) de pessoas e grupos mais vulnerabilizados por suas condições sociais, mas não tão comum pesquisar o que elas pensam e sentem. Quando vemos uma pessoa na rua, com expressão de quem está pedindo ajuda, é comum julgarmos que se trata de um bem material, como algum “trocado” ou pedaço de alimento. Supomos que aquilo é o que lhe falta e às vezes tiramos do bolso ou da bolsa alguma moeda. Quando não a temos, “lamentamos” e às vezes até informamos: “não tenho trocado”. Eles não merecem uma cédula, não é mesmo?

Da mesma forma tem-se lidado com a vida no campo: de forma romantizada ou miserável. Será que só existem essas possibilidades? Os estereótipos costumam girar em torno de dois pólos: a) um é aquele romantizado, que traz a ideia de que a vida no campo é tranquila, não tem problemas com segurança, trânsito, correria cotidiana, etc. e por isso é mais fácil de ser vivida; b) outro polo se refere à ideia de primitividade, atraso, não desenvolvimento e,

consequentemente, uma vida infeliz porque distante dos avanços que a tecnologia proporciona apenas à vida urbana. Entre eles, ainda podemos citar ideias como: todo mundo que vive no campo lida com a terra e tira seu sustento dela, não sabendo desenvolver qualquer outra atividade; quem está no campo ou integra movimentos de luta pela terra, ou está ligado a algum latifúndio, seja qual for sua relação.

É preciso dizer que os cenários apresentados acima, embora componham o senso comum na nossa sociedade, foram retirados de recentes conversas com pessoas de formações e experiências de vida bem heterogêneas, quando, em ocasiões diversas, conversei sobre meu interesse de pesquisa atual. Sobre isso, a brasileira Maria de Lourdes Chagas Deiró nos conta que

[...] quando apresentam os povos do campo, o fazem predominantemente servido à reprodução ora da ideia romântica de camponês, que vive em um lugar harmonioso em uma relação bucólica com a natureza, ora o camponês ingênuo e atrasado em relação às pessoas dos territórios urbanos. (DEIRÓ, 2005, p. 57).

Mais grave que aparecer na visão das pessoas de forma geral na sociedade, é que estereótipos como esse parecem embasar a construção de certas políticas públicas. Se não são construídas a partir de informações estereotipadas, sequer são construídas. As unidades de saúde da zona rural costumam ser estruturadas de forma muito precária, quando existem. Elas não costumam ser a própria sede, mas unidades descentralizadas com atendimentos mensais. Os Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) que atendem à população rural costumam ter suas sedes na cidade e apenas contam com equipes volantes que visitam as comunidades rurais. As escolas geralmente oferecem apenas até o ensino fundamental.

Que ideia de sujeito social embasa a construção de políticas públicas com essas características?

Partimos da ideia de que os modos de existir, e consequentemente os modos de sofrer, não estão dissociados do território de vida das pessoas e, portanto, não podem ser desconsiderados quando pensamos em determinantes sociais da saúde. Seguiremos essa trilha sem entrar na lógica da causa e efeito.

7 SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO

Quando falamos em saúde mental, muitas vezes a associação imediata que se faz é com a loucura, com o sofrimento psíquico grave, com transtornos psiquiátricos e diagnósticos. A associação que queremos fazer e-ou suscitar é com a produção de vida, em suas mais diversas formas e possibilidades.

Quando pensamos em pessoas que vivem no campo e que apresentam alguma demanda de cuidado em saúde mental, a oferta geralmente é localizada na perspectiva hegemônica do deslocamento para a cidade para facilitar o “acesso” aos serviços de saúde mental, localizados predominantemente nos espaços urbanos.

Entendemos ser necessário e urgente pensarmos, antes de tudo, nos modos de existir e de sofrer das pessoas que vivem no campo. Seriam esses modos iguais aos das pessoas que vivem nas cidades? Colocada assim, essa parece uma questão simples e até mesmo ultrapassada. No entanto, ainda é algo que precisa ser questionado ao desenvolvermos estratégias de cuidado em saúde mental nesses espaços.

Para começarmos a caminhar nessas trilhas ainda pouco conhecidas por nós, cidadinas que somos, estamos sempre buscando questões que nos façam pensar sobre e com o sofrimento. Foram feitas algumas escolhas e decidimos não iniciar pela trilha da patologia, pois acreditamos que esse caminho pode nos distanciar das pessoas.

Em conversa com Seu José, que tem perto dos 70 anos de idade e vive no Assentamento Manjerona, ele contava que, em uma consulta, há mais de 20 anos, uma médica perguntou a ele qual era “seu problema”, ao que ele prontamente respondeu que era a falta de terra pra trabalhar. Ele disse que ela ficou com cara de quem não havia entendido e ele, então, começou a explicar a ela e a mim ao mesmo tempo, ainda que em temporalidades diferentes:

Se a gente não tem terra pra trabalhar, tem que trabalhar na terra dos outros e é explorado lá. Tem que trabalhar na hora que o patrão manda, fazer o que ele manda, do jeito que ele manda. Não ganha quase nada e vive com preocupação na cabeça. Se adoecer, até desconfia da sua doença. Isso é vida? Meu sonho era ter meu pedacinho de terra pra trabalhar do meu jeito. Depois de muita luta, a gente conseguiu. (FALA DE SEU JOSÉ - DIÁRIO DE CAMPO).

Após um tempo de conversa com Seu José, outro homem, mais jovem, entrou na conversa e disse: “Deixe de tomar o tempo da doutora, que você já tá perto de morrer, deixe ela cuidar de quem ainda vai viver mais!”. Seu José respondeu logo: “Ah, eu ainda vou viver muito,

minha filha! [olhando para mim]. Vá conversar você com outra pessoa que eu tô aqui conversando com a doutora! [sem olhar pra ele!]”.

Mais uma vez Seu José dialoga com mais de uma pessoa na mesma mensagem. Sem abandonar nossa conversa, ele despacha aquele que tenta interrompê-la.

Seu José nos explica, com seu relato, a importância da relação com a terra para a vida, a saúde e a doença da pessoa que vive no campo. Nesse contexto, a construção social da saúde está ligada principalmente às relações sociais e estas normalmente são marcadas por uma intensa desigualdade social com padrões concentrando os meios de produção e os camponeses vendendo a baixos preços sua força de trabalho. Essa desigualdade econômica influenciou e influencia diretamente as relações de produção, nas quais as trabalhadoras se submetem a condições precárias de vida e trabalho, pois não enxergam outra alternativa para sua subsistência (HELFAND; PEREIRA, 2012). Como lidar com isso?

O sofrimento, que pode se expressar de diversas formas no, com e pelo corpo, pode paralisar o sujeito, conduzindo-o a situações de assujeitamento extremo. Pode, por outro lado, atuar na direção de sua emancipação, como problematiza o francês Michel Foucault (1988), como forma de experiência histórica, de experimentação. Para ele, “lá onde há poder, há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1988, p. 104).

Entendendo as múltiplas possibilidades de considerar o sofrimento, decidimos trazer aqui a noção de sofrimento ético-político trabalhada pela brasileira Bader Sawaia (2011), o qual abrange as múltiplas afecções do corpo que mutilam a vida de diferentes formas, retratando a vivência cotidiana das questões sociais dominantes, principalmente quando surge da situação social de ser tratado como “inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade” (SAWAIA, 2011, p. 106).

Ela considera que o sofrimento psicossocial pode produzir inclusive a morte biológica, como é o caso do “banzo”, doença que matou milhares de pessoas negras escravizadas no Brasil e é emblemática desse conceito por indicar que: “o banzo é gerado pela tristeza advinda do sentimento de estar só e humilhado, por causa de ações legitimadas pela política de exploração e dominação econômica internacional daquele momento histórico” (SAWAIA, 2011, p. 104).

Não foi por acaso que ela elegeu a categoria afetividade como forma não-hegemônica de discutir a dialética exclusão-inclusão. Tal escolha, como relatado pela autora, foi inspirada pela provocação de Boaventura de Sousa Santos (1997), que recomenda a criação de categorias desestabilizadoras na análise de questões sociais, que não tenham como objetivo explicar, mas construir constelações analíticas a partir de **interrogações poderosas**.

A húngara Agnes Heller (2000) também enfatiza a dimensão social do sofrimento, entendido como a dor mediada pelas injustiças sociais, pela consciência de estar submetida à fome e a diversas outras formas de opressão, não sendo sentida da mesma forma por todas as pessoas.

Ao pensarmos na saúde mental e no sofrimento psíquico de pessoas que vivem em contextos rurais, não podemos deixar de lado a construção histórica da questão da terra. Não queremos revitimizá-las ou contribuir com o fortalecimento dos estereótipos que perduram ao longo do tempo. Não podemos, entretanto, negligenciar a questão social colocada para esse povo e discutir, inclusive, os novos contextos e desafios das ruralidades.

O sofrimento que muitas vezes é associado a ele, é construído de forma etnocêntrica, tomando como sinônimo de sofrimento as poucas posses materiais, a dificuldade de acesso a hábitos das cidades grandes e “desenvolvidas”, sem se dar ao trabalho de buscar compreender o que é realmente o sofrer para essas pessoas, vistas em sua coletividade, mas também em sua singularidade.

O sofrimento é um importante analisador de relações, podendo revelar valores e sentidos, inclusive o não sentido. Em razão disso é que Bader Sawaia (2011) aponta para sua capacidade de desvelar relações de poder-saber e Agnes Heller (2000), ao tratar da diversidade heterogênea dos sentimentos humanos, aponta características do sentir-sofrer que produzem marcas nas relações das pessoas consigo e com as outras, quais sejam: o caráter social e histórico do sofrimento, sua universalidade, seu potencial cognitivo, a liberdade que se coloca a partir da implicação do sujeito com este sentimento (experiência) e a sua força catalisadora.

As pessoas que vivem no campo trazem, em suas histórias, experiências de cuidado e produção de vida que podem ser compartilhadas, articuladas com outras histórias de modo a compor novos possíveis, produzindo práticas de cuidado em saúde mental decolonizadoras, que não sejam pensadas exclusivamente a partir da cidade e do olhar dos especialistas.

Podemos discutir toda essa movimentação enquanto possível dispositivo clínico de uma clínica menor, como discute a brasileira Roberta Romagnoli (2007), ao traçar um paralelo com a Língua Maior e a Língua Menor, propostas por Deleuze e Guattari (1977). Para ela,

A clínica maior está presente nas instituições, nas academias e perpetua os lugares demarcados do terapeuta que tudo sabe e do cliente que nada sabe, tratando de verdades irrevogáveis. A clínica menor, por sua vez, é em si transformadora, dispositivo de resistência, efetuando-se nos encontros com os clientes, no uso da sensibilidade do terapeuta para possibilitar novas formas de expressão. A clínica menor devém minoritária e por isso mesmo resiste às formas atuais de poder (ROMAGNOLI, 2007, p. 104).

Como, então, escapar da clínica maior, baseada cada vez mais na técnica e menos no cuidado ao sujeito? Para Aluísio Gomes da Silva Júnior, Emerson Merhy e Luís Cláudio Carvalho (2003), a solução seria processual, estabelecendo-se a partir de um movimento que explore as tensões construtivas desse terreno (sistemas de saúde) e, no plano micropolítico do cotidiano dos serviços de saúde, criando novas forças instituintes, novos arranjos no modo de se produzir ações de saúde. Acrescentaria aí um ator principal: a sujeita do cuidado.

Nessa perspectiva, o brasileiro César Augusto Orazem Favoreto (2008) sugere alguns elementos que seriam fundamentais na busca de um modelo de atenção centrado na escuta, capaz de contextualizar as histórias de vida das pessoas; no silêncio receptivo capaz de traduzir a acolhida sem preconceitos; no toque que vá além do exame médico, e em uma postura corporal que redimensione o espaço entre aquele que cuida e quem é cuidado.

Com esse viés, as práticas de cuidado podem adquirir afetiva e efetivamente – ou efetiva porque afetiva – mais relevância na vida das pessoas quando se aliam às suas experiências pessoais, reconhecendo sua própria verdade, pessoal e subjetiva, e seu poder clínico, como afirma o estadunidense Arthur Kleinman (1988).

De acordo com as francesas Philippe Adam e Claudine Herzlich (2001), todo acontecimento importante nas nossas vidas demanda uma explicação, tanto a si próprio, quanto ao outro. O desenvolvimento dessas explicações, por sua vez, é possível devido ao desenvolvimento de uma linguagem que permite a elaboração de metáforas que podem ser utilizadas, entre outras coisas, para explicar o que sentimos e pensamos.

Todas as culturas humanas possuem um repertório simbólico próprio, baseado em suas regras linguísticas e convenções sociais, conforme defende o estadunidense Mike Bury (2001). Portanto, essas explicações, sejam elas provenientes do conhecimento popular ou dos estudos de um cientista, são construídas e apreendidas dentro de um determinado contexto sócio-histórico-cultural, do qual fazem parte não apenas o especialista e seu paciente / cliente, mas também sua família e todas as outras pessoas e relações que compõem o seu território existencial, incluindo seus sistemas de crenças.

Nesse caso, não estamos nos referindo apenas às explicações para seus sofrimentos e possíveis adoecimentos, mas indo além disso e adentrando a vida dessas pessoas no que ela tem de mais singular: a sua forma de relacionar-se com o mundo e com a outra, suas habilidades de construir e manter redes sociais, entendidas pelas chilena Marcela Troncoso, Claudia Alvarez e Rafael Sepúlveda como

Conjuntos de intercâmbios ou vínculos entre o indivíduo e as pessoas emocionalmente significativas para ele. Compreende aqueles com quem há interação regularmente e

com quem se conversa ou se troca ideias e sinais que tornam os indivíduos reais, podendo envolver: família, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, pessoas que pertencem ao mesmo círculo religioso, profissionais da saúde. Tais redes são fontes de recursos, informações e apoio emocional e caracterizam-se por possuir interações frequentes, afeto positivo e apoio significativo (TRONCOSO; ALVAREZ; SEPÚLVEDA, 1995, p. 69).

Essa discussão nos leva à clínica ampliada, discutida não apenas no âmbito da saúde mental, mas da saúde em seu sentido mais amplo. Em 2003, a Clínica Ampliada foi institucionalizada como diretriz da Política Nacional de Humanização (PNH), que a conceitua como uma ferramenta teórica e prática com finalidade de contribuir para uma abordagem clínica do adoecimento e do sofrimento, considerando a singularidade do sujeito e a complexidade do processo saúde-doença, permitindo o enfrentamento da fragmentação do conhecimento e das ações de saúde na busca do equilíbrio entre danos e benefícios gerados pelas práticas de saúde (BRASIL, 2007).

Nesse sentido, trazemos a relevância do uso das plantas medicinais, a fitoterapia, tanto no contexto vivenciado na Chapada Diamantina, quanto no assentamento. Nesses lugares, o saber sobre o uso das plantas é bastante valorizado e faz parte das estratégias cotidianas de cuidado para aquelas pessoas. Um saber que atravessa várias gerações e que permanece sendo valorizado, mesmo com o aumento do uso de medicamentos alopáticos.

Voltemos, então, a um dos campos de pesquisa que tanto tem nos ensinado sobre o cuidado, o Vale do Capão, na Chapada Diamantina, caminhando por dentro de um relato de cuidado em situação de crise em saúde mental.

Com todas essas sensações ainda ardendo em nós, entramos em um de nossos encontros com o médico naturopata [BENTO] que faz parte da Equipe de Saúde da Família (ESF). Ele se desculpou por ter necessitado sair no meio do momento de discussão sobre a crise, pois teve que atender a duas demandas urgentes de visitas domiciliares. Contou-nos sobre o quanto se sentiu mobilizado com a encenação que foi feita no início da discussão de caso e que aquela cena o fez lembrar uma situação ocorrida lá mesmo naquela Vila, há quase duas décadas. Foi assim que ele começou a nos apresentar a história de Marina, **a história de uma mulher** acolhida e cuidada em um momento de **crise**, de uma desorganização psíquica que foi **suportada** – no sentido de receber suporte – por toda uma vila.

“É a história de uma mulher que veio morar aqui, uma mulher de uma beleza estonteante. Ela era lindíssima, lindíssima. E chegando aqui ela se apaixonou por um francês que veio morar aqui, ficaram juntos durante algum tempo, o povo amou ela, porque ela era uma pessoa muito boa, muito dada, muito agradável no trato, ela era lindíssima e ao mesmo tempo agradável, né? E com um certo tempo o cara quis se separar, arranjou uma outra pessoa, e ela se abalou muito. Se abalou ao ponto de ter uma crise psicótica. E eu não acredito que essa tenha sido a causa mas que ela já tinha algo, né, e isso foi apenas o fator de desencadeamento. E o povo ficou muito triste com isso porque o povo gostava muito dela. Eu me lembro da figura dela assim, eu fecho os olhos e vejo, aquela pele negra, aquele rosto todo perfeito, os cabelos... É, como é, aqueles cabelos assim tipo Angela Davis, sabe?

Num certo momento, Marina começou a se relacionar de forma diferente da habitual com o mundo. Suas ideias já não eram tão compartilhadas com o restante das pessoas,

eram muito próprias. Comportamentos inesperados, hábitos não comuns. E ela ficou louca. Ela ficou louca. Ela ficou meses completamente louca. Praticamente só tinha nativos, não tinha pessoas de fora. Teve um dia, uma cena que me marcou muito. Essa cena eu tô dizendo porque eu vi. Ela andando nua pelo Capão. E os homens olhando pra ela de lado. Quando cruzavam com ela fingiam que ia fazer alguma coisa, fingiam que iam fazer alguma coisa na janela, chamar alguém... E não olhavam pra ela. Numa forma assim de respeito, ela era linda demais, e as pessoas...

Ela ficou assim numa barraca, uma certa época, que ela cagava dentro da barraca, era uma coisa terrível, ela não tomava banho... Foi horrível. As pessoas quando ela saía, iam lá, limpavam tudo, pra quando ela voltar estar limpo. E ela tava assim tão desarvorada que ela nem sequer se dava conta que tava limpo ou coisa assim. E ela ficou um tempão fazendo assim, depois ela resolveu fazer artesanato, e ela fazia umas coisas muito doidas, eu mesmo comprava umas coisas, o Capão na época tinha pouco dinheiro, aí a gente comprava uma coisinha e tal, e pronto. Eram pedaços de folhas colados em pedras, que não tinham beleza nenhuma, mas que eram comprados pela população para que ela tivesse algum dinheiro. Aí o pessoal conseguiu descobrir os documentos dela. E tinha o telefone da mãe dela. E aí no posto eu telefonei pra mãe, expliquei a situação pra mãe vir buscar, a mãe disse: olha, eu sou sozinha, e o irmão dela está exatamente assim, eu não tenho como ir aí pra buscá-la. Aí eu conversei com a população, disse “sinto muito pessoal mas não vai rolar nada...” E o povo gostava muito dela, ela tinha uma vantagem que ela não era agressiva, entendeu? Aí ela continuou com o processo, aí já botava roupa, aí ela disse que ela era a rainha da Espanha. “Eu sou a rainha da Espanha.” E ela chegava nas casas com aquela pose toda, e todo mundo tinha que baixar a cabeça, e todo mundo tinha que reverenciá-la, e todo mundo reverenciava, sabe? Era uma coisa muito interessante, todo mundo entrou no jogo. E aí ela “eu vou comer aqui hoje. Vocês vão ter a honra de eu comer aqui hoje”. E aí o pessoal logo preparava a comida, ela comia e tal, depois ela resolveu ser professora de balé. Ela já estava começando a ficar melhor, porque parece que ela realmente tinha feito balé. Embora ela, antes de vir praqui ela era uma economista.

- Ela era de onde?

Puxa! Eu tenho a impressão, eu não vou dizer com certeza, mas acho que era de Recife. Aí ela chamou, disse ao povo que levasse as crianças que ela ia dar aula de balé. E o povo levou as crianças, velho, e ela começou a dar aula de balé. E era muito... Como ela sabia balé, ou sabia alguma coisa disso, o fato é que ela fazia uma coisa bem feitinha. E ela foi melhorando. Foi melhorando. Foi melhorando. Um dia ela começou a falar com as pessoas, começou a agradecer, e ficou bem. Viveu ainda algum tempo aqui no Capão. Muito bem! Depois, ela resolveu ir visitar a família. [...] E foi. Demorou anos pra retornar, e quando retornou... Estava completamente louca. E não voltou mais. Não voltou mais. Inclusive, não optou por ficar no Capão, optou por ficar em Palmeiras [...] Ela morou muitos anos em Palmeiras como mendiga, e depois voltou a desaparecer. Não sei se ela voltou pra terra dela... Foi um caso bem triste pra nós aqui... Porque todos amavam ela. Ficamos muito felizes de vê-la recompor-se, quando ela voltou... Quando ela voltou já tinha muitos anos que ela tinha ido, ela já estava completamente estranha, e deformada... O corpo tava... Acho que ela deve ter tomado medicações. Sei lá! Só sei que tava muito... Foi uma pena.”
(FALA DE BENTO - DIÁRIO DE CAMPO).

Aquela comunidade aceitou e acolheu Marina não como uma doente e incapacitada, que precisava rapidamente ser contida e normalizada, mas como uma mulher que precisava da disponibilidade e cuidado de um coletivo para continuar vivendo do seu modo, ainda que ele causasse estranhamento e, porque não dizer, incômodo.

Aquela pequena vila, onde todas as pessoas se conheciam, viviam de portas abertas ou fechadas com cadarços de tênis, como nos relatou uma moradora de lá, nos ensinou a oferecer

continência em vez de contenção. Mostrou-nos que consegue dar passagem à diferença e também fazê-la permanecer.

Essa situação aconteceu há mais de vinte anos, quando o Vale do Capão ainda não estava cheio de turistas e todas as pessoas se conheciam. Hoje em dia o Vale do Capão é visitado e habitado por pessoas de vários lugares do mundo que trazem em comum seu gosto pela natureza. Muitos retiram-se de suas vidas anteriores e passam a viver lá, geralmente trabalhando com artesanato, alimentação, hospedagem e outras atividades relacionadas ao turismo.

O relato sobre o passado não vem no sentido de um saudosismo e nem de comparação dos dias atuais com dias melhores do passado, até porque algumas práticas se mantêm, como a relatada acima. E se o relato surgiu, é porque ela, de alguma forma, também faz parte do presente daquela comunidade. Ele vem como um relato de encontro com modos de existir que são peculiares ao território em que se situam. Territórios existenciais com suas marcas próprias. A única afirmação que fazemos aqui é a de que é preciso pensar a vida, os modos de sentir, de sofrer e de cuidar de forma situada e encarnada, como nos ensina a estadunidense Donna Haraway (1995).

8 MULHERES - QUE PARTE LHE CABE NESSE LATIFÚNDIO?

Ser mulher. Mulher preta. Mulher preta e pobre. Mulher preta, pobre e assentada. Mulher preta, pobre, assentada e militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Não somos essas mulheres. Foi com elas que vivemos as cenas que serão relatadas. Foram elas nossas mestras nesse aprendizado ético-político aqui compartilhado. Pedimo-lhes licença para trazer algumas das cenas vividas junto a elas. Das nossas experiências, falaremos nós, das experiências delas, suas próprias vozes. Para nomeá-las, especificamente neste capítulo utilizamos pseudônimos de mulheres negras que fazem parte da nossa história¹⁸, assim como essas mulheres aqui presentes também fazem.

Antes, entretanto, precisamos contextualizar para nossas leitoras como esses encontros foram agenciados.

Na primeira ida ao Assentamento Manjerona, uma questão saltou-nos aos olhos: a posição das mulheres naquele local. Ao chegarmos, conduzidas por Carolina Maria de Jesus, coordenadora do setor de saúde da região do Baixo Sul e moradora daquele assentamento, fomos recebidas por Maria Firmina do Reis, presidenta do assentamento. Mulher negra, jovem, pouco mais de 30 anos, que lidera o assentamento formado por 20 famílias. Deparar-me com uma mulher presidindo o assentamento foi uma agradável surpresa e, confesso, me fez criar algumas curiosidades e expectativas em relação ao papel das mulheres ali.

Fomos recebidas¹⁹ na nova sede da escola, onde haviam preparado um delicioso almoço, o que, aliás, é uma das marcas nas nossas visitas aos assentamentos. Elas sempre nos recebem com fartas e deliciosas refeições, preparadas com alimentos, em sua grande maioria, cultivados em suas próprias terras.

Após o almoço, foi se aproximando o horário da reunião com a comunidade e as pessoas começaram a se aproximar. As crianças eram as mais desinibidas: já chegavam correndo, brincando, chamando pra brincar, perguntando, etc. As adolescentes um pouco mais timidamente, ficando mais entre elas. Mulheres aglomeravam-se na cozinha, conversando entre elas, resolvendo coisas. Os homens foram se aglomerando à sombra de uma árvore, um pouco mais afastados da escola. Havia exceções nessa configuração territorial, mas eram apenas

¹⁸ No Apêndice B vocês vão encontrar um pouco da história dessas mulheres.

¹⁹ Essa primeira visita, que durou dois dias, foi realizada por três professoras e um professor, todas integrantes do Projeto de Extensão Saúde do Campo em Áreas de Reforma Agrária, e com a missão, naquele momento, de articular o espaço para a prática de saúde do campo no internato de Saúde da Família do curso de Medicina da UFRB.

exceções. Alguns homens de mais idade e conhecidos de uma das professoras já se aproximavam, conversando com as professoras mulheres. Nenhuma mulher do assentamento se aproximou do único professor homem que compunha o grupo.

Começou a reunião e era bem perceptível o protagonismo na fala dos homens, de todas as idades. Mesmo entre o grupo de jovens, que estava ali representado em sua maior parte por mulheres, o protagonismo foi de um dos garotos.

Em pesquisa realizada em assentamento no estado de Pernambuco, a brasileira Mariomar Almeida (2005) observou que no assentamento, durante as reuniões, quando os homens estavam ausentes, as mulheres eram mais dinâmicas, participativas, chegando a um denominador comum para os problemas existentes, diferente de quando as reuniões contavam com a participação masculina. Nessas ocasiões, elas ficavam mais retraídas, esperando as colocações dos maridos, pais e companheiros, ou até mesmo por um sinal de aprovação ou permissão deles para falar.

Ainda sobre a participação das mulheres, outras questões se colocam como empecilho, como as tarefas domésticas, que costumam ficar na atribuição apenas delas, contando com pouca participação dos homens da família. Alie Van Der Schaaf²⁰ (2003) afirma que, geralmente, elas tendem a criar os espaços para a participação “driblando” o tempo, de modo que elas fazem muitas atividades ao mesmo tempo, ou em outros horários, para não “sacrificar” o tempo da família com as atividades externas à unidade familiar. Para participar dos encontros, elas se sobrecarregam de trabalho, deixando pronto o máximo que podem antes de deixar a casa e, quando voltam, têm de fazer todo o trabalho que não executaram durante sua ausência.

Percebemos que “as obrigações” não se referem apenas às tarefas em si, mas à presença feminina dentro dos muros da casa. Em uma das atividades com jovens no assentamento, discutia-se a participação feminina nas marchas do MST, salientando a pouca participação. Uma das jovens presentes argumentou que geralmente, nas famílias, o marido é o primeiro voluntário e que para a mulher acaba sobrando o papel de ficar em casa e cuidar das crianças. Uma das jovens falou que: “As mães, mesmo querendo ir, nem sempre confiam em deixar as crianças com os pais, pois sabem que eles não vão cuidar tão bem quanto elas” (BRITO, 2021).

Mariomar Almeida (2015) também se deparou com essa situação em Pernambuco, onde, como na maioria dos assentamentos brasileiros, ainda hoje, poucas agricultoras conseguem uma divisão de tarefas domésticas igualitária, na qual os maridos se preocupem tanto quanto elas com o funcionamento da esfera doméstica. Apesar desses empecilhos para sua participação, é

²⁰ Não identificamos sua nacionalidade, mas é pesquisadora no Fryske Akademy, Holanda.

importante ressaltar que as mulheres Sem Terra participam da luta pela terra desde a primeira ocupação, que aconteceu em 1978 e foi organizada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), como nos lembra a brasileira Sônia Fátima Schwendler.

A francesa Michelle Perrot (1998) analisa que a insegurança que muitas vezes atravessa esses posicionamentos não é apenas das mulheres, uma vez que “essa ‘invasão’ das mulheres às vezes provoca angústia de seus parceiros, ansiosos com sua própria identidade” (p. 92). Esse medo foi explicitado em uma de nossas vivências no assentamento. Uma das estudantes, incomodada com o fato de que, sempre que estava conversando com alguma mulher de lá, chegava um homem para interromper a conversa, como se aquele diálogo entre mulheres tivesse menos importância e estivesse pronto para ser substituído a qualquer momento por uma fala masculina. Na terceira vez que isso aconteceu, ela decidiu explicitar seu incômodo e perguntar porque ele achava que aquilo estava acontecendo. Achou que teria mais abertura com aquele terceiro homem, por ele ser jovem, professor no assentamento vizinho e lançou sua pergunta, à qual ele respondeu sem pestanejar:

- Ah, a gente tem medo de vocês abrirem demais a cabeça das mulheres daqui.
 - E você também pensa assim?
 - Sim.
- (FALA DE JOSUÉ - DIÁRIO DE CAMPO).

O silêncio se fez por alguns instantes. Ele pediu licença e saiu da conversa naquele momento.

Como é perceptível, apesar de estarmos ali em um território marcado pela luta por direitos básicos, nem todos os direitos têm a visibilidade necessária. O MST tem como principal instrumento de pressão a ocupação das terras e a adesão ao movimento é familiar, como afirma a brasileira Gema Esmeraldo:

Diferentemente dos espaços políticos, como o sindicato, o partido político, que separam a militância da relação e condição conjugal e familiar, o MST envolve toda a família nas suas lutas e manifestações políticas ao colocar no seu discurso a libertação econômica, social e política para a família trabalhadora rural. (ESMERALDO, 2013, p. 249).

Apesar de ser uma característica importante para um movimento social, Sônia Fátima Schwendler (2015) resalta que as mulheres costumam ingressar no movimento como mães, esposas ou filhas, ocupando papéis secundários, uma vez que esse movimento social camponês ainda reflete em sua organização a lógica da cultura patriarcal.

Bom, mas as questões relacionadas às mulheres não param por aí. Nos primeiros contatos, chegaram até nós, de forma mais velada, relatos de situações de violência doméstica que, por razões éticas, não serão abordadas diretamente aqui. Essas situações, entretanto, continuaram reverberando em nós e propusemos, com apoio das mulheres do assentamento, no momento seguinte, realizar uma roda de conversa voltada exclusivamente para o público feminino, a qual aconteceu com a presença de três estudantes dos cursos de Medicina, Nutrição e Psicologia.

A roda aconteceu em um fim de tarde, nas proximidades da escola que estava sendo utilizada para nosso alojamento²¹. Havia alguns homens da comunidade no local e contamos com a colaboração de dois estudantes para fazerem uma atividade em paralelo com eles para que o grupo de mulheres pudesse se reunir sem interferências masculinas. Durante aquela movimentação, na busca pelo local mais apropriado, alguém sugeriu que fôssemos para o campo de futebol, que fica em frente à escola onde estávamos alojados.

Levamos algumas cadeiras e nos acomodamos bem ali, em pleno campo de futebol, local que geralmente representa o masculino. Naquela comunidade, porém, as mulheres também ocupam aquele espaço, com o “baba” (é assim como chamamos os jogos de futebol informais na Bahia) das mulheres e também participando do time misto.

Iniciamos a roda nos apresentando. O convite foi para que cada uma se apresentasse como quisesse. Seguiram as apresentações com nome e idade. Tínhamos na roda cerca de 15 mulheres, de 13 a 64 anos de idade. Logo em seguida, colocamos ao grupo a seguinte questão: “o que existe de comum entre nós?”. As expressões foram surgindo em forma de palavras: “força, coragem, resistência, somos mulheres...”.

Havia na roda mães e filhas, comadres, vizinhas, companheiras de luta... Três irmãs protagonizaram, por algum tempo, a roda. Mulheres jovens, com curso técnico e/ou universitário em andamento ou finalizado. Em suas falas, traziam a experiência dessas vivências formativas como potencializadoras de uma visão crítica em relação à posição da mulher ali no assentamento e no mundo.

Tereza de Benguela, uma das três irmãs, começou a falar sobre sua própria família:

Lá em casa foram criados 10 filhos do casal; morreu 01, ficaram 09. Os homens nunca fizeram nada dentro de casa. Eles saíram pra estudar e lá aprenderam a fazer tudo, mas quando tavam em casa, meu pai não deixava fazer, porque aquilo não era coisa pra homem, tinha as mulheres da casa pra fazer. (FALA DE TEREZA DE BENGUELA - DIÁRIO DE CAMPO).

²¹ Um lugar da formação funcionando como abrigo formativo.

Sua mãe olhava pra ela, escutando-a, balançando a cabeça de modo a concordar com o relato da filha, que foi complementado pela filha mais jovem, Dandara dos Palmares:

[...] tem uma empresa de ônibus daqui que disse que não ia mais contratar mulher porque engravida, tem licença maternidade, tem isso, tem aquilo. (FALA DE DANDARA DOS PALMARES - DIÁRIO DE CAMPO).

Tereza de Benguela volta a falar, demonstrando indignação com outra situação relacionada ao mercado de trabalho:

[...] tem vaga de emprego que já vem assim: para o sexo masculino. Mas se eu fiz um curso técnico naquela área, de técnico agrícola, e só abre vaga pra homem, pra que serve? Eu me garanto muito mais que vários colegas meus. (FALA DE TEREZA DE BENGUELA - DIÁRIO DE CAMPO).

As três continuaram relatando situações com colegas de estudo, agora mais voltadas para relacionamentos amorosos e que trazem explicitamente a questão racial:

Eu tenho uma colega que ela já foi casada; casou bem novinha, com 14 anos; apanhava do marido, já apanhou do pai e agora vai casar com um que é pior ainda.

[...]

Tenho uma colega que tem um namorado branco e que maltrata muito ela; acaba e volta toda hora e ele sabe que na hora que ele quiser, ela tá disponível. Ela acha que não vai conseguir arrumar outro se não ficar com ele, porque ele é branco.

[...]

A mulher negra é vista como objeto; pode ficar, mas não namora. E quando a gente apresenta um namorado branco, a família recebe diferente. Parece que ele vale mais. (DIÁRIO DE CAMPO).

Lélia Gonzalez relatou uma frase que, para ela, é comum ouvir: “Mulher precisa casar com homem branco pra limpar a barriga” (FALA DE LÉLIA GONZALEZ - DIÁRIO DE CAMPO). Até aquele momento, eu estava olhando pra ela, ouvindo-a, mas ao ouvir aquilo, meu olhar se desviou e encontrou o de uma estudante branca, assim como eu, e então pensei comigo mesma: aqui nós representamos, mesmo sem querer, esse útero embranquecedor. Os olhos, boiando em lágrimas, não suportaram o reconhecimento de um privilégio que soava tão absurdo, porém tão real, diante daquela mulher negra, que nos trazia verdades tão dolorosas. Sei, porém, que a dor da vergonha naquele momento não se aproxima de forma alguma da dor da mulher negra para quem dizem que “precisa” ter sua barriga, seu útero embranquecido. É incomparável.

Houve um silêncio na roda, interrompido por mais um relato de opressão:

Em uma atividade dos jovens do MST, na hora da divisão das tarefas, em que meninos carregavam cadeiras e meninas faziam a limpeza, quando uma das garotas questionou essa divisão, um garoto respondeu que ‘meninos e meninas nunca serão iguais; uma menina quando sai na rua à noite sozinha sempre vai ter medo de ser estuprada e o

homem não, então sempre seremos diferentes'. (FALA DE TEREZA DE BENGUELA - DIÁRIO DE CAMPO).

Mais uma vez silêncio na roda. Ele estava concordando com aquilo? Estava constatando uma realidade? Ela lhe causava incômodo ou já estava naturalizada? Mais uma vez o silêncio é quebrado por outro relato. Elas queriam falar. Não há muito tempo para digerir tudo aquilo, porque vem um relato atrás do outro, escancarando as situações que são cotidianamente vividas por elas. Tereza de Benguela continua:

Meu pai dizia que futebol é coisa de nego macho e que a gente não podia jogar. Eu saía escondido de casa pra vir pro campo. Quando ele chegava e perguntava à minha mãe onde eu tava ... Dava bom não. Pra ele, mulher não pode tá onde tem muito homem reunido. (FALA DE TEREZA DE BENGUELA - DIÁRIO DE CAMPO).

D. Antonieta de Barros, mãe dessas três jovens mulheres, que até então as ouvia calada, apenas concordando com a cabeça, demonstra que quer falar e o grupo a escuta:

Teve um dia que todo mundo tava trabalhando na roça, ele, eu, os filhos tudo. Na hora da comida, que eu já tinha deixado pronta, eu disse: “cada um lava seu prato”, porque todo mundo já ia voltar pro trabalho e não tinha tempo de ficar lavando tudo. Ele respondeu: “se não quiser lavar o meu prato, pode jogar fora” [...] Mas isso é de muito tempo: eu sempre fazia o prato dele, depois deixei de fazer. Ele às vezes faz pra ele, mas pros filhos nunca fez não. (FALA DE D. ANTONIETA DE BARROS - DIÁRIO DE CAMPO).

Várias mulheres começam a falar ao mesmo tempo, se complementando, confirmando que em suas casas também funciona assim: o homem na cabeceira da mesa, a mulher servindo ou ele se servindo primeiro que todo mundo; às vezes a mulher só come depois que todo mundo come, especialmente se os filhos forem homens. Algumas ponderam que hoje em dia não é mais exatamente assim, mas que também não mudou tanto.

Continuam as falas sobre as funções do homem e da mulher na educação das filhas e filhos, com várias questões sendo trazidas:

Quando alguma coisa (ruim) acontece, é sempre culpa da mãe. (FALA DE D. ANTONIETA DE BARROS - DIÁRIO DE CAMPO).

É assim: enquanto os filhos são pequenos, a responsabilidade é da mãe, da mulher, de educar, cuidar... O homem pensa só em sustentar. Depois de grande, a mãe fica responsável pelas filhas e o pai pelos filhos. A mãe que tem que dar conta de onde a filha tá, se chega na hora ou não e se acontece alguma coisa, a culpa é da mãe, que não cuidou direito, que não ficou de olho. (FALA DE TEREZA DE BENGUELA - DIÁRIO DE CAMPO).

Conceição Evaristo, uma das mulheres de mais idade, que até então estava ouvindo tudo atentamente, trouxe o seguinte relato para o grupo:

Eu esquentava água pra ele tomar banho todo dia. Quando ele chegava do trabalho, já tava pronta, esperando. Um dia ele chegou, perguntou pela água quente e não tinha. Eu tava ocupada com outras coisas. Ele reclamou, dizendo que eu que tinha botado o costume, aí eu disse: “então pronto, se eu botei no costume, eu mesma vou tirar! Acabou agora!”. (FALA DE CONCEIÇÃO EVARISTO - DIÁRIO DE CAMPO).

Nós todas rimos, gargalhamos e também houve muitas palavras de incentivo e parabenizações àquela atitude. Outra das mulheres aproveitou a oportunidade para lembrar que elas mesmas muitas vezes acabavam reforçando aquelas situações de desigualdade e machismo, ao criarem suas filhas e filhos da forma que foram criadas, mesmo sofrendo com aquilo, ao que uma mais jovem pontuou:

Aqui todas nós somos mães; eu mesma crio meus sobrinhos e todas vamos criando as crianças da família. Se a gente cria de uma forma diferente, no futuro poderá ser diferente. (FALA DE DANDARA DOS PALMARES - DIÁRIO DE CAMPO).

A conversa seguiu pela linha da responsabilidade delas, enquanto mulheres, na desconstrução de algumas atitudes. Lembraram que:

Tem muito julgamento das próprias mulheres, estimulando rivalidade entre nós; tem que ser mais bonita, mais isso, mais aquilo. (FALA DE DANDARA DOS PALMARES - DIÁRIO DE CAMPO).

Sueli Carneiro compartilha com o grupo sua experiência criando dois filhos:

O mais velho, de 08 anos, já faz umas coisinhas em casa: passa uma vassoura na casa, lava uma louça; eu ensino desde cedo; se só sou eu e eles, se eu não ensinar, quem vai? Não adianta ficar reclamando se eu não criar meus filhos homens diferentes dos que eu critico. (FALA DE SUELI CARNEIRO - DIÁRIO DE CAMPO).

Caminhando para o final do encontro, abordamos a possibilidade daquela roda ter desdobramentos. A própria Sueli Carneiro nos contou que já houve um grupo de mulheres que se reunia, fazia encontros para discutir a organização delas, realizava comemorações em datas festivas (amigo secreto, almoço no Dia dos Pais e das Mães, etc.). Porém,

[...] por causa de fofocas, mal entendidos, o grupo se desfez. Tem outra coisa: o de fora é sempre mais valorizado que o de dentro, de casa. Se eu ou fulana convidasse as mulheres pra uma atividade, pra tomar um café na casa de uma de nós, pouca gente ou ninguém iria. Mas vocês chegam e chamam, o povo vem. Não tô reclamando de vocês não, é importante demais o que vocês estão fazendo aqui. Tô reclamando é do povo daqui, que não dá valor aos daqui. (FALA DE SUELI CARNEIRO - DIÁRIO DE CAMPO).

Foi muito forte e impactante escutar esse relato. Não o sentimos como uma queixa ou ressentimento em relação a nós, inclusive contextualizando a fala de Lúcia com toda a participação e envolvimento dela em todas as atividades que desenvolvemos juntas naquela semana. Saímos com a questão: como podemos contribuir sem sermos protagonistas de algo que não nos pertence? É a vida delas, são as questões delas. Podemos mediar em alguns momentos, estimular, mas não provocar uma condicionalidade em relação à nossa presença. Várias demonstraram interesse em retomar esse grupo e elas ficaram de se organizar.

O Encontro rendeu bastante. Já era noite. A conversa que tinha iniciado antes das 17 horas, ultrapassou a barreira do anoitecer e se estendeu até mais de 19 horas e todas continuavam ali, firmes e fortes, não sem várias interrupções, por várias motivos, que elas foram gerenciando sem precisar se afastar da roda.

Já estava bem escuro, pois não tem iluminação no campo de futebol. O céu lindamente estrelado nos iluminava e foi com esse cenário que encerramos, pela sugestão delas, com muitos aplausos e um grande abraço coletivo. Imaginem a força dessa cena: diversas mulheres, de diversas idades, com diversas histórias e experiências de vida. Reunidas no meio de um campo de futebol. Conversando sobre as formas de opressão vividas e planejando formas de falar e agir mais em relação a isso. Várias mulheres aplaudindo a si mesmas e a suas companheiras.

Imaginem. Não há registros dessa imagem, a não ser em nossas memórias. Conseguem imaginar? Tentem. Façam um esforço. Criem uma cena. Permitam-se povoar essa cena por alguns instantes e sentir a força da energia que estava circulando ali. Convoquem suas memórias do presente e do futuro. É um convite nosso para partilharmos juntas esse momento.

Pausa.

Após esse encontro, sentíamos que não daria para parar ou recuar. Nos dias seguintes em que ainda estivemos no assentamento, muitas mulheres nos procuravam para comentar algo que aconteceu na roda ou alguma outra situação relacionada ao que foi compartilhado lá. Após essa imersão, outras aconteceram e a roda de mulheres ganhou espaço permanente nesses momentos, sendo planejada de forma adaptada para cada momento. A seguir, temos relatos de outras rodas. Como já mencionamos, essa é uma escrita que traz a coletividade como atravessamento, mas gostaria de enfatizar a participação de duas estudantes de Psicologia, extensionistas, nos relatos que seguem, pois eles foram feitos primordialmente por elas: Alanna e Larissa.

Cuidando...

A segunda roda de mulheres aconteceu também em um fim de tarde, dessa vez na escola do assentamento. Pactuamos a presença exclusivamente de mulheres naquele local, sendo as mulheres moradoras do Manjerona, as estudantes e as professoras da UFRB. Enquanto isso, ocorria nas proximidades duas outras rodas: a de homens e a de crianças, planejadas para acontecerem ao mesmo tempo, a fim de evitar interferências de um grupo no outro.

As mulheres, de todas as idades, foram chegando aos poucos ao local e se ajeitando nas cadeiras e panos estendidos no chão. Éramos 18 mulheres naquele momento. Uma das professoras, que havia participado da primeira roda, fez uma breve retomada daquele momento e explicou a atividade que ocorreria logo a seguir. Iniciamos com a apresentação, em que cada mulher foi convidada a escolher uma parceira daquele local que não conhecesse ou que tivesse menos intimidade. Dessa forma, as duplas se juntaram e conversaram por alguns minutos, com o objetivo de trocar informações importantes sobre suas histórias e vidas, gostos e informações pessoais em geral. Após essa troca, as mulheres se apresentaram como se elas fossem a outra pessoa, adotando as características para si.

Mulheres mais novas apresentaram mais velhas, mais velhas apresentaram as mais jovens, fazendo o exercício de se colocarem no lugar da outra. Apareceram neste momento relatos das meninas mais novas afirmando que nunca tinham se colocado no lugar de uma mulher mais velha, com filhos e trabalhos tanto voltados para o campo, quanto os trabalhos domésticos. Já as mulheres mais velhas relataram que se sentiram com 15, 16 anos de idade novamente, com sonhos e perspectivas futuras. Também foi marcante o cuidado e generosidade com que umas apresentaram as outras. Podíamos ver a emoção nos rostos de algumas delas, escutando a companheira ao lado “apresentar-se” com suas características:

– Eu sou Aqualtune tenho 57 anos, 8 filhos; já vivi muitas coisas, já rodei muito nesse mundão, tenho muita história...;

– Eu sou Vilma Piedade, tenho 16 anos e tenho uma vida toda pela frente, pra correr atrás dos meus sonhos, estudar, fazer as coisas, fazer o que eu quero...

(DIÁRIO DE CAMPO, MONIQUE, 2021).

Após esse momento, propusemos que cada dupla se mantivesse e uma fizesse massagem na outra, praticando o cuidado com a próxima. Enquanto isso, foi colocada uma música de ambientação e foram disponibilizados cremes de massagem. Elas foram se tocando, massageando, cuidando umas das outras. Neste momento, o toque foi o principal instrumento de conexão e cuidado com aquele outro corpo feminino, muitas vezes apenas provedor de cuidado a outra pessoa, poucas vezes o corpo que recebe o cuidado.

Em seguida, conversamos sobre esse primeiro momento, perguntando como tinha sido para elas vivenciar aquela atividade. Ouvimos vários relatos sobre se colocar no lugar da outra, sobre a emoção de ouvir “coisas boas” sobre si mesma no momento da apresentação, sobre cuidado e acolhimento para com a outra mulher.

Na sequência, foi proposta a atividade da teia com barbante, na qual cada mulher foi convidada a oferecer o barbante para a outra e falar algo que desejava àquela pessoa. Surgiram muitos comentários no decorrer da atividade que representavam qualidades uma das outras, mensagens sobre força, partilha, cuidado e afetos, além de momentos de abraços compartilhados. Após a teia formada, uma das estudantes falou um pouco sobre o significado da teia e de que, quanto mais unidas, o elo ficaria mais forte e indestrutível, demonstrando o poder feminino e o quanto o acolhimento da próxima era importante para enfrentar problemas não apenas cotidianos e individuais, como também os coletivos, como a questão do machismo.

Para finalizar a roda, foi proposta uma ciranda conduzida por outras estudantes. Todas as mulheres deram as mãos e, girando e dançando, cantaram a ciranda feminista que marca inúmeros manifestos e movimentos de mulheres no Brasil:

*“Companheira me ajude, que eu não posso andar só.
Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor...”*

*Companheira me ajude, que eu não posso andar só.
Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor...*

(...) A ciranda vai girando...
(segunda voz em eco: a ciranda vai girando...)

e as mãos vão se encontrando.”
(segunda voz em eco: e as mãos vão se encontrando)

Fonte: BRITO, 2021.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor lilás.

Vozes femininas ecoaram naquela sala, naquela noite, celebrando um encontro de cuidado baseado no toque, na fala, na escuta. Por um instante, durante a ciranda, enquanto girávamos de forma ritmada pela sala, fechei os olhos e conseguia sentir o ritmo da música naquelas vozes pulsando em meu corpo, como se elas ritmassem as batidas do meu coração, que pulsava junto com as vozes.

A música parou.
As mãos se juntaram em aplausos.

Corpos inteiros se encontraram em abraços.

Era só uma das atividades da noite.
(BRITO, 2021).

Depois da ciranda, foi proposta por uma das professoras o ritual de despedida da barriga de Maria Firmina do Reis, a presidenta do assentamento que estava grávida de oito-nove meses. Para este momento, foram chamados os homens e as crianças das outras rodas. Naquele momento estaríamos todas juntas para celebrar aquela nova vida que estava prestes a chegar.

À medida que as pessoas iam sentando, formava-se um emaranhado de cuidado, como uma raiz-rizoma, trazendo em seu centro Maria Firmina do Reis, que estava deitada no colo da professora, depois estava sua família, constituída por seu esposo e filhas e as outras pessoas, que foram sentando em camadas, rodeando a família, até que a sala inteira estava repleta de pessoas sentadas lado a lado, voltadas para o centro, olhando e vibrando com Maria Firmina do Reis e sua família.

Surgiram, durante este momento, falas dando as boas-vindas ao bebê, além de palavras como “força”, “coragem”, “amor”, dentre outras, desejando que o parto tivesse todo o sucesso e também foram cantadas músicas de ninar e outras músicas surgiram ao longo da roda de cuidados.

Além das músicas, as mãos foram outros actantes importantes nesse momento. A professora que estava conduzindo aquele momento pediu para que todas mentalizássemos energias de acolhimento e boas vindas para aquela criança que estava prestes a nascer. De fora para dentro, fomos tocando umas nas outras, como uma forma de transmitir as boas energias até o centro da roda. Até Maria Firmina do Reis e seu ventre, que guardava aquela vida.

Dessa forma foi finalizada não apenas a roda de mulheres, como também a roda de toda a comunidade. Uma roda que tinha como centro uma mulher gerando uma vida, demonstrando a força, o poder e a importância do papel feminino, como fruto do nascimento, como o poder e a força da comunidade, com o símbolo da vida por meio do ventre e da liderança. Aquela mulher era a mãe e também a presidenta do assentamento.

Construindo...

A terceira roda de mulheres aconteceu, pela segunda vez consecutiva, na sala da escola da comunidade, tendo início por volta das 15 horas e 30 minutos da tarde de um domingo, após uma reunião entre assentadas, docentes e discentes da UFRB a respeito do setor saúde da comunidade. Após a reunião, permaneceram apenas as mulheres na sala. As crianças foram para a ciranda, conduzida por outras professoras e estudantes. As mulheres presentes, de todas

as faixas etárias, organizaram-se em um círculo e uma das professoras deu início ao momento com uma breve retomada das outras duas rodas de mulheres já realizadas. Dando prosseguimento, fizemos uma aproximação entre todas nós através de uma apresentação com o nome somado a alguma característica ou hábito que ninguém soubesse sobre nós.

Ao longo da apresentação, percebemos que esta funcionou como estímulo para relatos reveladores que foram compartilhados, tendo um se destacado por fazer referência à solidão, quando Carolina Maria de Jesus, coordenadora do setor de saúde da comunidade, relata “medo de pensar no futuro e ficar só”, e o outro por ser dito por uma das anciãs da comunidade e uma das maiores lideranças femininas daquele espaço, Conceição Evaristo: “acho que ninguém percebe, ninguém me percebe, mas eu tenho muita vontade de ajudar os outros”.

Após a dinâmica de apresentação, foi proposta a construção de uma nova mulher constituída por uma parte de cada uma delas. Foram distribuídos papeis e canetas e pedimos que neles fosse escrito ou desenhado o que elas desejassem compartilhar de suas próprias histórias para a constituição daquela nova mulher. Como pano de fundo, uma música calma tocava e os rabiscos eram feitos com cuidado e atenção, até o momento em que todas disseram ter terminado. Ao fim, pedimos que quem se sentisse à vontade poderia relatar e doar a parte que cada uma desejasse para constituir aquela nova mulher.

A primeira a se manifestar foi Laudelina Campos de Melo, que desenhou uma flor, trazendo, entre outras coisas, a escuta sensível que lhe é proporcionada pelas plantas, sendo fundamental para a sua constituição como mulher o compartilhamento de suas vivências e angústias com esses seres:

Plantar flor representa a alegria na minha vida. (FALA DE LAUDELINA CAMPOS DE MELO - DIÁRIO DE CAMPO).

Em seguida, Conceição Evaristo, anciã da comunidade, trouxe o aspecto que a fez se sentir mulher quando desenhou uma mulher e uma criança:

Ter uma criança me fez mulher. Tive 10 filhos, criei 11 irmãos, cuidar deles me fez mulher. Tenho 2 netos e 4 sobrinhos, gosto de ajudar na criação das crianças para ver o futuro amanhã. (FALA DE CONCEIÇÃO EVARISTO- DIÁRIO DE CAMPO).

Naquele momento, pudemos perceber a confirmação das palavras de Conceição Evaristo e a admiração no rosto de várias mulheres presentes, entendendo que aquela fala era muito significativa no contexto comunitário. Já Carolina Maria de Jesus desenhou 3 bolas e disse:

Gosto de assistir as crianças jogarem. (FALA DE CAROLINA MARIA DE JESUS - DIÁRIO DE CAMPO).

Curiosa a respeito da afirmação, uma das estudantes perguntou se ela também jogava, ao que ela respondeu que nunca jogou e não quer, mas gosta de assistir. Em seguida, ela foi convidada a doar a sua parte para a nova mulher, e inicialmente disse que não queria, mas acabou doando, após insistência e incentivo das companheiras do assentamento.

Após o relato de Carolina Maria de Jesus, que anteriormente relatou ter medo de ficar só, Mercedes Baptista desenhou ela e uma criança, afirmando:

Gosto de ter a minha família, a minha criança, mas gosto de estar só também. É diferente, né? Estar só e se sentir só. (FALA DE MERCEDES BAPTISTA - DIÁRIO DE CAMPO).

Muitas mulheres concordaram com ela, acrescentando que estar só no cotidiano delas é bem difícil, porque têm sempre muitas tarefas e muitas pessoas ao redor, principalmente para cuidar. Associada à forte significância do vínculo familiar e a territorialidade, Zezé Motta desenhou uma casa, o sol, as netas, o cacau e flores, relatando:

Não posso viver sem o sol. E fico feliz que tenho minhas netas, minha casa, minhas flores. (FALA DE ZEZÉ MOTTA - DIÁRIO DE CAMPO).

E assim o corpo daquela mulher coletiva foi se COMpondo, à medida que novas partes, características e desejos lhes eram acrescentados. Paramos para observar a nova mulher que foi adquirindo formato, constituindo-se ao longo de cada doação, despertando a contemplação momentânea daquelas ali presentes antes de continuarmos o processo. Marielle Franco relatou querer doar o aprendizado e as vivências do processo de luta pela terra que a fizeram despertar para os seus direitos de mulher:

Aprendi quando fui pro acampamento para correr atrás do nosso direito e nunca baixar a cabeça. O acampamento me transformou, me deu uma nova vida, uma nova família. (FALA DE MARIELLE FRANCO- DIÁRIO DE CAMPO).

Essa fala trouxe um olhar de reconhecimento e admiração entre as assentadas. Percebemos a identificação entre elas e a importância delas se reconhecerem como parte da luta pelas conquistas de todos. Ruth de Souza desenhou uma flor e escreveu a palavra fé e trouxe o aspecto da sua espiritualidade para constituir aquela mulher:

Flor foi a palavra que fez uma mulher guerreira. (FALA DE RUTH DE SOUZA - DIÁRIO DE CAMPO).

Em seguida, Maria Felipa de Oliveira trouxe um aspecto que gerou identificação entre as assentadas, evidenciando como a sua história enquanto mulher está intrinsecamente ligada à história de sua família, quando disse:

Eu desenhei duas crianças, e uma com uma mala para ir trabalhar. Sou eu, com 12 anos e isso me tornou a mulher que eu sou hoje porque minha família não tinha condições, e aí eu tive que sair e ir trabalhar, mesmo com essa idade. (FALA DE MARIA FELIPA DE OLIVEIRA - DIÁRIO DE CAMPO).

Os relatos seguintes se associam à maternidade e à necessidade do amadurecimento, principalmente da mulher como única figura responsável pela criação daquele ser e o peso das responsabilidades e dos julgamentos externos e internos:

Foi quando fui mãe que comecei a direcionar minha vida. (DIÁRIO DE CAMPO - BRITO, 2021).

Desde 14 anos eu era mãe, não tive o prazer da minha vida de nova. Não cheguei a completar os estudos. (DIÁRIO DE CAMPO, BRITO, 2021).

Eu não estudei, não aprendi a ler, nem escrever. Saí de casa com 16 anos, tive minha primeira filha e quis que meus filhos estudassem. [E completa, evidenciando o frequente abandono paterno:] Creio que eu sou uma boa mãe, porque o pai só prestou pra fazer mesmo. (DIÁRIO DE CAMPO, BRITO, 2021).

No meio desse processo, um fato nos emocionou. O filho pequeno de uma das mulheres que estavam ali, participando da roda, caiu, bateu a cabeça e começou a chorar, e nesse momento a anciã Conceição Evaristo fez uma pergunta: “Como dá conta de três meninos pequenos?”, tendo em seguida ela mesmo respondido “dando...”, reforçando essa realidade comum a muitas mães.

Com a nova mulher quase toda constituída, caminhamos para o último relato. Dandara dos Palmares, uma das jovens, relatou o amor pelo futebol e o fato do pai não deixá-la jogar por dizer ser coisa de homem e, evidenciar no seu discurso que meninas não podem brincar com meninos, ameaçando-a de “levar uma surra” caso isso acontecesse. Por fim, ela doou uma conquista que considerou muito importante na sua constituição como mulher:

Me formei no meu curso técnico, acho que foi um marco na minha vida, vi o exemplo dos meus irmãos e minha mãe sempre me incentivou muito. (FALA DE DANDARA DOS PALMARES - DIÁRIO DE CAMPO).

Após as doações, vislumbramos a nova mulher constituída, fruto da união das características de cada uma, representando todas elas. Buscando dar um caráter de identidade, convidamo-las a darem um nome a essa nova mulher. Algumas sugestões foram dadas e foi

feita uma votação, perguntando qual nome escolheriam e o motivo da escolha. Ao final, foi escolhido o nome "Flor de Fé", representando a força e a fé de todas aquelas mulheres, constituídas em uma só. Para fechar este momento, uma das estudantes fez um compilado de tudo o que foi dito sobre a mulher que estava sendo criada naquele momento. O relato buscava conectar todas as características, inquietações, certezas e dúvidas que foram postas sobre essa mulher:

Eu sou uma mulher com várias características e vou contar agora um pouquinho da minha história para vocês. Eu sou uma mulher que gosta de flores e do encanto que elas trazem. Sou também uma mulher que gosta de assistir futebol, mostrando que eu posso ser quem e como eu quiser, com minhas vontades e características. Gosto de estar só, mas não se engane, eu também gosto de estar no coletivo. As crianças sempre fizeram parte da minha vida, pois eu sou o fruto, o ventre, o colo e o abrigo. Eu represento a vida. Mas isso não significa que vim aqui apenas para doar, pois eu também "SOU". Sou uma mulher que gosta do trabalho, do campo, da roça e da luta. O acampamento me transformou, me trouxe uma nova família, que vai muito além dos laços sanguíneos. Me deu companheiras de luta e de vida. Eu sou uma mulher guerreira, levo comigo a fé. A fé na vida e na caminhada. Trago no peito minha família, meus ancestrais, minha identidade e o amor, que tornou-se essencial para a minha existência. As minhas relações me constituem, seja por meio de relacionamentos familiares, amorosos ou de amizade. O reconhecimento de toda minha comunidade é a base do que eu sou, de onde vim e para onde quero seguir. Sou constituída de admiração, respeito e muita força. Trago os meus no meu ventre, nas minhas mãos, nos meus pés. Eu sou a âncora e a fortaleza. O mudar faz parte de mim. Eu cresci, me transformei, me reformei e me constituí enquanto mulher. Na minha vida também há muito sofrimento, tristezas e angústias. As marcas do racismo, machismo, intolerância e preconceitos estão em mim. Mas eu sigo lutando, resistindo, acreditando e vivendo, com objetivo de melhorar e me afirmar cada dia mais para o mundo. Sou uma mulher preta, assentada, do MST, forte, que luta, que vibra, que chora, que ri, que vive e que está disposta a florescer e se renovar a cada dia. Eu sou uma mulher linda, única, sou múltipla e variada, eu sou a Flor da Fé. (BRITO, 2021).

Esse texto foi lido para o grupo, acompanhado da pergunta: "você acham que essa mulher representa todas e cada uma de vocês?". O grupo respondeu com aplausos e outras expressões de concordância.

Essa atividade voltou-se para a construção de uma história coletiva, atravessada pelas vivências de cada mulher que ali estava. Esse coletivo buscou construir visibilidade para a diversidade e não homogeneizar experiências. Cada história individual que foi contada *COMPõe* pedaços na história de Flor de Fé, ao mesmo tempo que busca trazer à tona relatos de vida que importam, uma vez que não buscamos modelos, nem ambicionamos generalizações. Aproximar-nos da história de uma pessoa, de várias pessoas, faz despertar uma nuvem de poeira gigante de sensações ou uma micro e fugaz sensação, que pulsa rapidamente em nosso corpo e se desfaz, ou melhor, vai pro mundo e ficamos tentando revivê-la, em vão. A vida vale, uma vida vale e ela pode sim nos ajudar a aproximar-nos (não necessariamente compreender) de outras vidas. Se algo nos aproxima de outras vidas, isso tem potência.

No final, foi proposto que houvesse uma reunião das mulheres dos dois assentamentos vizinhos, um momento de confraternização, partilha, cuidado, acolhimento e conversa que fosse para além das rodas propostas pelas mulheres da UFRB, para que elas pudessem se enxergar como um grupo. Algumas sugeriram uma noite de músicas, outras falaram sobre um momento de artesanato e um samba, no qual as jovens da localidade ficariam responsáveis por essa organização. Com o anoitecer e a falta de luz elétrica no ambiente, as velas foram colocadas nas mãos da mulher que estava representada na figura no chão, mostrando toda luz e poder feminino. A Ciranda da segunda roda foi repetida nesse momento. Todas as mulheres da roda, juntas, cantando em um único coro, sobre o quanto é valioso e significativo o compartilhamento e a sororidade.

Figura 6 – Terceira roda de conversa entre mulheres



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2021.

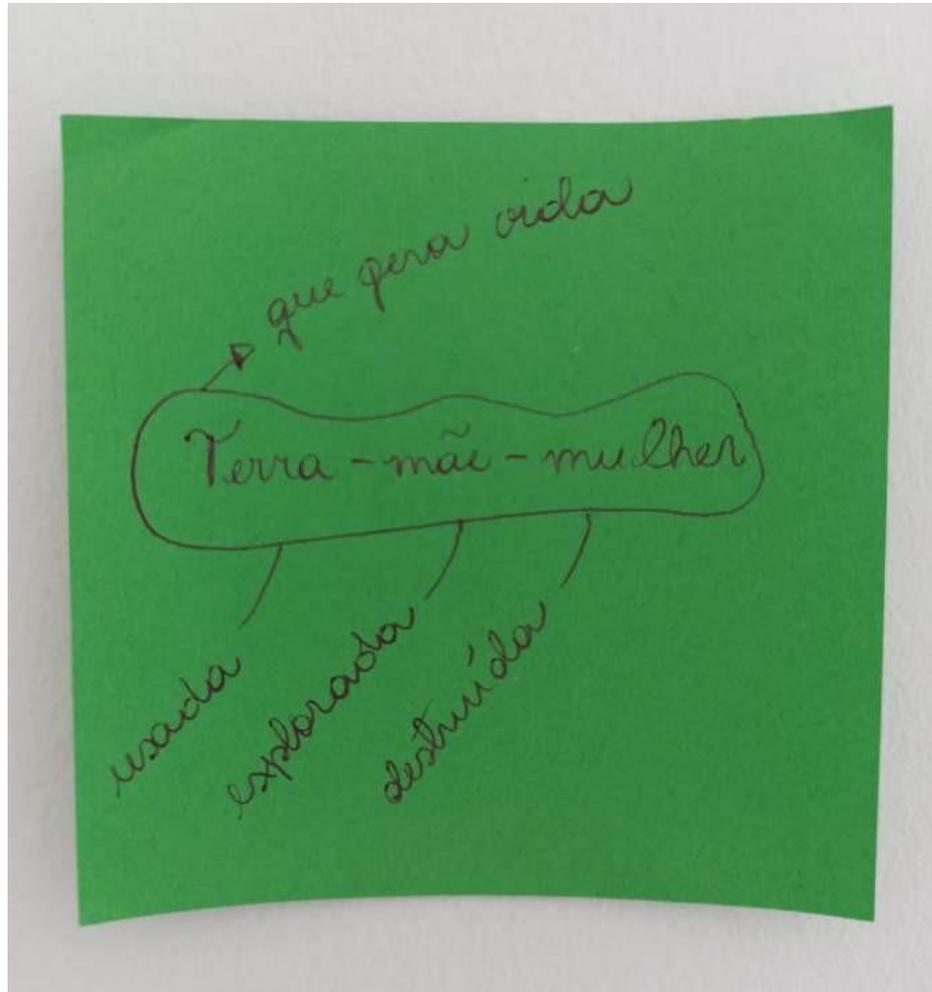
Descrição da imagem: Na imagem acima, temos um grupo de mulheres em uma sala de aula, sendo que 15 delas estão em pé e 09 estão abaixadas e/ou sentadas na frente delas. A maioria das mulheres é negra, está sorrindo e algumas estão abraçadas. Essa disposição tem o formato de meia-lua. No centro, pedaços de papel em forma retangular de cor amarela esboçam a forma de um corpo humano. No pedaço de papel que está no lugar da cabeça, está escrito “Flor de Fé” e próximo ao que seria cada uma de suas mãos, há duas velas acesas, que iluminam a sala.

Esses encontros com tantas histórias-mulheres têm nos proporcionado muitas reflexões. Em nenhum momento definimos previamente ao campo que pesquisariamos exclusivamente com mulheres. E continuamos sem essa exclusividade. Mas os encontros foram acontecendo e se tornando cada vez mais potentes, trazendo inúmeras questões que ultrapassaram em muito os objetivos iniciais da pesquisa e promovendo deslocamentos imensuráveis em nós mesmas enquanto mulheres.

O feminino, em todas as suas múltiplas nuances e possibilidades, tem chegado e ocupado um grande pedaço de terra nesta pesquisa de forma absolutamente legítima e necessária. No momento em que escrevo isso, fico pensando que é assim que nós mulheres temos nos relacionado com o mundo. Chegando e ocupando. Não sem dificuldades. Não sem receios. Acompanhadas de uma infinidade de sensações. Foi assim que as mulheres foram chegando neste campo de pesquisa, neste corpo-pesquisadora e nesta escrita-laboratório.

9 SEGUINDO COM O PENSAMENTO DECOLONIAL

Figura 7 – Terra-mãe-mulher



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: papel verde colado em uma parede. Escrito em seu centro, as palavras “terra-mãe-mulher”, dentro de um balão, do qual partem quatro linhas-setas independentes com os seguintes escritos: 1) que gera vida; 2) usada; 3) explorada; 4) destruída.

Esse papelzinho acima brotou em umas das idas ao Vale do Capão, como vocês podem acompanhar pelo diário abaixo:

Saindo da USF, onde estava em conversa com a enfermeira e gerente da unidade para planejamento da atividade com a próxima turma do internato Saúde Mental em Redes, conversa na qual ela trouxe a necessidade de abordar a questão da saúde mental na escola, deparo-me com uma atividade acontecendo no coreto da praça principal da vila, que fica bem em frente à USF. Vou me aproximando e me encaixo num cantinho para assistir a uma apresentação que está acontecendo ali... O tema? A Terra! (BRITO, 2021).

Durante a Semana de Integração da Escola Municipal de Primeiro Grau de Caeté-Açu, que aconteceu em maio de 2019, o tema que norteou as atividades foi:

Terra - Mãe - Mulher

Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor amarela.

Em rápida conversa com uma das professoras – que estava bem ocupada, correndo de um lado pro outro, e mesmo assim foi super atenciosa –, ela relatou que ali no Capão sempre é trabalhada a relação das estudantes com a terra e que esse ano foi ainda mais especial:

Esse ano a gente teve a ideia de considerar a terra como uma mulher e trabalhar a forma como a gente se relaciona com ela; eu achei isso maravilhoso, porque é isso mesmo, né? (FALA DE ANA TERRA, DIÁRIO DE CAMPO).

Uma das oficinas realizadas ao longo da semana foi a de arte e expressão, com debate e produção de cartazes que apareceram no vídeo que foi mostrado no momento de fechamento daquele ciclo de atividades, no evento de culminância da Semana de Integração. No vídeo foram mostradas as oficinas, além de relatos de algumas estudantes, dos quais destaco o seguinte:

Na aula de hoje, aprendemos a dança das deusas pra trabalhar a auto-estima das mulheres negras. Eu acho muito importante e quero continuar. Foi muito, muito importante pra mim. (FALA DE ANA RIO, DIÁRIO DE CAMPO).

Vendo aquelas apresentações, escutando essas mulheres, observando tudo que acontecia ali, fui percebendo que o significado de “mãe” que estava sendo trabalhado não se referia à maternidade no sentido mais restrito da palavra, de uma mulher que gera bebês-humanas e que, muitas vezes, o faz pela obrigação sociocultural que nos é imposta, enquadrando mulheres cis dentro do dispositivo materno, tecnologia de gênero que impõe a maternidade como critério de legitimação para a condição de mulher, como nos alerta a brasileira Valeska Zanello (2018).

A palavra mãe estava aparecendo ali como simbolização da produção de vida humana e não-humana, aquela que gera, que cria, além de vidas, mundos. Que produz o alimento que, por sua vez, produz a todas nós, sustentando-nos no mundo. Algo que se aproxima mais da hipótese de Gaia, elaborada pelo inglês James Lovelock no ano de 1979 (LOVELOCK, 2011) – e fortalecida pelos estudos da estadunidense Lynn Margulis. O nome Gaia é uma metáfora para “terra viva” e teve inspiração na mitologia grega, pois Gaia era a deusa da Terra e mãe de todos os seres vivos.

De acordo com essa hipótese, o planeta Terra é um imenso organismo vivo autorregulável, capaz de obter energia para seu funcionamento, regular seu clima e temperatura, eliminar seus detritos e combater suas próprias doenças, ou seja, assim como os outros seres vivos, um organismo capaz de se autorregular, como afirma o brasileiro Homero Jorge Mazzola (2017).

Neste momento, não conseguimos, nem podemos e nem queremos deixar de fazer a relação entre a terra-gaia, terra-mulher dividida, explorada, usurpada, expropriada, destruída, e as mulheres do mundo. Ambas – terra(s) e mulher(es) – em todas as suas peculiaridades que as tornam únicas e ao mesmo tempo as conectam. Todas elas.

.....fronteira

Seguindo com a palavra-força **terra** como ponta do fio condutor, pensemos na Terra, o planeta. Aprendemos (somos ensinadas!) logo nos primeiros anos de estudo que ela está dividida em dois hemisférios: Norte e Sul. Geografia básica. Clima. Fauna. Flora. Aprendemos (somos ensinadas!) que há diferenças entre esses hemisférios, mas não nos mostram todas as diferenças e como elas foram política, histórica, social, econômica e epistemologicamente construídas e como interferem na vida das pessoas.

Boaventura de Sousa Santos vem nos falar sobre algumas dessas outras diferenças em algumas de suas obras. Ele explica que não se refere ao norte e ao sul geográficos, mas geopolíticos. Juntamente com Maria Paula Meneses, explica a expressão “Epistemologias do Sul” e da seguinte forma:

Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

Essas epistemologias visam reconhecer e validar o conhecimento produzido por aquelas pessoas que têm sofrido sistematicamente as injustiças da dominação. Boaventura ressalta que não seria preciso haver Epistemologias do Sul se não houvesse uma epistemologia do norte que, mesmo não tendo se autodenominado dessa forma, foi construída com base em uma espécie de monocultura do saber proveniente da presença hegemônica eurocêntrica, que se constituiu enquanto epistemologia universal. Ele explica também que uma epistemologia do Sul nos

direciona por três caminhos: “aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul” (1995, p. 508).

Ele afirma, ainda, que os principais pilares que sustentaram esse processo violento e hegemônico foram o **capitalismo, o colonialismo e o patriarcado**, forjados e utilizados para justificar a invasão física – terra e corpos –, cultural, etc.

O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizadas, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

De acordo com o brasileiro Fúlvio Gomes (2012), da mesma forma, essa epistemologia hegemônica submeteu à sua visão etnocêntrica o conhecimento do mundo, o sentido da vida e das práticas sociais. Para tentar escapar dessa dominação, é preciso construir novas epistemologias que produzam uma fratura no pensamento abissal, uma espécie de separação de placas tectônicas que produza novos possíveis, não apenas novas possibilidades. Estas últimas estariam já dadas, como alternativas em uma questão de múltipla escolha. Novos possíveis estariam por se fazer, a serem performados a partir de novos encontros sem a marca do colonialismo.

Seguimos com Boaventura quando ele propõe a construção de um pensamento pós-abissal, o qual poderia ser constituído a partir do Sul, aprendendo com o Sul, usando uma Epistemologia do Sul. O pensamento pós-abissal é formado a partir de uma ecologia de saberes, afastando-se de qualquer tentativa de construir uma epistemologia geral e reconhecendo a pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico (SANTOS, 2010).

É próprio da natureza da ecologia de saberes constituir-se através de perguntas constantes e respostas incompletas. Aí reside a sua característica de conhecimento prudente. A ecologia de saberes capacita-nos para uma visão mais abrangente daquilo que conhecemos, bem como do que desconhecemos, e também nos previne para que aquilo que não sabemos é ignorância nossa, não ignorância em geral (SANTOS, 2010, p. 66).

Nesse sentido, a ecologia de saberes reconhece uma multiplicidade epistemológica, permitindo que os conhecimentos se cruzem e reconhecendo a existência de múltiplas versões. O argentino Walter D. Mignolo (2007) argumenta que a ruptura epistêmica produzida a partir deste tipo de saber poderia levar a um processo de descolonização do ser, que possibilitaria fraturar a lógica de silenciamento das epistemologias colonizadas, como as dos povos camponeses, que tem desqualificadas as suas referências de sociedade, de sujeitos, de saberes e modos de vida.

Seguindo essa pista, temos caminhado pelas trilhas da descolonização do conhecimento, dialogando com pensadoras e pensadores do Sul global-epistemológico, buscando principalmente interlocutoras mulheres que pensam a vida ultrapassando as fronteiras do hegemônico. Isso não quer dizer que não temos recorrido também ao conhecimento produzido no norte, por homens, mas com posicionamento crítico diante dele e buscando as devidas contextualizações.

O peruano Aníbal Quijano, por exemplo, tem um papel importantíssimo na construção do pensamento decolonial latinoamericano. Ele desenvolveu o conceito de colonialidade do poder para se referir à forma que a dominação e a exploração adquirem no modo de organização mundial em torno do sistema capitalista.

Para ele, a colonialidade do poder se estrutura a partir da classificação das populações do mundo em termos de raças, racializando as relações entre as pessoas colonizadoras e colonizadas, bem como o sistema de trabalho, seja ele assalariado ou escravizado. Dessa forma, o eurocentrismo constitui-se como o novo modo de produção e controle de bens e subjetividades (QUIJANO, 1991).

Nesse momento, é importante explicitar uma questão em relação aos termos descolonizar e decolonizar. Para algumas pessoas, os termos poderiam ser utilizados como sinônimos. Há, porém, a colocação de uma diferença que vai para além da dimensão ortográfica. A descolonização é considerada por muitas estudiosas do termo, como o simples processo de deixar de ser colônia, o que não significaria muita coisa em termos de dominação. Decolonizar, por sua vez, ampliaria o sentido, como defende a estadunidense naturalizada equatoriana Catherine Walsh (2009):

Suprimir o 's' e nomear 'decolonial' não é promover o anglicismo. Pelo contrário, é para marcar uma distinção com o significado em espanhol de "des". Não pretendemos simplesmente desarmar, desfazer ou reverter o colonial; isto é, passar de um momento colonial a um não colonial, para que seus padrões e traços deixem de existir. A intenção, ao contrário, é sinalizar e provocar um posicionamento - uma postura e atitude contínuas - de transgredir, intervir, insurgir e incidir. O decolonial denota, então, um caminho de luta contínua em que podemos identificar, tornar visíveis e favorecer 'lugares' de exterioridade e construções alternativas. (WALSH, 2009, p. 14, tradução nossa).

A argentina María Lugones (2008, 2014), vem complementar e ampliar a discussão realizada por Aníbal Quijano, que se deteve mais às análises do colonialismo por via da raça. Ela vai construir um caminho de investigação e compreensão da colonialidade de gênero de forma interseccional, articulando raça, classe, gênero e sexualidade.

Ela dedicou-se a estudar de forma mais próxima a violência sofrida pelas mulheres “de cor”, expressão que ela usou para se referir a “mulheres não brancas, mulheres vítimas da colonialidade do poder e, inseparavelmente, da colonialidade do gênero” (2008, p. 75), a qual ela vai definir como sendo a imposição colonial de um sistema de gênero opressivo, baseado no dimorfismo biológico, na dicotomia homem/mulher, na heterossexualidade, no patriarcado, na sexualidade e na raça.

Como estratégia para superar a colonialidade de gênero, Maria Lugones vai recorrer ao feminismo descolonial²². Em suas próprias palavras: “Chamo a análise da opressão de gênero racializada capitalista de ‘colonialidade do gênero’. Chamo a possibilidade de superar a colonialidade do gênero de ‘feminismo descolonial’.” (LUGONES, 2014, p. 941).

Para ela, descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis feita a partir da crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada:

Como tal, a descolonização do gênero localiza quem teoriza em meio a pessoas, em uma compreensão histórica, subjetiva/intersubjetiva da relação oprimir ← → resistir na intersecção de sistemas complexos de opressão [...] Deve incluir “aprender” sobre povos. Além disso, o feminismo não fornece apenas uma narrativa da opressão de mulheres. Vai além da opressão ao fornecer materiais que permitem às mulheres compreender sua situação sem sucumbir a ela. (LUGONES, 2014, p. 940).

Amparado nas propostas do feminismo negro (black feminism), iniciado nos Estados Unidos na segunda metade do século XX, o feminismo decolonial vem propor outro lugar de enunciação das mulheres, reivindicando uma revisão da ideia da existência de uma mulher universal e homogênea, construída a partir da posição privilegiada das mulheres brancas e do feminismo hegemônico, cujas teorias não servem para identificar e atuar sobre as realidades das mulheres racializadas e provenientes de territórios colonizados. Nessa direção, María Lugones propõe um “pensamento de fronteira feminista, onde a liminaridade da fronteira é um solo, um espaço, uma fronteira, para usar o termo de Gloria Anzaldúa, [...] não uma repetição infinita de hierarquias dicotômicas (LUGONES, 2014, p. 947).

Para viabilizar essa resistência, ela defende que não se resiste sozinha à colonialidade do gênero.

Resiste-se a ela desde dentro, de uma forma de compreender o mundo e de viver nele que é compartilhada e que pode compreender os atos de alguém, permitindo assim o reconhecimento. Comunidades, mais que indivíduos, tornam possível o fazer; alguém faz com mais alguém, não em isolamento individualista. O passar de boca em boca, de mão em mão práticas, valores, crenças, ontologias, tempo-espacos e cosmologias vividas constituem uma pessoa. A produção do cotidiano dentro do qual uma pessoa

²² De forma geral, utilizaremos o termo decolonizar, mas manteremos o descolonizar quando for esse o termo utilizado pelas pessoas que estamos citando.

existe produz ela mesma, na medida em que fornece vestimenta, comida, economias e ecologias, gestos, ritmos, habitats e noções de espaço e tempo particulares, significativos. (LUGONES, 2014, p. 949).

O que estou propondo ao trabalhar rumo a um feminismo descolonial é, como pessoas que resistem à colonialidade do gênero na diferença colonial, aprendermos umas sobre as outras sem necessariamente termos acesso privilegiado aos mundos de sentidos dos quais surge a resistência à colonialidade. Ou seja, a tarefa da feminista descolonial inicia-se com ela vendo a diferença colonial e enfaticamente resistindo ao seu próprio hábito epistemológico de apagá-la. Ao vê-la, ela vê o mundo renovado e então exige de si mesma largar seu encantamento com “mulher”, o universal, para começar a aprender sobre as outras que resistem à diferença colonial. (LUGONES, 2014, p. 948).

Com essas palavras, María Lugones, que faleceu recentemente, em 2020, deixa um chamamento pela busca do conhecimento de nós mesmas, situando-nos geopoliticamente no mundo, reconhecendo nossos privilégios, sempre que eles existirem, e utilizando-os para diminuir as distâncias que nos separam. Ao mesmo tempo, aproximando-nos e conhecendo umas às outras, entendendo-nos em um coletivo heterogêneo e lutando contra as forças opressoras que tentam cotidianamente nos esmagar.

Seguiremos também com grande influência de duas mulheres brasileiras em especial, que ainda aparecem bem menos no texto e muito mais em nossos corpos e formas de percebermos e nos relacionarmos com o mundo. Isso porque a vida e a produção delas nos marcou de tal forma que ainda estamos processando muitas coisas que ainda serão desenvolvidas para além do espaço da tese. Uma delas é Conceição Evaristo, que, em 2016, em entrevista ao Portal UOL, nos ensinou, acerca das lutas dos povos descendentes de africanos nas Américas, que

“Os nossos passos vêm de longe...” A luta dos afro-brasileiros não é de agora. Conscientemente escolho a nacionalidade hifenizada, afro-brasileira, pois quero ressaltar a situação histórica dos africanos escravizados e seus descendentes na formação da nação brasileira. Um de nossos paradigmas de resistência se fundamenta nas lutas quilombolas. E que nos ensinaram as lutas quilombolas? Ensinarão-nos que o sumo da luta política é feito de insistência, de resistência, de esperanças e da certeza de que lutamos pelo que é nosso por direito. Ser quilombola não significava ter a liberdade garantida, talvez fosse muito mais viver sob a ameaça de ser recapturado e entregue aos “senhores”, mas era preciso resistir sempre. (EVARISTO, 2016, não paginado).

Trilhar caminhos na rota das Epistemologias do Sul ou Nordestinas, como é o nosso caso aqui, não se trata apenas de recorrer ao “Sul” ou ao “Nordeste” enquanto localizações geográficas. Como Boaventura de Sousa Santos (2010, p. 19) argumenta,

O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua redação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos

ao colonialismo europeu e que, com exceções, não atingiram níveis de desenvolvimento económico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte). A sobreposição não é total porque, por um lado, no interior do Norte geográfico classes e grupos sociais muito vastos (trabalhadores, mulheres, indígenas, afrodescendentes, muçulmanos) foram sujeitos à dominação capitalista e colonial e, por outro lado, porque no interior do Sul geográfico houve sempre as ‘pequenas Europas’, pequenas elites locais que beneficiaram da dominação capitalista e colonial e que depois das independências a exerceram e continuam a exercer, por suas próprias mãos, contra as classes e grupos sociais subordinados.

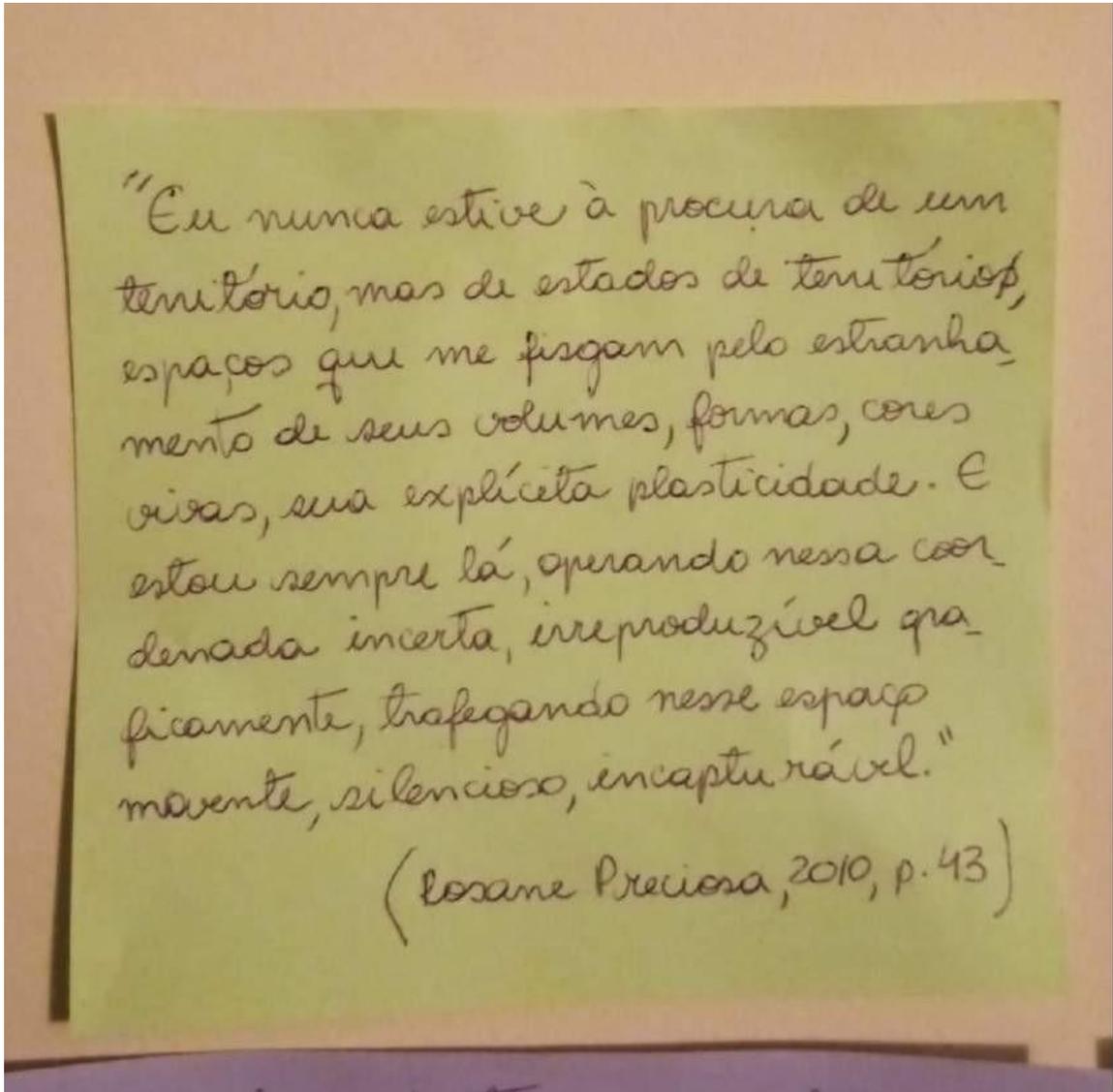
Da mesma forma, produzir epistemologias nordestinas também passa pela interlocução com actantes que não tem origem no nordeste brasileiro, mas que nos fazem pensar e nos fazem fazer. Trata-se de algo muito mais amplo e que jamais poderia passar de forma isenta pelas discussões sobre o racismo – e não apenas sobre raça, mesmo sabendo que historicamente a criação da categoria raça esteve sempre atrelada a uma função racista de segregação e opressão. Mulheres como Conceição Evaristo (2003, 2006, 2008, 2011, 2014, 2016, 2018) e Carolina Maria de Jesus²³ (1960, 1961, 1963a, 1963b, 1977/2007, 1982, 1996a, 1996b, 2014, 2018), que contaram suas histórias e a de várias outras mulheres – assim como várias outras dos mais diversos lugares da vida – são forças impulsionadoras das epistemologias nordestinas.

----- FRONTEIRA.....

²³ Póstumas: JESUS, 1977, 1982, 1996a, 1996b, 2014, 2018.

10 PESQUISANDO COM MULHERES MIGRANTES

Figura 8 – Eu nunca estive à procura de um território



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: papel amarelo colado em uma parede, com o seguinte texto: “Eu nunca estive à procura de um território, mas de estados de territórios, espaços que me fixam pelos estranhamento de seus volumes, formas, cores vivas, sua explícita plasticidade. E estou sempre lá, operando nessa coordenada incerta, irreproduzível graficamente, trafegando nesse espaço movente, silencioso, incapturável (Rosane Preciosa, 2010, p. 43)”.

A estadunidense Donna Haraway (2014) nos ensina que devemos ficar com o problema. Nesse caso, nós não apenas ficamos com o problema. Nós nos deslocamos com ele e em busca dele. Nós viajamos nele, literal e figurativamente. Cruzamos o oceano Atlântico levando-o conosco, em nosso corpo. Ao mesmo tempo, ele já estava lá quando chegamos. Ele estava na França nos esperando, ou melhor, existindo e eu cheguei lá para (re)conhecê-lo. Lá, nós não

apenas ficamos, no sentido de “um lance rápido”, como se usa atualmente para se referir a um encontro sem maiores compromissos entre pessoas. Nós ficamos e continuamos, nos enganchamos e engajamos um no outro. Nós nos deslocamos juntos, porque ele produziu em mim vários movimentos enquanto pesquisadora. Como nos diz a geógrafa britânica Doreen Massey, “chegar a um novo lugar quer dizer associar-se, de alguma forma ligar-se à coleção de estórias entrelaçadas das quais aquele lugar é feito” (2009, p. 176).

Eu chegava ali para fazer parte do meu doutorado, chamado de período sanduíche, que nos possibilita estar em outros lugares, associada a outras instituições de ensino, performando novas alianças, diferentes modos de conhecer e estar no mundo. E nesse pisar de terrenos ora firmes e conhecidos, ora movediços e estrangeiros, foi se fazendo uma pesquisadora. Nômade. Migrante. Retirante. Substantiva, não adjetiva. Uma pesquisadora que está sempre tornando-se. Fazendo pesquisadora em cada e COM cada encontro. Para pesquisar a migração, os deslocamentos internacionais, tornou-se estudante. Estrangeira. Migrante. Chegando lá, o campo, com todas as suas vicissitudes, a conduziu ao encontro de outras mulheres. Cada uma com sua história, sonhos, desejos de mundo. Cada uma delas compondo um território existencial peculiar. Histórias que às vezes se esbarram por aqui e ali, chocando-se ou afastando-se. Assim como as placas tectônicas, que sutilmente vão construindo novos relevos, elas constroem relevos existenciais.

Por falar em mulheres, diversidade e, principalmente, em nos conhecermos, vamos dar um pulinho agora em outro continente para acompanhar as histórias de algumas mulheres-deslocamento... Como mencionamos anteriormente, fomos à França pesquisar COM pessoas em situação de migração. Pelas vicissitudes do campo, realizamos apenas uma oficina, mas ela rendeu um encontro cheio de interessantes.

Essa oficina foi realizada na Université Paris 13, Villeteuse, França, uma das instituições de ensino parceira desta pesquisa. Diante do histórico do Projeto Vidas Paralelas Migrantes e considerando que no Brasil já haviam sido realizadas oficinas com estudantes universitárias em situação de migração, essa era uma oportunidade para dialogarmos com esse público que, naquele contexto, nos aproximávamos bastante, pois, ali, em outro país, nosso papel de estudantes pesquisadoras sobressaía ao nosso papel de professoras pesquisadoras.

Embora a nossa intenção não seja nos cindir enquanto sujeitos, é importante reconhecer que nossa relação institucional opera de formas diferentes na nossa posição de pesquisadoras. Nesse sentido, um elemento foi acrescentado a esse contexto: ali, éramos todas mulheres. Apesar de no momento inicial de apresentação do projeto e proposta de pesquisa para as

estudantes haver participação de mulheres e homens, no momento da oficina que vamos relatar, a participação foi inteiramente de mulheres.

Sala 305 do Bloco Q do Setor de Tecnologia da Université Paris 13, Villetenause, França. Muitas voltas até chegar lá. Os caminhos pareciam todos iguais, com muitos corredores que mais pareciam labirintos, mas, na realidade, nem todos os caminhos levavam ao mesmo lugar. **Caminhos.** Por precaução, fomos até a sala em um dia anterior ao da primeira oficina, para termos certeza de encontrá-la com facilidade no dia marcado. O trajeto agora estava em nossas memórias. **Trajetos.** Tudo foi preparado com muito cuidado, cada detalhe anotado para que não esquecêssemos nada: da comida ao gravador, passando pelo mapa, papeis e canetas. (BRITO, 2021).

No dia 27 de novembro de 2019, estávamos lá, três mulheres pesquisadoras brasileiras, com a sala toda arrumada, lanche pronto, *mapa-múndi* e papéis para serem riscados na parede, cadeiras dispostas em semicírculo com canetas de diversas cores disponíveis para serem utilizadas. A oficina estava marcada para 11h30. Quando o relógio começou a mostrar o tempo passando desse horário, nossos olhares e expressões começaram a mudar, mas ainda sem verbalizarmos o que estávamos sentindo em relação àquela espera. Ao nos aproximarmos das 12 horas, começamos a olhar os corredores, buscando algum sinal das/os estudantes que algumas de nós já havíamos conhecido e que confirmaram presença na primeira oficina. Nenhum sinal delas.

Começamos a conversar, fazendo uma avaliação, pensando estratégias para a próxima vez: enviar um e-mail sem tom de cobrança, apenas informando que estivemos lá no horário combinado e que estaríamos novamente na próxima data agendada; enviar outro e-mail um dia antes da próxima oficina para lembrar a todas. Havia bastante comida ali na mesa, organizada para receber as estudantes imigrantes e decidimos ir conversando e comendo. Assim o fizemos e, quando estávamos certas de que ninguém apareceria, eis que surgem três estudantes marroquinas na porta da sala! Pegaram-nos, literalmente, com a boca na botija²⁴! Com as bocas cheias de comida e de espanto. Uma surpresa muito boa! Entraram se desculpando pelo atraso e nós, mais do que felizes, as recebemos mostrando a comida, pois eram 12h30 e elas estavam saindo da aula. Apresentamos a comida que estava ali na mesa: baguetes com três tipos diferentes de recheio, comida bem típica em território francês, salgadinhos, suco, refrigerante, além de uns docinhos de caju, típicos da região Nordeste do Brasil.

²⁴ A expressão popular muito utilizada no Nordeste do Brasil “com a boca na botija” significa ser pega/o em flagrante. Antigamente, a botija era uma garrafa utilizada para guardar vinho, escondida em buracos e compartimentos secretos nas paredes. Esses compartimentos depois foram utilizados para guardar tesouros e bens valiosos das famílias. Essas histórias são passadas através da tradição oral entre as famílias nordestinas.

Demoremos um pouco mais aqui para conhecer essa história... A palavra caju, que vem do tupi *aka'yu*, significa noz que se produz. Aqui, dois mal-entendidos. Primeiro, a noz não é o caju, mas a castanha. Segundo, o caju, tido como o fruto do cajueiro (*Anacardium occidentale*), trata-se de um pseudofruto, mais precisamente seu pedúnculo floral, variando entre o amarelo, o rosado e o vermelho. O fruto do cajueiro é a castanha, secundarizada como castanha-de-caju. Assim como acontece com pessoas e saberes provenientes do Sul global em relação ao Norte; assim como acontece com mulheres de todo o mundo, embora não da mesma forma. Sua identidade é constituída a partir do outro, o caju – no masculino –, que assume o papel principal. Impossível não fazer essa digressão quando estamos pensando uma práxis desde o Sul global.

O docinho de caju atravessou o oceano Atlântico, cruzou fronteiras, reiterando lugares de diferença entre aquelas mulheres, inclusive as brasileiras, pois aquela iguaria só era conhecida por aquela de nós que vinha do Nordeste do Brasil. Aqui afirmar diferenças não quer dizer hierarquizar histórias, mas criar espaços de composição. Afirmamos essa mistura como possibilidade criativa. Enquanto comíamos e falávamos sobre o docinho de caju, surgiu a ideia de, nos encontros seguintes, levarmos outros tipos de comida típica dos diferentes lugares do mundo de onde vínhamos.

Estávamos com três mulheres marroquinas, mas de lugares diferentes, que fizeram questão de falar das diferenças de costumes, língua e vestimentas dos seus lugares de origem. Nós, brasileiras, também vínhamos de lugares muito diferentes. Ouvir os relatos sobre as diferenças foi algo importante; para além do comum que as reunia, as diferenças as singularizavam. Enquanto brasileiras que vivem muitas diferenças no nosso país, compreendemos a importância disso. Por vezes, somos homogeneizadas, caricaturadas, de forma a apagar nossas singularidades, especialmente quando o olhar que nos olha – sem nos enxergar – e a mão que escreve nossa história vêm de longe e de fora. Pensar as mulheres e a migração implica identificações múltiplas, valorização da diferença e da diversidade. Construir um trabalho inspirado pelas epistemologias do Sul é afirmar a prática, a vida real e cotidiana como lugar de produção de vida, saúde e conhecimento.

Voltemos à oficina! Concordamos em começar a atividade e comer ao mesmo tempo, inclusive para manter o horário combinado para o fim da atividade, que seria 13h30, pois elas ainda teriam aula naquele dia. Começamos pedindo a autorização para gravarmos o áudio e fazermos fotos da atividade, todas concordaram. Gravadores ligados, celulares com suas câmeras prontas, iniciamos! Falamos brevemente sobre o PVP, pois todas que estavam ali tinham estado também na primeira reunião, quando a pesquisa foi apresentada. Conversamos sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, em seguida, sobre as fotos. A

orientação anterior à oficina era para que cada uma de nós escolhesse uma foto que representasse a migração e a enviasse para o e-mail utilizado ali, para podermos projetar as fotos para todas verem. Enquanto uma de nós cuidava da organização das fotos, a outra seguiu com a próxima etapa.

Mostramos o mapa do mundo e explicamos a proposta de que todas desenhassemos os percursos já feitos por nós ao longo de nossas vidas. **Percursos.** Fomos, uma a uma, cada uma de nós, seis mulheres ali presentes: estudantes, pesquisadoras, estudantes-pesquisadoras e pesquisadoras-estudantes. Um dos comuns? Todas tínhamos nos deslocado, pelo menos uma vez, por motivos de estudo. Todas estávamos ali na França, naquele momento, por motivo de estudo. Para algumas era a primeira vez que isso acontecia, para outras não. Ao final daquele momento, o mapa estava riscado com diferentes trajetos. Algumas linhas se cruzaram pelo meio dos caminhos. O que havia em comum ali? O que aquele mapa todo tracejado nos contava?

À medida que as linhas, percursos e histórias foram sendo contadas, o mapa foi tomando sentido e construindo-se enquanto imagem refletida dos caminhos trilhados e cotidianos vividos. A cada fala que surgia – no início de modo tímido –, tentávamos escrever no papel colado na parede breves fragmentos e sínteses das questões levantadas por cada uma de nós. Tudo cabia: recordações, impressões, observações ou fatos narrados, tudo era de alguma forma inscrito; por vezes, palavras soltas, por vezes pequenas frases... Assim foi se constituindo a segunda imagem paralela ao mapa, agora uma imagem de palavras evocadas por todas nós, mulheres migrantes em partilha.

O primeiro gesto de marcar percursos no mapa fez com que este se transformasse em um território partilhado, deixasse de ter duas dimensões para ter várias. Aqueles caminhos não foram percorridos por quaisquer pessoas. Naquela sala, todas éramos estrangeiras, migrantes, mulheres que saíram de seus países por diversos motivos, objetivos, formas, companhias, temporalidades. Mulheres se deslocando, indo ao encontro de sua formação. Isso por si só já é um deslocamento recente na história das migrações.

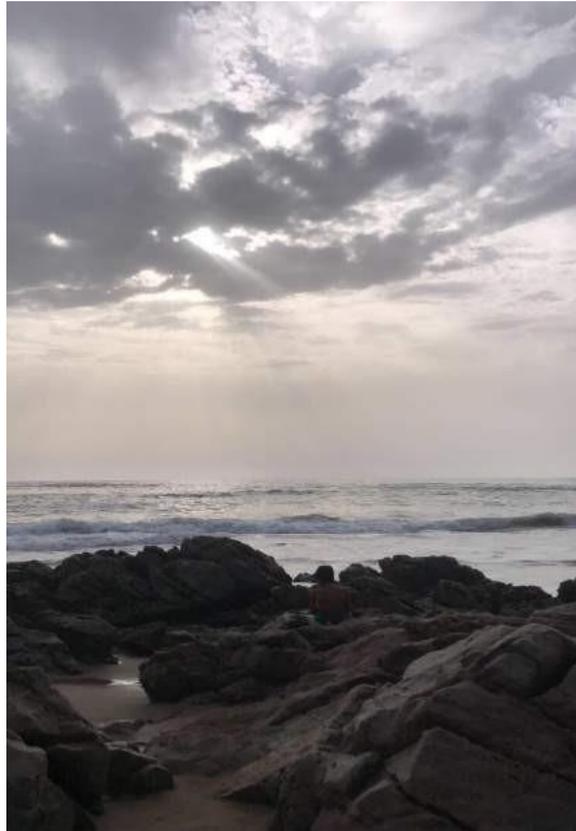
Durante muito tempo, quando não estava sendo invisibilizada, a migração feminina esteve limitadamente associada a práticas sexuais e de cuidado, como enfatizam as venezuelanas Maria Cristina Gonzalez e Yamile Delgado de Smith (2015). Mulheres se deslocavam e “eram deslocadas” para cumprir um papel que tinha o outro como centro, geralmente um outro masculino, branco, cisheteronormativo, historicamente colonizador. Cuidar e satisfazer desejos sexuais. Práticas consideradas não dignas ou inapropriadas para as mulheres do Norte global, que estavam em um processo de emancipação feminista, que não se estendia para todas as mulheres, especialmente aquelas racializadas e subalternizadas. Essas

autoras salientam as mudanças nos fatores associados às migrações femininas nas últimas décadas, desmistificando o fator econômico como única fonte de empoderamento das mulheres. Elas associam a decisão de emigrar às múltiplas formas de discriminação vivenciadas: étnica, de gênero, orientação sexual, conflitos familiares, religiosos, entre outros. Além disso, soma-se a crescente participação política, cidadã e exercício de cargos públicos e comunitários em espaços internacionais.

Depois desse momento inicial, pouco a pouco as vozes foram se tornando mais intensas e soltas. As estudantes falavam, agora de forma mais ávida, todas ao mesmo tempo. Tentávamos organizar as falas para que pudéssemos ouvir todas, até que uma delas levanta a mão, pede licença e pergunta se ela mesma pode escrever. Assim, levanta-se e vai até o papel também colado na parede e faz uma sistematização com vários aspectos que considera importantes. Começa uma discussão em torno daquele papel na parede que agora traz em si tantas inscrições significativas. Outra delas complementa e o debate se intensifica, direcionando-se para uma questão-chave acentuada por elas, qual seja: a cultura e o desejo de partilhar mais esse tema em oficinas futuras.

Nós compreendemos as oficinas como espaços privilegiados de partilha de experiências e histórias de vida. Além do mapa tornado território vivido e habitado, como nos fala o brasileiro Milton Santos (1997), a partir das nossas trajetórias de vida desenhadas nele, temos também histórias, memórias e significados evocados com as fotografias partilhadas entre nós. Dessa forma, vão sendo performadas narrativas imagéticas que, por sua vez, disparam diálogos e conexões as mais diversas. Naquele espaço, éramos seis mulheres e seis fotografias que simbolizavam, de alguma forma, nossos deslocamentos. A seguir, apresentamos as seis imagens e o que foi falado a partir e com elas.

Figura 9 – Praia



Fonte: Participante 1, 2021.

Nessa primeira fotografia, temos uma paisagem de praia; no primeiro plano, rochas escuras, com um caminho de areia entre elas que leva até o mar, em segundo plano, algumas ondas. Encontrando com o mar no horizonte, um céu azul-acinzentado, no topo da imagem, traz nuvens em um jogo de mostra-esconde com o sol, atravessadas por alguns tímidos raios solares. Essa foto foi escolhida por se tratar de um lugar que a pessoa gosta de ir: uma praia deserta, não muito explorada pelo turismo, para onde ela costumava ir nos feriados e fins de semana com sua família e também para ter seus momentos sozinha. “Essa é minha praia preferida para as férias, para os fins de semana... Eu escolhi essa foto porque eu adoro ficar sozinha e lá não tem muitas pessoas, não é uma praia muito conhecida. Eu sinto falta dessa praia, sinto falta das praias. Aqui não há nenhuma”²⁵.

Na segunda foto, uma das estudantes está rodeada por sua mãe e seu pai. Ela faz uma *selfie* no espelho com eles, tendo como cenário a universidade na França. Para ela, esse momento foi marcante, pois seus pais viviam em cidades diferentes no Marrocos e ela nunca

²⁵ Durante as oficinas, a língua falada foi o francês, aqui traduzido livremente pelas autoras nas falas literais das participantes.

tinha sido acompanhada pelos dois, juntos, na escola. Isso aconteceu pela primeira vez na França. Ela diz que “não é muito comum uma pessoa que está na faculdade morar com seus pais, mas eu estou muito feliz que eles morem comigo agora, porque isso é algo que eu nunca vivi antes”.

Figura 10 – Três pessoas em uma *selfie*



Fonte: Participante 2, 2021.

Na terceira foto, uma das estudantes está em uma rua aparentemente calma, com casas, árvores e alguns carros estacionados. A mulher está no primeiro plano da imagem, parada na calçada, de frente para a rua, como se estivesse pronta para atravessá-la. Ela fala sobre a imagem, acentuando fortemente o processo de busca dos seus objetivos no ato de migrar e o quão grande são as exigências desse deslocamento. Porém, ela não expressa os desafios com nenhum caráter de sofrimento. Ao contrário, pontua como algo inerente ao processo que, segundo seu olhar, representa a certeza da conquista futura dos objetivos traçados.

Figura 11 – Mulher na calçada



Fonte: Participante 3, 2021.

A quarta foto traz um livro aberto, com páginas em branco. Ela foi escolhida porque, nas palavras de uma dessas mulheres, “para mim, o processo de imigração é um pouco como um livro, que é uma grande viagem, um grande caminho e quando eu começo a ler um livro, eu não sei onde eu vou chegar”.

Figura 12 – Livro aberto



Fonte: Participante 4, 2021.

Na quinta fotografia, uma mulher de pé está fazendo uma *selfie*, com outras três mulheres sentadas no chão, em roda, com vários objetos espalhados. Elas estão arrumando as malas de uma delas que em breve partiria para a França: “eu escolhi essa foto porque representa a amizade, a parceria de mulheres que estão comigo, literalmente fazendo minhas malas, e figurativamente me acompanhando, pois sei que nessa jornada, elas continuarão comigo. Elas simbolizam a permanência, mesmo com tantas mudanças e deslocamentos”.

Figura 13 – Mulheres, livros e objetos



Fonte: Participante 5, 2021.

A sexta e última fotografia apresenta, em primeiro plano, uma grande faixa onde está escrito o nome Université Paris 13 e uma seta indicando a entrada da universidade, com uma jovem situada ao lado direito da foto, junto à faixa, sorrindo, e ao fundo um prédio que supõe-se seja um dos espaços acadêmicos da instituição. A narrativa dessa imagem foi permeada por profunda emoção e as palavras evocadas foram interrompidas por lágrimas, em um misto de alegria e constatação da imensidão de sentimentos, desafios e aprendizagens vivenciadas no processo de migração. As potencialidades desse caminho trilhado foram assinaladas, mencionando os desafios relacionados ao idioma, à adaptação à cultura, à distância da família e dos amigos, bem como ao esforço pelo alcance dos objetivos acadêmicos projetados. Apesar dos inúmeros desafios, o sentimento atribuído ao processo foi o de uma oportunidade inigualável, de profundo aprendizado, que enriqueceu sua trajetória de vida pessoal e profissional.

Figura 14 – Mulher, portão e faixa



Fonte: Participante 6, 2021.

Seis mulheres, seis fotografias e suas histórias. A partir e com essas imagens, adentramos de forma concreta no que estava sendo compartilhado ali entre nós. Pedacos dos mundos vividos, rostos de pessoas importantes para aquelas vidas, momentos marcantes, lugares de passagem e permanência, no passado e no presente, quiçá no futuro.

A fotografia foi uma ferramenta-meio importante neste fazer-pesquisa com e dedentro, ativando sua potência enquanto intercessora entre diferentes experiências pessoais, tempo e espaço, como um instrumento ativador de memórias e elaborações. Para a estadunidense Susan Sontag (2004), a fotografia é um objeto misterioso que consegue captar e materializar experiências com todos os seus traços, linhas e cores, transformando-se em um testemunho dos fatos, do tempo e do espaço.

É preciso pensar também a relação pessoa-fotografia-tempo. Muitas vezes, pensa-se a fotografia como mecanismo de captura e congelamento do tempo. No entanto, pensamos mais pela via do registro de uma situação-lugar que não se congela, posto que, mesmo nos remetendo a algo que já aconteceu, o sentido que atribuímos ao que está na imagem vai se refazendo ao longo do tempo e também sob a influência dos nossos deslocamentos, tanto geográficos quanto subjetivos. Não negligenciamos a capacidade de o contato com a fotografia nos provocar a sensação de viagem no tempo e no espaço, mas entendemos que essa “viagem” é atravessada por diferentes experiências e sensações que são tão mutáveis e diversas quanto nossos trajetos e repertórios de vida. Portanto, aquilo que o contato com a fotografia desperta e evoca em nós não é imutável, vai se deslocando em nós, assim como nós vamos nos deslocando pela vida, *por e com* nossas experiências.

Com o crescimento e complexificação dos estudos sobre migrações e deslocamentos, diversas áreas e campos do saber têm se debruçado sobre o tema, trazendo diferentes perspectivas e reflexões. Nesse sentido, Andréa Vettorassi e Gustavo Dias (2017) ressaltam a necessidade de aprofundarmos o debate acerca dos métodos de pesquisa utilizados, uma vez que, tão importante quanto apresentar os dados obtidos no trabalho de campo, é a discussão crítica das ferramentas metodológicas utilizadas, refletindo sobre seu poder de apreensão do fenômeno investigado e suas limitações. A isso, acrescentamos nossa atenção aos possíveis impactos éticos e políticos nas vidas envolvidas no processo de pesquisa, incluindo sujeitas colocadas no lugar de pesquisadas e de pesquisadoras.

Reconstruindo um caminho de pesquisas com esse tema, essas autoras destacam a história oral, as fotografias e os mapas afetivos como métodos que buscam abarcar a complexidade dos movimentos migratórios em seus diferentes tempos e espaços. Em outra pesquisa, Andréa Vettorassi (2014) trabalhou com mapas afetivos desenhados pelas pessoas em

situação de migração, com as quais ela desenvolve suas pesquisas. Esse é um recurso para revelar as lembranças transportadas em desenhos no papel e em falas a partir da história oral. Para ela, os mapas afetivos são uma importante ferramenta metodológica para trabalhar as dimensões espaciais e temporais das/os entrevistadas/os, bem como a forma como veem a si mesmas e às outras.

Assim como ela, também consideramos de grande relevância política, social, científica e ética que as histórias sejam contadas pelas próprias pessoas que as viveram, sendo registradas de diferentes formas e com diferentes recursos, construindo um processo de feitura que aproxime todas as pessoas envolvidas na pesquisa, eliminando os abismos historicamente criados entre quem pesquisa e quem é pesquisada.

Esses abismos têm sido construídos por modos de produção de saber hegemônicos com os quais não pactuamos. As formas como temos nos relacionado com nossos campos de pesquisa, aliada também aos deslocamentos que temos feito como pessoas no mundo, especialmente enquanto mulheres, têm nos aproximado cada vez mais das discussões e reflexões sobre o colonialismo e a colonialidade e suas marcas históricas nas nossas vidas. É impossível estar nestes lugares e não sentir-perceber as marcas históricas da dominação – geopolítica, epistemológica, etc. –, assim como as linhas de fuga da resistência, em suas diversas nuances.

Por isso, fazemos questão de explicitar a todo momento nossa política de pesquisa, de escrita e de produção de conhecimento desde o Sul global e epistemológico. Isso significa apostar nas posições localizadas e singulares para acompanhar o que está em movimento quando estamos nos relacionando com o campo-mundo.

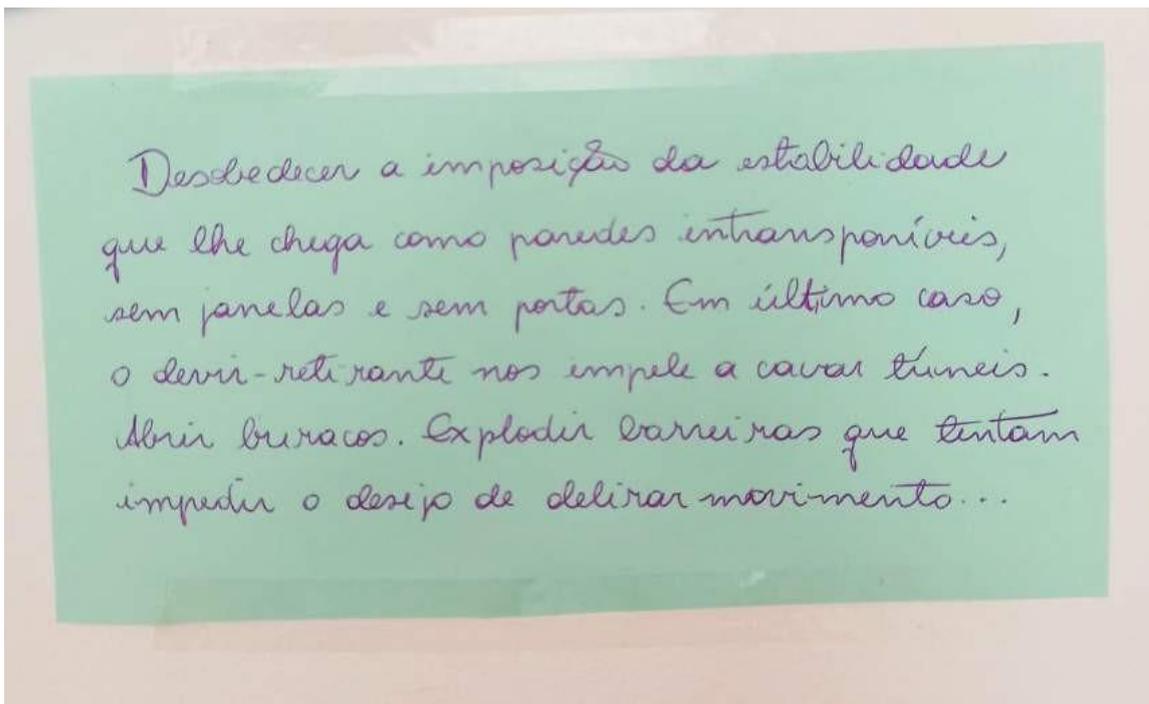
Dessa forma, reafirmamos a potência da pesquisa que intervém, que se mistura, que faz com, e não sobre, mais uma vez trazendo a influência de Márcia Moraes (2010). Fazer com é cultivar uma disponibilidade para aprender com o próprio processo da pesquisa, qual intervenção é precisa – no sentido de ser tanto aquela que cabe quanto aquela que é necessária. Isso nos desloca, faz migrar de um lugar de especialista distante para aquele de alguém que também tem suas localizações. Nós falamos desde o sul global, epistemológico, e é a partir daqui que produzimos conhecimento, mas, antes de tudo, muitas questões e, com elas, epistemologias nordestinas.

.....fronteira

10.1 Mulheres-brasileiras-em-retirância vivendo na França

Porque eu, uma mestiza,
 continuamente saio de uma cultura para outra,
 porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo,
 alma entre dos mundos, tres, cuatro,
 me zumba la cabeza con lo contradictorio.
 Estoy norteadada por todas las voces que me hablan
 simultáneamente.
Gloria Anzaldúa

Figura 15 – Desobedecer a imposição



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: papel de cor verde clara colado em uma parede branca, com o seguinte texto escrito à mão: “Desobedecer a imposição da estabilidade que lhe chega como paredes intransponíveis, sem janelas e sem portas. Em último caso, o devir-retirante nos impele a cavar túneis. Abrir buracos. Explodir barreiras que tentam impedir o desejo de delirar movimento...”

Seguindo o movimento da retirância-mulher, vamos nos encontrar agora com mulheres-em-retirância. Mulheres brasileiras migrantes vivendo na França, mais especificamente em Paris e seus arredores, que estavam ali por diversos motivos e desejos, construindo novos territórios existenciais, ou melhor, recompondo seus territórios, uma vez que, ao se retirarem

dos lugares de onde vieram, elas não deixaram de levar em seus corpos as marcas que as compõem.

Seguir com suas histórias nos convoca a pensar o lugar das mulheres no mundo e isso nos leva por caminhos históricos de dominação, opressão, mas também de muita luta. O papel socialmente destinado à mulher pelo patriarcado é o da fixidez. Uma das estratégias de controle é destinar a mulher aos espaços privados, onde ela possa ser observada, controlada e “protegida”. Eles só “esqueceram” de nos contar que essa “proteção” era em relação aos nossos desejos e saberes sobre nossos próprios corpos. “Esqueceram” de nos avisar que essa proteção era contra nossa independência, autonomia e relação com o mundo, dentre tantas outras coisas.

É por esse motivo que há tanto tempo as mulheres trazem a ocupação dos espaços públicos como reivindicação primordial. Mas, antes disso, o governo de seus próprios corpos. Sabemos que essa ocupação não se dá da mesma forma para todas as mulheres. As mulheres subalternizadas e racializadas já estão há bastante tempo trabalhando em espaços públicos, geralmente em tarefas subvalorizadas e mal remuneradas, além de saírem dos seus próprios espaços privados para estar nos de outrem, cuidando das famílias brancas há muito tempo.

Glória Anzaldúa (2005; 1987) traz nas suas palavras sua história e de muitas de nós. Ela relata e escreve sobre as imposições que viveu ao longo de sua vida e formação, que traziam um misto de proteção e dominação, e que servem ao mesmo propósito: limitar a atuação da mulher no mundo. Ela argumenta que é temida na mulher tanto sua força “divina” (Deus em Nós), quanto a “não divina” (animalidade, sexualidade):

Cultura e religião buscam proteger-nos dessas duas forças [...] Segundo o cristianismo e a maioria de outras religiões, a mulher é carnal, animal, e perto do não divino. Ela deve ser protegida. Protegida de si mesma. A mulher é o estranho, o outro. Ela é reconhecida como parte do pesadelo do homem, sua besta Shadow-fera. A visão dela os manda para um frenesi de raiva e medo. (ANZALDÚA, 1987, p. 17, tradução nossa).

Na construção de resistências múltiplas a tantas formas de opressão, mulheres dos mais variados lugares do mundo, com as mais diversas histórias, têm buscado ocupar outros espaços na sociedade, para além daqueles que a sociedade patriarcal tem lhes destinado. No mundo. Em suas próprias vidas. Nós vamos começar a conhecer algumas dessas mulheres a partir de suas trajetórias. Literalmente. Seus trajetos. Caminhos percorridos ao longo de suas existências. Das mais variadas formas. Companhias. Motivações. Recursos. Desejos.

Nosso interesse nunca foi estudar migrantes enquanto categoria una e homogênea. Inúmeras e diversas são as experiências de deslocamentos, com os mais diferentes condicionantes sociais, macro e micro políticos e sociais. A experiência das mulheres, por ser

um tema emergente no âmbito das migrações, mas, ainda mais por ser uma experiência mais próxima à nossa enquanto pesquisadora-mulher-em-deslocamento é a que tem sido o nosso foco. Não que todas as mulheres que se deslocam pelo mundo tenham as mesmas vivências. Nem de longe afirmariamos algo tão limitador dessas experiências. O que buscamos é, dentro do registro do feminino, conhecer as particularidades inerentes a essa condição de mulher, seja ela cis ou trans, considerando seus modos de existir em toda sua alteridade. De acordo com as estadunidenses Elizabeth Grieco e Monica Boyd (2003, p. 61, tradução nossa),

O gênero está profundamente enraizado na determinação de quem se movimenta, como esses movimentos se dão e quais os impactos nas famílias e mulheres migrantes. Se as teorias de migração internacional integram as relações de gênero de maneira adequada e eficaz, devem levar em conta fatores sutis e óbvios que se misturam para criar diferentes experiências ao longo da migração. A definição e compreensão destes fatores melhor fundamentam as teorias de migração internacional e também as experiências individuais de mulheres migrantes em todo o mundo.

De forma geral, entre os anos de 2000 e 2017, o número de mulheres migrantes cresceu mais rápido do que o de homens migrantes (UNITED NATIONS DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, 2017 *apud* INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION, 2018). Apesar dessa mudança quantitativa e também qualitativa, tendo em vista que cada vez mais mulheres migram de forma independente por conta de trabalho, educação ou como chefes de família, elas enfrentam uma dupla discriminação, por serem mulheres – sujeitas, portanto, às opressões de gênero – e também migrantes – sujeitas à xenofobia e ao racismo (UNITED NATIONS DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, 2017 *apud* INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION, 2018), não tendo sido diferente com as brasileiras que conhecemos na França.

Gisele Maria Ribeiro de Almeida (2014), pesquisando brasileiras que migraram para a França, evidencia que o fluxo migratório Brasil-França das últimas três décadas demonstra uma maior complexidade relacionada ao contexto político, econômico, às novas formas de mobilidade, entre outros. Além disso, as motivações para esse deslocamento diferem bastante em diferentes perfis de migrantes, guardando intrínsecas relações com processos sociais que viabilizaram, suportaram e direcionaram esses deslocamentos.

Entretanto, há muito mais complexidades envolvidas nos caminhos desses deslocamentos pelo mundo. Como argumenta a brasileira Mariangela Nascimento (2017), a mulher migrante é um corpo político transformador que participa ativamente do processo de desconstrução das fronteiras nacionais e internacionais. Para ela, a migração feminina engloba

o desejo e exercício do direito a uma vida melhor, mais autônoma e menos sujeita às opressões da sociedade machista e patriarcal.

O que vocês vão ler a seguir são vozes de mulheres brasileiras que, pelos mais diversos motivos e desejos, têm se deslocado pelo mundo, construindo novos possíveis para suas vidas. Essas conversas, como vocês já sabem, aconteceram com a mediação do *WhatsApp*.

Conversamos com onze mulheres, brancas, negras, com idades que variaram entre 27 e 44 anos, todas com nível superior completo e pós-graduação (*stricto e-ou lato sensu*).

Todas as entrevistas foram escutadas em sua totalidade após finalizadas, transcritas, lidas diversas vezes, uma a uma. Escutando-as atentamente, considerando as peculiaridades de cada história, assim como os atravessamentos que por vezes iam de uma a outra, foram sendo traçadas linhas imaginárias, como os meridianos e paralelos que tracejam o *globo* terrestre – porque a Terra não é plana. Logicamente que essas linhas são muito mais flexíveis na COMposição dessa cartografia e vão nos conduzir de forma a construirmos conexões-rizomas.

Outra ressalva que fazemos é que foi muito difícil trazer apenas alguns trechos das falas dessas mulheres. Tudo era muito interessante e sentíamos vontade de compartilhar todas as falas. Mas não dava. Precisamos reconhecer que a vida não cabe em uma tese, ainda mais várias vidas. Com isso, também demarcamos que, por mais que tentemos explicar todas as condições de feitura da pesquisa, trazendo detalhes dos encontros entre as actantes presentes, as afetações produzidas, muito ainda ficou invisível e indizível. Apesar de terem sido vários relevos produzidos, alguns ficam no subsolo, nas camadas mais profundas por mais um tempo antes de virem à superfície. Bom, mas vamos a elas e seus territórios...

A primeira fala é a minha própria. Essa também mulher. migrante. retirante. repleta de nomadismos tatuados em seu-meu corpo. Vocês vão perceber que nossa conversa não se limitou ao movimento de migração internacional que elas estão vivenciando agora. Conversamos sobre seus deslocamentos em suas vidas da forma mais ampla possível. Afinal, elas não são apenas migrantes. São pessoas. Mulheres. E nos interessam em sua completude.

Então, a primeira pergunta é mais um pedido, na verdade, uma solicitação, um convite para você pensar, refletir e compartilhar um pouco dos deslocamentos que você já realizou na sua vida, desde a infância até os dias atuais. Quais são seus caminhos pelo mundo? Os deslocamentos em si e também os lugares para os quais você se deslocou, os lugares em que você viveu. E aí como viver a gente vai entender não só o morar, mas, por exemplo, lugares que você frequentava e que você considera importantes na sua trajetória de vida, tá? Se você quiser, pode, além do áudio, rabiscar, desenhar alguma coisa aí no papel, enfim, fica a seu critério. Você não precisa obrigatoriamente citar cada minúcia. A questão não é quantitativa, não é um levantamento, é aquilo que você considera importante na sua história de vida.

[...]

Como esses deslocamentos, e também as permanências, as relações com esses lugares, como é que elas lhe formaram enquanto pessoa? Como é que elas lhe constituíram como sujeito, como mulher? Que marcas que foram deixadas em você, que foram construídas e que você também foi construindo e que lhe constituem a pessoa que você é hoje, a mulher que você é hoje?
(MONIQUE).

Essas foram as duas primeiras perguntas-pedidos-convites iniciais. Depois disso, elas desatavam a falar. E eu do outro lado do telefone, ainda sem ouvir, olhando para a tela e lendo nela “gravando áudio...”.

Esperando o áudio chegar...

Chegou!

Estou escutando...

Escutar todas aquelas histórias foi me trans-formando, foi me formando enquanto pesquisadora-mulher-em-deslocamento. Transfronteiriça. Atravessando fronteiras geopolíticas. Subjetivas. Formativas.

Muitos foram os deslocamentos pelo mundo dessas mulheres. Com a família. Sozinhas. Sempre povoadas de si e de outras. Algumas delas começaram o relato falando de deslocamentos que aconteceram ainda na infância, por decisão e com a companhia familiar, geralmente pai, mãe, irmãs e/ou irmãos. Vamos acompanhar a partir de suas próprias vozes:

Eu nasci em Belo Horizonte, Minas Gerais e por volta de 6 anos mais ou menos eu me mudei. Eu mudei, né, rs. Criança, então, os meus pais decidiram se mudar, mas por uma conjuntura adversa, financeira, então não foi uma mudança desejada. Foi uma mudança quase obrigada. Então foi, talvez, uma mudança traumática na minha trajetória, mas tá tudo bem, assim, eu não sinto que não levo isso exatamente comigo, mas que com certeza me marcou, né? Então por volta de 6 anos mais ou menos eu saio de Belo Horizonte, onde a gente tinha uma vida bem estável, para vir morar em Rio Claro - interior de São Paulo - de favor na casa da minha tia. Então, assim, foi uma, realmente uma mudança geográfica, e uma mudança de contexto, e de situação econômica... tudo.
(GAIVOTA).

Minha família é de Minas Gerais, meu pai teve um emprego depois de formado na faculdade, um emprego em Niterói - no Rio de Janeiro. Minha mãe depois de casada foi morar com ele, mas nasci em Minas, mas tive a minha infância toda em Niterói, no Rio de Janeiro, até por volta de 9 anos [...] Mas depois, por preocupações da minha mãe sobre como as filhas dela - depois de três anos ela teve outra filha, minha irmã - como ela e meu pai conseguiriam viver numa cidade grande com duas meninas crescendo, na adolescência, e com toda a violência [...] preferiu se recolher - vamos dizer assim - no interior de Minas Gerais de novo porque as raízes dele, da minha mãe são muito fortes lá. Meu pai não tem muito perfil de vida de cidade grande.
(ELAINE).

Questões financeiras. Preocupação com a segurança das filhas, especialmente por serem mulheres. Já temos aqui alguns determinantes sociais influenciando nos primeiros

deslocamentos das vidas dessas mulheres: aspectos socioeconômicos e segurança. Mas não qualquer segurança, e sim de duas meninas. Não podemos perder de perspectiva a questão de gênero como determinante social importante na construção da nossa sociedade. Ele ainda surgirá muito por aqui.

Bom, mas nem todos os primeiros deslocamentos que elas relataram se remetiam a mudanças no morar. I nos contou da sua primeira viagem em família, que foi para ela seu primeiro deslocamento e extremamente significativo em sua história:

E aí a primeira viagem que eu me lembro que eu fiz foi para Minas Gerais que a gente foi visitar a irmã do meu avô, em 1993. A gente foi de ônibus e essa foi a primeira viagem que eu fiz. E lá a gente não fez nenhum deslocamento, a gente chegou e ficou dentro da casa dela, sei lá quantos dias, porque é esse tipo de cultura, né, que a gente tem nesses ambientes. E depois dessa viagem, eu fiz outra que foi também para visitar essa mesma irmã do meu avô que foi acho que 98 por aí, uns cinco anos depois, e a gente foi de carro com meu tio. E até então eu nunca tinha me banhado numa praia, né? Eu nunca tinha visto, nunca tinha feito nenhum outro tipo de deslocamento. E aí a gente foi para Cabo Frio em 2001, porque a minha vovó comprou um terreno nesse lugar e a gente teve a chance de poder ver a praia e curtir e fazer essa viagem. E foi de ônibus também, porque os meus pais não tinham carro e eu achei super divertido e foi um deslocamento super importante para mim, eu já tava meio grandinha.
(I).

PensarCOM I e sua experiência de deslocamento nos faz refletir sobre o acesso à mobilidade urbana e o quanto ela influencia diretamente na qualidade de vida das pessoas, atingindo de forma muito forte e negativa aquelas que já estão mais afetadas pelas iniquidades sociais. As brasileiras Carlos Eduardo Frickmann Young, Camila Aguiar e Elisa Possas (2013) nos chamam atenção para o ciclo vicioso que é gerado, uma vez que quem tem menos acesso à educação formal, geralmente têm rendimentos mais baixos, mora em lugares mais afastados, gasta mais tempo se deslocando, tendo menos tempo para participar de atividades de educação ou qualificação que poderiam elevar sua remuneração, além de outras atividades voltadas para cultura e lazer, que costumam estar mais escassas nas regiões periféricas (YOUNG; AGUIAR; POSSAS, 2013).

As estadunidenses Richard Wilkinson e Kate Pickett (2011), por sua vez, afirmam que nos setores considerados como de extrema importância para o desenvolvimento de qualquer espaço urbano: educação, saúde, pertencimento a uma comunidade e respeito à natureza, as políticas de mobilidade equivocadas e suas consequências diretas e indiretas têm se demonstrado prejudiciais à sociedade. Na educação, muitas pessoas são impossibilitadas de buscar capacitação. Na saúde, milhares ficam doentes ou falecem. Como as pessoas mais pobres, em geral, são as mais impactadas pela imobilidade, a desigualdade social tende a aumentar.

..... fronteira

Mas nem só de deslocamentos se vive, não é? Entre um e outro, alguma parada. Algum lugar. E, como explicado a elas, os deslocamentos não eram apenas físicos e os locais em que viveram não se referia apenas a onde moraram. Dessa forma, também temos relatos como o de Esmeralda, que nos fala da relevância “do Rio Acima” nas suas memórias da infância e do quanto a relação com esse **território é marcante em sua vida:**

É um pouco amplo assim, mas se eu for pensar nos lugares um pouco desde a trajetória toda, desde a infância e tudo, eu citaria lugares como Rio Acima, que é a cidade de grande parte da minha família, que é região metropolitana de Belo Horizonte e lá eu morei quando criança, apesar de eu não ter tanta lembrança da época que eu morei. Mas eu sempre frequentei, porque a família ainda continua lá, então acho que isso tudo tem um impacto na minha vida como experiência no lado pessoal. Acho que lá talvez foram as minhas primeiras aventuras no sentido mais livre, assim, mais natureza, cachoeira, sabe, de andar descalço, subir em árvore, de me aventurar e tal [] Então tem essa parte que acho que trouxe para minha vida esse senso aventureiro e que marca muito a minha vida.
(ESMERALDA).

Esmeralda nos conta como a relação e inter-ação com o lugar interferiu na constituição de quem ela é, do seu espírito aventureiro e apreço pela liberdade. Ela se inscreveu territorialmente, assim como inscreveu em seu próprio corpo as sensações produzidas nesses encontros.

Seguindo no diálogo com o *viver*, Gisela vai nos falar não apenas de cidades ou bairros, mas de **lugares outros constitutivos da sua história, como suas escolas e a igreja:**

Bom, primeiro lugar que eu vivi foi a casa dos meus pais, né, que é onde eles moram até hoje. Na minha infância tem também um outro lugar muito significativo, que é a chácara, o sítio onde meus avós moravam. Eu passei boa parte da minha infância lá. A casa dos meus pais é em Goiás, o sítio é em Minas. Os outros lugares importantes para mim foram as escolas, tanto a minha primeira escola, onde eu fui alfabetizada, quanto a escola onde eu fiz o ensino fundamental, também a escola do ensino médio. Nesse período eu passei por quatro escolas, da alfabetização até o ensino médio. Outro lugar que eu transitava bastante até ali os meus 12, 13 anos era a igreja. A minha família é católica e naquela época eles frequentavam bastante, então a gente ia com uma certa regularidade.”
(GISELA).

Ainda sobre a escola, I. vai nos contar sobre os **passeios** e quanta alegria eles traziam para ela, assim como quão fortes foram as memórias criadas:

Uma coisa que eu esqueci de atentar são os passeios da escola. Esses passeios eram muito importantes para mim. Era a única chance que eu tinha de poder ver uma coisa diferente, era quando eu tinha um passeio na escola e aí eu podia entrar naquele ônibus e ir a algum lugar que eu jamais teria chance de ir se não fosse a escola. E aí eu me

lembro, né, que eu era pequenininha, eu tinha 6 anos e o meu primeiro passeio foi para o Jardim Botânico, né, a escola fez esse passeio e a minha mãe preparou uns docinhos para eu levar e foi fantástico ver o Jardim Botânico. Eu não entendi, eu era criancinha, mas isso me marcou demais. Antes do Jardim Botânico, quando eu era do pré-escolar, a escola fez um passeio para o McDonald's, imagina, McDonald's! E foi incrível. Os pais podiam ir porque a gente era pequenininho, então os pais poderiam ir para tomar conta dos seus filhos. E aí a minha mãe foi comigo e com a minha irmã, a gente nem tinha muito dinheiro para comprar o lanche, mas a minha mãe levou um trocado e a gente pode comer. Então eram esses passeios que faziam a gente sair daquela realidade cruel, né, da periferia, da favela e ter a chance de ver um outro mundo. E aquele ônibus lotado de crianças pra ver coisas tipo McDonald's. Imagina, que bizarro! (risos). E fora os outros passeios também que eram super importantes para mim. Eu ficava muito feliz com essa chance de deslocamento.

(I).

Pausa. Vamos parar um pouco, esticar as pernas, alongar o corpo.

(...)

Estão aí? Antes de continuarmos, quero perguntar como está sendo até agora. Esses relatos ativaram algo em vocês? Levaram vocês para algum espaço-tempo diferente do aqui-agora? Deixem-se levar... Voltem quando quiserem-puderem.

Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor salmão.

(...)

Para Clara e Gisela, os primeiros deslocamentos marcantes já não foram com suas famílias. Fizeram parte de trajetórias traçadas por elas próprias – não necessariamente **sozinhas** –, e estavam relacionadas aos seus projetos de vida. Ambas mudaram para estudar. Fazer faculdade. Prestem atenção porque está aqui uma pista importante para acompanhar e compreender as trajetórias dessas mulheres.

Nesse deslocamento de vida, acho que o mais importante foi quando eu tinha 17 anos, que eu saí da casa dos meus pais, que era no interior de Minas Gerais, e fui morar em Porto Alegre para fazer faculdade. Acho que de mudanças assim foi o maior deles; ao mesmo tempo que eu ganhei uma liberdade gigante - que eu morava com os pais antes - eu também tive que assumir muitas responsabilidades, preparada ou não. Fui me preparando ao longo do caminho, né?

(CLARA).

Depois do fim do ensino médio, eu me mudei da casa dos meus pais porque eu fui fazer faculdade em Uberaba, em Minas, né? Passei a morar sem meus pais, não sozinha, mas sem meus pais, por mim mesma, né, com a minha própria responsabilidade. Morei em Uberaba por sei lá, acho que foram 4 anos, 5... 5 anos. Isso.

(GISELA).

Continuamos seguindo essas rotas junto com elas. Pamela, K e Lena chegam nos apresentando aqueles que são considerados por elas seus primeiros e importantes

deslocamentos como sendo já o contato com outros países. Elas estavam atravessando fronteiras internacionais:

O primeiro deslocamento foi do Brasil, de Vila Velha, cidade onde eu nasci, para França, uma cidade que se chama Albi que fica no sul da França, do lado de Toulouse. Em 2011, é isso, 2011, para um programa de imigração, ops, um programa de bolsa de estudo para graduação sanduíche chamado Graphtec.
(PAMELA).

Então, a primeira oportunidade, o primeiro grande deslocamento que eu fiz foi um intercâmbio que eu fiz para o Egito quando eu terminei a faculdade. Eu tinha 21 anos, terminei a faculdade de relações exteriores, relações internacionais, e surgiu essa oportunidade de fazer um intercâmbio para o Egito, numa ONG, para trabalhar com crianças. Então esse foi meu primeiro grande deslocamento. Foi um contexto interessante, foi na época de, da revolução lá no Egito, na praça Tahrir, no Cairo. Então tinha uma certa tensão da parte da minha família, de eu tá indo para lá. Mas eles me apoiaram e eu fui, passei uma experiência incrível. Fiquei seis, sete semanas lá e aproveitei essa ida para o Egito para conhecer também a França, que era um país que já fazia parte do meu desejo de conhecer. Então esse foi o meu primeiro graaande deslocamento e foi bem interessante, né, uma grande sensação de autonomia, tinha acabado de me formar, acabado de concluir a faculdade, então aquela coisa do diploma na mão. E foi para viagem sozinha, né, sem minha família, sem meu namorado na época, que hoje é meu marido. Ele ficou no Brasil, me apoiou muito, mas ficou lá.
(LENA).

Esse primeiro deslocamento eu fiz em 2007. Eu tava no início da faculdade, né, então eu nunca tinha viajado sozinha e para mim era como se fosse uma prova de que eu poderia assim, descobrir o mundo sem precisar tá acompanhada de alguém que, sabe, fosse responsável por mim ou alguém que tivesse que guiar por onde eu iria [...] Isso na Espanha. Não foi por muito tempo, acho que foram umas, foi um mês só, mas eu lembro que me marcou muito [...] Então foi um, foi uma primeira experiência de descoberta do mundo, porque na verdade foi no contexto de uma, de um curso de espanhol. Mas aí depois eu organizei com outras duas mulheres de viajar assim, na Europa né, e para mim foi interessante porque eu não conhecia nada. Foi a primeira vez que eu pisei aqui né, no solo europeu, e eu me senti muito livre, assim. Eu senti que era isso que eu gostava, eu me senti independente depois.
(K).

Seguimos com outros deslocamentos considerados bem marcantes por elas, com os mais diversos motivos, lugares e companhias.

E até que em 2009 eu tive a chance de sair de casa por conta do trabalho. Eu consegui um emprego, né, que eu era química na época, e fui trabalhar numa indústria de bebidas fora do Rio de Janeiro, então eu tive que sair da cidade, sair da casa dos meus pais e morar sozinha. Então eu tive que alugar um lugarzinho e ficar ali naquela região. E isso foi também super importante para minha vida pra conhecer um outro espaço e viver só, enfim. Então é um outro deslocamento que eu considero importante.
(I).

Durante a faculdade teve um outro que mudou bastante também a minha expectativa de vida, quando eu fui fazer um intercâmbio na cidade de Lisboa, em Portugal. Fiquei lá um ano fazendo graduação-sanduíche. Eu tive uma visão de mundo que era completamente diferente também daquela que eu conhecia. Em questão de liberdade não mudou muita coisa, responsabilidade também não, mais ou menos ficou igual. Mas a perspectiva de vida, perspectiva de funcionamento das coisas no mundo mudou

bastante na minha cabeça durante esse período. E eu considero assim, um dos períodos também mais felizes e importante para minha vida que me fez tomar algumas posições políticas, sociais, porque até então eu era só uma adolescente curtindo a vida e depois de ter uma visão diferente de tudo que eu conhecia, a gente começa a pensar um pouquinho mais, né? Acho que também foi bem importante nesse sentido. (CLARA).

No relato de Clara – mas não apenas nele –, podemos ir percebendo a relação entre deslocamento e crescimento, aprendizado, não apenas ligado à educação formal, mas às experiências de cuidar de si e também nas relações com as outras pessoas e com o mundo de forma geral, passando por reflexões político-sociais importantes.

Marcas de dor e sofrimento também estão associadas a esses territórios e deslocamentos entre eles. O deixar. O retornar. Ir. Vir. Ficar. Ou não.

[Deixar a casa da família em Jucutuquara] Foi traumatizante para minha mãe, principalmente, e ela passou isso para nós. Então todas as... ah, qualquer momento dela de dificuldade ou discussões com meu pai, ou de tristeza pessoal, desilusão, qualquer coisa, ela sempre citava o bairro Jucutuquara. E isso criou, eu falo por mim, né, não posso falar pelos meus irmãos, mas em mim, criou um ponto de fuga. [...] Então deslocamento para mim era algo traumático. Deslocamento pra mim representava sair dum ninho, representava a dor, distanciamento daquilo que eu considerava como identidade, sabe. (LOLA).

Depois teve a volta para Porto Alegre (do intercâmbio). Não sei se exatamente esse é um deslocamento, mas para mim foi importante porque foi bem triste, assim. Teve um período que eu passei, eu não sei se foi uma depressão, eu não cheguei a tomar medicamento nem nada, mas foi uma tristeza intensa e várias pessoas que estavam na mesma situação que eu, voltando de um intercâmbio, também tiveram essa, esse sentimento de perda, enfim. Ao mesmo tempo que a gente queria voltar para o Brasil, ver a nossa família, encontrar nossos amigos, tinha muitas coisas muito boas e uma cidade segura, numa cidade mais igualitária, com menos violência, que fazia falta. Então esse deslocamento eu, se eu tivesse que classificar entre os bons e os ruins, ele estaria classificado nos ruins. (CLARA).

E aí quando eu voltei pra França, pra Poitiers, esses 3 anos de doutorado foram muito difíceis, de uma tristeza muito grande na maior parte do tempo. Eu entrei num relacionamento que era de alguma forma abusivo, porque eu não era eu mesma e eu não tinha... eu perdi muito da minha, da minha alegria de viver e eu não conseguia fazer amizades com as pessoas em si. Esse relacionamento era com uma pessoa mais velha, que era um professor da escola, e ele de alguma forma teve uma influência negativa no meu círculo de amizades, porque as pessoas me julgavam muito por esse relacionamento, porque ele era um professor da universidade e eu era uma aluna. Então eu fui muito excluída assim pelas outras pessoas, e eu vivi isso muito muito mal porque eu sou uma pessoa que precisa muito tá vivendo em comunidade, assim, sabe, com outras pessoas que gostam de mim e infelizmente eu preciso bastante da aprovação de pessoas próximas de mim, ou até mesmo pessoas que não são tão próximas de mim. Na verdade, eu busco um pouco essa aprovação assim das pessoas, eu gosto, eu quero que as pessoas gostem de mim. Quando eu percebo que elas desaprovam alguma coisa em mim, isso me entristece profundamente. (PAMELA).

São muitos e diversos os fatores que associam os deslocamentos vividos por elas a algum tipo de sofrimento, como pudemos acompanhar nos relatos acima. Lola nos fala da dificuldade e das associações negativas com as mudanças, uma marca deixada pela experiência de sua mãe. Esse relato nos traz a complexidade das nossas relações, imbricadas entre si; dos sentimentos e sentidos que podem ser vivenciados como nossos, ainda que a experiência em si seja de outra pessoa.

Clara, por sua vez, fala-nos de um sentimento-sofrimento, vivenciado de forma partilhada, ainda que não herdada. A saudade e a tristeza que são comuns quando se retorna de uma experiência de intercâmbio, especialmente por se tratar de algo de certo modo protegido e possibilitado concretamente por outras pessoas e-ou instituições, com menos dificuldades que aquelas que elas costumam passar ao viajarem por sua própria conta e risco.

Pâmela nos fala do sofrimento de estar em uma relação que posteriormente ela percebeu como tóxica e abusiva e todas as implicações que isso trouxe para sua vida, sua socialização nesse novo espaço.

I, por sua vez, vai nos falar de uma situação diferente. Ela vai na minúcia do deslocamento e das suas (im)possibilidades. Nem quero falar muito. Melhor que vocês a leiam:

Monique, sobre o deslocamento, eu quando criança, eu morava na periferia do Rio de Janeiro e isso é muito distante, né, dos grandes centros e é muito dificultoso para ter acesso a tudo quando você tá na periferia, nas favelas e não tem transporte. É muito longa a caminhada, então isso dificultava bastante o trajeto da nossa família. E o meu trajeto na infância se limitava a visitar a minha avó, que morava mais próximo ao centro do Rio, ir à igreja, que era no centro da cidade do Rio de Janeiro, e visitar alguns parentes na redondeza. Esse era o nosso deslocamento. Ir ao médico, né, quando necessário, ir à escola e era isso. E era sempre muito árduo fazer isso; eu lembro que os meus pais tinham dificuldade para pagar a passagem, o ônibus demorava passar. Eu tinha até preguiça quando a minha mãe falava que tinha que sair de casa. E para ir para escola também era muito complicado, a gente caminhava muito e era escuro, não tinha luz e não era iluminada, enfim. Eu lembro do deslocamento sempre com muita tristeza e essa é a parte trivial do nosso deslocamento enquanto eu era criança do que eu me lembro. E não existia essa coisa da viagem, de visitar coisas legais, de ir à praia, até porque, né, como os meus pais eram religiosos, era proibido, né, muitas coisas. E eu nunca tinha visto uma praia quando criança, eu não ia ao cinema, eu não fazia esse tipo de deslocamento divertido. O deslocamento era realmente esses que eu falei: igreja, vovó, parente e tal.

(I).

Outra pausa. Vamos apreciar um pouco a paisagem. O que você está vendo, ouvindo e/ou sentindo aí dentro? Sim, o dentro-fora de você mesma... Mais uma vez, sugiro: voltem quando quiserem-puderem. Mas, se possível, não sem refletir sobre o que I nos contou sobre seus deslocamentos.

Nesse ponto da estrada, vocês já devem ter desconfiado que essas pausas são para mim mesma, né? Elas até são para todas nós, mas baseadas na minha necessidade. Nossos momentos de parar e seguir não são os mesmos...

Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor salmão.

Muitas e diversas são as histórias. Os caminhos. As rotas traçadas. Ou “apenas” desejadas. O que muitas delas têm em comum é o desejo de se mover pelo mundo. Uma espécie de devir-retirante. Nômade. Errante. Eu as ouço e imagino a retirância materializada em terras-estradas convidando-as a novas experimentações...

Também de devir-mulher na voz de todas essas. ser falada e poder falar em tantas vozes. Que beleza!

Alexandra Tsallis (28/04/21)

Fonte: TSALLIS, 2021a.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor verde.

[...] sempre tô arrumando uma desculpa para ir para estrada (risos). Quando a situação é muito difícil para mim, eu tento fazer uma fuga, né? Fugir, eu tenho essa mania de falar assim "eu vou sumir no mundo, você não vai me encontrar" como se a estrada fosse minha rota de fuga para qualquer coisa.

(LOLA).

Eu particularmente tenho a sensação, tenho a impressão de que eu já morei em vários lugares e que eu tenho, talvez uma... não sei se é uma alma meio nômade, não sei dizer exatamente. Mas eu acredito que nosso coração e a nossa casa é independente do lugar exato, né, mas sim das nossas relações e das nossas conexões que a gente cria independente do lugar físico. [...], mas já desde os 17 que eu queria ir para São Paulo, para estudar, para fazer minha faculdade... então já com um desejo reprimido aí sem a possibilidade real...

(GAIVOTA).

Os deslocamentos para mim sempre foram uma, uma busca. Eu sempre gostei de me desafiar - isso quer dizer sempre desde que assumiu uma certa autonomia, né, depois dos meus 20 anos. Eu sempre gostei de me desafiar. Eu fiz uma graduação em relações internacionais e relações internacionais a gente estudava muito claro outros países, né? Outros contextos, contextos políticos, econômicos, históricos, só que era muito distante da minha realidade, porque como eu nasci no subúrbio carioca, ninguém da minha família tinha viajado para o exterior. Mal tinham saído do Estado do Rio de Janeiro, na verdade. Os deslocamentos eram algo distante da nossa realidade de subúrbio carioca. Então para mim isso era uma coisa que almejava o dia, né, o momento da minha vida em que eu pudesse bancar, que eu pudesse ter esse acesso.

(LENA).

Eu sempre tive uma ânsia muito forte por morar no exterior. Sempre quis. Sempre busquei cursos, mas meu pai não me permitia e por vezes falava, não via tanto benefício nisso. Acho que mais até hoje, e olhando uma questão de mais de segurança, de medo, preferiu que eu estivesse perto do que me soltar no mundo - vamos dizer

assim. Então eu nunca consegui. Tentei ir para Londres. Tentei ir para o Canadá e sempre tinha alguma desculpa para não ir por conta deles.
(ELAINE).

[...] para resumir, o que eu quero dizer com isso tudo é que eu acho que pela formação que eu escolhi fazer, né, pela graduação em relações internacionais eu me sentia e me sinto uma certa cidadã do mundo. E o mestrado que eu fiz, a pós-graduação que eu fiz aqui na França é em gestão de projetos humanitários internacionais, então isso significa que eu trabalho com diversos países, que eu estou em contato com parceiros, associações, ONGs de diversos países e eu me sinto cidadã do mundo, embora eu sei que eu tô longe conhecer o mundo todo. Eu gostaria, mas não tenho ainda essa oportunidade, mas eu me sinto, eu me sinto como uma pessoa que pode criar impacto em qualquer lugar do mundo. É nesse sentido que eu me sinto cidadã do mundo. Não por conhecer, não por ter me deslocado pelo mundo todo, mas por ter esse potencial de criar impacto no mundo todo.
(LENA).

Muitos foram os deslocamentos físicos e subjetivos nas vidas dessas mulheres e eles jamais caberiam em uma descrição. No entanto, já pudemos conhecer um pouco de suas histórias e agora vamos seguir com elas em território francês, acompanhando desde o processo de decisão de ir para a França, como esses desejos foram sendo construídos e materializados, como foi o compartilhamento deles com suas famílias e pessoas próximas, além de vários outros aspectos e nuances envolvidas.

Olha, primeiro eu vou falar como é que foi tomar essa decisão. Foi um processo longo para mim, demorou mais de ano eu namorando essa possibilidade, vamos dizer assim. Na verdade a possibilidade que eu namorava era sair do Brasil né, era essa a vontade que eu tinha. Muita vontade de voltar para Europa, e aí eu também tinha vontade de aprender francês.
(GISELA).

Eu terminei a graduação e o mestrado em Porto Alegre e a gente, meu namorado e eu, resolvemos vir para cá por várias razões, mas dentre elas, **razões políticas e razões de trabalho** porque no Brasil agora tem uma situação bem complicada de um presidente eu diria que muito despreparado, e isso influencia a vida. A tomada de decisão, vamos dizer assim, foi precisamente em outubro de 2018. Pode parecer infantil, mas quando foi eleito no Brasil um presidente de extrema-direita com visões completamente contra praticamente tudo o que eu penso, sem muita ideia, porque assim foi uma pessoa eleita democraticamente, né, ele não deu um golpe nem nada. Então o que te faz pensar? Poxa, te faz pensar que mais da metade do seu país apoia uma pessoa que não tem a menor condição de levar um país sério como o Brasil pra frente. Mas enfim, foi eleito. Então isso me deixou muito chateada, fiquei triste, depois eu fiquei pensando que as coisas iam ficar pior principalmente na questão de trabalho. Então foi uma decisão eu diria que, em três aspectos: política, de trabalho, né, econômico, e também pela questão do meu relacionamento porque eu não teria vindo pra França se meu namorado não fosse francês, eu provavelmente teria ido pra outro lugar. Mas assim, foi mais ou menos por essas razões. As questões de trabalho é porque no Brasil, eu sou biomédica, o meu salário médio é de R\$ 20 a R\$ 30 a hora, sendo que tem um acréscimo por causa da habilidade que é a - esqueci a palavra agora em inglês - quando é... insalubridade. Então é um acréscimo de insalubridade, mas não chega ser assim... Você consegue viver bem, mas não é o que se espera quando você faz vários anos de estudo, enfim. O salário mínimo daqui da França é duas vezes o que eu ganharia como biomédica, sem o nível de responsabilidade que eu precisaria ter dentro de um laboratório, dentro de uma pesquisa clínica.
(CLARA).

A fala de Clara e seu posicionamento diante da situação política do Brasil nos conecta com uma reflexão de Glória Anzaldúa, quando ela nos diz que às vezes

[...] não é suficiente se posicionar na margem oposta do rio, gritando perguntas, desafiando convenções [...] Um ponto de vista contrário nos prende em um duelo entre opressor e oprimido. Ou talvez decidamos nos desvencilhar da cultura dominante [...] e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar uma outra rota. As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir. (ANZALDÚA, 2005, p. 705-706).

Às vezes as pessoas que migram são julgadas – e se julgam – por deixarem seus lugares de origem em momentos difíceis. É um fardo que muitas migrantes carregam. No entanto, seguindo a pista de Glória e buscando criar um diálogo com a perspectiva da retirância, entendemos que algumas vezes o retirar-se é sobre-viver. Não apenas em termos de subsistência e satisfação das nossas necessidades fisiológicas básicas – mas também elas. Algumas vezes é preciso-desejável retirar-se para respirar, porque ocupar o tempo todo um lugar na margem oposta, como traz Glória, é demasiado desgastante e pode nos levar para um lugar de pura reação e luta incessante oprimida-opressora. Às vezes é preciso retirar-se para conseguir permanecer consigo mesma...

Fiquei pensando aqui na distribuição simétrica de perguntas. Seu campo foi um campo de mulheres assentadas, mulheres viajadas, mulheres-retirantes.... por isso você se tornou uma mulher-retirante. tô achando muito bonito isso!
Alexandra Tsallis (28/04/21)

Fonte: TSALLIS, 2021b.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor verde.

... Sigamos ...

A decisão, ela foi por etapas, né? A primeira etapa foi vir para cá para fazer uma **pós-graduação** que ia durar um ano, talvez dois. Eu digo isso porque no início eu tinha dinheiro só para viver alguns meses, eu não tinha nenhuma bolsa, nenhum tipo de financiamento. Então fui eu que banquei tudo, né, graças aos trabalhos que eu pude fazer no Brasil, eu consegui juntar dinheiro para bancar, sustentar todo custo dessa pós-graduação. Então, a princípio seria um ano e talvez dois porque o mestrado durava dois anos e meio, na verdade, mas eu não sabia se eu ia ter condições financeiras de ficar no segundo ano. Então era mais um desejo de sair, de viver aquela experiência, mesmo que eu não fosse completar o mestrado. Eu cheguei aqui, eu lembro que eu cogitava até talvez não fazer o segundo ano, mas para mim não tinha muito problema. O que eu tava querendo mais era a experiência, entendeu? Não vim buscando vir para morar. Então era uma coisa temporária, né, ia ser aquele período, alguns meses, no

máximo dois anos. Só que as oportunidades foram se abrindo, eu fiz uma pós-graduação profissionalizante que incluía três experiências profissionais, três estágios práticos em organizações da área e essas experiências me abriram portas para trabalhar. Até hoje eu tô numa dessas experiências de estágio, que se transformou no trabalho que eu tenho até hoje. [...] Quando eu tinha seis meses aqui na França, o meu namorado veio para cá para me visitar e aí ele começou a se inserir, aprendeu a língua, começou a trabalhar e então nós vamos caminhando juntos. E também o cenário no Brasil como foi evoluindo dessa forma que, que a gente viu, nessa forma negativa, minha própria família lá me incentivou a não voltar para o Brasil, a ficar aqui. (LENA).

Surgiu a oportunidade de voltar para a França pra fazer o doutorado, e eu tava terminando a faculdade e era um período de crise no Brasil, em 2017, e não tinha muito emprego na área de engenharia. Então eu ia ter que procurar durante um tempo sem saber exatamente se acharia ou se teria que mudar para outra cidade dentro do Brasil, ou seja, teria provavelmente que sair da minha bolha e eu tinha essa oportunidade de voltar para França para fazer o doutorado. Então na época foi uma angústia muito grande para decidir se eu faria ou não esse doutorado e foi uma pressão muito grande da parte da minha família, dos meus professores para eu não deixar essa oportunidade passar porque todos eles tinham como uma ótima oportunidade que eu não podia deixar passar e eu me deixei influenciar por isso e tomei uma decisão que ia contra o que as minhas minhas próprias emoções me mostravam, né, que eu não me sentia bem, eu não tinha pelo menos me sentindo bem na França e que eu precisava daquele conforto de ficar na minha bolha para ficar para ficar bem, pelo menos nesse momento. (PAMELA).

Bom, pra sair do Brasil quando você é pobre é sempre muito custoso, né? Não é só uma questão de decisão, tem todo um processo envolvido nesse, nessa ideia de sair do Brasil. Então não é só "ah decidi, eu acho que eu vou, não sei se eu vou". Não é só isso, né, a gente tem que ter muita coisa para poder conseguir chegar nesse momento de decidir e falar com quem a gente ama que vai [...] Eu fui selecionada para ganhar, para estudar aqui, ganhei uma bolsa de estudos mas eu não tinha muita grana para chegar aqui. Eu tinha bolsa, eu tinha tudo pago mas para chegar aqui foi um processo complicado. Então eu tive que trabalhar, criar um projeto de criação onde pessoas do mundo todo compraram uma criação minha para contribuir para que eu chegasse até aqui. E deu certo. (I).

Vocês devem ter percebido que não podemos falar de “tomar a decisão de mudar de país” como algo corriqueiro e abrupto na vida dessas mulheres. O desejo de sair do Brasil relaciona-se com muitos aspectos, como o político, econômico, formativo, entre tantos outros, e vai muito além de uma decisão repentina, como elas nos contaram. Clara nos fala do peso da situação política do Brasil na sua decisão de saída, do quão penoso era pra ela aquele contexto, além de dificultar sua inserção profissional, assim como Pamela, que, mesmo não desejando sair do Brasil naquele momento se sentiu impelida a isso, mesmo contra suas próprias emoções, como ela coloca. E foi assim que ela veio para a França fazer seu doutorado. Lena, que também viajou para estudar, o fez movida pelo seu próprio desejo, mesmo sem a garantia de que conseguiria chegar até o fim do mestrado, considerando o grande investimento financeiro que isso significava. Bancar essa experiência fora do Brasil não é nada fácil, como enfatiza I, que,

mesmo com a segurança de uma bolsa de estudos, teve que criar alternativas complementares para conseguir financiar sua viagem.

Como já discutimos anteriormente e podemos encontrar nas histórias dessas mulheres, há um crescente protagonismo na idealização e concretização desses deslocamentos. Milesi e Marinucci (2016) enfatizam que cresce cada vez mais o número de mulheres com um projeto migratório individual, que se deslocam por razões de trabalho e formação. Elas ressaltam que esse novo cenário é consequência da emancipação alcançada pelas mulheres nas últimas décadas, ao mesmo tempo que o próprio deslocamento geográfico visa, justamente, essa emancipação.

Gisele Maria Ribeiro de Almeida (2014), em pesquisa realizada acerca da migração de brasileiras para a França, destaca a motivação da formação para esse deslocamento, como estamos percebendo aqui, bem como o alargamento da permanência no país após esse o período formativo previsto inicialmente. Isso se deve, em grande parte, à existência de oportunidades de continuidade dessa formação e também de empregos.

Para essas mulheres, então, a migração é tanto sinal quanto instrumento de empoderamento. O que não quer dizer, obviamente, que esse seja um caminho fácil de percorrer, como estamos acompanhando pelos relatos. As dificuldades financeiras estiveram presentes em quase todas as histórias, mesmo que em intensidades diferentes. Mas elas não foram as únicas. Em alguns casos, a falta de apoio de familiares e pessoas próximas foi algo bem marcante:

Quando eu decidi isso, eu não tive... a minha família... eu vou explicar o que eu chamo de família, seria o meu pai, a minha mãe e o meu irmão, né, que nem eu brinco o restante é parente, não é família. Mas quando eu disse pra minha família, eu não tive apoio de nenhum deles. Meu pai ficou muito preocupado, mesmo porque ele não conhecia muito bem o meu namorado, ele como qualquer pessoa que se preocupa com quem ama, ficou imaginando quem poderia ser essa pessoa, se eu poderia estar em perigo, se eu poderia sofrer qualquer tipo de situação constrangedora, ou mesmo de violência. A minha mãe me apoiou, mas ela tinha algumas restrições por causa da distância, dizendo que não era simples caso acontecesse algum problema, de pegar um voo numa situação emergencial inicial pra me ajudar. Então, além disso eu não conhecia outras pessoas aqui, então isso deixava ela bem preocupada também. O meu irmão, igualmente contra, foi o que se expressou da pior forma. Eu entendo que ele tava preocupado, mas ele foi mesmo grosseiro. Ele me chamou de irresponsável, de egoísta, ele não entendeu de no início, a minha decisão, de jeito nenhum apoiava e tentou de todas as formas me dissuadir de vir. Então assim, é uma decisão que você toma e quando você não tem apoio fica difícil de levar adiante, mas mesmo assim eu queria tentar. Eu queria tentar porque eu já tenho essa, esse espírito de nômade, então independente de qualquer coisa ia tentar.
(CLARA).

E aí no meu trabalho que eu tinha... eu tenho na verdade, porque eu consegui uma licença não remunerada de dois anos, eu tenho um trabalho sólido, consolidado, uma carreira super estável no Brasil. E tava uma carreira em ascensão de 5 anos, de quase

6 anos. Então, pensando financeiramente, pensando também numa carreira... eu vinha cumprindo todos os requisitos, sabe? (risos) mas, eu tenho, eu tinha sim esse sonho dentro de mim, de vir estudar na França; eu tinha uma imagem, uma ideia do que eu ia encontrar aqui que me fazia ter certeza que eu tinha que... eu tinha que tomar essa decisão. Então assim, eu tinha que ter coragem para fazer esse sonho acontecer. Então as pessoas no Brasil, a grande maioria no começo falava "Não, imagina, que viagem... que que cê tá falando? Como assim? Como é que é isso? Como que você vai sair de um emprego estável e tal? Ou como que você vai fazer, vai para o mestrado para fora do Brasil com 30 anos, já namora há cinco anos, seis anos?". Então tem um pouco dessa, tem essa pressão do - acho que - do ideal de sociedade esperado, né? Então eu vi algumas amigas que estavam casando, algumas amigas estavam tendo filhos e o meu sonho era fazer um mestrado aqui na França. Então tem uma, a princípio, uma certa rejeição, eu acho, ou uma descrença, assim. (GAIVOTA).

Não podemos encarar esses receios acima citados de forma genérica. Eles estão muito associados à figura feminina na nossa sociedade. Geralmente, quando um homem toma uma decisão como essa, é caracterizado como corajoso, pessoa que sabe o que quer da vida e corre atrás dos seus sonhos. Tudo isso está muito ligado ao dispositivo de eficácia, descrito pela brasileira Valesca Zanello (2018), que faz com que a sociedade espere que o homem tenha esse tipo de atitude. Esse dispositivo associa o homem à virilidade laborativa e sexual, através da demonstração de força, competitividade, produtividade e postura de dominação frente à mulher.

Para as mulheres, no entanto, as mesmas decisões assumem outro sentido. Viajar na idade de Gaivota, deixando tudo que ela deixou, é caracterizado como inconsequente. Ela de imediato é colocada como transgressora e se transforma na mulher que “ficará pra titia”, que não vai casar, que está passando da idade de ser mãe, e perdendo, portanto, a chance de se realizar enquanto mulher.

E eu tinha o meu relacionamento, né, eu tinha o meu namorado na Nova Zelândia e a gente vivia junto há quatro anos e então foi combinado de que eu iria fazer o mestrado, depois eu voltava porque ele não queria vir comigo para me acompanhar nesse processo. E eu não desisti do meu sonho de estudar aqui em Paris porque eu tinha um relacionamento. Eu falei: "olha se você não quer vir comigo eu vou de qualquer forma, entende?". E aí ele ficou por lá e eu aqui e a gente mantendo esse relacionamento à distância. Então o único problema, entre aspas, que eu tive, foi o relacionamento que também não me interrompeu nessa decisão, né? E eu sempre comparava: ah que os homens quando vão pro exterior, as esposas, as namoradas, enfim, todo mundo vai, acompanha de boa, super orgulhosas. E para a gente que é mulher, quando a gente tem uma chance fora é meio complicado de ter um marido vindo atrás de você, te acompanhando porque a esposa dele tem um trabalho, um curso enfim, é muito complicado. E eu não tive isso né, eu experimentei isso e acabou o relacionamento por conta disso porque no final eu decidi ficar por aqui depois dos estudos. Então foi custoso, mas enfim, é determinação em se deslocar, em criar alguma coisa que supera tudo isso.

(I).

Mas é um projeto de pelo menos cinco anos, aí, que eu venho investindo tempo, estudo de francês, e as economias para que eu possa tá aqui. Então, realmente era um sonho que se tornou importante na minha vida. Inclusive era eu com meu companheiro. Hoje eu tenho namorado de 6 anos, 7 anos. E a minha conversa com ele desde o primeiro

dia que a gente se conheceu era: meu maior sonho é fazer um mestrado na França e todos os outros sonhos vêm depois desse. Então mesmo formar uma família, ter filho e tudo mais. Bom, então, estou aqui agora na França faz 7 meses - eu acho - eu cheguei aqui em setembro e a princípio fico dois anos que é o tempo do mestrado. (GAIVOTA).

I e Gaivota escaparam do enclausuramento que os dispositivos podem – e tentam – provocar na vida das mulheres. Não sabemos a que custo.

Somando-se a todas essas questões, outros obstáculos bem concretos e estruturais se agigantavam à frente delas, como corte de recursos para bolsas, a necessidade de abrir mão de empregos, de certos padrões de vida, etc.

Só que, nesse meio tempo, bolsas foram cortadas, foram diminuídas por parte do Brasil. A minha esperança era a Capes e tava uma situação de intensa insegurança no começo de 2019 e eu já tinha perdido um pouco as esperanças, até que falaram que ia sair um edital de doutorado sanduíche. Eu fiquei animada e o meu departamento também da universidade no Brasil decidiu entrar num programa de internacionalização, o Capes/Print, que determinava uma temática específica que a universidade tinha determinado e não era nada a ver com a minha temática. Mas eu não desisti, fiz a seleção e estou aqui. (ELAINE).

E aí esse intercâmbio de Au Pair que é o que eu faço hoje, se mostrou uma possibilidade, mas eu ainda assim ficava muito apegada a um aspecto material da coisa. Tipo, porque no Brasil eu trabalhava na minha área (Engenharia Ambiental) e também trabalhava como professora, porque eu trabalhava na minha área como freelancer então não era uma coisa estável. Eu ficava "mas se eu sair para ser au pair, eu vou vou me distanciar mais ainda disso aqui que eu tenho". Eu me preocupava com as coisas materiais que eu tinha no Brasil, que não era quase nada, sabe? Era coisa besta, tipo móveis "o que que eu vou fazer com os meus móveis?", eu tinha preocupações assim. E isso me impedia de tomar essa decisão, por isso até que eu demorei tanto, mas finalmente e aí ainda bem que eu fazia essa psicoterapia por que em algum momento eu consegui ter força suficiente para bancar esse, esse meu desejo, né? (GISELA).

A questão da vinda para cá, eu acho que é uma oportunidade muito boa, mas não é uma oportunidade, eu acho, que está aberta a todo mundo. Porque para você vir, você gasta um dinheiro, uma quantia muito alta que não é simples para qualquer pessoa. A vida inteira eu fui guardando dinheiro que eu tinha essa vontade. Meu pai também teve condição de me ajudar. Mas não é uma oportunidade tão aberta a todo mundo assim porque a pré-vinda de pagar a residência, um aluguel, e todas as contas... de pagar as idas ao consulado que são duas, de pagar o visto, de pagar a passagem de avião... Então, são gastos altos. Eu tenho um colega que não tinha muita condição e a gente fez de tudo para ajudar ele para vir. Ele teve que pegar empréstimo, então ainda vejo assim que é um... que é uma oportunidade muito boa e sem um apoio não é fácil de vir. E a minha a minha questão é que... falei e não expliquei, é que minha bolsa nem foi do Brasil. Então minha bolsa quem paga é a universidade daqui. (ELAINE).

Muitos obstáculos pelo caminho. Tomar a decisão. Compartilhá-la. Organizar toda a logística. Com ou sem apoio. Após tudo isso, chegar à França e perceber que não é o fim, mas o início de um trajeto que pode ter muitas direções e sentidos. E dificuldades. E adaptações:

Então, logo que eu cheguei, eu queria achar um trabalho não importa o quê. Precisava de grana para me manter em Paris, eu tinha uma reserva, mas eu não queria gastar toda essa reserva. Então estava procurando não importa o quê pra fazer e trabalhei em um hotel. Não era super agradável, era de manhã. Eu não sou uma pessoa matinal. Tanto é, que eu combinei com você de fazer a entrevista depois do almoço (risos), mas eu encarei porque eu precisava, eu não tava na posição de ficar escolhendo, meu francês ainda era muito precário e tudo mais. Depois, eu saí desse trabalho e eu trabalho com uma coisa que eu gosto bastante agora, que é o turismo. A empresa é muito melhor em comparação a outra, e eu me sinto realizada, eu gosto.

(CLARA).

Termos logísticos... é, falei da questão financeira, né, tive que juntar o dinheiro no início para vir, para ter os primeiros três meses que a gente precisava apresentar para o visto. Depois é que eu comecei a trabalhar. Eu quando tava estudando, eu fazia pequenas missões, eventos pontuais no final de semana, de noite. Depois eu comecei a estagiar, o estágio era remunerado. Era pouco, né. Era menos de 600 €, mas dava para pagar o aluguel e ganhava Ticket Restaurante e aí com Ticket Restaurante fazia a compra de mercado, para passar, para comer em casa. Não comia quase nunca na rua, quase nunca mesmo. Foi isso.

(LENA).

E aí eu tinha realmente tipo uma cama para mim, e um metro de armário, e uma gaveta da geladeira. Então era... foi tipo surreal assim, que eu saí de uma casa minha, com meu namorado para 1m de armário. Então foi surreal. Mas me fez muito pensar na verdade, com essa viagem, me fez de novo repensar que a gente não precisa de muita coisa. De quase nada, na verdade. E hoje assim eu tenho uma impressão, uma sensação de que tipo minha vida cabe numa mala, sabe.

(GAIVOTA).

Para além dos aspectos mais concretos, como condições de moradia e trabalho, a língua aparece como uma condição muito importante para a adaptação e o desenvolvimento das relações com as pessoas e com o lugar:

Chegando aqui tem um desafio de adaptação. O idioma é uma questão que pega, né? Mesmo depois de eu ter feito uns três a quatro anos de francês no Brasil. Quando você chega aqui, no primeiro mês, segundo mês, ainda o seu francês é muito ruim, assim, na prática. O meu francês era ruim. Era bom, funcionava mesmo assim, não para que eu conseguisse expressar as minhas emoções, sabe. Era tudo muito mecânico. Acho que ainda hoje a minha personalidade, ela é muito melhor traduzida no português do que no francês. Mas, eu já consigo me soltar mais no francês hoje em dia.

(GAIVOTA).

Em casa falamos português, apesar de que eu tenho que tentar falar em francês, porque eu sou estudante de francês em Paris. E eu preciso do francês para eu conseguir um emprego, né, porque quando eu cheguei aqui eu só trabalhei na limpeza, agora eu já tenho o título de séjour e eu preciso trabalhar, mas eu sei que o que me breca é a língua [...] Meu francês não é muito bom, mas eu me esforço muito para falar em francês mesmo falando errado.

(LOLA).

Eu cheguei aqui e já tinha visto que a língua meio que seria um problema. Porque poucas pessoas falam inglês e meu inglês também, quando eu vim para cá, não era... sempre fiz aula mas tinha muita vergonha de falar. Então, também meu inglês não era assim perfeito. Eu não sou fluente. Eu não falo muito bem. Quando eu cheguei aqui, então, eu intensifiquei as aulas online do francês e comecei a me arriscar mais a falar o francês, pelo menos aqui no bairro, com pessoas que não me conhecem. E eu vi que elas começaram a me entender, algumas coisas elas entendiam, outras eu repetia e aí

elas não entendiam e aí eu tentava fazer mímica... falar em inglês, falar português... mas assim, é possível se comunicar. Aqui na minha cidade, eu me inscrevi numa aula de ginástica, três vezes por semana, que é dada por franceses e eles só falam francês e poucos alunos também falam inglês. Então assim eu fico quieta mas pelo menos eu tô treinando meu listening, né?
(PRISCILA).

Eu nunca vou falar perfeitamente o francês como eles falam e ok, né? Essa é quem eu sou aqui e eu acho que poder se projetar na França é assumir esse lugar sem que isso se torne um problema. Agora não é algo completamente esperado para mim, por exemplo, eu sinto vergonha de falar, por exemplo, para dar aula, pra congresso... Em algumas situações que eu sei que eu tô sendo avaliada pela qualidade da minha expressão. Eu tenho momentos em que eu travo e tudo isso ainda é muito difícil e eu não sei se algum dia vai ser completamente resolvido. Espero que sim (risos) ou que eu me sinta mais à vontade, né?
(K).

Não por acaso a língua aparece tão fortemente citada nos relatos delas. A linguagem tem sido considerada a principal forma não apenas de socialização, mas da própria constituição das pessoas enquanto sujeitas e seres em relação. Franz Fanon (2008), natural das Antilhas Francesas enfatiza, ainda, o papel da linguagem na construção de relações de dominação colonial, analisando o status que a língua e a cultura colonizadoras assumem no cotidiano das pessoas colonizadas e nas relações destas com as colonizadoras. Para ele, falar é existir absolutamente para o outro.

Fanon relata, ainda, que nas colônias antilhanas, o domínio da língua francesa funciona como forma de aproximação das pessoas negras com o mundo das brancas, que se impõe como o “mundo civilizado”. Conhecer e utilizar a língua colonizadora, entretanto aproxima, mas não coloca colonizadas e colonizadoras no mesmo lugar. No contexto colonial, a colonizada que detém a cultura da colonizadora se eleva em seu grupo social, porém, nunca se equipara a esta.

.....fronteira.....

Sobre as relações pessoais, é bem comum que as principais sejam com outras brasileiras e brasileiros ou imigrantes de outras partes do mundo:

Sobre relações pessoais... as pessoas mais próximas a mim são brasileiros e brasileiras. É um grupo... um conhece o outro, que conhece outra, e assim se formou. E é uma rede de ajuda, assim, sem essa rede de ajuda, sem esses contatos, eu não sei como seria a minha estadia aqui. Tem duas pessoas dessa rede contato que eram da mesma universidade que eu no Brasil, então, um me recebeu quando eu cheguei aqui.
(ELAINE).

Aqui na França eu tive uma certa dificuldade em fazer amizades com franceses porque eu acho que tem uma diferença cultural aí, né? E tem, eu senti muita... Chama xenofobia, né? também nas relações, nas escolhas, nas, nos tons, nas situações. Então eu senti essa dificuldade de criar conexões com franceses, mas tenho alguns franceses

que foram, que foi criando amizade. Mas eu não sei exatamente se são meus amigos, sabe. Talvez eu possa dizer que tem dois amigos franceses, mas que não são dessa viagem de agora, durante o mestrado. São dois amigos que eu conheci há pelo menos - sei lá - uns 5 anos atrás quando eu tava em Portugal. Então eles eu diria que são meus amigos. Tem... é, mais um amigo de Bordeaux. Diria que talvez eu tenho três amigos franceses e alguns amigos imigrantes. Então tem um amigo que vem de Comura, na África. Não, agora esqueci o país, porque é muito diferente. Então de novo sinto esse distanciamento, né, mas, que provavelmente é um traço do, da cultura francesa e entendo isso também. Mas enfim, então basicamente me relaciono com os brasileiros, imigrantes, poucos franceses.
(GAIVOTA).

Então... Aqui, pensando em amigos, pensando nos grupos que eu me relaciono... chegando aqui fiz amizade com as pessoas da minha sala e aí tinham poucas pessoas, tinham cerca de 10 pessoas, fiz mais amizade com uma brasileira da minha sala, e com uma mexicana da minha sala, e com um japonês da minha sala também. Então que eu diria talvez que são as pessoas mais próximas - da minha sala - são essas três pessoas. Fiz amizade com todos os franceses e as meninas também que vem da Argélia, mas não são exatamente meus amigos, mas acho que tem uma questão de personalidade. Além das pessoas da sala, me relaciono com o grupo matriarcado, que é um grupo de mulheres feministas e que vão discutir assuntos relacionados ao feminismo, basicamente, brasileiras que moram em Paris, moram na França. Esse grupo eu me identifiquei muito em ideias parecidas. São interesses parecidos, porque eu me considero feminista e o trabalho, o projeto de pesquisa que eu tô desenvolvendo é numa linha de uma busca de uma igualdade de gêneros e cuidar de direitos e de deveres também, mas então, uma linha do feminismo né, da luta. Então me identifico intelectualmente com elas apesar de não ter tido muitos encontros - eu participei acho que 2 ou 3 encontros físicos - mas tem uma troca muito frequente no... através dos grupos de WhatsApp, principalmente. E ali eu encontro uma identificação intelectual que me dá força sabe, que me sustenta de uma certa forma.
(GAIVOTA).

No meu laboratório tem mais três pessoas. São dois iranianos e um indiano. Eu cheguei, de novo, muito retraída, muito tímida igual eu sou mesmo. Muito séria. E aos poucos eu meio que fui... eu que comecei a interagir mais com eles e tem um iraniano que hoje a gente é super amigo de trocar, assim, áudio... de trocar mensagem por WhatsApp um dando força para o outro. Principalmente agora.
(PRISCILA).

E a minha relação aqui a maioria das pessoas com quem convivo, bom, no trabalho são todos franceses, eu sou a única não francesa. Mas na vida pessoal a maior parte é de brasileiros, não por uma questão (risos), não busquei isso de modo consciente, aconteceu porque acabei fazendo boas amizades brasileiras aqui, grandes amizades mesmo. Aqui no meu bairro também tem alguns amigos, AMIGOS, não seriam amigos, seriam... é que eu pratico uma filosofia budista e a gente faz reuniões com uma certa frequência, de 15 em 15 dias, então eu convivo com essas pessoas que são algumas imigrantes, do Camarões, da Espanha, mas também algumas francesas, diversas idades, mas é um caso bem a parte porque é no âmbito dessa prática filosófica budista. Talvez se não fosse por essa prática filosófica não sei se eu teria tantas, tanta convivência com um ciclo de não brasileiros assim. Eu percebo isso, que no meu entorno acaba sendo muito, muito de brasileiro mesmo. Eu tenho alguns amigos, na verdade eu tenho uma amiga do mestrado que ficou como amiga mesmo, que é italiana, ítalo senegalesa e através dela mantenho contato ainda com mais três ou quatro pessoas no mestrado. Três ou quatro francesas. Na realidade o meu ciclo de franceses no meu dia a dia aqui se resume aos colegas de trabalho. Na minha vida pessoal é quase zero francês, infelizmente.
(LENA).

No meu círculo de amizades eu tenho uma repartição assim mais ou menos igual entre franceses e outros estrangeiros assim, outras nacionalidades, italianos e um pouco de

outras nacionalidades tipo libanês e tal, africano, enfim tem uma mistura, franceses né, já falei e brasileiros. Desde quando eu cheguei em Paris, sigo um grupo das meninas brasileiras e eu acabei tendo muito mais contato com brasileiros que antes eu não tinha.

(PAMELA).

Nessas relações ou tentativas de construção de relações, algumas situações de preconceito foram vivenciadas e/ou presenciadas. Racismo. Xenofobia. Discriminação por ser mulher. Por não dominar a língua francesa.

Então, eu vim para a França com uma ideia, com um conceito de que aqui as pessoas respeitariam muito mais os outros, que não existiria racismo, que não existiria xenofobia... Achava que as pessoas tinham um pouco mais de instrução e que as pessoas seriam mais tolerantes, que respeitassem mais. Mas eu tive uma decepção nesse aspecto e eu acho que sim, existe uma xenofobia e uma rejeição e uma estereotipação. Então ainda quando você fala que você é brasileira, ainda tem muita, tem muito pré julgamento associado, inclusive dos meus professores. Então isso foi algo que me chocou bastante, de ver professores, de ver diretoras que me trataram com certo desdém e até assim, no tempo, sabe, na atenção que você dá, que os professores davam para alunos franceses e para alunos imigrantes, né? Então alunos estrangeiros não só brasileiros, mas japoneses, argelianas, mexicanas. Então a atenção que se dá a um francês foi diferente nesses seis meses de aula. Em alguns casos eu vi, inclusive, algumas atitudes de xenofobia mesmo, de racismo, não sei se enquadra como racismo, porque eram de professores franceses para com as alunas argelianas. Isso me decepcionou bastante, a família também com quem eu vivi. Esse pai em algumas situações frequentes fez declarações racistas, inclusive, e mesmo quando ele me aceitou como babá, ele me aceitou porque eu era branca. E ele falou isso com a maior naturalidade do mundo: "ah, eu já gostei de você, você é branca, porque aqui no bairro tem muito negro e não dá para confiar e então eu já gosto de você porque você é branca". Então nesse caso eu teria sido privilegiada, né, por ser branca. Eu nesse contexto tive que anular minha identidade, minha subjetividade; num contexto normal eu contestaria isso muito provavelmente, não aceitaria isso. Teria uma longa discussão teórica, filosófica, existencial com essa pessoa e eu tive que me calar.

(GAIVOTA).

Então, eu fui entender aqui, que aqui na França, aqui em Paris, tem problemas muito parecidos com os problemas que a gente tem em São Paulo, os problemas que a gente tem no Brasil. Fui ver aqui na prática que a gente tem também prostituição, que a gente tem racismo, que a gente tem xenofobia, que a gente tem uma superioridade do francês, do europeu, sabe? Uma superioridade, uma ideia de que existem pessoas que valem menos, sabe. Eu vi isso aqui. E isso me desapontou porque era uma coisa que eu via no Brasil também, né, e que existe muito essa discrepância social e essa, esse distanciamento, né. Até quero, na verdade, falar uma outra coisa... quase esse desprezo né, pelo mais, por outras classes sabe, pelo mais humilde... É uma coisa que me incomoda muito, sabe, essa superioridade assim. Eu vejo uma correlação na luta do feminismo, que é esse incômodo, esse asco, esse embrulho no estômago quando você vê um homem que quer menosprezar, ou que quer comandar ou que quer humilhar uma mulher, sabe? Assim como você vê às vezes uma burguesia ou você vê uma pessoa racista e aqui na França você vê... eu tive algumas experiências de encontrar franceses, que presumem que a cultura francesa é a coisa mais importante do mundo e que tudo o que é fora desse contexto é irrelevante

(GAIVOTA).

O que acontece com frequência, que eu já dividi esse fato com outras pessoas brasileiras, é que eles duvidam da tua capacidade pelo fato de você não falar a língua. Eles acham que você não vai saber fazer a coisa muito bem, muitas vezes que você

nem entendeu o que que é para fazer por causa da limitação do idioma. Isso quando eu tava no meu primeiro trabalho acontecia muito. Eu não conseguia me expressar muito bem, não conseguia, mas eu entendia, a maior parte das coisas eu entendia. Tinha um problema da expressão oral, mas a compreensão tava tranquila. E aí as pessoas, elas meio que te tiram pra burra... Também já sofri discriminação por ser mulher aqui, isso também já aconteceu aqui, já passei pela mesma experiência que passei em outros lugares.
(CLARA).

O francês de origem egípcia Tobie Nathan, ao refletir sobre os estigmas associados às pessoas que migram, faz uma analogia entre o louco e o migrante, colocando ambos como figuras representadas como despossuídas, às quais são atribuídas características que os desqualificam instrumental, simbólica e culturalmente, em vez de terem compreendidas suas diferenças subjetivas, produtivas e culturais (NATHAN, 1996).

Apesar de extremamente qualificadas e geralmente com seus deslocamentos relacionados à continuidade da formação, elas relatam ser percebidas como inferiores e incapacitadas para algumas tarefas e posições, o que vai bem além da questão da fluência ou não no idioma.

Então, como eu falei, só questão de trabalho que eu acho que a gente tem problema. Não sei por eu ser negra, tá? E essa é a única discriminação que eu sinto aqui e em qualquer lugar que eu for, no meu país, em qualquer lugar. É por ser negra, não por ser estrangeira e é isso. Eu não consigo ver porque é um lugar bem cosmopolita, né, tem gente do mundo todo. Então é isso, todo mundo já tem isso na cabeça. Mas é isso, é a questão racial mesmo. Não como estrangeira. E também quando você vem de um, de todo um histórico, né, de vida de pobre, racismo, enfim, é toda esse sofrimento que você carrega a vida toda, quando, você chega num país de primeiro mundo, em Paris, você não vai se lamentar porque isso é nada, isso é fichinha para gente, sabe?" Ah, alguém, ai eu sofri não sei o quê" não, você já sofreu uma vida inteira, você não tinha o que comer, você foi humilhado a vida inteira no seu próprio país, você vem da favela, você é preto, enfim. Não vou ficar, nada se compara com o que eu passei antes na minha vida. Hoje eu tô no paraíso, sabe, então não tem muito... É só a discriminação racial que persiste e vai existir sempre, enfim. É isso.
(I).

Apesar das dificuldades, da discriminação, xenofobia, do racismo, algumas delas estão construindo seus lares nesse novo território, o que não é um movimento linear ou homogêneo. A questão do pertencimento (ou não) aparece bastante nas falas delas:

Tá, sobre a questão de pertencimento, acho que a gente até falou uma vez isso em uma das reuniões (do grupo Matriarcado). A gente tá no limbo. A gente não é nem 100% brasileira porque a gente já tem muita coisa além, mas ao mesmo tempo a gente não é francesa, nem vai ser. Então a gente tá numa coisa intermediária entre um e outro. É isso que eu sinto. Não só com relação à nossa família, porque a gente vai, a gente visita, a gente ama, mas não é a mesma coisa, a gente não é como eles. Eu acho que isso é muito claro para as pessoas que já moraram pelo menos um ano fora. Você não é mais como aquelas pessoas, embora você as ame profundamente. Mas ao mesmo

tempo você não é daqui, então acho que é isso mesmo. A gente pertence a um lugar intermediário que talvez ainda não tenha definição concreta. (CLARA).

Eu acho que é um não lugar, na verdade, porque quando eu volto para o Brasil, eu tava lá em novembro, né? E aí eu reencontrei minhas amigas. É complicado porque elas não participam mais da minha vida como antes, então eu não posso, eu não tenho como compartilhar tudo e mesmo se eu tentasse compartilhar, tem alguma coisa que escapa assim, que não... né, do vivido. E assim, como a gente não tá vivendo no mesmo contexto, é difícil. Então por isso vem esse sentimento de solidão, até como se eu não fizesse... quando eu voltasse para o Brasil eu não... eu não me sinto, por exemplo, quando eu vou para casa do meu pai onde eu tinha um quarto, o meu quarto ele não existe mais, ele é ocupado né, ele já é ocupado. Mas aqui, por exemplo, eu também não me sinto completamente pertencente. Eu sou marcada como estrangeira, eu abro a minha boca, a partir do momento que eu abro minha boca eu sei que as pessoas sabem que eu não sou daqui. Então assim, é como se eu não pertencesse nem lá e nem aqui completamente. E aí é ir vivendo nesse nem lá nem aqui, e ir tentando desconstruir aos poucos.

(K).

Olha, eu... o sentimento de casa para mim ele é, ele também é fluído, né? Eu fico aqui, eu moro aqui, né, a minha casa é aqui, onde eu construí meu lar, o primeiro lar que eu posso chamar de meu, né, meu e do meu companheiro, e para mim é aqui porque a nossa história hoje acontece aqui né, na maior parte do tempo. Mas é também o Brasil né, também o Rio que é onde tá minha família, né. Então eu acho que fico nessa fluidez entre Brasil e França, né. [...]E aí eu aprendi a pensar as fronteiras como algo fluído, como algo que, na verdade, talvez não deveria nem existir. Até penso na questão dos imigrantes sem papier ou sans papiers, enfim. Até mesmo essa noção de imigrantes que acho que todos nós somos imigrantes, né, em alguma escala. Então para mim é tudo muito fluído assim eu acho que eu posso, como dizer, transitar por esses territórios de uma maneira - eu sei que existem no mundo real existem diversas barreiras migratórias e controles de aeroportos e portos e fronteiras - mas eu me sinto como alguém que pode transitar de uma maneira fluída por esses territórios. Eu me sinto como uma pessoa que se apropriou desse território, entendeu? Eu me sinto parte integrante daqui, da minha casa, do meu bairro, desse país e acho que é isso.

(LENA).

Ah, eu me sinto parte disso aqui. Lógico que a gente sente saudade do Brasil, mas no momento atual, então, assim nunca eu quis tá tão longe do Brasil e às vezes estar lá (risos) para ajudar na luta, sabe?

(LOLA).

Olha, eu estou na França há 4 anos e meio e eu tenho uma relação ótima com o país e na verdade eu tenho relação ótima com todos os lugares porque eu tenho essa facilidade de me adaptar e de estar aberta ao novo e experimentar e achar bom. Então eu sou muito curiosa e isso facilita, né, com que eu fique muito bem e vá curtindo a cada coisa nova que vai surgindo. Então eu adoro meu espaço, né, a minha casa, eu tenho um relacionamento com um francês, então eu tenho muito contato, né, com a cultura francesa, com a família, com as comidas, enfim.

(I).

Então, agora fazem 6... 7 anos se eu contar com o primeiro ano que eu vim, mais os seis anos que vai fazer em maio agora no final de abril vai fazer seis anos. Eu já me sinto um pouco uma mistura assim entre Europa, nem digo França não, Europa e Brasil, sabe, na minha minha forma de pensar, na minha cultura. Eu digo isso porque quando eu volto pro Brasil eu não me sinto mais pertencente 100% daquela cultura. Então assim, hoje em dia eu não me sinto pertencente mais a nada, sabe? Quando eu volto pro Brasil, eu não me sinto mais pertencente aquela cultura, não de uma forma 100%. Assim, eu sinto que a minhas as minhas origens estão lá, é o meu, continua sendo meu porto seguro e a minha bolha e eu acho que eu me adaptaria muito fácil de

novo, mas eu acho que eu não me sentiria completa assim, eu ia talvez me adaptar mas ia ficar faltando alguma coisa. E quando eu tô aqui me falta a minha origem assim, né, (risos)... então eu acho que eu... sempre vai faltar alguma coisa. (PAMELA).

Todos esses relatos vão trazendo diferentes percepções sobre a relação delas próprias com esse novo território e também com o território-origem de cada uma. Para algumas, a sensação é de poder transitar entre os espaços e culturas com mais fluidez. Para outras, a sensação de não pertencer a nenhum lugar, de estar no limbo:

Quando eu fui pra França a primeira vez isso me marcou muito, muito, pra Albi, pra uma cidade muito, muito pequena, foi um baque pra mim; foi o contraste mesmo de uma cidade pequena, eu que tava esperando ir pra França, um país super desenvolvido e eu tinha em mente Paris, uma cidade como Paris eu não imaginava como uma cidade na França pudesse ser tão pequena. Albi acho que tinha uns 10.000 habitantes na época, não tinha transporte público, eu morava no centro da cidade, morava numa residência estudantil que ficava há uns dois quilômetros e meio, então era meia hora a pé até o centro da cidade. Era complicado. E como pra sair de lá era complicado e eu vivi um pouco mal esse período, até a socialização e tal num país diferente, a questão da língua, de me sentir uma imigrante. Eu não me senti acolhida, eu me senti uma imigrante mesmo né, vista diferente o tempo todo, mesmo que eu fosse uma estudante, eu acho que as pessoas me viam como uma estudante, mas os próprios alunos não me tratavam de forma igual assim pra fazer trabalho, pra fazer amizade, pra sair no final de semana. A maior parte deles voltava pra casa no final de semana ou tinha os amigos deles que eles já tinham formado, né, durante a faculdade e eu, como eu cheguei no último ano eu não conhecia ninguém, então eu ficava entre os imigrantes mesmo. E isso pra mim foi bem marcante assim, me senti julgada. (PAMELA).

O relato de Pâmela nos remete à constatação dos brasileiros Ricardo Ojima, Moisés Aguirre, Bruno Silva e William Lima (2014), quando eles, estudando migrações motivadas por estudo, identificaram que o fato da maioria das estudantes se deslocarem sem suas famílias acaba sendo um fator dificultador da adaptação, tanto pela saudade e outros sentimentos relacionados ao distanciamento, quanto pela solidão e dificuldade de estabelecer novas relações devido à xenofobia, que faz com que essas pessoas migrantes sejam percebidas como menos capazes e, portanto, menos interessantes.

A sensação de solidão. De ser marcada como estrangeira.

Isso nos leva mais uma vez ao encontro de Gloria Anzaldúa, quando ela discute a construção da mulher e da consciência mestiza.

Aquele fulcro ou ponto específico, aquela junção onde se situa a mestiza, é onde os fenômenos tendem a colidir. É onde ocorre a possibilidade de unir tudo o que está separado. Essa união não se trata da mera junção de pedaços partidos ou separados. Muito menos se trata de um equilíbrio entre forças opostas. Ao tentar elaborar uma síntese, o self adiciona um terceiro elemento que é maior do que a soma de suas partes separadas. Esse terceiro elemento é uma nova consciência – uma consciência mestiza – e, apesar de ser uma fonte de dor intensa, sua energia provém de um movimento

criativo contínuo que segue quebrando o aspecto unitário de cada novo paradigma. (ANZALDÚA, 2005, p. 706-707).

Para Gloria, ela, a mestiza, enfrenta todas essas coisas desenvolvendo uma tolerância às contradições, às ambiguidades. No entanto, nem sempre essa tolerância é o que predomina. Nem sempre é suportável.

A portuguesa Elsa Lechner aborda a questão da saúde mental das pessoas migrantes, identificando no processo migratório elementos potencialmente causadores de um relevante sofrimento. Segundo a autora, a experiência migratória pode se relacionar muito com as sensações de descontinuidade e ruptura, alterando a trajetória pessoal e rompendo laços, os quais

[...] também são inscritos no corpo, cinestésicos e vivenciados. Esta experiência provoca um deslocamento do sentimento de si que pode concorrer para o mal-estar existencial ou mesmo para a doença [...] as identidades são inter-territoriais e o sentimento de pertença quase extra-territorial, desafiando formas convencionais de representação das identidades. (LECHNER, 2007, p. 81).

Dessa forma, o sentimento de pertença (ou não) tem extrema relevância na adaptação e integração das pessoas vivenciando a migração, tratando-se de um processo de uma complexidade imensurável, que atravessa dimensões territoriais, relacionais, socioculturais, geopolíticas, identitárias, etc. Nesse sentido, o envolvimento e a fixação da pessoa migrante com seu novo território de vida não ocorre aleatoriamente. Alguns fatores encorajam e incentivam esse envolvimento, enquanto outros repelem qualquer tentativa ou interesse em fazê-lo.

As brasileiras Wallace Araújo de Oliveira, Diogo Mathias Brum e Regina Andrade (2020) fazem uma análise dessa questão do (não) pertencimento trazendo a vivência do desamparo:

[...] quando um migrante sustenta o fôlego motivado por sua busca por sobrevivência, inquieto em sua vulnerabilidade e buscando um rumo com os recursos de que dispõe. Desesperos, emoções e estranhamentos diversos atravessam e se instalam no corpo migrante [...] Os lugares se borram, os sentidos são confundidos, mas os sujeitos constroem ou reconstróem o mundo à sua maneira de sobreviver, nos fazendo pensar de acordo com sua força tanto ativa quanto reativa frente aos dispositivos de poder. (OLIVEIRA; BRUM; ANDRADE, 2020, p. 316-317).

.....fronteira

Com todos esses deslocamentos, muita coisa foi mudando de lugar nas vidas dessas mulheres. Mudanças de todas as ordens, como leremos a seguir. Perguntei-lhes como esses

deslocamentos e as relações com os novos lugares e pessoas foram interferindo na constituição delas enquanto pessoas e, mais especificamente, enquanto mulheres. Uma pergunta que, ao mesmo tempo que me parecia simples, também me soava provocante. E foi! Afinal, estamos falando com mulheres que sentem. Que têm vontade própria. Que desejam mais o inesperado do que proteção. Mulheres que desejam. Mulheres que gozam.

Gente, eu amei essa pergunta que você fez. Nunca ninguém tinha me feito essa pergunta. Olha, é inacreditável. A primeira, a primeira resposta que me veio: a primeira vez que eu gozei na vida. Eu estava em Vila Velha, na cidade que eu amava, no meu apartamentinho bonitinho pitico-tico que não tinha nada, que era uma tábua de passar que era minha mesa da cozinha, e um armário de escola que era minha despensa. Mas eu amava aquele lugar, ficava perto da praia. E depois que eu saí daquele casamento, casamento não, morava junto com um doido, eu conheci uma outra pessoa que foi um dos grandes amores da minha vida. Foi a primeira vez que eu gozei, QUE EU GOZEI, porque eu transava e não sabia o que era gozar, gente. Eu tava com 31 anos, eu lembro exatamente como se tivesse sido ontem, o êxtase e as lágrimas. Eu chorei compulsivamente do lado de um homem que é um homem bacana, até hoje é um amigo, inclusive. E ele olhando para mim assim, ele entendeu. Não foi dita nenhuma palavra, mas ele entendeu perfeitamente o que tava acontecendo. E me amou. Eu sou tão grata à vida, ao universo porque eu me amei e eu permiti ser amada e foi uma das coisas mais emocionantes da minha vida. Não tem uma vez sequer, quando eu vou ao Brasil eu tenho que passar em Vila Velha, eu tenho que passar naquela rua, olhar para o prédio que eu morei. E a lembrança, eu tenho lembrança olfativa, eu tenho um nariz potentíssimo, né? (risos), e eu tenho lembrança olfativa de cheiro, cheiro de lugar, de casa, de perfume, de mato, de água. É uma coisa engraçada isso. E eu me lembro exatamente os cheiros e tudo mais. Então me transformou muito, né, me marcou. Vila Velha foi um ponto de deslocamento crucial na minha vida, um divisor de águas.
(LOLA).

Vocês conseguem se aproximar do que foi essa experiência de Lola? Foi emocionante escutá-la. Sentir a empolgação na voz dela. A emoção. Bom, preciso dizer que a conversa com ela foi extremamente divertida, com muitas gargalhadas e muitas reflexões. Algum tempo depois, conheci uma música da cantora e compositora Flaira Ferro (2018), que gostaria de compartilhar com vocês, assim como o link do videoclipe: <https://www.youtube.com/watch?v=4W8Jo-4IqcQ>.

Sugestão:
Escutem...
Assistam...
De olhos fechados!

Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor salmão.

COISA MAIS BONITA
(Música e letra - Flaira Ferro)

Não tem coisa mais bonita
Nem coisa mais poderosa
Do que uma mulher que brilha
Do que uma mulher que goza

Toda mulher que deseja
Acende a força erótica que excita a criação
Dê suporte à mulher forte
Quem sabe a gente muda a nossa sorte

Toda mulher que se toca
Instiga a auto estima
Estimula o botão
Mesmo que o mundo se choque
O clitóris é antídoto pra morte

Não me vem com tarja preta
Deixa livre a minha teta
Não me vem com tarja preta
Deixa livre a minha bu...

Cê tá maluco
Ou entorpecido
Pela falsa ideia
De dominação

Cê tá esquecido
Mulher sem libido
Não tem natureza
Vira papelão

Homem de Armadura
Constrói prisão bélica
De postura fálica
Perde o coração

Homem de verdade
Enxerga beleza
Na mulher que é dona
Do próprio tesão
Na mulher que é dona
Do próprio “não” !

Relendo essa fala de Lola, fiquei pensando aqui comigo mesma – e com ela! – sobre o quanto tenho gozado com a vida ultimamente. Os prazeres. Pequenos. Grandes. Corriqueiros. Ordinários. Solitários. Os inacreditáveis.

Parem um pouquinho. Pensem nisso também. Ou pensem no que quiserem, pra falar a verdade! (risos)

Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor salmão.

Agora vamos até Gaivota e Lena, que nos contam como essas experiências de deslocamento e o convívio com a diferença as tem transformado e as feito se relacionarem de outra forma com a diversidade do mundo e das pessoas.

E aí, quando eu falo que essas mudanças, esses deslocamentos, têm um papel importante, eu realmente acredito que tem, porque cada um desses lugares me ensina coisas, me ensina perspectivas muito diferentes e me ensinaram, e me ensinam até hoje, a respeitar a diferença. [...] Eu acho que cada cidade, cada lugar, cada grupo de pessoas que você vai conhecendo, você tem a possibilidade de aprender novas perspectivas. E isso é um presente, sabe, da vida.
(GAIVOTA).

Esses deslocamentos me fizeram perceber que tudo é relativo, né? Que a gente tem o referencial, nós enquanto mulheres brasileiras latino-americanas temos o nosso referencial de mundo e que as pessoas no Egito tem um outro diferencial, né, elas têm outras diferenças, elas têm outras relações, percepções, e estando aqui na França hoje é igual, né? Mas eu acho que o que mais me, o que mais marcou assim na constituição de quem eu sou hoje é isso, é perceber que existem várias formas de existência, que não existe uma regra universalizadora do que é ser pessoa, do que ser humano, do que é ser mulher, do que é ser homem. Acho que é isso, essa noção de relatividade, de entender os diferentes referenciais e não cair na tentação de universalizar as pessoas.
(LENA).

A aproximação da diferença fez com esta emergisse dentro delas próprias, fazendo-as questionarem-se, desconstruindo dogmas e paradigmas, como aparece em suas próprias palavras:

A França mudou muito também a minha vida em todos os sentidos. Aqui eu me desconstruí em tudo. Eu era espírita, cheia de conceitos e dogmas e não sei o quê. Respeito as religiões, hoje eu sou universalista. Sinceramente me desvinculando cada vez mais de dogmas, cada vez mais abrindo minha mente, cada vez mais entendendo, me descobrindo cada vez mais feminista, compreendendo cada vez mais esse tempo patriarcal. Inacreditável, marcou a minha vida, me construiu muito do que eu sou hoje. Eu tô me reconstruindo a cada dia, mas mudou muito. Achei sua pergunta fantástica. Adorei rs.
(LOLA).

Outro lugar que me chamou a atenção, já com um ano de casada eu mudei para Campinas. e aí Campinas começou a influenciar mais o meu lado pessoal, porque eu acho que até então eu tinha desenvolvido muito meu lado profissional, porque sempre fui uma aluna dedicada, com as melhores notas, mas nunca fui uma pessoa de ter muitos amigos. E esse sim foi o grande salto da minha independência em todos os sentidos. Saí da barra da saia da minha mãe, vamos dizer assim, e comecei a me virar sozinha.. E aí, então, eu optei por fazer o intercâmbio e foi o grande salto imenso da minha vida ter vindo para França, porque eu quebrei todos os paradigmas da minha vida achando que eu era uma pessoa frágil, sensível que eu não ia conseguir ficar sozinha. E aqui foi a explosão depois que eu vim aqui pra França o meu lado social

explodiu! A França veio me mostrar que... veio quebrar todos esses paradigmas da minha vida e é como eu digo, eu amadureci 50 anos em 9 meses até agora.
(PRISCILA).

Eu vivi essa experiência da França durante esse primeiro ano como uma experiência positiva para mim, onde eu cresci muito, eu saí do meu lugar, da minha bolha, do meu lugar de conforto. Eu vi muita coisa, eu mudei completamente como pessoa, foi uma experiência super importante.
(PAMELA).

Essas rupturas não foram apenas dentro delas. Talvez, para que elas acontecessem, tenha sido preciso romper com determinadas relações, com enraizamentos que as fixavam a situações, relações e pessoas cuja existência em suas vidas já não fazia tanto sentido, como podemos ler nos relatos abaixo:

Eu percebo que essa minha vinda para cá foi uma maneira rápida e direta de me desligar de coisas e também pessoas das quais eu já queria me desligar, mas que não conseguia fazer isso estando no Brasil. E isso desde coisas, desde pessoas não tão importantes quanto alguns alunos, por exemplo, até pessoas com as quais eu mantinha relacionamento muito mais importantes como o meu ex-namorado. Eu percebo que vir para cá, ter tido força para bancar esse desejo me deu força também para bancar outros desejos, né, esse de fechar ciclos. [...] eu comecei a ter o meu primeiro contato com a teoria sobre o feminismo né, que eu percebi que na verdade eu sempre fui feminista, eu só não entendi muito. Comecei a ter contato com as questões sociais e isso começou a ter assim uma influência na minha personalidade né. E a partir daí foi um processo de metamorfose assim, de transformação bastante intenso, né. Foi não, tem sido (risos), que ele continua em curso.
(GISELA).

Uma das coisas que eu penso muito é que essa pessoa que me tornei agora, a partir dos 24, 25 anos, colide muito com o pensamento conservador de grande parte da minha família que eu não, não é que eu não considere importante, mas eu não faço questão de estar próximo porque eu sei que a proximidade vai me causar estresse, vai me causar, vai causar discussões. Então eu prefiro me afastar porque eu sei que é uma coisa um pouco difícil de mudar e eu não tenho a presunção de ter o poder para mudar essas coisas. Mesmo quando eu vim para cá ou quando eu fui para outra cidade, as pessoas diziam "mas você é maluca", falavam "o que que você vai fazer? Como é que você vai fazer? Você não conhece ninguém, você não sabe a língua e tudo". Então a mudança causa um pouco de medo nas pessoas. Muitas vezes a gente acaba ficando, eu também já fiz várias vezes isso na vida, numa situação que não é legal, não é confortável, mas talvez seja menos estressante na cabeça das pessoas ficar do que de sair dessa zona de conforto que nem sempre é confortável.
(CLARA).

Como estamos acompanhando, foram muitas as transformações nos e com esses deslocamentos. Alguns deles funcionaram como marcos decisivos para rupturas e recomeços, provocando e acompanhando in-tensas mudanças nas vidas dessas mulheres:

Foi no período que eu me separei, eu morava em Vitória, me separei e fui morar em Vila Velha num apartamentinho que dava o tamanho da minha sala e ainda dividia com um amigo gay que é um grande irmão, e vivi um outro momento da minha vida. Então o deslocamento para Vila Velha, que é uma cidade próxima, trouxe um deslocamento de todas as coisas endurecidas da minha vida, que formaram uma casca,

né, as traições, o rompimento, deixar tudo para trás, perdi dinheiro, carro, tudo com aquela vida a dois que eu tinha. E Vila Velha eu vesti a fantasia né, vamos botar assim, da fênix, e ressurgi como professora de escola pública, dentro da minha área, que era o que eu queria fazer e que o estado, né, a iniciativa privada nunca deram muitas oportunidades para a gente que é formado em turismo.
(LOLA).

Foi a primeira vez que eu pisei aqui né, no solo europeu, e eu me senti muito livre, assim. Eu senti que era isso que eu gostava, eu me senti independente depois. Eu lembro que quando eu voltei para o Brasil, contar a experiência de viagem faz você se sentir explorador, assim né... Você tem história para contar e de fato essas histórias, entrar em contato assim com outras culturas, aprender outra língua, entender como é que sabe, como é que faz amizades no outro país... Tudo isso deixa alguma marca, né? Você guarda as lembranças, tem experiência de viver com outras pessoas que são, não são do seu convívio familiar.
(K).

O amadurecimento, o crescimento subjetivo relatado por muitas dessas mulheres vieram atrelados a importantes mudanças em suas condições de vida, nas necessidades de organização da vida cotidiana, das tarefas e obrigações:

Hum... Bom, acho que primeiro foi o mais diferente de todos eles, eu saí de uma cidade muito pequena e fui morar em uma cidade grande. Muitas coisas eu não sabia, não tava acostumada. Eu não sabia, por exemplo, fazer feijão, não sabia usar máquina de lavar... eram coisas tão simples do dia a dia que eu tive que ir aprendendo. Mas, além disso, as relações entre as pessoas, as relações entre namorado, entre amigos, entre colegas de apartamento, entre proprietário de apartamento. São relações que a gente vai aprendendo a ter porque até então eu tinha alguém para lidar com essas relações para mim. Acho que todas as relações influenciaram muito. Você aprende a quando você não precisa ser sincera, você aprende quando você tem que retirar, você aprende quando que você tem que levantar a voz e tem que brigar por alguma coisa que é justo.
(CLARA).

Eu acho assim, essas transformações não é tipo uma coisa... uma transformação de uma hora para outra. Isso acontece no cotidiano assim, é na dificuldade de pegar um transporte que aí você descobre conversando com uma pessoa como é que funciona, sabe. São nas tarefas pequenas, nas menores tarefas. E assim, de alguma forma ir encontrando caminhos possíveis naquilo que não é acessível, que a gente não entende, que a gente se sente bloqueado e aí a gente sabe que tem que tentar, vai na tentativa e erro para ver o que que pode... como encontrar uma solução. Eu acho que quando a gente viaja tem muito isso né, nessa, esse modo de sobrevivência. E é isso que fortalece né, isso fala assim caramba no final das contas eu consegui.
(K).

Com as grandes e pequenas mudanças, o mundo dessas mulheres vai se transformando e uma sensação vai sendo experimentada de maneira cada vez mais intensa: a liberdade. E ela não vem sozinha. Empoderamento. Satisfação com sua vida e suas conquistas. A sensação de conseguir realizar seus próprios desejos. De ocupar lugares predominantemente dominados por homens e outras categorias hegemônicas. A certeza de poder mudar sua vida e de outras pessoas. De libertação e ascensão social:

E aí quando eu voltei pro Brasil, durante esse um ano e meio que eu estive lá, eu vivi muito bem esse retorno, eu tava muito bem, eu me sentia muito bem, eu valorizava muito mais o Brasil, as minhas amizades, o meu contexto lá, minha família, minha rotina, minha cidade, sabe. Me sentia de novo pertencente àquele lugar. Então para mim foi tipo ter ido pra França e vivido aquela experiência um pouco de me colocar fora da bolha e depois voltar para bolha era muito confortável. Eu senti uma facilidade tão grande de ir ao encontro das pessoas e de me sentir mesmo livre para poder comunicar, sabe, sem freio, assim, porque antes eu era muito tímida e tal e essa experiência da França me abriu portas para ser menos tímida, para ter menos medo mesmo de falar com as pessoas e tal.

(PAMELA).

Então isso me dá uma sensação de liberdade assim, de... de liberdade, de que tá tudo bem, sabe. Independente para onde eu for, onde eu estiver - não que necessariamente precise dessa mala - mas assim, que é mais simples do que parece muitas vezes.

(GAIVOTA).

Então, acho que assim, esses deslocamentos todos fazem parte de mim não só pela minha relação com os lugares em si, mas pela relação com as pessoas. Então eles me fizeram crescer de várias formas no sentido de desafios também né, e no sentido principalmente por exemplo, na viagem, minha estadia em Bordeaux foi uma época de desafio pessoal, de adaptação e aí eu descobri o quanto eu poderia me virar sozinha no primeiro contato com a língua diferente, sem saber o idioma tão bem na época e sem conhecer ninguém, sabe assim, fazer novos laços e construir amizades e... então tudo muito novo é tudo novidade... E mesmo o processo em si de ir não é, o processo de arrumar todos os documentos, de se movimentar para que uma coisa aconteça foram aprendizado e acho que principalmente em Bordeaux eu tive um pouco mais essa sensação. [...] Mas sei lá, enquanto mulher acho que é essa questão, depois de ter contato com pessoas inspiradoras, de pessoas, hoje eu acho que a questão de ser mulher no caso na pesquisa é uma coisa também interessante que me impulsiona assim de ter uma representatividade maior na área da pesquisa, de ter uma voz ativa, de ter alguma visibilidade, ou de ter o mesmo espaço que os homens na pesquisa. Então é uma coisa também que motiva assim, acho que é isso.

(ESMERALDA).

Bom, no primeiro momento era passeio, né, normal, sair da rotina, visitar a família, enfim, era impacto de alegria, de diversão, né, esse deslocamento. Depois o deslocamento de mudança de cidade é independência, é conquista, é a chance de poder ascender, sabe, sair da casa dos seus pais, ter a sua própria casa numa cidade diferente e ser capaz de conduzir a sua própria vida. E enquanto mulher é isso, é a independência, é a força, a coragem e saber que você pode fazer, sabe, você não precisa de ninguém para fazer para você, para te ligar, não precisa de um marido para te levar para uma outra cidade porque ele tem que trabalhar, você vai porque você tem no seu trabalho e você precisa se deslocar. Você e você mesma. Então isso foi importante para mim, eu me sentia muito capaz, sabe, e profissional e enfim, né, eu cresci e estou chegando lá. É essa a sensação. E no exterior também era sempre essa sensação de conquista, de ocupar espaços que antes parecia que seria impossível, que não eram para mim, que não era para minha família e eu estava abrindo as portas, eu era a primeira a chegar, né, da família. Eu tava lá mostrando para eles "olha, é possível, dá para ir". E depois de mim veio minha irmã, meu pai e minha mãe, enfim. Então era ocupação mesmo de espaço, era a sensação da liberdade, de poder sair. É isso.

(I).

Quando convidadas a falar sobre suas perspectivas e projetos futuros, a grande maioria falou de sonhos e planos de continuar na França, ou mesmo de mudar para outro país que não o Brasil e os motivos giraram em torno da grande diferença de qualidade de vida, segurança,

do acesso à formação e outros aspectos relacionado às condições de vida, ainda que reconheçam certas diferenças nos modos de viver por não serem francesas.

Onde eu me projeto? Na permanência aqui, e isso requer eu acho de alguma forma, assumir essa condição de que eu nunca vou ser completa... Eu não sou francesa, né, eu não posso ser uma coisa que eu não sou, e ainda que eu consiga a naturalização em algum ano da minha vida, eu nunca vou falar perfeitamente o francês como eles falam e ok, né? Eu me vejo assim atendendo como psicóloga, eu inclusive tenho uma analista brasileira, e querendo ou não, é uma referência né, é uma referência não só de cuidado mas uma referência enquanto "olha uma pessoa, uma brasileira, mas que trabalha aqui, que atende brasileiros mas que também atende franceses e isso não impede de ela construir uma carreira aqui". Então por exemplo, um projeto que eu tô querendo começar é de acompanhar expatriados porque isso faz parte da minha vivência, para mim faz sentido, dar esse suporte, e eu acho que para mim tem sido importante receber esse suporte também.

(K).

Pensando em futuro, pensando em novas trajetórias... Eu vim para cá para um mestrado, para um projeto de 2 anos... Sendo realista, eu sei que a qualidade de vida na França pode ser muito melhor do que a qualidade de vida em São Paulo, então cogito a possibilidade de, se eu encontrar um trabalho com uma boa remuneração aqui, eu poderia ficar, desde que seja possível fazer essa trajetória, fazer essa permanência com meu companheiro, com meu namorado...

(GAIVOTA).

A longo prazo eu não sei. Pode ser que, não sei o que que a vida me reserva né, o que eu vou decidir, eu e meu companheiro vamos decidir para vida, mas a curto e médio prazo a gente se vê aqui sim, nossa perspectiva é de continuar aqui na França. Talvez não em Paris, mas aqui na França. E a gente se sente bem aqui, a gente tá contente de ter vindo para cá, a gente tá contente com a nossa escolha. Então é isso hehe. Não sei se ficou claro...

(LENA).

Eu vou ficar aqui até o ano que vem. Vou ficar ainda mais treze meses e pretendo buscar uma oportunidade de um pós-doc aqui ou em outro lugar que não o Brasil. Tenho essa vontade de crescer e depois retornar... Depende das condições do Brasil de acolhimento porque não é fácil viver longe da família, mas para mim essa não é a maior dificuldade não, porque eu tenho o meu foco. E hoje, graças a Deus, a gente tem internet, a gente pode manter contato, né? Mesmo que o físico faça falta, a gente tem essa facilidade. Mas eu tenho vontade de retornar ao Brasil tudo que eu aprendi, tudo que eu cresci profissionalmente. Mas diante das condições eu não sei o quanto isso seria a melhor estratégia, pelo menos hoje. Um fato é que eu quero continuar meus estudos, fazer um pós-doc fora do Brasil e aqui na França eu fui muito bem acolhida. Gosto muito.

(ELAINE).

Os dois projetos que tenho é não parar de estudar francês, trabalhar aqui e ter um trabalho bacana, que eu goste. E no futuro assim, poder me mudar para uma região que eu acho que eu ainda não conheci aqui na França. Isso que eu fico projetando mentalmente assim sabe, sair daqui, ir pra uma região que eu vou me encontrar mais. Esse deslocamento vai me proporcionar um encontro comigo mesma que eu tenho certeza que é num lugar que eu gosto. Me sinto parte disso aqui, eu me sinto parte da França, né. Não nego a minha raiz Brasileira de jeito nenhum...Capixaba, não é isso. Mas procuro interagir o tempo todo assim, não fico endeusando o Brasil nem país nenhum. Eu tô aqui e é aqui que vai ser bom

(LOLA).

Eu sempre fui muito família, né. Então eu não me vejo permanecendo, não por agora, eu não me vejo permanecendo no exterior. Mas eu não descarto totalmente voltar a

morar no exterior. Eu vi que é possível, esse um ano aqui, eu vi que é possível... que tem dificuldades, tem, mas que a gente consegue lidar com eles e a qualidade de vida aqui fora é muito melhor do que é no Brasil. E isso, acho que isso no futuro vai pesar principalmente tendo filho e principalmente se a questão financeira não estiver tão boa no Brasil. Então eu vejo sim vim morar no exterior como uma possibilidade. (PRISCILA).

Monique, eu não sei hahaha sinceramente eu não sei, mas eu mantenho o meu foco no meu trabalho atual, né, enquanto artista e designer e eu trabalho incessantemente, com muita força, com muita vontade e muita alegria também, né, no que eu faço. E assim, sou muito livre no meu trabalho, eu gosto de trabalhar quando me dá uma BOA vontade, sabe, de inspiração e de tudo, de me engajar em algum projeto e é isso. Eu tenho muito prazer no que eu faço, é sempre uma fonte de prazer para mim porque eu faço realmente quando eu tenho vontade. E eu sou muito afortunada por isso. E eu não penso muito no que eu quero daqui para frente porque eu não sei. Eu sei o que eu quero hoje e é assim que eu mantenho minha mente há muito tempo já, tanto que eu não planejei vir para Paris e hoje estou aqui, foi uma coisa que me aconteceu, alguém me disse que eu deveria mandar o meu perfil porque viram uma oportunidade, eu mandei e acabei chegando aqui. Enfim, eu sempre acredito que se eu mantenho o meu trabalho no meu momento presente e faço isso com o rigor, com prudência, eu vou ter um futuro bacana com certeza e é isso que eu fico. Então não sei o que que vai acontecer. (I).

Quando a gente se encaminhava para o fim da conversa, que nunca durou menos de uma hora e chegou a quase quatro horas de áudios, um dos últimos pedidos que fazia era para que pensassem em uma palavra, expressão ou frase que simbolizasse a experiência de deslocamento-migração atual delas:

Acho que a palavra empoderamento, nos sentidos mais abrangentes que isso pode significar porque... também acho que autoconhecimento, acho que a gente se conhece muito mais quando a gente tá fora porque a gente talvez pense muito mais, talvez a gente tem uma vida, uma rotina e não suscite essa necessidade de pensar, de refletir sobre diversas coisas que parecem assim ordinárias, sem importância. Mas quando você tá em outro país, convivendo de forma diferente, você acaba pensando mais. Acho que isso é um autoconhecimento e empoderamento porque descobre que você é capaz de coisas que você nem imaginava que podia. Mas se eu puder resumir em uma frase, eu acho que imigrar é se autoconhecer para se empoderar. (CLARA).

Escolheria a palavra descoberta e se eu puder acrescentar um adjetivo, descoberta libertadora, descoberta autonomizadora, se essa palavra existe (risos)... Porque não é aquela descoberta que fica só no âmbito da contemplação, é uma descoberta que vai além, né, que faz a gente se transformar também internamente, se libertar, crescer, se tornar mais autônomo. Então é isso, acho que é descoberta e essa libertação que faz a gente crescer e autonomizar. (LENA).

Resumindo a minha experiência aqui, eu acho que é uma experiência de **autoconhecimento** e nesse autoconhecimento vai entrar vários outros fatores: **auto-desafio**, vai entrar **questionamentos**, vai entrar **reconhecimento**. Então, esse autoconhecimento acho que é palavra mais ampla que eu posso colocar, porque eu vou me questionar, me desafiar e descobrir vários pontos em mim para melhorar ao longo do tempo. E é isso. (ELAINE).

Como que eu descreveria essa minha experiência aqui? Eu diria que foi **transformadora** e um **rompimento de paradigmas** para mim. E eu não sei assim, eu não sei assim quantificar o quanto foi... quanto tá sendo boa, apesar de todas as dificuldades que a gente está passando agora com coronavírus, com a quarentena longe de todo mundo, mas... Caraca! Tá sendo tão foda, mas tão foda a nível assim, a minha transformação que a França eu acho que foi um divisor de águas assim, na minha vida.

(PRISCILA).

Força, todo dia força força força. É só essa palavra que define tudo isso. E eu sempre falo ela para todo mundo (risos).

(I).

Uma palavrinha é **perseverança**. É isso que fica

(K).

Olha, me vem à cabeça aquela frase do Guimarães Rosa "O que a vida quer da gente é coragem". Eu acho que é o que mais, mais descreve esse momento para mim.

(GISELA).

Se eu fosse escolher uma frase, uma expressão, eu me apresentaria assim: **Eu vim de uma família chamada Saudade, longe daqui. Enchanté, meu nome é trabalho, meu sobrenome é Esperança. Ass: Imigrante.**

(LOLA).

Depois desse momento, ainda tivemos outro, em que perguntei como tinha sido aquela experiência de pesquisa para elas, se tinha causado algum desconforto, ou qualquer outra sensação. Nenhuma relatou qualquer desconforto ou outra situação negativa em relação à participação e algumas mencionaram que foi a primeira vez que participaram de uma pesquisa em que o interesse era nelas próprias, no que elas tinham a dizer sobre si. É importante mencionar que a maior parte delas é pós-graduada, tem experiência com pesquisa tanto como pesquisadora, quanto como pesquisada. Também enfatizaram a relevância de se estudar a questão dos deslocamentos associada às questões mais subjetivas.

Foi uma experiência interessante. Acho que é a primeira vez que eu participo de uma pesquisa assim, né, sobre mim, sobre coisas mais profundas na relação com deslocamento e tal, acho que é a primeira vez. E não causou nenhum desconforto em mim não, eu gosto de refletir, eu sou, acho que eu sou uma isso acho que uma pessoa que tenho tendência a me auto analisar (risos), então eu gosto de fazer essas reflexões e por isso que eu quis participar da pesquisa desde que você falou a primeira vez.

(LENA).

Foi interessante que você conseguiu abordar temas que são bastante delicados para mim e eu falei com naturalidade. Eu falei, consegui falar sobre assuntos que não necessariamente são tratados normalmente. Então acho que a princípio você conseguiu acessar a minha estação, o meu... a minha realidade, sabe, mesmo que através de uma nova ferramenta. Foi bastante interessante, inclusive, sua pesquisa. Bastante interessante. Desejo que seja um sucesso com as outras entrevistadas também.

(GAIVOTA).

E parabêniso por esse empenho em tratar essa questão que muitas vezes não é avaliada como é preciso, né... Olha, eu estou demorando um pouco para responder, que estou,

eu tô aqui refletindo, que tá um momento de introspecção agora aqui para... nunca tinha parado para pensar dessa forma por mais que eu já tivesse dado uma deixa sobre isso. Porque é interessante! Eu agradeço o empenho de buscar entender esse, essa trajetória de nós que estamos, que enfrentamos isso, que é sim um desafio. E é muito bacana saber que tem alguém olhando por isso e analisando por essas lentes. Parabenizo o seu empenho, sua atenção, o profissionalismo para guiar a entrevista. Espero que essa pesquisa tenha um fluxo bom de respostas.
(ELAINE).

De forma alguma. Acho que super legal até essa conversa. Não gerou desconforto nenhum, nem constrangimento.
(CLARA).

Pelo contrário, hoje foi um dia meio assim, não tão produtivo para mim. Eu fiquei mais relaxando, fazendo assim, lia um pouquinho... assisti série... E ter participado da sua pesquisa e contribuído de alguma forma, vai me dar o sentimento de que meu dia não foi em vão, sabe? Tipo assim, eu apesar de não ter produzido para mim, mas eu ajudei a produzir para você. Então foi super válido. Eu adorei! Beijo!
(PRISCILA).

Sem problema, foi com muito prazer. Além de fazer lembrar e repensar muita coisa, pra ajudar você na sua pesquisa e ajudar a pesquisar em geral, né?
(PAMELA).

Foi muito bacana responder às questões. Isso me vem como uma revisão. É como se eu estivesse me lembrando de todas essas questões e solidificando essas questões em mim, né. Então é bom, é importante lembrar tudo isso e... Até por esse processo né que eu tô passando de questionamento, é bom a gente ter certezas, né. E essas são certezas que eu tenho.
(GISELA).

Eu achei muito bacana o trabalho pelo fato, bacana é tão raso né hahaha. Eu achei a proposta boa para fazer a gente refletir sobre as movimentações, né, que a gente vem fazendo ao longo da vida e como isso reflete nas nossas decisões, no nosso comportamento, de consumo, em como a gente encara a nossa realidade, enfim. Foi bem interessante fazer essa análise hoje porque eu fiz umas anotaçãozinhas, né, do meu percurso, quando eu era criança a gente não faz muito isso. É lógico que eu já tinha isso tudo na cabeça, eu não esqueço das minhas raízes e de todas as minhas dificuldades e bons momentos também. Mas enfim foi bom fazer isso para falar com você, para compartilhar com você esses momentos do passado. Então acho que é uma pesquisa bem relevante para fazer a gente refletir, né, sobre as questões de deslocamento tanto dentro do nosso meio social ali da nossa região de conforto, a sua zona de conforto, como também fora dela. E é isso, achei as perguntas bem propositivas, que dialogam bastante com as narrativas do mundo atual, desse mundo globalizado, né, e também com as questões políticas que a gente vive e como que está atrelado com os nossos deslocamentos, né, como isso facilita ou impossibilita esse deslocamento. Então foi isso. Eu me senti tranquila, não tive nenhum problema em falar, em ocultar ou me sentir constrangida. Me senti super natural em te responder, foi um prazer participar, muito obrigada por esse momento. Foi até relaxante na quarentena, né, ficar batendo papo longo. Adorei rsrs. Foi ótimo fazer isso na COVID-19 hahaha em meio a esse isolamento louco.
(I).

Eu tô super a vontade, a cachorrada aqui toda aqui do meu lado, eu fiz um chá, fiz até pipoca de tão animada que eu tô com isso aqui. Desconforto nenhum, foi divertidíssimo. (patinhas de cachorro). Tô aqui no conforto do meu lar, sentada com as cachorras andando por isso que tá ouvindo plack plack plack plack plack, as patinhas, 24 horas elas ficam atrás de mim. E foi muito tranquilo. Eu olho para sua fotinha aqui no WhatsApp e imagino (latidos) você olhando para mim, porque eu gosto de conversar olhando olho no olho, mas não tem problema nenhum, acho que

os recursos tecnológicos eles vêm para nos ajudar. (latidos). E eu procurei tratar com todo respeito o seu trabalho e ser o mais sincera possível. Então eu olhava para o celular assim, falando pro celular como se tivesse falando para você porque você, dentro do seu trabalho talvez pudesse analisar os meus gestos, eu falo com as mãos, eu faço caras e bocas e eu fiz exatamente isso olhando pro celular, pra eu ser autêntica rsrs, entende? Rs. E acho o máximo, acho o máximo poder participar e poder contribuir. Não tive desconforto nenhum. O que trouxe para mim foi uma sensação muito boa (patinhas) de déjà vu, quer dizer de – não sei se é essa a expressão – mas de rever, de voltar aqui a memória de algumas coisas porque cada vez que a gente abre esses baús assim, sempre tem algo que a gente não viu, que a gente não prestou atenção, sempre tem um cenário, na parede da memória sempre tem algum outro quadro que você não olhou com mais atenção, e sempre tem aquele que você achou que já tivesse esquecido, mas não esqueceu. É bom para aprender com as experiências, com as passagens da vida, com os cenários né. É como um filme que toda vez que você vê, toda vez que você o assiste, você vê alguma coisa nova, lembra de uma fala e naquele momento aquilo te toca de forma diferente. Essa é a contribuição que o seu trabalho me trouxe essa tarde, essa tarde de sol e frio rs. Eu que sou grata a você, para mim é importante demais ser útil, se eu fui útil a você espero que seja útil a muitas outras pessoas. Estarei sempre à disposição, não tenho problema nenhum, pode usar meu nome, meu sobrenome, meu codinome, não tenho problema nenhum com isso. Mesmo. Eu que sou grata. Gratidão é uma coisa que eu levo muito a sério, muito mesmo viu? Rs.
(LOLA).

Depois desses últimos relatos, a única coisa que tenho coragem de escrever é que sinto-me extremamente grata a todas essas mulheres por partilharem suas histórias, suas vidas, suas memórias. As histórias delas me fazem pensar-sentir. A história de uma mulher não conta a história de todas nós, mas nos conecta de alguma forma. Muitas formas. Escutar essas histórias, essas reflexões sobre suas próprias vidas. Tudo isso me fez pensar muito. PensarCOM elas. E a vocês, o que fez-fazer?

Foi num fim de tarde, apreciando a descida do sol, que despedia-se lentamente daquela tarde de domingo. Lágrimas. Eu estava em Paris. Confinada. Lendo, escrevendo, pensando como organizar tantas ideias que estavam vindo, mas que ainda estavam só na minha cabeça. Veio-me a pergunta: como vou fazer dialogar as experiências das mulheres que vivem no assentamento Manjerona com as experiências das mulheres brasileiras que estão vivendo na França? Vieram-me algumas pistas: emancipação foi a primeira delas. Lágrimas. De repente sinto uma dor no peito, ao mesmo tempo que escuto o pensamento que grita dentro de mim. Eu já vivi alguns fins de tarde lá no assentamento. Todos lindos. Inclusive duas vezes foram durante as rodas de conversa com as mulheres. Uma no meio do campo de futebol e outra dentro da escola, quando os raios solares eram nossa única iluminação, pois naquela semana o assentamento estava sem energia elétrica. Eu nunca compartilhei um pôr do sol com as migrantes brasileiras. No entanto, é mais fácil me identificar com as experiências delas. Com seus modos de estar no mundo. Com suas histórias. Isso doeu. A consciência dos meus privilégios me doeu nesse momento. Não é a primeira vez que os percebo. Não é a primeira vez que os reconheço e falo sobre eles. Mas dessa vez doeu como nunca. Fez-me desaguar. Por quê? Pela minha história de relação com a zona rural, com o interior do Nordeste, com modos de estar no mundo que eu considerava ou desejava estar tão próxima. Ao ouvir seus relatos sobre as

situações de machismo vividas, identifiquei-me com várias. Senti-me próxima. Depois ouvi os relatos das brasileiras que vieram para a França. Algum tempo depois, exatamente hoje, dia 26 de abril de 2020, percebi que meus deslocamentos estão muito mais próximos aos delas. Enquanto escrevo isso, aqui mesmo, sentada na grama da Cité International Universitaire de Paris, ainda esperando o sol deitar-se, meu coração vai voltando ao seu ritmo costumeiro e eu começo a pensar que tudo bem ser diferente. Infelizmente os privilégios existem e estão concentrados em algumas pessoas. Eles são bem reais. O que é preciso fazer é reconhecê-los e, do meu lugar de fala, que é privilegiado, usar meu poder contratual na luta para que eles possam ser transformados em direitos - não apenas no papel - e garantidos a todas as pessoas. Preciso refletir mais sobre tudo isso. Estou tonta...

Fonte: A autora, 2021.

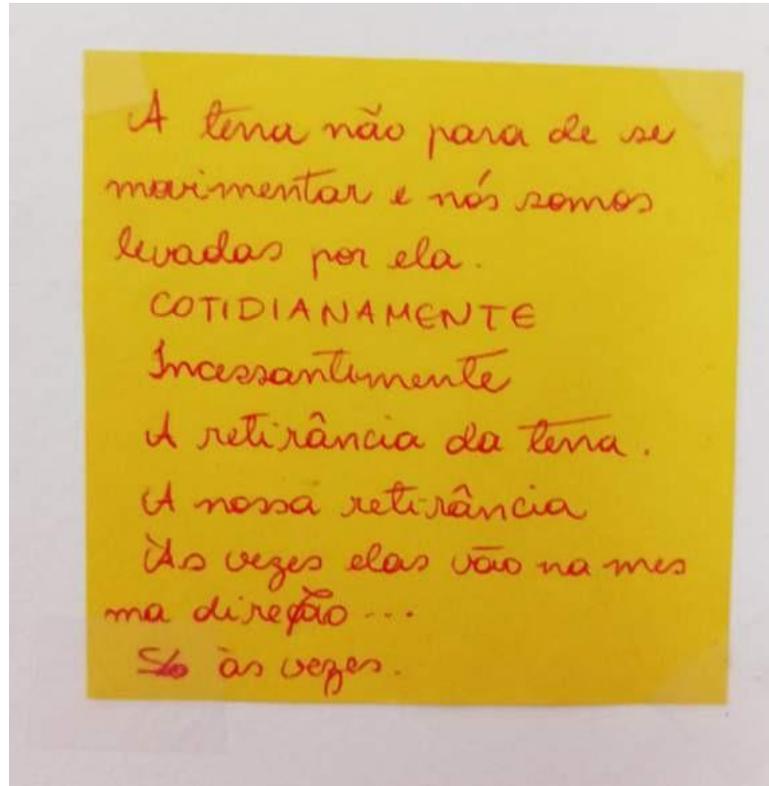
Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor salmão.

Vocês já pensaram sobre seu(s) lugar(es) no mundo?

F O T I A
R N E R

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES-EM-RETIRÂNCIA

Figura 16 – A Terra não para de se movimentar



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: papel amarelo colado em uma parede branca, com o seguinte texto: “A terra não para de se movimentar e nós somos levados por ela. COTIDIANAMENTE. Incessantemente. A retirância da terra. A nossa retirância. Às vezes elas vão na mesma direção... Só às vezes”.

Como finalizar algo se seu-meu desejo só pede pra continuar?

Como colher uma fruta se você acredita que ela ainda ficaria um pouco mais sendo nutrida pela seiva-mãe?

(...)

Retirando-me.

Ativando a retirância-em-mim que deixa e leva colado em seu-meu corpo o mundo inteiro.

A extra-vagância de ser peripateticamente.

Caminhando.

Deslocando-se-me.

Não consigo finalizar de outra forma que não falando dos afetos que me atravessam neste momento. Para além de conclusões teóricas, as quais, inclusive, transformaram-se em

introduções teóricas, ao levarem a retirância e as epistemologias nordestinas lá para o início de tudo, o que se produziu nesse longo e diverso percurso do doutorado foi o corpo de uma pesquisadora-em-retirância. Além de muitas perguntas.

Muitas delas foram compartilhadas com vocês ao longo da nossa sinuosa jornada. Talvez seja clichê dizer que vamos terminar com perguntas porque respostas limitam. Talvez seja frustrante dizer para vocês mesmas responderem às perguntas. O que queremos agregar ao clichê e à frustração é uma pista: Nas linhas e entrelinhas que vocês leram nesse texto, há microscópicas indicações de caminhos. A diferença é que, ao invés de possibilidades, tentamos deixar possíveis. Plantar possíveis como quem encontra um saco de sementes dos mais variados tipos. Convidamos vocês a, lentamente, colocarem seus dedos, depois suas mãos, seus braços dentro desse saco. Vocês podem até entrar de corpo inteiro nele. Vocês podem escolher separar as sementes e classificá-las. Podem escolher pegar um punhado delas e plantar. Assim mesmo, bem misturadas. Colocar na terra fofa e adubada. Regar. Cuidar. Acompanhar o crescimento e estabelecer uma relação com aquilo que vai brotando. Não independente de sua vontade e interação. Não pensem que um plantio se faz sem intencionalidade. Nada aqui tem sido dessa forma. Só que intencionalidade não precisa significar fechamento. Pode muito bem ser abertura. Uma abertura que busca o contato com a sua origem. Ainda que seja para despedir-se e retirar-se dela. Ou de partes dela. Ao mesmo tempo que a leva de forma en-carnada, in-corporada.

.....F
 R
 O
 N
 T
 E
 I
 R
 A

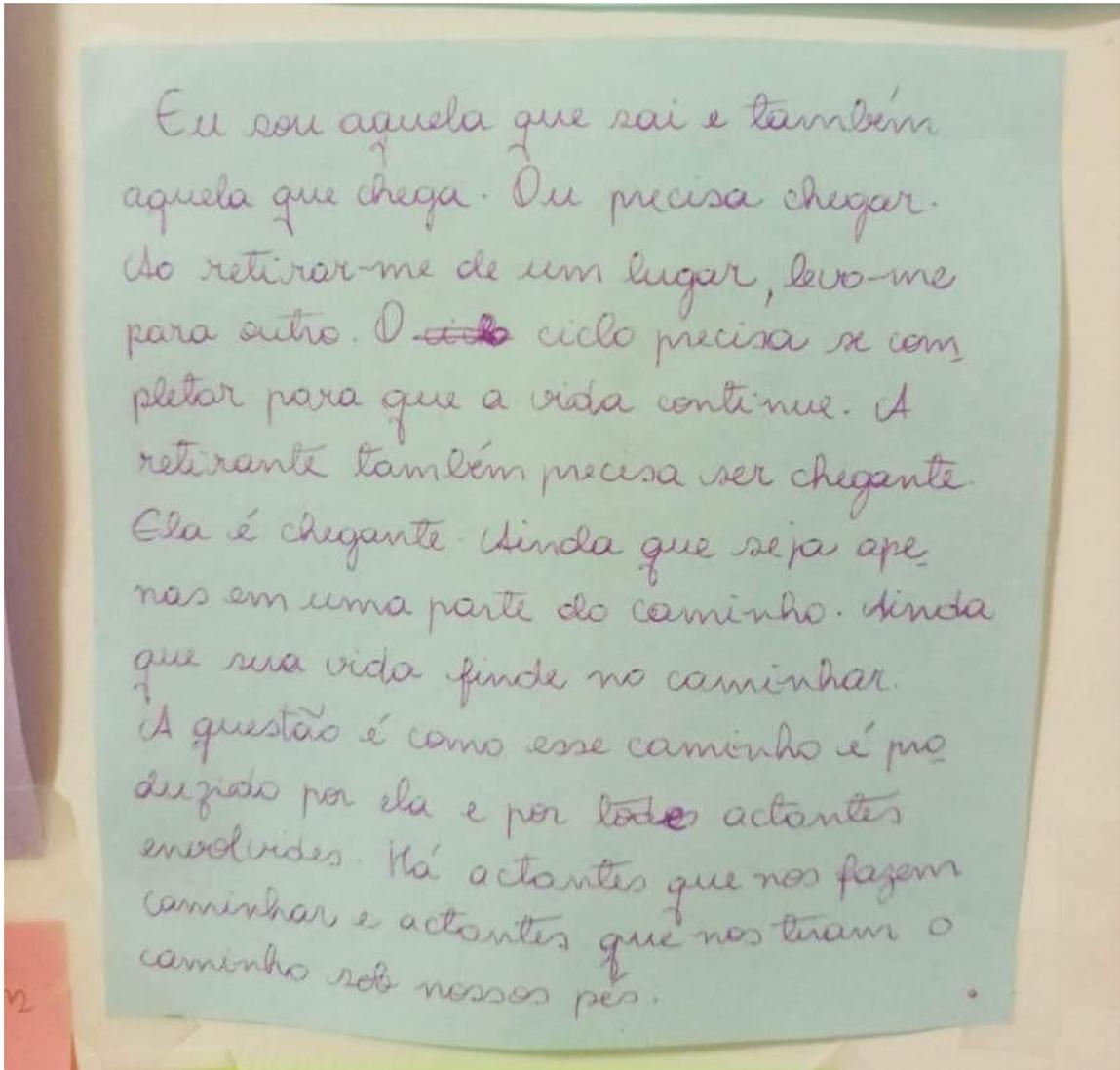
Neste momento, recordo-me da pergunta que a psicóloga e amiga Débora Lomba faz em sua dissertação: “O que pode o corpo de uma psicóloga?” (2016). Inspirada no grande artista Hélio Oiticica, ela desenvolve um pensar-fazer parangoleante ao caminhar junto com essa pergunta, fazendo dela sua linha-guia. Nós vamos junto com ela e Hélio, agora pensando em como foi sendo produzido o corpo desta pesquisadora-em-retirância... Muitos deslocamentos.

Muitos encontros.

Muito muita coisa.

Muito de tudo.

Figura 17 – Eu sou aquela que sai e também aquela que chega



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: papel azul claro, colado em uma parede branca, com o seguinte texto: Eu sou aquela que sai e também aquela que chega. Ou precisa chegar. Ao retirar-me de um lugar, levo-me para outro. O ciclo precisa se completar para que a vida continue. A retirante também precisa ser chegada. Ela é chegada. Ainda que seja apenas em uma parte do caminho. Ainda que sua vida finde no caminhar. A questão é como esse caminho é produzido por ela e por todos actantes envolvidos. Há actantes que nos fazem caminhar e actante que nos tiram o caminho sob nossos pés.

fronteira

Era uma noite de domingo quando comecei a esboçar a escrita deste capítulo. Como de costume, estava trabalhando na tese embalada pela trilha sonora da novela Velho Chico, como foi durante grande parte dessa jornada. Ao ouvir a música “I-MARGEM”, de Paulo Araújo e João Filho (2016), minha respiração parou. Meus dedos, que digitavam, pararam. Meus olhos

pararam. Parecia que meu coração tinha parado também. Lágrimas rolaram, não contidas pelas margens dos meus olhos, que transbordavam...

Há um rio afogando em mim
 Secando, secando, secando
 Tem rompante os mistérios que já vi
 Esperando, esperando, esperando o fim. (2x)

O mundo esperava o fim. A UERJ. O PPGPS. Minhas amigas. Minha família. Minhas alunas. Meu trabalho. As pessoas que ouviam: “quando eu terminar a tese, prometo!”

O mundo esperava o fim e o que veio foi quase o fim do mundo. Pandemia.

Terminar não estava sendo nada fácil.

Fechar aquele ciclo no meio de uma pandemia que, na realidade, não sabia se já estava no meio. Quando parecia que nos aproximávamos do fim, curvas nos levavam de volta a um início que já não era início e era ainda mais assustador. Curvas de pessoas infectadas. Curvas de mortes. Curvas de atrocidades sendo cometidas contra a vida. Não pelo vírus. Não apenas.

Não estava sendo fácil despedir-me de um momento tão importante da minha formação-vida. Parecia que meu rio estava secando. Eu me sentia o próprio rio. E também a terra que secava. Esturricava. Rachava. Partia-se. Sentia-me em plena seca do sertão.

Não estava sendo fácil fechar aquele ciclo sem poder abraçar minha orientadora-amiga e todas as minhas outras amigas-orientadoras do Laboratório Afetar.

Naquela noite eu me dei conta que precisava escrever as minhas “considerações finais”. Minhas não, da tese. Mesmo assim era bem difícil pensar nelas. O que vou considerar por último? Nessas estradas-caminhos que nos colocamos a percorrer não há chegada. Só há partida. Part-ida.

Sempre houve em mim um grande desejo de partida. Part-ida. Sempre anseei por retirar-me. Eu também por vezes - não, não, era sempre mesmo - senti-me assim, part-ida. Sentia que era várias, com desejos e inquietações muitas vezes ambíguos e quiçá contraditórios. Era tantas que elas não conseguiam estar todas juntas. E não era porque elas se repeliam entre si. Elas eram repelidas pelo mundo, pelos espaços específicos por onde transitavam. Elas sentiam que não eram desejadas juntas e se fragmentavam para sobreviver.

Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor lilás.

Mas, em-fim, sei que preciso escrever algo.

Peço licença a quem me lê para talvez frustrar algumas expectativas. Pensei em pedir desculpa por isso. Mas desisti. Não carrego culpas. Carrego, em meu corpo-em-retirância, desejo de abertura de caminhos. Por isso o que peço é licença para passar.

Para retirar-me dessa escrita. Dessa tese. Deste doutorado. Desse ciclo. Com a extravagância típica desse corpo-mulher-em-retirância, vou levando de forma en-carnada, cravada na minha carne:

As trabalhadoras e trabalhadores que têm sua força de trabalho explorada por grandes latifundiários. Que sonham com seu próprio pedaço de terra para plantar e produzir vida. Que marcham carregando nos ombros a bandeira vermelha do MST. E nesses mesmos ombros carregam o peso de alimentar e cuidar de sua família, mesmo sem saber o que comerão na refeição seguinte. E nesses mesmos ombros, atravessando o peito, a saudade e o sentimento de indignação pela perda de companheiras e companheiros de luta que ficaram pelo caminho. Corpos pelo caminho. Vidas ceifadas. Vidas nuas que nada valem para quem tem sob suas posses um pedaço de terra tão grande que não consegue mensurar.

Levo também aquelas corajosas mulheres que saíram do Brasil, algumas vezes sem apoio da família. Algumas vezes contra a vontade de suas familiares. Que passaram por situações de vergonha, humilhação, violências diversas. Que apostaram em seus sonhos-desejos. Que caminharam – e também voaram! – em busca de sua emancipação. Que deslocaram-se para se aproximar e também para se afastar. Que buscaram e deixaram muitas coisas. Muitas pessoas. Muitas experiências. E dores. E alegrias.

Retirando-me, levo comigo a imagem da noite enluarada e estrelada em que adultas, crianças e idosas, mulheres e homens de todas as idades, amontoavam-se em cadeiras de escola e esteiras postas no chão em formato de meio círculo, voltadas para a parede da escola onde se podia assistir, projetado na parede, o filme “Terra para Rose”, da diretora Tetê Moraes, que registra a ocupação de uma fazenda no Rio Grande do Sul e investiga as políticas de reforma agrária no Brasil da Nova República e a atuação do MST. Para isso, aborda a história de Rose, uma das líderes cujo sonho é ter um pedaço de terra.

Levo a voz de mulheres e homens contando das suas andanças e retirâncias por estradas de barro, vivendo meses debaixo da lona preta nos acampamentos à beira das estradas, dormindo e acordando com medo de serem expulsos “à bala”.

Levo o cheiro da terra molhada e também da terra seca transformada em poeira sob nossos olhos e pés.

Levo em minhas mãos uma pequena amostra dos calos causados pela enxada, em um dia de aprendizado no campo.

Levo nos meus olhos a sensação úmida de tantas vezes que meus ouvidos escutaram histórias que emocionaram meu coração.

Levo em meu nariz o cheiro da terra molhada e, por vezes, alagada do Assentamento Manjerona.

Levo em meus pés a sensação da terra seca e também da terra molhada. A sensação dos pés escorregando no barro molhado do pós-chuva.

Levo em meu nariz a secura do barro vermelho seco que subia virando poeira nas estradas do Vale do Capão.

Levo em minha boca o sabor do cacau degustado embaixo dos cacaeiros.

Levo em meu nariz o cheiro da horta medicinal na USF do Capão.

Levo em todo meu corpo a temperatura da sensação de estar ali.

Também levo comigo a tristeza e a solidão do inverno francês quando fiz-me pesquisadora-em-retirância.

Gostaria de retirar-me deixando pedaços de mim.

Retiro-me levando pedaços e inteirezas de tantas pessoas e histórias, que talvez já as tenha misturado todas em mim e comigo mesma. Todas elas fazem parte de minha própria história agora. Não apropriando-me do que não é meu, mas recebendo o que a terra-vida tem me ofertado de experiência. Uma experiência que foi se entranhado rapidamente em mim como as águas das primeiras chuvas no sertão, que são rapidamente absorvidas e transformadas em vida-verde brotando dos galhos até há pouco tempo secos e retorcidos.

Quero dizer a vocês que vivi enquanto escre-via esse texto. Escrevi como quem vive. Ora acompanhada de uma alegria que mal conseguia ficar paradinha escrevendo ou digitando. Ora com uma tristeza que me embaçava os olhos de um jeito que às vezes era preciso parar de escrever e gravar áudios, porque com os olhos eu já não enxergava o que pensava. Muitas vezes escrevi embalada por música e poesia. Noutras foi pelas festas da vizinhança barulhenta mesmo. Mas às vezes o barulho era de crianças correndo e jogando bola descalças na rua, então isso me aquecia as lembranças.

Nesse trajeto, tive que recalcular a rota várias vezes.

perdi-me

cansei-me

desesperei-me

animei-me

refiz-me

aprendi-me

transformei-me

retirei-me

chorei-me

Muitas e muitas vezes.

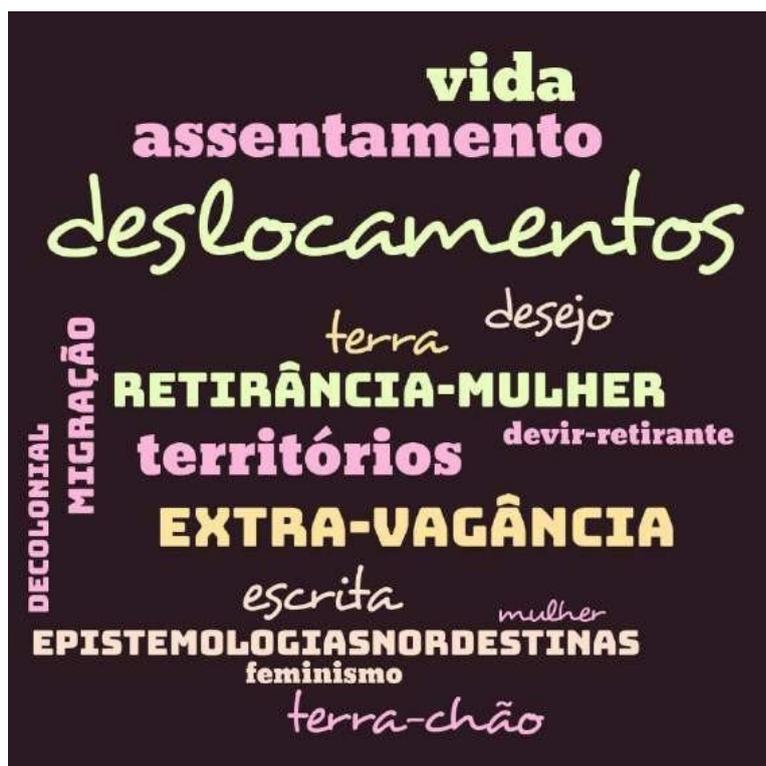
Nem sempre foi de tristeza.

Muitas vezes chorei emocionada com as histórias que ouvia e escrevia.

Foram tantos os encontros...

Com esse emaranhado de pensamentos-falas-sensações nos despedimos convidando vocês, leitoras, para deitarem-se nesse chão-terra-de-palavras. Conectarem-se com elas. Permanecerem nelas e com elas. Plantá-las e deixá-las germinar em seus corpos.

Figura 18 – Nuvem de palavras



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: Em um fundo marrom bem escuro, distribui-se uma nuvem de palavras (retirância-mulher, deslocamentos, vida, assentamento, desejo, terra, decolonial, extra-vagância, epistemologias nordestinas, mulher, terra-chão, feminismo, territórios, migração) nas cores verde, rosa e mostarda, todas em tons pasteis e com diferentes fontes e tamanhos.

Além dessas palavras-expressões-guia que deixamos aqui para vocês, vamos compartilhar algumas das inspirações que foram surgindo ao longo desses quatro anos. Porque

tanto aprendizado, tanto deslocamento não cabe em uma tese. Muitas foram as vozes que sopraram em nossos ouvidos. Muitas foram as ideias plantadas e continuam germinando em nós, ainda que não tenham sido explicitadas. Mesmo sabendo que durante uma escrita vamos escolhendo rotas porque não é possível seguir por todas, ainda que tenhamos tentado, o não-seguir e o não-dizer aquilo que foi substrato para fertilizar nossa terra-texto nos angustia.

Por esse motivo, vamos trazer os nomes de algumas pessoas que estiveram em nossos corpos-pesquisadoras durante esse tempo e que continuarão nos próximos projetos, escritas, deslocamentos, retirâncias. Essa é só uma pausa para beber água e contar algumas histórias. A retirância está em nós e nos levará por aí.

Carolina Maria de Jesus. Paulo Freire. bell Hooks. Sueli Carneiro. Lélia González. Bela-Feldman. Angela Davis. Franz Fanon. Achile Mbembe. Chimamanda Adichie. Aníbal Quijano. Catherine Walsh. Ochy Uriel. Nelson Maldonado-Torres. Judith Butler. Djamila Ribeiro. Françoise Verger. Ailton Krenak. Vilma Piedade. Paul B. Preciado. Patricia Hill Collins. Audre Lord. Carla Akotirene. Joice Berth. Grada Kilomba.

Despedimo-nos, mas não totalmente. Temos mais umas palavras. Uma espécie de *making off*, os bastidores, os extras. Eles versam sobre o nosso processo de feitura, de produção. Da pesquisa. Da escrita. Da própria pesquisadora. Aceitam explorar mais essa trilha?

A ESCRITA-LABORATÓRIO ENQUANTO ESCRITA QUE SE MOVE. ME MOVE (UM POSFÁCIO)

Não espere pra começar, use o que você tem.
Comece de onde você está. Caramba, você já
começou. Quais são as ferramentas e as
tendências em sua volta? Dentro de você, ao seu
lado? Você poderia começar com seu próprio
CORPO. É o ecossistema que você conhece
melhor, a fonte da maior parte dos seus
conhecimentos e sonhos.

Guia para exigir o impossível

“Por que alguém escreveria, poderíamos nos perguntar...
Para intervir em si mesmo, para se infligir ideias, quase sempre improváveis, para se
usar de diferentes modos, para se contrair e distender, para que os insights insistam e
que com eles você possa compor algumas ações perceptíveis.
Escrever para desintoxicar, sucatear ideias, muitas vezes entrar numa fria e malograr.
Para aprender a tensionar o discurso e desmanchar-se em lágrimas, sem que o gesto
pareça sentimental. **Para receptionar um corpo sofrido que pede socorro e espaço
para viver. Para quase se afogar e se virar nadando cachorrinho. Para
abandonar o hábito de ser.** Para escorchar a pele e com ela confeccionar um manto
de memórias editáveis. Para azucrinar o ego e seu pegajoso cortejo de arrogâncias.
Para desaprender a reprovar a vida, essa nossa insistente mania de desqualificá-la.
Para se desvencilhar da ideia de que a vida nos reserva um propósito, e cabe a cada
um de nós desvendá-la. **Para aprender a rugir para o que é pesado e instituído.
Para desatolar a subjetividade das formas acabadas. Para ser pega em
‘flagrante delito de fabular’.**”
(Rosane Preciosa)

Fonte: PRECIOSA, 2010, p. 21, grifo nosso.

Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor verde.

Não é novidade para quem está lendo essa tese que ela basicamente se constitui de
imprevisíveis. Assim, substantivamente. Não é adjetivo. Ela foi se fazendo como o caminhar
por uma trilha sem guia, daquelas que a gente vai sendo guiada pela curiosidade e perplexidade
que vão se fazendo a cada passo, a cada nova paisagem descoberta. Ela também foi sendo escrita
assim, de forma meio esquisitona. Vários pedaços ao mesmo tempo, e também com
temporalidades que se misturaram e subverteram qualquer cronologia. Ela foi sendo escrita em

pedaços de papel. Na parede. Em guardanapos. Em áudios gravados para mim mesma. Mensagens de *WhatsApp* enviadas para mim mesma. Ela foi sendo escrita até mesmo nas redes sociais.

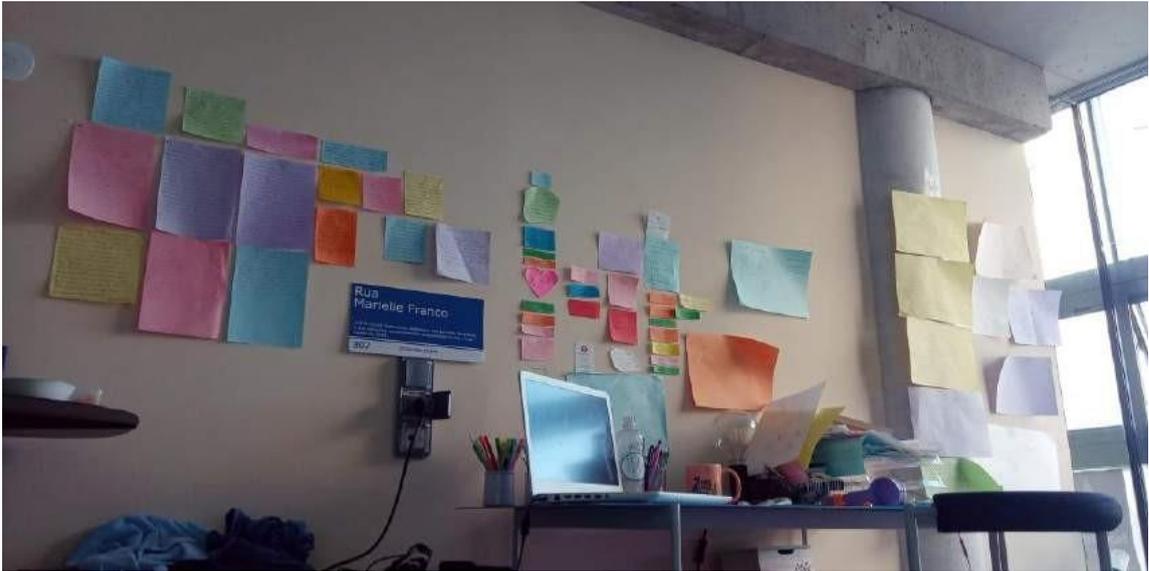
No meio disso tudo, foi sendo criada uma relação de amizade com a escrita. De embelezamento também. Escrever foi se tornando algo mais do que prazeroso. Necessário. Constitutivo de mim mesma. Um pouco dessa relação vem a seguir...

Nessa parte específica do texto, vocês irão se deparar com muitas vozes ecoando de diversas formas, a começar pelos diferentes tempos verbais, que brincam com o passado, presente e futuro como se fosse uma entidade atemporal. Pelas diferentes “pessoas” dos verbos, ora eu, ora nós, ora ela, pois não era possível – e nem queríamos nos forçar a isso – caber em uma só voz. Porque ora o texto vai falar de mim, ora de nós, ora dela. Ela, como se eu estivesse fora de mim, olhando-me e vendo-me flunar por ruas desconhecidas. Olhando-me e vendo-me sentada ou deitada na grama de algum parque, lendo, escrevendo, algumas vezes com os olhos encharcados de uma estranha emoção ainda sem nome no meu peito.

O parágrafo acima estava numa nota de rodapé, mas, de tão importante, deixou de caber lá e veio para o topo. Invertemos. Subvertemos a lógica da escrita hegemônica de várias formas aqui. Explicitamos exercícios de feitura. Compartilhamos os testes de torção em tempo real com as leitoras. Sim, usamos o feminino como estética-política de nossa escrita. Com essa frase, mais uma nota de rodapé subiu! E, nesse momento, adotamos mais um marcador para nossa política de escrita neste texto: nada de notas de rodapé, tão utilizadas por nós. Até que gostamos – e muito – delas, mas faremos aqui esse exercício para verificar aonde chegaremos.

Outra característica deste texto é que ele está entrecortado por imagens-texto. Fotos de papeis de diversos tamanhos, geralmente coloridos, com pequenos ou maiores escritos, produzidos em diferentes momentos e lugares, sem a intenção inicial de conversarem entre si. Entre leituras e escritas mais teórico-conceituais, permeadas por citações diretas e indiretas, buscando fundamentação em outras vozes e palavras, de vez em quando surgia um pedacinho colorido. Eles costumavam nascer em movimento, quando o corpo da pesquisadora estava no fora. Fora das quatro paredes e bem dentro do seu mundo de fantasias, que às vezes se materializavam em palavras. Ao chegar em casa, ela os colava na parede, compondo uma espécie de arco-íris de ideias. Um certo dia, esses papeis na parede começaram a lhe chamar e contaram que já estavam se articulando ali entre eles e que tinham algo a dizer, juntos. Foi assim que surgiu esse texto: saltando das paredes! Abaixo, podemos ver um pouco dos bastidores desse processo acontecendo.

Figura 19 – Parede colorida - França



Fonte: A autora, 2021.

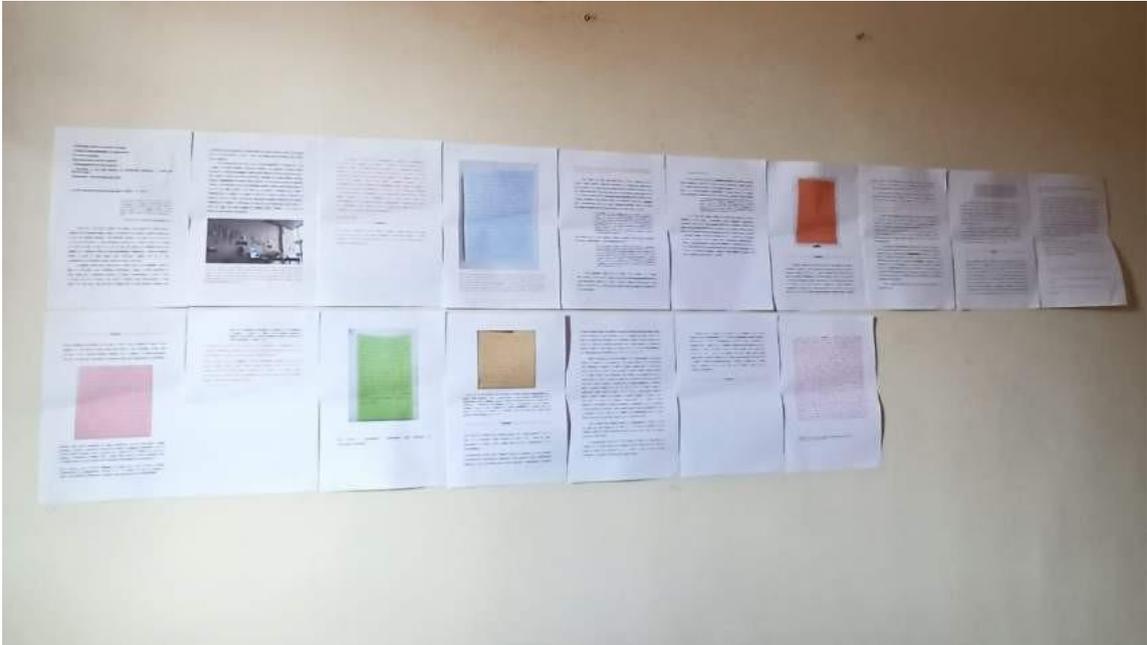
Descrição da imagem: uma parede de cor bege, com vários papéis de diversas cores (azul, rosa, lilás, amarelo, laranja, verde, vermelho) colados nela. Também aparece uma mesa de estudo de metal com pernas bem finas e uma base azul claro, um notebook branco aberto, canetas de várias cores em uma caneca e vários papéis amontoados. Na parede, entre os papéis, também há uma placa, com o nome Rua Marielle Franco, vereadora carioca brutalmente assassinada em 14 de março de 2018 e ainda sem justiça.

Esse processo de feitura será compartilhado, não porque nós o conhecemos em sua inteireza, mas justamente com a intenção de conhecê-lo. Vamos aprendendo com seu processo de criação. Ao buscarmos descrever a alquimia que vai acontecendo, aproximamo-nos dela, que é mais do que um processo de criação nosso, mas conosco. Existe uma inter-agência operando ali, com aqueles corpos humanos e não humanos. Muitas vezes, quando estou tentando escrever algo, conectar argumentos, discussões, sinto a necessidade-desejo de olhar para aquelas ideias penduradas na parede, embora não grudadas em definitivo ali. Os papéis vão deslizando de um lado para o outro até chegarem a uma posição que faça algum sentido, até encontrarem os nós do rizoma com os quais preferem se conectar naquele momento. Às vezes permanecem numa posição durante alguns dias, experimentando-a, até que resolvem continuar os deslocamentos e encontram outra posição, não necessariamente mais confortável para si e aceitável pelo mundo, mas uma que é necessária ao seu desejo de criação de novos possíveis.

Assim, as camadas vão se sucedendo, uma após a outra, tendo conteúdos e formas agregadas, muitas vezes com a participação de outras pessoas, parceiras, que leem, opinam, formulam questões que nos fazem parar um pouco e também continuar. Na imagem abaixo,

alguns papéis coloridos já haviam conversado entre si e formaram uma camada textual que voltou à parede para mais um encontro-composição:

Figura 20 – Parede colorida - Brasil



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: Em uma parede de cor bege claro, temos duas fileiras de folhas da papel no formato A4 colados em duas fileiras, uma abaixo da outra. Na fileira de cima, uma sequência de 10 folhas; na fileira de baixo, 7. Nas folhas que estão na parede, podemos ver impresso esse texto em processo de construção, com parágrafos escritos e entrecortados com as outras imagens descritas aqui, sendo uma fotografia de uma parede com papéis coloridos colados nela e as outras de “closes” de alguns papéis coloridos com textos escritos a mão.

Dessa forma, vou compondo com hypomnematas, palavra de origem grega, que significa "memória comemorativa" e se refere a registros de falas, discussões, obras de outras pessoas, exemplos, etc. que eram anotadas para não serem esquecidas e, posteriormente, consultadas, não como verdades inteiras, mas matéria prima para um presente-futuro que naquele instante já estava mesclado com outros elementos. Assumem a função de “reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT, 1992, p. 137).

Lembro que quando ouvi falar pela primeira vez dos hypomnematas, em uma aula de filosofia, fui tomada por uma sensação que nem consigo descrever, mas que posso quase sentir novamente. Eu sempre tive o hábito de escrever. Escrevia tudo e de várias formas. Fosse em uma aula, ou em uma conversa informal, ou mesmo ouvindo conversas alheias na rua, ou apenas ouvindo meus pensamentos soltos enquanto fazia qualquer outra coisa, eu anotava palavras ou frases em pedaços de papel que ia acumulando em uma caixa, depois em uma gaveta. Comecei

a guardar as anotações feitas em eventos, palestras, etc., e sempre que queria ou precisava produzir algo, seja uma fala, um texto, um trabalho científico ou simplesmente quando queria me inspirar com novas ideias, eu pegava aqueles pedaços de papel e ia lendo, e fazendo novas anotações, em forma de esquema, com balões e setas e outros sinais. Era incrível que, a depender da minha intenção com a leitura, um mesmo fragmento me fazia pensar em coisas bem diferentes, ou semelhantes, mas que se conectavam de forma diferentes das anteriores. Enfim, quando descobri o termo hypomnemata, foi como se descobrisse o nome de algo que eu já conhecia, como aquela pessoa que você vê passar todos os dias na rua, mas não sabe o nome, até que você saiba seu nome.

Bom, voltando dessa digressão temporal, os hypomnematas são escrita de si, ainda que sejam uma escrita passada de um futuro “de si” que ainda será fabricado, ou que já começou, porque não somos constituídos apenas pela nossa autoria, senão, pela assinatura que damos à autoria alheia.

Os hypomnematas estão cada vez mais presentes em minha vida. A ideia desse texto, inclusive, veio da minha relação com as dezenas de papeis coloridos que tenho colados nas paredes da minha casa, composição que vai se fazendo ao longo dos dias e das noites, provenientes de devaneios, filhas dos mais variados estímulos.

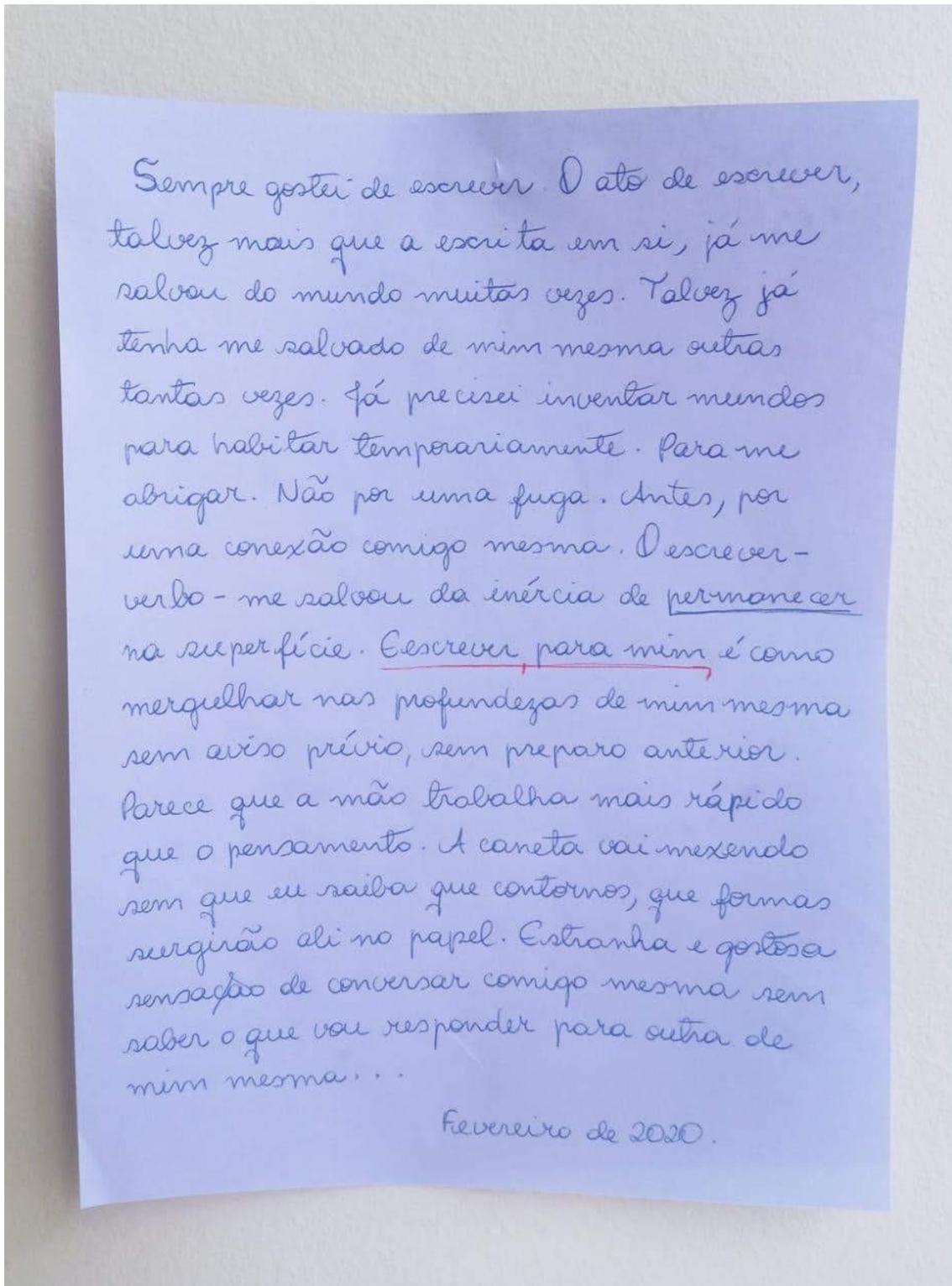
Foi assim que essa tese foi construída. Reunindo fragmentos de textos. Ideias. Histórias. Músicas. Poemas. Vidas. Corpos.

-----**(fronteira)**-----

Todas essas camadas de escrita são produzidas.

Esse processo de criação não se refere apenas a colagens de papeis coloridos aleatoriamente, mas papeis coloridos que trazem em si uma escrita performada na relação com os mais diversos actantes. Às vezes o que inspira a primeira camada nem sempre está presente no processo de produção acadêmica. Aliás, o ato de escrever extrapola bastante as fronteiras do acadêmico para nós:

Figura 21 – Sempre gostei de escrever



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: papel lilás clarinho, colado em uma parede branca, com o seguinte texto escrito com caneta azul: “Sempre gostei de escrever. O ato de escrever, talvez mais que a escrita em si, já me salvou do mundo muitas vezes. Talvez já tenha me salvado de mim mesma outras tantas vezes. Já precisei inventar mundos para habitar temporariamente. Para me abrigar. Não por uma fuga. Antes, por uma conexão comigo mesma. O escrever-verbo me salvou da inércia de permanecer (sublinhado) na superfície. E escrever (assim, com esse “erro” das duas letras “e”), para mim, é como mergulhar nas profundezas de mim mesma sem aviso prévio, sem

preparo anterior. Parece que a mão trabalha mais rápido que o pensamento. A caneta vai mexendo sem que eu saiba que contornos, que formas surgirão ali no papel. Estranha e gostosa sensação de conversar comigo mesma sem saber o que vou responder para a outra de mim mesma... Fevereiro de 2020”.

É bem verdade que muitas vezes escrevo para ser lida por alguém que não eu. Vivendo o mundo acadêmico, impossível não passar por isso. Outras vezes, porém, escrevo para mim mesma. Digo, *apenas* para mim, pois nas outras vezes também é para mim. Ou *por* mim. Escrevo para existir. Para fazer existir algo que não estaria no mundo senão por essa via. “Para recepcionar um corpo sofrido que pede socorro e espaço para viver”, como nos disse Rosane Preciosa (2010, p. 21). Com Gloria Anzaldúa, mulher chicana que cresceu na fronteira entre os Estados Unidos e o México, estudiosa da teoria cultural chicana, teoria feminista e teoria *queer*, aprendemos sobre a inseparabilidade entre vida e escrita. Poderíamos acrescentar, ainda, entre pessoal, ético, político, literário e tudo mais que nos remeta a viver nesse mundo. Ela nos diz:

[...] **eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita.** O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. **Nenhum assunto é muito trivial.** O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico (ANZALDÚA, 2000, p. 233, grifo do autor).

Nesse mesmo texto, de 1980, intitulado “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, ela nos conta porque escreve:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. [...] Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora.[...] Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

É muito importante registrar aqui que conhecer Gloria Anzaldúa, o que ela pensa sobre o escrever, o quê e como ela escreve, tem sido uma inspiração potentíssima para trazer à tona nossa própria relação com a escrita e o escrever. Aquilo que antes apenas margeava nossas reflexões, agora ocupa um lugar de destaque, como uma bússola que guia nossos deslocamentos pelo mundo da escrita.

Além de Gloria, outra mulher de extrema importância nesse processo é Rosane Preciosa, que já apareceu aqui no texto diversas vezes, mas que deixei pra apresentar aqui, nesse lugar

especial. Nosso primeiro encontro aconteceu por meio de seu livro “Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo” fruto de sua tese de doutorado. O encontro com essa leitura era sempre muito inspirador e a cada vez que eu o lia, novas ideias pulavam euforicamente em todo o meu corpo. O livro já é cheio de marcações de várias cores e formatos e elas simbolizam nossos incontáveis encontros-conversas. Ele é tão importante em minha vida que foi comigo para a França no período do meu doutorado-sanduíche. Não era uma escolha racional para quem tentasse analisá-la de longe. Era um livro já lido e relido e eu precisava economizar espaço e peso na mala. Mas ele não poderia não estar lá. Ele foi. E me fez companhia durante o inesperado período de confinamento na França, durante a pandemia de COVID-19. Ele passeou comigo por todos os caminhos da Cité Universitaire. Deitou na grama. Tomou sol. Banhou-se na chuva. Espiou a chegada da primavera. Tudo isso pra dizer da potência deste encontro. Obrigada, Rosane Preciosa, por possibilitar isso.

--(fronteira)------(fronteira) ----- (fronteira)--

Eu estava exatamente no dia XX de confinamento adotado como medida de segurança durante a pandemia de COVID-19 (XX porque fiquei de colocar depois e esqueci. Agora ele é XX), quando, durante uma rápida e preciosa saída para respirar ar livre e ver o pôr do sol, peguei o livro “Rumores discretos da subjetividade”, de Rosane Preciosa, e abri na página onde estava marcado o seguinte trecho, onde ela reflete sobre o escrever e modos de produzir:

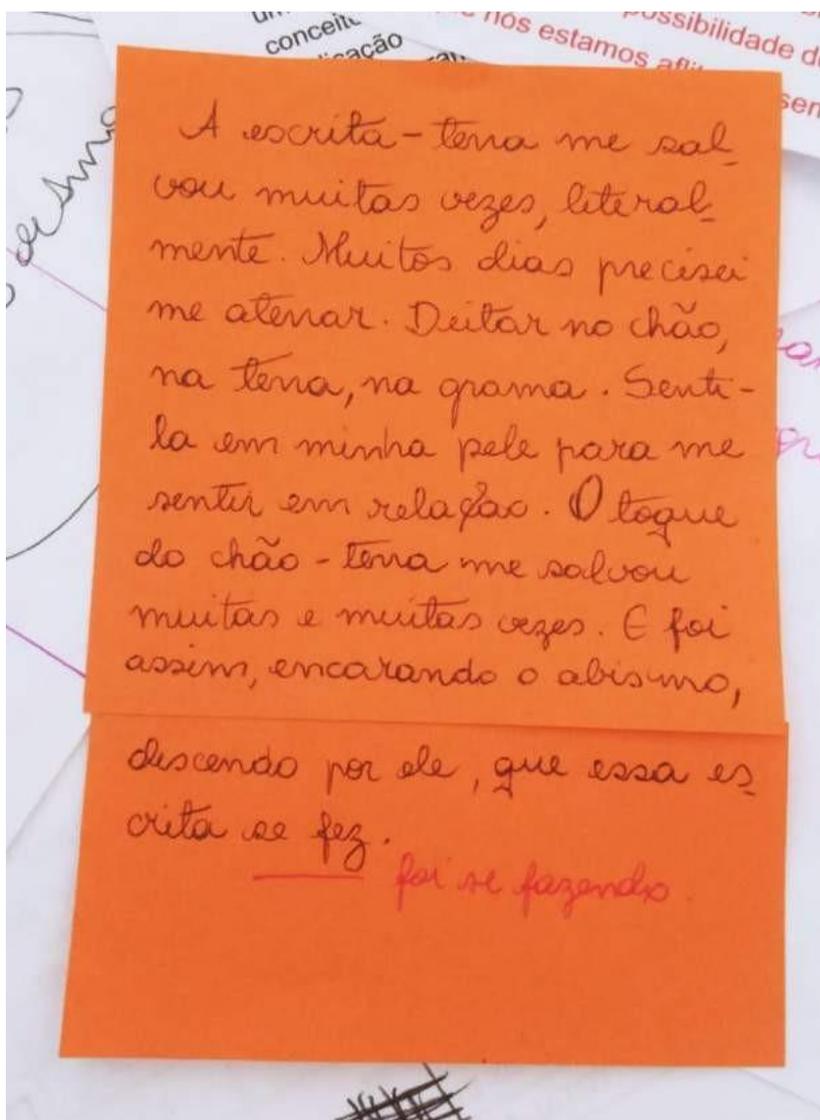
Um laboratório pulsante que não se isola do mundo para melhor senti-lo. Ao contrário, monta sua “pesquisa de sensações” à beira de seus próprios abismos. Algo decerto perturbador, mas liberador também, porque daí surgem formas imprevistas, que forcem sujeito e linguagem a se desacomodar, e inventar sentidos aventureiros, que ultrapassem o registro de mera comunicação de algo. (PRECIOSA, 2010, p. 16).

Eu me sentia assim mesmo. Envoltos dos e pelos meus abismos que, durante a pandemia que trouxe consigo o confinamento e tantos (im)possíveis, agigantavam-se, olhavam-me bem nos olhos. Nesse momento eu não segui as instruções de cuidado de uma amiga, que em uma determinada situação, aconselhou-me a ter cuidado ao olhar nos olhos do abismo, pois ele pode me chamar pelo nome pra dentro dele. Eu fugi do mundo e decidi ficar ali, encarando o abismo. Não como um inimigo prestes a me puxar como areia movediça, mas como um canyon, o qual eu poderia descer vagarosamente, prestando atenção no caminho, nas suas características, no seu relevo acidentado. Tão acidentado como nós, muitas vezes. Dessa forma foi sendo encaixada essa terra sobre a qual coloco meus pés agora. Quem me trouxe essa imagem-

possibilidade do canyon foi minha orientadora, Alexandra Tsallis, como faz sempre que estamos aflitas e “sem chão”.

Desse momento, mais um papelzinho colorido brotou da grama de um chão onde deitei e escrevi e foi parar (como se eles parassem!) na parede:

Figura 22 – A escrita-terra me salvou



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: papel laranja colocado por cima de outros papeis brancos com palavras escritas à mão e outras digitadas. No papel laranja, que estão no primeiro plano, podemos ler o seguinte texto: “A escrita-terra me salvou muitas vezes, literalmente. Muitos dias precisei me aterrar. Deitar no chão, na terra, na grama. Senti-la em minha pele para me sentir em relação. O toque do chão-terra me salvou muitas e muitas vezes. E foi assim, encarando o abismo, descendo por ele, que essa escrita se fez. Foi se fazendo”.

Ao longo desse longo e nômade processo de pesquisarCOM, a escrita dos diários de campo foi ganhando corpo e ocupando novas terras conforme as experiências foram se desenrolando. Segue encarnada, dando expressão ao fluxo de calor produzido nas sertanias da experiência, a fim de não deixarmos o afastamento tapear nossa memória afetiva, apagando ou criando situações.

Papeis coloridos foram ganhando palavras, coloridas por eles antes mesmo de se juntarem no caderno. Os diários de campo transitaram entre corpos-no-campo, papeis-no-mundo, papeis-na-parede, palavras-no-caderno, texto-no-computador. Não necessariamente nessa ordem.

Na nossa relação com essa escrita-laboratório, a segunda camada, entretanto, precisa nascer de um abismo espaço-tempo, que não tem a ver com o *cronos*, o tempo medido no relógio, mas com o *kairós*, que significa momento certo, oportuno, o tempo do acontecimento... Um acontecimento maturado na relação com os abismos. Consideramos importante aproximarmo-nos da beira dos nossos abismos e apreciá-los. Não a vista do horizonte ou lá de baixo. Apreciar o abismo em si e o que não conseguimos ver nele: o invisível! Até que ele deixe de ser indizível e encontre formas de ressoar em nós enquanto presença, fazendo-nos retirar-nos de sua ausência. Essa tem sido nossa prática.

À essa altura, já não consigo distinguir nos diários a escrita “de mim” e da pesquisa. E não estou indo para aquela coisa de que o pessoal não é o mais importante nesse momento de produção de uma tese. Não há distinção. O pessoal é político e minha escrita – acadêmica e toda ela – é política. O que ressoa no meu corpo está vindo das falas, dos territórios, dos deslocamentos que tenho seguido no fazer dessa pesquisa-em-retirância. Nesse processo, está sendo performado meu corpo de pesquisadora que está sempre em deslocamento e produzindo outros *des*, em modulações infinitas, provocando movimentos que ora podem ser lentos como o das placas tectônicas deslizando sobre o magma quente do interior da Terra, ora dançantes como os dos grãos de areia sob a condução do vento, ora intempestivos como os tremores da terra durante um forte terremoto.

Nesse movimento da escrita, muitas vezes senti-me e ainda me sinto como uma ensaísta, tal como descrita por Jorge Larrosa Bondía (2003, p. 108):

O [a] ensaísta problematiza a escrita cada vez que escreve, e problematiza a leitura cada vez que lê, ou melhor, é alguém para quem a leitura e a escrita são, entre outras coisas, lugares de experiência, ou melhor ainda, é alguém que está aprendendo a escrever cada vez que escreve, e aprendendo a ler cada vez que lê: alguém que ensaia a própria escrita cada vez que escreve e que ensaia as próprias modalidades de leitura cada vez que lê.

Ele completa, ainda, dizendo que o ensaísta “é um transeunte, um passeador, um divagador, um ‘extravagante’” (p. 110). Como não me reconhecer aí? Uma extra-vagante, perambulando entre leituras e escritas que o campo me convida a fazer? Vagando pelos extras, lendo poesia e literatura para conseguir fôlego e inspiração para escrever uma tese, um artigo, um capítulo de livro. Tentando compor com essas linguagens, fazer a poesia-vida infiltrar-se na academia para que escrever academicamente seja, além do que penso e acredito, também aquilo que sinto.

Não digo aqui que isso ainda não existe. Muitas são as inspirações para esse tipo e essa forma de produção. Mas existir não quer dizer que sejam aceitas sempre e em todos os lugares que queremos ocupar. Não vou, entretanto, concentrar-me na queixa e na denúncia crítica, pois tenho aprendido com a Teoria Ator-Rede que esta serve muito mais para nos travar do que para nos movimentar. E o meu desejo é puro movimento-retirância!

“Que as pausas não sejam travas, mas o silêncio
como forma de movimento”
Tereza Bredariol (11/03/21)

Fonte: BREDARIOL, 2021.

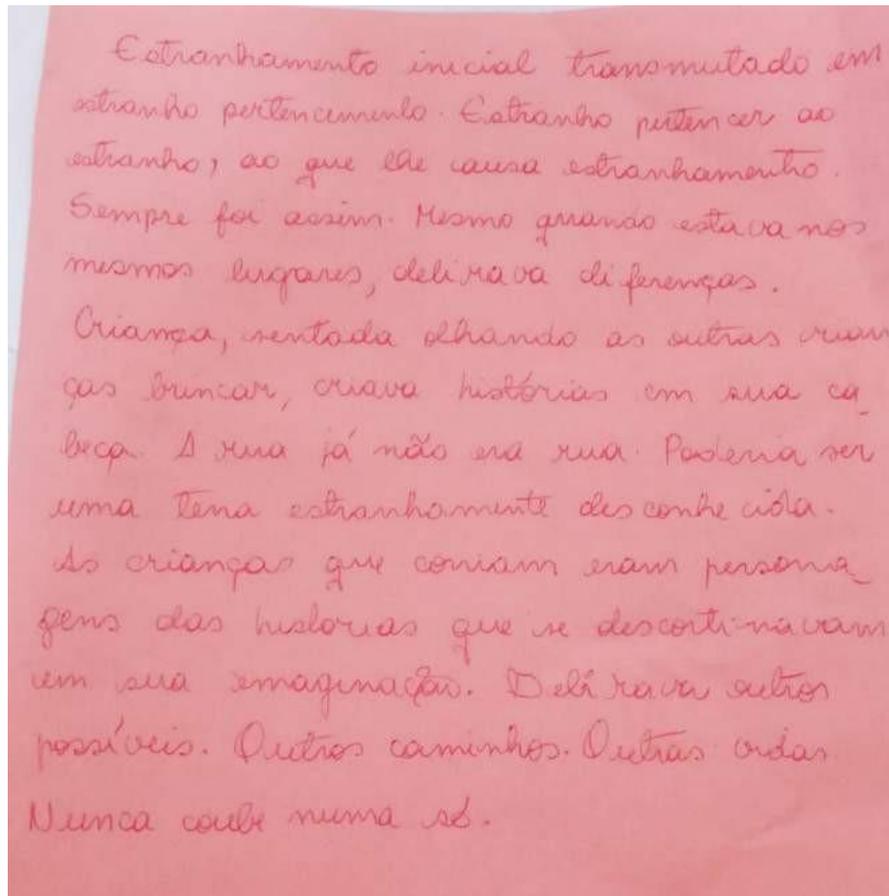
Descrição da imagem: o texto acima está dentro de um retângulo de cor rosa.

!

-----**(fronteira)**-----

Estava cruzando pela primeira vez nos meus 33 anos de vida, a fronteira do Brasil. Já nessa primeira vez, voei sobre um oceano inteiro para chegar em outro continente. Europa. Estava na França e tudo ali parecia diferente. Estranho, essa é a palavra. E eu adoro essa palavra! Para mim, ela tem gosto, tem cheiro, tem textura de algo muito interessante a ser estranhado.

Figura 23 – Estranhamento inicial



Estranhamento inicial transmutado em estranho pertencimento. Estranho pertencer ao estranho, ao que lhe causa estranhamento. Sempre foi assim. Mesmo quando estava nos mesmos lugares, delirava diferenças. Criança, sentada olhando as outras crianças brincar, criava histórias em sua cabeça. A rua já não era rua. Poderia ser uma terra estranhamente desconhecida. As crianças que corriam eram personagens das histórias que se descortinavam em sua imaginação. Delirava outros possíveis. Outros caminhos. Outras vidas. Nunca coube numa só.

Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: papel rosa com o seguinte texto: “Estranhamento inicial transmutado em estranho pertencimento. Estranho pertencer ao estranho, ao que lhe causa estranhamento. Sempre foi assim. Mesmo quando estava nos mesmos lugares, delirava diferenças. Criança, sentada olhando as outras crianças brincar, criava histórias em sua cabeça. A rua já não era rua. Poderia ser uma terra estranhamente desconhecida. As crianças que corriam eram personagens das histórias que se descortinavam em sua imaginação. Delirava outros possíveis. Outros caminhos. Outras vidas. Nunca coube numa só.”.

Somente assim tenho conseguido me manter estranhando meu pré-conhecimento, minhas pré-ideias e minhas expectativas: levando-me a pensar o impensável impensado, como nos convoca Rosane Preciosa (2010), ao afirmar que “pensar não é se alinhar com o que já se conhece. É justamente o contrário disso. Movido por uma espécie de força forasteira, que não se interessa em refletir sobre a vida, mas agregar-lhe algo mais, pensa-se o impensável” (p. 28). Muitas ideias surgem de forma inesperada, lendo ou fazendo coisas que nem sempre estão diretamente relacionadas com a pesquisa em si.

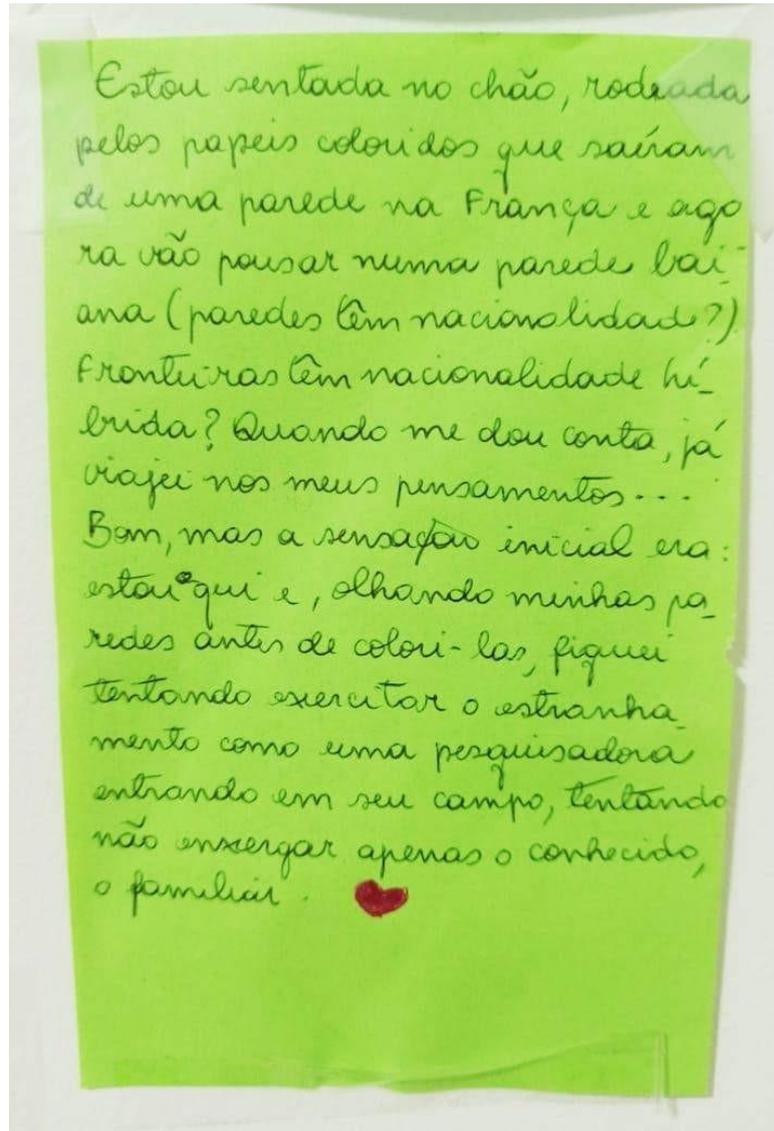
Após a volta pra casa, no meio da pandemia, me deparo com o texto de Danichi Hausen Mizoguchi (2016) intitulado “Epistemologia da estrangeiridade: abertura de si e do mundo”, no qual ele apresenta a viagem como proposta metodológica, sugerindo uma epistemologia da estrangeiridade:

[...] aquele ato de, justamente no movimento e no encontro, criar o procedimento de estranhar a si mesmo e ao mundo em uma estratégia materialista e dinâmica a qual permita dar conta de interrogar as forças e movimentos que criam o pesquisador e o mundo. (MIZOGUCHI, 2016, p. 29).

O encontro com esse texto me reconectou com essa sensação de estranhamento que eu continuava desejando no retorno ao meu lar. Em vez da busca pelo familiar, era isso que eu estava desejando. Ou seria o que me era possível naquele momento?

Voltei ao Brasil no meio da pandemia e a única familiaridade encontrada foi minha casa. Nada de amigas, amigos, amigos, família, lugares familiares. Nada disso. Pois bem, o conhecido não me era possível naquele momento, mas o diferente, novo, estranho, também não. O que teria eu, então? Buscar o estranhamento em um lugar conhecido para que, daquele encontro, outros possíveis pudessem emergir.

Figura 24 – Sentada no chão

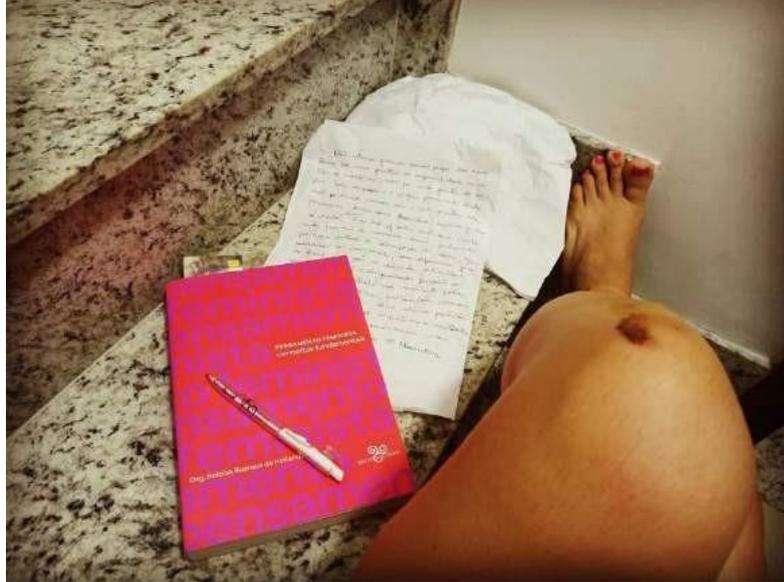


Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: papel verde colado em uma parede branca, onde podemos ler o texto: “Estou sentado no chão, rodeada por papéis coloridos que saíram de uma parede na França e agora vão pousar numa parede baiana (paredes têm nacionalidade?). Fronteiras têm nacionalidade híbrida? Quando me dou conta, já viajei nos meus pensamentos... Bom, mas a sensação inicial era: estou aqui e, olhando minhas paredes antes de colori-las, fiquei tentando exercitar o estranhamento como uma pesquisadora entrando em seu campo, tentando não enxergar apenas o conhecido, o familiar”. Após o texto, tem um coração vermelho desenhado. Ele está aí por acidente. Esse é o marcador que uso para identificar os papeizinhos coloridos que já foram fotografados e vieram para o texto. Tive problemas com a primeira foto e precisei fazer uma nova. Meu coração de bastidor apareceu em cena.

Continuei buscando em minha casa-vida – já que meu território estava restrito a ela – estranhamento. Aquele estranhamento que tanto me inspira. Que me faz desejar e, ao me fazer desejar, me faz escrever. Depois de alguns meses, quando já estava soterrada na mesmice, decidi mudar de casa. Na reta final da escrita da tese. Sim, um ato imprudente. Mas me trouxe novas inspirações:

Figura 25 – Escrevendo na escada



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: em uma foto aparentemente feita de cima, vemos uma escada com degraus marmorizados, o joelho de uma mulher branca, que está com um machucado. No degrau ao lado, um livro de capa vermelha e letras rosas formando o nome pensamento feminista. Uma caneta em cima do livro e duas folhas de papel A4 amassadas e reabertas. Uma está em branco e a outra está toda escrita, mas não conseguimos ler o que está nela.

Figura 26 – Recorte Instagram

monique_rizomatica No meio de uma mudança de casa caótica, uma madrugada insone recheada com calor, picadas e zum zum zum de mosquitos no ouvido, abro aleatoriamente uma caixa de livros em busca de algo para ler... As ideias começam a vir e então desembrulho uns copos de vidro para usar o verso do papel-rascunho que os envolve para escrever.... Bem que minha intuição estava me dizendo que o ingrediente que faltava para a minha inspiração voltar era o Movimento. Deslocamento... Sou performada (ou vou performando-me) assim: caminhando, mudando, descolando para seguir...

PS: Na falta de cadeira, a gente senta na escada mesmo, porque ela também é Movimento.

PS 2: isso não é uma apologia ao trabalho exaustivo. É sobre sair em busca da potência de produção de mundo nas práticas cotidianas e ordinárias...

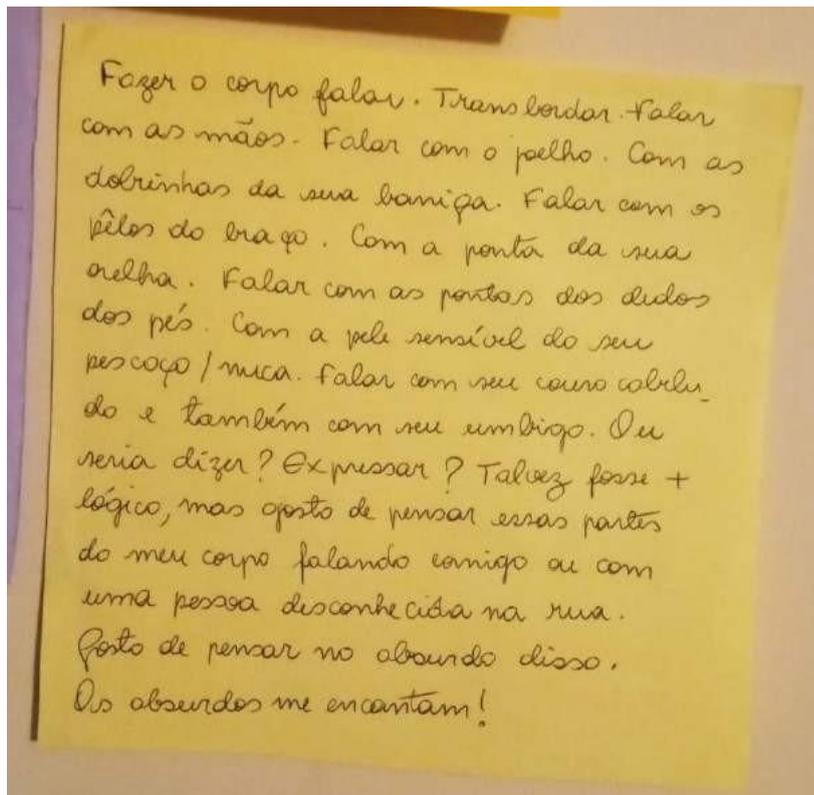
PS 3: O Movimento às vezes produz uns joelhos ralados também... Rs

Fonte: MONIQUE_RIZOMATICA, 2021.

Descrição da imagem: Texto do instagram utilizado como legenda da figura anterior, onde se lê: “No meio de uma mudança de casa caótica, uma madrugada insone recheada com calor, picadas e zum zum de mosquitos no ouvido, abro aleatoriamente uma caixa de livros em busca de algo para ler... As ideias começam a vir e então desembulho uns copos de vidro para usar o verso do papel-rascunho que os envolve para escrever Bem que minha intuição estava me dizendo que o ingrediente que faltava para a minha inspiração voltar era o Movimento. Deslocamento Sou performada (ou vou performando-me) assim: caminhando, mudando, descolando para seguir PS: Na falta de cadeira, a gente senta na escada mesmo, porque ela também é Movimento. PS 2: isso não é uma apologia ao trabalho exaustivo. É sobre sair em busca da potência de produção de mundo nas práticas cotidianas e ordinárias. PS 3: O Movimento às vezes produz uns joelhos ralados também Rs” #escrever #escribir #write #ecrire #mulheresnaciencia #mulheresqueescrivem #inspiração #escrita #escritadeslocamento #mulherespelomundo #femmedanslemonde #femmeecrivain #writerwomen #mujeresqueescriben.

Nesse exercício de estranhamento e pertencimento, vamos construindo um corpo-retirante-pesquisadorA.

Figura 27 – Fazer o corpo falar



Fonte: A autora, 2021.

Descrição da imagem: papel amarelo, colado em uma parede de cor bege, com o seguinte texto: “Fazer o corpo falar. Transbordar. Falar com as mãos. Falar com o joelho. Com as dobrinhas da sua barriga. Falar com os pelos do braço. Com a ponta da sua orelha. Falar com as pontas dos dedos dos pés. Com a pele sensível do seu pescoço / nuca. Falar com o seu couro cabeludo e também com seu umbigo. Ou seria dizer? Expressar? Talvez fosse mais lógico, mas gosto de pensar essas partes do meu corpo falando comigo ou com uma pessoa desconhecida na rua. Gosto de pensar no absurdo disso. Os absurdos me encantam!”

E, assim, criar um corpo artesão, que está sempre se tornando, diferindo constantemente de si próprio, dando passagem à vida e a mundos outros, em uma existência refinada pelo viver, transportando sonhos, arrastando consigo o magma de cada alma nômade dos viajantes que o embarcam [...] cúmplice de uma demanda vital que o faz desdobrar-se em novas dobras e estender-se como um outro e estranho solo, estranho desdobrado de si mesmo, outro sem deixar de ser tudo o que também foi no passado e tudo que poderá ser no futuro (livres recortes do texto original - p. 43-44).

--- F R O N T E I R A ---

REFERÊNCIAS

- ADAM, P.; HERZLICH, C. Saúde e doença e suas interpretações culturais e sociais. In: ADAM, P.; HERZLICH, C. *Sociologia da doença e da medicina*. São Paulo: EDUSC, 2001. p. 69-86.
- ALMEIDA, G. M. R. O fluxo migratório Brasil-França na “era da mobilidade”. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 62-94. jan./jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.5965/1984724215282014062>.
- ALMEIDA, M. M. T. *Gênero e desenvolvimento sustentável: estudo junto a assentados e assentadas em Cabo de Santo Agostinho, Mata Sul de Pernambuco*. 2005. 98 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2005.
- ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, jan./jun. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza a conciencia de la mestiza a conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência um a uma nova consciência. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, set./dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>.
- ARAÚJO, P.; FILHO, J. I-Margem. Intérprete: Paulo Araújo. In: [Vários]. *Velho Chico*. [S.l.]: Som Livre, 2016. CD. V. 1. Faixa 9. (3 min 36 s).
- ARENDR, R. A escrita como laboratório. *Rev. Polis e Psique*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 28-38, jan./abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.61378>.
- AYRES, H. H. F. *et al.* Work, Refuge and Social Inclusion. In: BAUMANE-VITOLINA, I. (Ed.). *Organization 4.1: the role of values in the organizations of the 21st century*. Trieste, IT: International Society for the Study of Work & Organizational Values, 2018. p. 261-271.
- BARROS, J. O. *A construção de projetos terapêuticos no campo da saúde mental: apontamentos acerca das novas tecnologias de cuidado*. 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BARROS, M. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2011.
- BELARMINO, V. H *et al.* (2016) Território e determinação social da saúde mental em contextos rurais. In: DIMENSTEIN, M.; LEITE, J.; MACEDO, J. P.; DANTAS, C. (Org.). *Condições de vida e saúde mental em contextos rurais*. São Paulo: Intermeios, 2016. p. 95-117.

BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. (Org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

BOCCARDO, A. C. S.; ZANE, F. C.; RODRIGUES, S.; MÂNGIA, E. F. O projeto terapêutico singular como estratégia de organização do cuidado nos serviços de saúde mental. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 85-92, jan./abr. 2011. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i1p85-92>.

BOGO, A. Terra Sertaneja. Intérprete: Ademar Bogo. In: MST. *Arte em movimento*. [S.l.]: MST, 1998. CD. Faixa 1. (2 min 24 s).

BONDÍA, J. L. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25643/14981>. Acesso em: 30 abr. 2021.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, [online], n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular*. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.866, de 02 de dezembro de 2011. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta (PNSIPCF). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 02 dez. 2011.

BREILH, J. Nuevo modelo de acumulación y agroindustria: las implicaciones ecológicas y epidemiológicas de la floricultura en Ecuador. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 91-104, jan./mar. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000100013>.

BREDARIOL, T. [*Pausas*]. Microsoft Word. 11 mar. 2021. Comentário inserido no arquivo original desta tese.

BREDARIOL, T. [*Processo de escrita*]. Microsoft Word. 28 fev. 2021. Comentário inserido no arquivo original desta tese.

BREDARIOL, T. [*Retirância*]. Microsoft Word. 3 dez. 2020. Comentário inserido no arquivo original desta tese.

BREDARIOL, T. [*Pesquisa migratória*]. Microsoft Word. 6 maio 2020. Comentário inserido no arquivo original desta tese.

BRITO, M. A. M. *Diário de campo*. Paris: [s.n.]; Chapada Diamantina: [s.n.], 2021. 1 diário de campo.

BRITO, M. A. M. *Relações possíveis entre corpo urbano e corpo subjetivo: a experiência de sujeitos em sofrimento psíquico moradores do Distrito Sanitário da Liberdade, Salvador-BA*.

2012. 98 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

BUARQUE, C. O que será. À flor da pele. Intérpretes: Milton Nascimento e Chico Buarque. In: BUARQUE, C. *Meus caros amigos*. [S.l.]: Phonogram/Philips, 1976. LP. Faixa 1. (4 min 46 s).

BURY, M. Illness narratives: fact or fiction? *Sociology of Health & Illness*, Brighton, UK, v. 23, n. 3, p. 263-285, dez. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9566.00252>.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. Determinantes Sociais da Saúde (Editorial). *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 1772-1773, set. 2006.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, jan./abr. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100006>.

CAITITÉ, A. M. L. Pistas para uma reinvenção da epistemologia: ser afetado, ciência no feminino, pesquisarCOM e saberes localizados. *Pesqui. Prát. Psicossociais*, São João del-Rei, v. 11, n. 1, p. 37-52, jan./jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 30 abr. 2021.

CALDART, R. S. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CAMARGO, R. A. L.; OLIVEIRA, J. T. A. Agricultura familiar, multifuncionalidade da agricultura e ruralidade: interfaces de uma realidade complexa. *Ciência Rural*, Santa Maria, v. 42, n. 9, p. 1707-1714, set. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-84782012005000068>.

CANDIOTTO, L. Z. P.; CORRÊA, W. K. Ruralidades, urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo. *Campo-Território: revista de geografia agrária*, Uberlândia, v. 3, n. 5, p. 214-242, fev. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11839>. Acesso em: 30 abr. 2021.

CARDOSO, A. A. I. *Nem sina, nem acaso: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território amazônico (1847-1877)*. 2011. 244 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, 2011.

CARVALHO, L. G. P.; MOREIRA, M. D. S.; RÉZIO, L. A.; TEIXEIRA, N. Z. F. A construção de um Projeto Terapêutico Singular com usuário e família: potencialidades e limitações. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 521-525, jul./set. 2012.

CASTRO, L. Migrantes, retirantes, trabalhadores: memória, história e as representações em torno dos cassacos. In: ENCONTRO ESTADUAL DA ANPUH-AP, Jornada Internacional de Estudos de História da Amazônia, 1., 2014, Macapá. *Anais...* Macapá: UFA, 2014. p. 1-12.

CHAPADA DIAMANTINA. Portal oficial da Chapada Diamantina. *Chapada Diamantina*. Lençóis, BA: 2021. https://chapada.org/como_chegar.aspx. Acesso em: 30 abr. 2021.

- COMISSÃO NACIONAL DE DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE (CNDSS). *As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS COOPERATIVAS DE REFORMA AGRÁRIA DO BRASIL (CONCRAB). *Novas formas de assentamentos de reforma agrária: a experiência da Comuna da Terra*. Brasília, DF: CONCRAB/INCRA/CRT, 2004. (Cadernos de Cooperação Agrícola, n. 15).
- CONHEÇO UM LUGAR. *Caeté Açú - Destino obrigatório para os alternativos. Conheço um lugar*. [S.l.], 2015. Guia. Disponível em: <http://www.conhecoumlugar.com/guia-detalhes/18/2>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- CRESSWELL, T. *On the move: mobility in the modern western world*. New York/London: Routledge, 2006.
- DELEUZE, G. *L'abécédaire de Gilles Deleuze*. Entrevista concedida a Claire Parnet. Direção de Pierre-André Boutang. Paris: Vidéo 202, Éditions Montparnasse, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*. (1972). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997. V. 4.
- DEIRÓ, M. L. C. *As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. 13. ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- DESPRET, V. *Ces émotions qui nous fabriquent. Ethnopsychologie de l'authenticité*. Paris, FR: Empêcheurs de penser en rond, 1999.
- DIMENSTEIN, M.; LEITE, J.; MACEDO, J. P.; DANTAS, C. (Org.). *Condições de vida e saúde mental em contextos rurais*. São Paulo: Intermeios, 2016.
- ENDLICH, A. M. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M (Org.). *Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 11-52.
- ESMERALDO, G. G. S. L. O protagonismo político de mulheres rurais por seu reconhecimento econômico e social. In: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org.). *Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Niterói: Alternativa, 2013. p. 237-256.
- EVARISTO, C. Para onde vai o Brasil? Escritores apontam futuro incerto e sombrio... *UOL*, [S.l.], Página Cinco, 3 jun. 2016. Página 5. Entrevista concedida a Rodrigo Casarin. Disponível em: <https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2016/06/03/para-onde-vai-o-brasil-escritores-apontam-futuro-incerto-e-sombrio/?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- EVARISTO, C. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

- EVARISTO, C. *Canção para ninar menino grande*. São Paulo: Unipalmarens, 2018.
- EVARISTO, C. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- EVARISTO, C. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FAVORETO, C. A. O. A prática clínica e o desenvolvimento do cuidado integral à saúde no contexto da atenção primária. *Rev. APS*, v. 11, n. 1, p. 100-108, jan./mar. 2008.
- FELDMAN-BIANCO, B. Caminos de ciudadanía: emigración, movilizaciones sociales y políticas del Estado brasileiro. In: FELDMAN-BIANCO, B.; RIVERA-SANCHEZ, L.; STEFONI, C.; VILLA MARTINEZ, M. I. (Org.). *La construcción social del sujeto migrante en América Latina: prácticas, representaciones y categorías*. Quito, EC: Flacso, Clacso y Universidad Alberto Hurtado, 2011. p. 235-280.
- FERRO, F. *Coisa mais bonita*. Direção: Dea Ferraz. 2018. (5 min 1 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4W8Jo-4IqQ>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.
- FREI BETTO. Freire: a leitura do mundo. *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, n. 4538, 23 jul. 1997.
- FREIRE, E. Conheça o significado da música Reconvexo. *Letras*. Analisando letras. Belo Horizonte, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/blog/reconvexo-significado/>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO. A pedagogia negra e feminista de bell hooks. *Portal Geledés*. Educação. [S.l.], 12 mar. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- GOMES, F. M. As Epistemologias do Sul de Boaventura de Sousa Santos: por um resgate do sul global. *Rev. Páginas de Filosofia*, v. 4, n. 2, p. 39-54, jul./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.15603/2175-7747/pf.v4n2p39-54>.
- GONZALEZ, M. C.; SMITH, Y. D. Género y migración: Desandando caminos. *Ex æquo*, [S.l.], n. 31, p. 143-157, jul. 2015.

GRIECO, E. M.; BOYD, M. *Women and Migration: incorporating gender into international migration theory*. Florida: Florida State University College of Social Sciences, 2003. Disponível em: http://homes.chass.utoronto.ca/~boydmon/research_papers/gender_inequality/grieco_and_boyd.pdf. Acesso em: 30 jul. 2020.

GRINDON, G.; JORDAN, J. *Guia para exigir o impossível*. Tradução da Agência Transitiva. Rio de Janeiro: Agência Transitiva, 2013.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

GUIA de turismo e viagem de Salvador, Bahia e Nordeste. Turismo na Chapada Diamantina. *Guia de turismo e viagem de Salvador, Bahia e Nordeste*. Salvador, 2021. Disponível em: <http://www.bahia.ws/mapa-bahia/chapada-diamantina>. Acesso em: 30 abr. 2021.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, jan. 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>. Acesso em: 25 abr. 2020.

HARAWAY, D. Donna Haraway. Videoconferência. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL OS MIL NOMES DE GAIA: Do Antropoceno à Idade da Terra, 2014, Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. *Os mil nomes de Gaia* (Youtube), 24 set. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1x0oxUHOIA8>. Acesso em: 30 abr. 2021.

HELFAND, S. M.; PEREIRA, V. F. Determinantes da pobreza rural e implicações para as políticas públicas no Brasil. In: MIRANDA, C.; TIBURCIO, B. *A nova cara da pobreza rural: desafios para as políticas públicas*. Brasília: IICA, 2012. p. 121-160. (Série desenvolvimento rural sustentável, v. 16). Disponível em: <http://repositorio.iica.int/bitstream/handle/11324/6078/BVE17109290p.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 abr. 2021.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HENDERSON, D. F. *Permacultura: as técnicas, o espaço, a natureza e o homem*. 2012. 87 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

HOEFEL, M. G. L. *Projeto Vidas Paralelas: relações entre a imagem, a estética e a política*. 2016. Relatório de pesquisa de pós-doutorado. Universidade de Brasília, 2016.

HOEFEL, M. G. L.; SEVERO, D. O.; WASHINGTON, C. Experiência do Projeto Vidas Paralelas Migrantes no Brasil: narrativas imagéticas sobre o trabalho e suas repercussões sobre a saúde. *Saúde em Redes*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 227-236, 2019.

HOOKS, B. Intelectuais Negras. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, jul./dez. 1995.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (IOM). Gender and migration. *Migration Data Portal*. The bigger picture. 2018. Disponível em: <https://migrationdataportal.org/themes/gender>. Acesso em: 02 fev. 2019.

JACQUES, P. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

JESUS, C. M. *Antologia Pessoal*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996b.

JESUS, C. M. *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-Favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

JESUS, C. M. *Diário de Bitita*. (1977). Sacramento: Editora Bertolucci, 2007.

JESUS, C. M. *Meu Estranho Diário*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine. São Paulo: Xamã, 1996a.

JESUS, C. M. *Meu sonho é escrever – Contos inéditos e outros escritos*. Organização de Raffaella Fernandez. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

JESUS, C. M. *Onde Estaes Felicidade?* São Paulo: Edições Me Parió Revolução, 2014.

JESUS, C. M. *Pedaços de Fome*. São Paulo: Águila, 1963a.

JESUS, C. M. *Provérbios*. São Paulo: Luzes, 1963b.

JESUS, C. M. *Quarto de despejo: diário de uma Favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, C. M. *Um Brasil para Brasileiros*. [S.l: s.n.], 1982.

KASTRUP, V.; TSALLIS, A. C. Acoplamentos, vínculos e deficiência visual: sobre um vetor de atravessamento Varela-Latour. *Informática na Educação: Teoria & Prática*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 12-22, jul./dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-1654.9598>.

KINCHELOE, J.; BERRY, K. *Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KLEINMAN, A. Conflicting explanatory models in the care of the chronically ill. In: KLEINMAN, A. *The Illness Narratives*. Suffering, healing and the human condition. New York, EUA: Basic Books, Inc., 1988. p. 121-136.

LATOUR, B. *Cogitamus*. Seis cartas sobre as humanidades científicas. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Editora 34, 2016.

LATOUR, B. Como falar do corpo. A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (Org.). *Objectos impuros: experiências em estudos da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

LATOUR, B. *A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LATOUR, B. Factures/fractures. De la notion de réseaux à celle d'attachement. In: MICOUD, A.; PERONI, M. *Ce qui nous relie*. Paris: Editions de l'Aube, La Tour d'Aigues, 2000. p. 189-208.

LATOUR, B. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA; Bauru, SP: EDUSC, 2012.

LEAL, A. População rural do Brasil é maior que a apurada pelo IBGE, diz pesquisa. *Agência Brasil*, Brasília, 9 mar. 2015. Geral. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-03/pesquisa-diz-que-populacao-rural-do-brasil-e-maior-que-apurada-pelo-ibge>. Acesso em: 14 mar. 2019.

LECHNER, E. Imigração e saúde mental. *Migrações*, n. 1, p. 79-101, set. 2007.

LENNOX, A.; STEWART, D. A. 1983. In: EURYTHMICS. *Sweet Dreams*. UK: RCA, 1983. CD. Faixa 6. (3 min 36 s).

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Editora Nacional, 1970.

LOMBA, D. E. N. *O que pode o corpo de uma psicóloga? Histórias de um fazer parangoleante*. 2016. 88 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LOMBA, D. E. N.; BRITO, M. A. M.; OLIVEIRA, W. A. O trio. *Poética da resistência*. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://poeticadaresistencia.46graus.com/o-trio/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

LOVELOCK, J. *Gaia: um novo olhar sobre a vida na terra*. Lisboa: Edições 70, 2011.

LUGONES, M. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>.

MASSEY, D. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MAZZOLA, H. J. *Incerteza, bifurcações e dilemas na jornada humana*. 2017. 214 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

MEDEIROS, R. M. V. Ruralidades: novos significados para o tradicional rural. In: MEDEIROS, R. M. V.; LINDNER, M. (Org.). *Dinâmicas do espaço agrário: velhos e novos territórios – NEAG 10 anos*. Porto Alegre: Evangraf, 2017. p. 179-189. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157495/001016917.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 abr. 2021.

- MERHY, E. E. A perda da dimensão cuidadora na produção da saúde: uma discussão do modelo assistencial e da intervenção no seu modo de trabalhar a assistência. In: REIS, A. T.; SANTOS, A. F.; CAMPOS, C. R.; MALTA, D. C.; MERHY, E. E. (Org.). *Sistema Único de Saúde em Belo Horizonte: reescrevendo o público*. São Paulo: Xamã, 1998. p. 103-120.
- MIGNOLO, W. D. *La Idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.
- MILESI, R.; MARINUCCI, R. Mulheres migrantes e refugiadas a serviço do desenvolvimento humano dos outros. *IMDH - Instituto Migrações e Direitos Humanos*. Brasília, 8 nov. 2016. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/migracoes/artigo-mulheres-migrantes-e-refugiadas-a-servico-do-desenvolvimento-humano-dos-outros/#>. Acesso em: 30 jul. 2020.
- MIZOGUCHI, D. H. Epistemologia da estrangeiridade: abertura de si e do mundo. In: FERREIRA, M. S.; MORAES, M. (Org.). *Políticas de pesquisas em psicologia social*. Rio de Janeiro: Nova Aliança Editora e Papeis, 2016.
- MOL, A. *The logic of care: health and the problem of patient choice*. New York: Routledge, 2008.
- MOLLISON, B.; SLAY, R. M. *Introdução à Permacultura*. Tradução de André Luis Jaeger Soares. Brasília: MA/SDR/PNFC, 1998.
- MONIQUE_RIZOMATICA. No meio de uma mudança de casa... *Instagram*, 28 fev. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CL1OpXdsFRC/?igshid=ry6zb8730z72>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- MORAES, M. A contribuição da antropologia simétrica à pesquisa e intervenção em psicologia social: uma oficina de expressão corporal com jovens deficientes visuais. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 20, n. spe, p. 41-49, 2008. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000400007>.
- MORAES, M. PesquisarCOM, Política Ontológica e dedicação visual. In: MORAES, M.; KASTRUP, V. (Org.). *O exercício de ver e não ver*. Rio de Janeiro: Nau, 2010. p. 26-51.
- MORAES, M.; TSALLIS, A. C. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. *Rev. Polis e Psique*, v. 6, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.61380>.
- MORORÓ, M. E. M. L. *Cartografias, desafios e potencialidades na construção de projetos terapêuticos em Centro de Atenção Psicossocial – CAPS III*. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MST. Apresenta informações gerais sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. 2021a. Disponível em: <https://mst.org.br/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MST. Nossa produção. MST. 2021b. Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-producao/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MST. Setores. MST, Quem somos. 2021c. Disponível em: <https://mst.org.br/quem-somos/#setores>. Acesso em: 30 abr. 2021.

NASCIMENTO, M. Imigração da mulher latina no Brasil. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 3, n. 1, jan./abr. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/cgd.v3i1.22649>.

NATHAN, T. *La folie des autres: traité d'ethnopsychiatrie clinique*. 2. ed. Paris: Dunod, 1996.

OJIMA, R.; AGUIRRE, M. A. C.; SILVA, B. L.; LIMA, W. M. Migrações internacionais motivadas por estudo: uma análise sociodemográfica dos estudantes estrangeiros radicados no Brasil. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 166-189, jan./jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.5965/1984724215282014166>.

OLIVEIRA, A. C.; ARAÚJO, S. M. Métodos ativos de aprendizagem: uma breve introdução. *ResearchGate*, p. 1- 15, jul. 2015. DOI: <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.5004.6561>.

OLIVEIRA, G. N. O projeto terapêutico singular. In: CAMPOS, G. W. S.; GUERRERO, A. V. P. (Org.). *Manual de Práticas da Atenção Básica: saúde ampliada e compartilhada*. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 283-329.

OLIVEIRA, W. A. *Vidas migrantes: rastros, relatos e travessias psicossociais na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

OLIVEIRA, W. A.; BRUM, D. M.; ANDRADE, R. G. N. Migração: emergentes questões e condições de um mal-estar. *Revista de Cultura de Paz*, San Cayetano Alto, EC, v. 4, p. 305-332, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://revistadeculturadepaz.com/index.php/culturapaz/article/viewFile/95/79>. Acesso em: 30 abr. 2021.

PELBART, P. P. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

PERROT, M. *Mulheres Públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.

PRECIOSA, R. *Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

QUADROS, L. C. T.; MORAES, M. O.; MELO, M. F. A. Q.; MACHADO, M. N. M.; MIRANDA, S. F. O PesquisARCOM e o feminino na ciência. *Pesqui. Prát. Psicossociais*, São João del-Rei, v. 11, n. 1, p. 4-10, jan./jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 abr. 2021.

QUIJANO, A. América, el capitalismo y la modernidad nacieron el mismo día. *ILLA*, Revista del Centro de Educación y Cultura, Lima, n. 10, p. 42-57, jan. 1991.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, set./fev. 1993. DOI: <https://doi.org/10.2354/cs.v1i2.38134>.

ROMAGNOLI, R. C. A resistência como invenção: por uma clínica menor. *Vivência*, Natal, n. 32, p. 97-107, 2007.

RUBIÃO, V. Neolinguagem. *Blogue Alternative*. São Paulo, 23 jan. 2021. Disponível em: <https://bloguealternative.wordpress.com/neolinguagem/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SAKAMOTO, L. Dez (outras) histórias da cidade de São Paulo. *Blog do Sakamoto*. São Paulo, 7 jul. 2011. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2011/07/07/dez-outras-historias-da-cidade-de-sao-paulo/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SALOMÃO, W. *Gigolô de Bibelôs*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SANTOS, B. S. *Toward a new common sense: law, science and politics in the paradigmatic transition*. New York: Routledge, 1995.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. 5. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SAWAIA, B. B. (Org.). *As artimanhas da exclusão: uma análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SCHWENDLER, S. F. O processo pedagógico da luta de gênero na luta pela terra: o desafio de transformar práticas e relações sociais. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 55, p. 87-109, jan./mar. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.39833>.

SCHWENDLER, S. F.; JUNGBLUTH, A. Trabalhadoras e trabalhadores ensinam e aprendem na luta pela terra. In: SCHWENDLER, S. F. (Org.). *Exercitando a cidadania no campo: a educação popular com trabalhadores Sem Terra*. Curitiba: Editora UFPR, 2006.

SEVERO, D. O. *et al.* Projeto Vidas Paralelas Migrantes: experiência desenvolvida com venezuelanos acolhidos pelas Aldeias Infantis SOS/Brasil. *Revista de Cultura de Paz*, San Cayetano Alto, EC, v. 4, p. 381-401, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://revistadeculturadepaz.com/index.php/culturapaz/article/view/102/83>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SILVA JR., A. G.; MERHY, E. E.; CARVALHO, L. C. Refletindo sobre o ato de cuidar da saúde. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (Org.). *Construção da integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde*. Rio de Janeiro: UERJ, IMS, ABRASCO, 2003. p 113 -129.

SILVEIRA, M.; CONTI, J. Ciência no feminino: do que é feita a nossa escrita? *Pesqui. Prát. Psicossociais*, São João del-Rei, v. 11, n. 1, p. 53-68, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v11n1/05.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SONTAG, S. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STENGERS, I. A ciência no feminino. *Revista 34 Letras*, Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 427-431, set. 1989.

STENGERS, I. *Quem tem medo da ciência?* Ciências e poderes. São Paulo: Siciliano, 1990.

SUPORTE GEOGRÁFICO. Tectônica de Placas. *Suporte Geográfico*. [S.l., 20--]. Disponível em: https://suportegeografico77.blogspot.com/p/objetivos_98.html. Acesso em: 30 abr. 2021.

TSALLIS, A. C. [*Devir-mulher*]. Microsoft Word. 28 abr. 2021a. Comentário inserido no arquivo original desta tese..

TSALLIS, A. C. [*Mulher-retirante*]. Microsoft Word. 28 abr. 2021b. Comentário inserido no arquivo original desta tese..

TSALLIS, A. C. [*Retirância*]. Microsoft Word. 12 mar. 2021. Comentário inserido no arquivo original desta tese.

TRAVASSOS, C.; CASTRO, M. S. M. Determinantes e desigualdades sociais no acesso e na utilização de serviços de saúde. In: GIOVANELLA, L. *et al.* (Org.). *Políticas e sistema de saúde no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2012. p. 183-206.

TRONCOSO, M.; ALVAREZ, C.; SEPÚLVEDA, R. Redes sociales, salud mental y esquizofrenia: una revisión del tema. *Rev. Psiquiatr.*, Santiago de Chile, v. 12, n. 3-4, p. 163-172, jul./dez. 1995.

VAN DER SCHAAF, A. Jeito de mulher rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 412-442, jul./dez. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222003000200014>.

VETTORASSI, A. Mapas afetivos: recursos metodológicos baseados na história oral e reflexões sobre identidades espaciais e temporais em estudo sociológico. *História e Cultura*, Franca, v. 3, n. 3, p. 155-176, dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.18223/hiscult.v3i3.1414>.

VETTORASSI, A.; DIAS, G. Estudos migratórios e os desafios da pesquisa de campo. *Soc. e Cult.*, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 7-28, jul./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v20i2.53055>.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.

WILKINSON, R.; PICKETT, K. *The Spirit Level: Why greater equality makes societies stronger*. Nova Iorque: Bloomsbury Press, 2011.

YOUNG, C. E. F.; AGUIAR, C.; POSSAS, E. *Sinal fechado: custo econômico do tempo de deslocamento para o trabalho na Região Metropolitana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

ZANELLO, V. *Saúde Mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

APÊNDICE A – Carta para a banca de qualificação

Santo Antônio de Jesus, Bahia, abril de 2019

O que pode um encontro?

O que pode uma qualificação?

Essas perguntas brotaram em mim quando meus pés pisavam o chão de terra da Chapada Diamantina, na Bahia. Isso foi no primeiro dia do ano de 2019, enquanto eu lia e pensava sobre minha pesquisa andando pelas trilhas de Lençóis, lugar marcado pela beleza do encontro entre terra, rochas, águas e mato... Lendo, pensando, gravando áudios para mim mesma:

“O que é uma qualificação? Ela serve para levar textos pré-terminados para a banca, para que ela possa deliberar ou julgar o que já foi produzido ou é uma coprodução? Convidar a banca para produzirCOM, levar textos inacabados, frases inacabadas... O que pode uma qualificação?”

“Coprodução... O que significa esse “co”? Vocês querem vir junto?”

E aí continuei pensando: a pergunta “o que pode uma qualificação?” pode ser tomada no seu sentido restritivo, relacionada ao que é permitido ou não, ao que cabe ou não, ao que se adequa ou não. **Exercício de poder.** Também pode operar em um sentido de expansão: o que poderia ser criado a partir daquele encontro? O que “potencia” ser criado? **Expressão de potência.**

Nesse sentido, continuei viajando: e se a banca pegasse um texto inacabado? Bom, isso parece óbvio em se tratando de uma qualificação. Mas eu queria mais que isso. Comecei a pensar como seria se vocês pegassem o texto com marcas de uso, com comentários, perguntas, observações... Mas como fazer isso sem parecer que foi apenas um desleixo sendo transformado em argumento?

Bom, fui conversar com as companheiras e companheiros que fazem o Laboratório afeTAR e o grupo embarcou junto. A orientadora Alexandra Tsallis concordou e aqui estamos trazendo esse convite para que vocês entrem nos bastidores dessa escrita-laboratório para produzirCOM os actantes que fazem essa pesquisa.

Assim, o texto que ora lhes é apresentado vem com comentários laterais, ideias, conceitos, muitas dúvidas e questões, sessões inteiras a serem desenvolvidas, mas que já

aparecem por aqui, mostrando esboços de planejamento que já existem e que optamos por não negligenciar apenas porque ainda não foram suficientemente pensadas e escritas.

Em outras palavras, vocês encontrarão a terra ainda em preparação: precisando ser cortada, adubada, para que possa receber as sementes e fazê-las germinar, produzindo vida.

Monique Brito

APÊNDICE B – Mulheres que precisamos conhecer

Antonieta de Barros

Viveu de 1901 a 1952. Foi uma jornalista, professora e política brasileira. Foi a primeira negra brasileira a assumir um mandato popular, tendo sido pioneira e inspiração para o movimento negro, apesar de um grande apagamento de sua história, que vem sendo retomada aos poucos. Notabilizou-se por ter sido a primeira deputada estadual negra do país e primeira deputada mulher do estado de Santa Catarina.

Aqaltune

Não há registros dos anos de seu nascimento e morte. Aqaltune foi uma princesa africana escravizada no Brasil e líder quilombola à frente de um dos 11 mocambos do Quilombo dos Palmares, que resistiu ao regime colonial por cerca de 130 anos. A líder quilombola e avó de Zumbi dos Palmares desapareceu dos registros históricos em 21 de setembro de 1677, quando sua cidadela foi atacada, e não se sabe quando exatamente ela morreu. Na época do ataque, ela já era idosa. Apesar de ser pouco lembrada pelos livros de História, Aqaltune foi uma figura muito importante para a história da população negra durante o período colonial. Ela simbolizou liderança e luta dentro do sistema escravocrata e passou isso adiante através de seus herdeiros e de seu comando no quilombo.

Carolina Maria de Jesus

Viveu de 1914 a 1977. Mulher negra, favelada, como ela mesma se intitulava, catadora de papel. Foi uma grande escritora, compositora e poetisa brasileira, mais conhecida por seu livro Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, publicado em 1960. Ela foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes escritoras do país.

Conceição Evaristo

Nasceu em 1946. É Escritora, poetisa, romancista e ensaísta. Ela nasceu em uma família pobre e é a segunda de 9 irmãos, sendo a primeira de sua casa a conseguir um diploma universitário. Ajudava sua mãe e sua tia com lavagem de roupas e as entregas, enquanto estudava. Nos anos 70, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou num concurso, começando a escrever apenas na década de 1990. Ela concluiu o mestrado em meados da década de 1990 e o doutorado no início da década de 2010. Autora de diversos livros, sendo os mais conhecidos: Ponciá Vicêncio

(2003), Becos da Memória (2006), Insubmissas lágrimas de mulheres (2011), Olhos D'água (2014).

Dandara dos Palmares

Não há registro de sua data de nascimento e viveu até 1694. Dandara foi uma guerreira negra do período colonial do Brasil. Após ser presa, cometeu suicídio se jogando de uma pedreira ao abismo para não retornar à condição de escrava. Considerada uma grande estrategista na defesa do Quilombo dos Palmares. Foi esposa de Zumbi dos Palmares e com ele teve três filhos

Laudelina Campos de Melo

Viveu de 1904 a 1991. Ativista sindical e trabalhadora doméstica. Sua trajetória foi marcada pela luta contra o preconceito racial, subvalorização das mulheres e exploração da classe trabalhadora. Combateu a discriminação da sociedade em relação às empregadas domésticas, exigindo melhor remuneração e igualdade de direitos sociais. Sua atuação permitiu a regulamentação do emprego doméstico como fundadora do Sindicato das empregadas domésticas. Sua militância ganhou conteúdo político e reivindicatório com sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro, em 1936. Ainda em 1936, fundou a primeira Associação de Trabalhadores Domésticos do país, fechada durante o Estado Novo, e voltando a funcionar em 1946. Trabalhou para a fundação da Frente Negra Brasileira, militando na maior associação da história do movimento negro, que chegou a ter 30 mil filiados ao longo da década de 1930.

Lélia Gonzalez

Viveu de 1935 a 1994. Lélia Gonzalez foi uma intelectual, autora, política, professora, filósofa e antropóloga brasileira. Foi pioneira nos estudos sobre Cultura Negra no Brasil e cofundadora do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro, do Movimento Negro Unificado e do Olodum. Também foi pioneira nas discussões sobre relação entre gênero e raça, ao propor uma visão afro-latino-americana do feminismo. A abrangência de seu pensamento atravessa filosofia, psicanálise e candomblé,

Maria Firmina do Reis

Viveu de 1822 a 1917. Maranhense, Maria Firmina dos Reis, apesar de ter sido esquecida por muitos anos pela crítica literária e pelos agentes literários (editores), foi redescoberta em meados da década de 1970, tendo, assim, seus livros reeditados desde então em várias edições. A autora é hoje considerada a primeira escritora negra de um romance abolicionista no Brasil e

vem, cada vez mais, ganhando o destaque merecido, já que morreu pobre e invisibilizada pelos mecanismos patriarcais que tanto combateu. Uma passagem marcante de sua carreira como professora deu-se em 1880, quando fundou uma sala mista, ou seja, na qual havia meninos e meninas, algo inadmissível para a época, o que escandalizou a sociedade local. Em 1859, Maria Firmina publicou *Úrsula*, romance que ficou invisibilizado por muitos anos, o que expressa a face machista e racista da história da literatura brasileira. Além dessa obra, escreveu poesia, ensaios, histórias e quebra-cabeças em jornais e revistas locais, além de compor canções em defesa do abolicionismo.

Maria Felipa de Oliveira

Não há registro da data de nascimento e viveu até 1873. A baiana Maria Felipa de Oliveira fez história ao participar da luta pela independência do Brasil. A partir de 1822, ela liderou um grupo de mulheres nas batalhas contra os portugueses que atacavam a Ilha de Itaparica, onde ela morava. Descendente de negros escravizados vindos do Sudão, Maria Felipa utilizou-se de inteligência, bravura e força física para comandar um ataque que queimou nada menos que 40 embarcações lusitanas. Por seu papel na História do Brasil, o nome de Maria Felipa está inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria que está no Panteão da Pátria, próximo à Praça dos Três Poderes, em Brasília.

Marielle Franco

Viveu de 1979 a 2018. Marielle Franco é mulher, negra, mãe, filha, irmã, esposa e cria da favela da Maré. Socióloga com mestrado em Administração Pública. Foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro, com 46.502 votos. Foi também Presidente da Comissão da Mulher da Câmara. No dia 14/03/2018 foi assassinada em um atentado ao carro onde estava. 13 Tiros atingiram o veículo, matando também o motorista Anderson Pedro Gomes. Marielle se formou pela PUC-Rio, e fez mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Sua dissertação teve como tema: “UPP: a redução da favela a três letras”. Iniciou sua militância em direitos humanos após ingressar no pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, num tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré. Trabalhou em organizações da sociedade civil como a Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) e construía diversos coletivos e movimentos feministas, negros e de favelas.

Mercedes Baptista

Viveu de 1921 a 2014. Ícone da dança no Brasil, Mercedes Baptista foi a primeira bailarina clássica negra brasileira, primeira mulher negra a passar no exigente concurso e fazer parte do corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Mercedes foi criada em uma família humilde que sobrevivia do trabalho de sua mãe, que era costureira. Antes da dança, ela trabalhou em uma gráfica, em uma fábrica de chapéus, foi empregada doméstica e também trabalhou em uma bilheteria de cinema. Na década de 1960, Mercedes uniu sua formação erudita com a valorização da cultura negra, lançando o balé afro, voltado para o estudo dos movimentos ritualísticos do candomblé e das danças folclóricas. Suas criações coreográficas permanecem até hoje identificadas como repertório gestual da dança afro.

Sueli Carneiro

Nasceu em 1950. Filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro, Aparecida Sueli Carneiro Jacoel nasceu em São Paulo em 1950. É Doutora em Filosofia pela USP e fundadora do GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra, sendo considerada uma das mais relevantes pensadoras do feminismo negro no Brasil. Em 1988, a autora fundou o GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra, primeira organização negra e feminista independente de São Paulo. Meses depois, foi convidada para integrar o Conselho Nacional da Condição Feminina, em Brasília. Criou o único programa brasileiro de orientação na área de saúde específico para mulheres negras. A autora tem sido agraciada com uma série de prêmios e homenagens: Prêmio Bertha Lutz (2003); Menção Honrosa no Prêmio de Direitos Humanos Franz de Castro Holzwarth; Prêmio Direitos Humanos da República Francesa; Prêmio Benedito Galvão (2014); Prêmio Itaú Cultural 30 Anos (2017); Prêmio Especial Vladimir Herzog (2020). Em 2018, a filósofa e ativista Djamila Ribeiro (1980-), cria o selo editorial *Sueli Carneiro*, inaugurado com uma coletânea em sua homenagem, em reconhecimento à importância de suas ideias e atuação. Suas principais publicações são: *A mulher negra brasileira na década da mulher* (1985); *Mulheres que fazem São Paulo: a força feminina na construção metrópole* (2004)

Tereza de Benguela

Nasceu em 1700. O local de nascimento de Tereza de Benguela é desconhecido. Ela pode ter nascido em algum país do continente africano ou no Brasil, mas sua vida faz parte da história pouco contada do Brasil. Tereza viveu no século XVIII e foi casada com José Piolho, que chefiava o Quilombo do Piolho até ser assassinado por soldados do Estado. O Quilombo do

Piolho também era conhecido como Quilombo do Quariterê (a atual fronteira entre Mato Grosso e Bolívia). Esse quilombo foi o maior do Mato Grosso. Com a morte de José Piolho, Tereza se tornou a líder do quilombo, e, sob sua liderança, a comunidade negra e indígena resistiu à escravidão por duas décadas. Tereza comandou a estrutura política, econômica e administrativa do quilombo. Não se tem registros de como Tereza morreu. Uma versão é que ela se suicidou depois de ser capturada por bandeirantes a mando da capitania do Mato Grosso, por volta de 1770, e outra afirma que Tereza foi assassinada e teve a cabeça exposta no centro do Quilombo. Em homenagem a Tereza de Benguela, o dia 25 de julho é oficialmente no Brasil o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. A data comemorativa foi instituída pela Lei nº 12.987/2014.

Vilma Piedade

Intelectual brasileira, ativista, colunista do canal Pensar Africanamente e também do Coletivo Pretaria, escritora e autora do conceito e livro de mesmo nome Dororidade, pós-graduada em Ciência da Literatura pela UFRJ, integrante da organização feminista Partida Rio e da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB). Ou, como ela mesma resume, “mulher preta, brasileira e feminista”.

Zezé Motta

Nasceu em 1944. É uma consagrada atriz e cantora brasileira, considerada uma das maiores artistas do país, expoente da cultura afro-brasileira. Militante do Movimento Negro Unificado (MNU), denunciou racismos e atuou ativamente para combatê-lo, organizando por exemplo um arquivo de atores negros para que não haja o silenciamento destes artistas. A autora Lélia Gonzalez em sua "Homenagem a Zezé Mota - História de vida e louvor" exprime que "sua arte também está a serviço das crianças pobres e órfãs, numa atuação marcada pela discricção e pela solidariedade"

Fonte: Wikipedia.